



John Smith

2.  $\text{Aut}(G) \cong \text{Aut}(H) \times \text{Aut}(K)$  if and only if  $G \cong H \times K$ .

Expa, vinda munda si e. K. ovino

M,

**O EREMITA**  
**DOS**  
**BOSQUES DE SANTAREM,**  
**OU**  
**OS TRES AMIGOS.**

JO



**O EREMITA**  
**DOS BOSQUES DE SANTAREM,**  
**OU**  
**OS TRES AMIGOS.**

TRADUZIDO POR \*\*\*

---

TOMO PRIMEIRO.

---



**Lisboa.**

TYP. CESARIANA. RUA ORIENTAL DO  
PASSEIO N.º 23.

---

1843.

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

1000

## O ERÊMITA

DOS

BOSQUES DE SANTAREM

ou

OS TRES AMIGOS.

**D**om João de Soto era descendente de uma familia nobre de Hespanha; a humanidade com que tratava o povo faria que todos o amassem; e os grandes serviços que fez ao reino, lhe ganhárão a graça de Felippe IV. D. João tinha excellentes qualidades, mas sua ambição e orgulho, defeito ordinário nos grandes da sua nação, lhas havião quasi obsecurecido. Amigo terno, bom pae, cidadão zeloso, jámais faltou ao que devia a seu rei, á sua patria, e á sua familia.

A joven Cecilia, sua filha, estava entregue aos cuidados de uma tia anciã, que vivia em Portugal, nas terras de seu irmão.

Dom João esperava apresental-a brevemente na corte: até então não o tinha feito por ella ser muito nova.

Seu filho D. Christiano reunia em si todas as suas esperanças. Ainda não tinha vinte annos feitos, e já as graças de seu espirito, e de sua figura fazião resoar a cidade, e a corte de seus louvores. Não havia senhora hespanhola que o não desejasse para esposo de suas filhas; e bem poucas pessoas haveria a quem não agradasse.

Contudo a viveza de Christiano o desviava de um contrato serio: porém as sollicitações de seu pae o forçarão a fazer uma escolha; e Numa, filha de D. Ramiro, soube fixar seu coração. Numa ajuntava ás feições mais regulares, as graças mais patheticas; e conhecendo perfeitamente a arte de divertir o

sentimento, persuadía a seu crédulo amante que elle era ternamente amado. A idade, a riqueza, a classe, o nascimento, tudo concorria para que ambos casassem, e D. João, e D. Ramiro, achando neste casamento com que satisfazer sua mutua ambição, designarão o dia que devia aelurar este illustre consorcio.

Todavia a inveja, a negra inveja, distillava seu maligno veneno, e havia jurado a ruina da casa de D. João.

Este senhor tinha grandes qualidades para deixar de ter muitos inimigos. Demais, a estima de que gozava na corte, amparava o crime contra elle. Havia muito tempo que certos individuos trabalhavam para que decaísse do agrado do rei; e habéis em aproveitar todas as occasiões, conseguirão finalmente que fosse desterrado para as suas terras de Portugal. Felippe, inteiramente subjogado pelas ardidas insinuações dos inimigos de D. João, não julgou deveh-o instruir do crime de que era accusado;



e, mandando-lhe a ordem de sair de Hespanha, lhe prohibiu, debaixo das maiores penas, de jámais apparecer na sua presença.

Dom João viu donde vinha a intriga, e ficou aterrado; porém tratou de occultar debaixo de um semblante tranquillo o desgosto que lhe causava a perda de suas mais caras esperanças; deste modo quiz tirar a seus inimigos a satisfação do gozo de sua tristeza, e fez por moderar a indignação de seu filho, que rebentava em exprobrações contra a injustiça do rei.

Meu filho, lhe disse elle, nós devemos respeitar a auctoridade suprema que a providencia confiou aos reis. Ah! constantemente rodeados de cortesãos que or enganão, poderemos crimina-los por estarem sujeitos ao erro, assim como os outros homens? Felippe escuta meus inimigos, não quer ouvir-me, e até me deixa ignorar qual seja a culpa de que me arguem; eu lhe perdôo; talvez que ainda venha um dia em que ha de

conhecer sua injustiça: então, Christiano, será mais infeliz do que eu, que não obstante ter perdido o seu favor, terei sempre conservado a minha innocencia; mas, continuou elle com um profundo suspiro, eu me afflijo menos por mim do que por ti. Este exilio, meu querido filho, é um obstaculo cruel para o teu adiantamento. Ah! tu vais ter saudades da corte! Comtudo, poderei eu censurar-te? Joven, sem experiencia ainda não conheceste senão os prazeres; mas quanto não são amargos os desgostos que elles causão! A lisonja é a linguagem ordinaria dos cortezãos; a maledicencia é a sua occupação favorita; a inveja lhes rõe continuamente os corações, e os fructos detestaveis da calumnia fazem todas as suas delicias. Tu estás aterrado deste espantoso quadro: teu coração virtuoso se nega a crêr taes horrores. Na tua idade tambem eu julgava que todos os homens erão virtuosos; porem vivi com elles, e assús os conheço. Tu verás um dia que esta pintu-

ra da corte é exactamente verdadeira. Ai! para que hão de a nossa fortuna, graduação, e nobreza depender della? D. João pronunciando estas ultimas palavras, suspirou amargamente. — Mas, disse Christiano, os corações não são todos semelhantes; ainda que todos os nossos amigos nos abandonem, D. Ramiro e a minha querida Numa... Ah! interrompeu D. João, não contes mais com elles, meu filho. — Oh éeo! meu pãe, que injúria fazeis á sensibilidade de Numa! Ainda ha pouco que ella me jurou um amor eterno. — Christiano, sabia ella já da nossa desventura? — Não, senhor, mas quando a souber, a sua ternura augmentará; a nossa desgraça a fará padecer só em quanto ella nos perseguir; Numa a compartilhará, e seu amor, meu pãe, nos fará esquecer todas as nossas penas. — Muito desejo que eu me engane. Vai, Christiano, eu te espero com impaciencia; mas volta immediatamente a depositar tuas penas, ou tua alegria no seio paternaal. Christiano ou-

viu apenas estas ultimas palavras: indignado porque sua amante fosse posta no numero dos corações baixos e interesseiros, correu a casa de D. Ramiro, e pediu Numa. Mas ah! sua illusão foi logodesfeita: o modo com que o pae, e a filha o recebêrão, o certificou da mudança de seus sentimentos. Immediatamente seu coração detestou a hypocrisia de Numa, que até então havia empregado todos os meios para o persuadir da sua ternura. Christiano voltou a casa de seu pae, e exclamou com uma voz alterada pela dôr: Ah! meu pae, ~~fujamos~~ destes logares; pois me envergonho da minha fraqueza, e muito feliz me acho por deixar corações tão corrompidos. D. João sem se demorar a fazer-lhe perguntas que poderião augmentar ainda mais a sua dôr, approvou suas novas idéas, e, fazendo-o entrar para a sua carruagem, deu ordem ao postilhão para o conduzir á provincia de Alcaria, onde tinha ricas quintas. Depois de haver dado as ordens necessarias

aos quinteiros, tomou o caminho de Toledo. D. João pôz todo o cuidado em distrair seu filho, e lhe fazer observar as cousas mais curiosas. Em Toledo lhe fez vêr o Alcazar, ou o antigo e magnifico palacio dos reis mouros, que existe ainda em parte, e a cathedral, uma das mais bellas, e talvez a mais rica de toda a Hespanha; em Almaden, aquella mina de azougue donde se tira o vermelhão, que é a mais antiga que se conhece. Passando por Medellin, elle lhe recordou que allí era a patria do conquistador do Mexico, de Fernando Cortez. Quando chegáão a Alcantara (isto é á ponte arabe), lhe fez admirar a belleza daquella ponte construida por ordem de Trajano; porem a vista daquellas grandes obras que resordavão a existencia passada dos illustres mortos, não podia afastar do pensamento de Christiano a injustiça, a ingratiidão dos vivos. Assim, todo occupado de suas penas, chegou á Estremadura, atravessou Santarem, que então

era a capital, e viu com uma especie de sobresalto de que se não pode livrar, o grande, triste e antigo castello de seus paes, situado sobre as bordas do Tejo. Examinando-o de corrida, seu coração estava despedaçado: comtudo confessou que a sua posição era agradável, pois dominava inteiramente sobre o Tejo: a tapada tambem lhe pareceu aprazível; sombrias áleas de castanheiros, cuja altura era admiravel, lhe agradáram extremamente. Será aqui, nestas voltas tortuosas, se dizia elle, que virei entregar-me a meus dolorosos pensamentos; estes logares tristes e solitários, nos quaes os raios do sol nunca penetrão, sympathisarão perfeitamente com os negros desprazeres que cobrem minha alma depois que ella não é inflammada de amor de Numa. Numa! cruel Numa! ah! porque causa teus olhos tnhão toda a expressão da ternura? porque esse olhar encantador? porque essa boca se abria só para me enganar? Ai! tu conhecias a arte de fingir, e eu só conhecia e da

te adorar! Vai-te, fuge longe de mim; imagem tão cara; quero esquecer-te para sempre; e quando ornada de todos os teus encantos, vieres de novo offerecer-te á minha imaginação, a penosa lembrança da tua indigna falsidade me dará animo de te repellir, e de vencer a minha funesta paixão. Taes serão os pensamentos de Christiano percorrendo a tapada, e o castello que pela primeira vez via. Se elle tomasse conta de seus verdadeiros sentimentos, teria sentido que a sua pena vinha antes de se ter deixando enganar por Numa, que das saudades de não ser amado por ella; mas Christiano nunca havia conhecido o amor, e deste nome appellidava a preferencia que tinha dado a Numa sobre todas as mulheres. D. João encerrava em si mesmo o enojo que lhe prometia uma residencia tão tranquilla, e tratava de a apresentar a seu filho de baixo dos pontos de vista mais agradaveis.

O terno pae e seu filho entrarão a'q-

ma galeria de um gosto muito antigo, mas ornada de quadros feitos pelos melhores pintores. Christiano, no meio daquelles chefes d'obra, só viu o retrato de uma mulher moça de uma formosura acaba, e cujo esplendor não estava escurecido pela viva dôr impressa sobre seu rosto. Ella se encostava a uma arvore sobre a qual gravára estas palavras: Estou para sempre esquecida. O pintor havia dado tanta expressão, graça, ternura, e sensibilidade a esta belleza afflicta, que Christiano tocado do verdadeiro desta pintura, exclamou: E tu tambem és infeliz? E só a estes gritos reprimidos: Onde está meu pae? onde está meu irmão? condução-me aonde estiverem que os quero abraçar, é que elle saía da sua profunda distacção. E' vossa irmã, meu filho, lhe disse D. João; vamos sair-lhe ao encontro. Neste momento a porta se abre, e Cecília, com os signaes da mais viva ternura, solta ao pescoço de seu pae, aperta seu irmão contra seu peito, chora de



alegria offerece em fim o espectáculo pathetico do amor filial, e da amizade fraternal.

Meu pae, porque nos não prevenistes? Ah! quem póde dar-me a satisfação de abraçar um pae, um irmão tão queridos de meu coração? — Minha cara Cecilia, nós't'o diremos: porém diz-me, onde deixaste tua tia? Senhor, voltando do nosso passeio, soubemos que vós estaveis aqui, e não podendo eu pacificar a impaciencia que tinha de vos vêr, com o andar vagoroso e compassado de minha tia, pedi-lhe que me deixasse correr para primeiro chegar á vossa presença. — Vamos pois, minha filha, ao encontro de minha boa e respeitavel irmãa. Estou penetrado de reconhecimento dos cuidados que ella tem tido ha tanto tempo pela tua educação. Vamos, minha querida Cecilia, conduze-nos aonde ella está. Então sairão todos tres da galeria, e Christiano parecia ter perdido por um instante a lembrança de suas penas, com as caricias de sua sensivel irmãa.

Dona Maria, que estava ainda fóra do castello, quando seus parentes a encontráão, ficou cheia d'alegria no momento de os vêr. Havia muito tempo que ella pedia a D. João para lhe trazer seu filho, que apenas conhecia; ao ver um sobrinho tão formoso e tão amavel, não se cansava de o olhar e applaudir. Sua satisfação era completa; pois ainda ignorava a desgraça de D. João, que elle mesmo lha-queria contar para gradualmente poupar sua sensibilidade. D. Maria, de idade de cincoenta annos, havia enuviado de trinta; e como tinha sido muito infeliz com seu marido, tomou tal horror aos laços de matrimonio que, vendo-se livre, se retirou a uma das suas herdades, para alli gozar de uma vida socegada, que muito se lhe tornava necessaria depois de tantos annos de padecimentos. Naquelle tempo, pouco mais ou menos, D. João perdeu sua esposa, e D. Maria não pode resistir ás supplicas que seu irmão lhe fez de vir estabe-

lecer-se no seu castello; e foi então que tomou cuidado de sua filha, que tinha naquelle tempo cinco annos. D. Maria era boa, virtuosa, sensível, mas sem character. Habituada desde logo a ceder toda a sua vontade á dos outros, havia-se acostumado insensivelmente a não ter nenhuma opinião sua; todavia conservára uma só na qual era invariavel; estava persuadida que deixando o celibato se preparava para desgraças terriveis. Cecilia que não conhecêra sua mãe, e que outra havia achado na ternura de D. Maria, a amava como tal. Não tendo grandes distracções na sua pacifica residencia do castello, aproveitára admiravelmente das lições de seus mestres e dos conselhos de sua excellente tia. A uma figura esvelta ajuntava talentos cultivados com cuidado; e, na idade de dezesete annos; sua razão excedendo sua idade, inspirava confiança aos velhos mais sabios. Cecilia ignorava o imperio que as paixões tem sobre os coraçãoes daquelles que as não podem reprí-

~~seu~~, e estava sobresaltada da tristeza de **Christiano** cuja causa elle lhe havia dito: Reconhecendo pouco o mundo, não desejando seus prazeres, temendo seus desgostos, receava que seu pãe a tirasse de seu carro retiro para a induzir a casar-se. Os infortúnios de sua tia continuamente presentes a seu espirito, affastavão de seu coração o desejo de mudar d'estado; pois temia experimentar outros semelhantes, e sua alma alimentada dos preceitos de **D. Maria**, se agastava com a idéa do casamento. Até áquelle tempo; para sua felicidade ser completa, só lhe faltava ver seu pãe e seu irmão; porém depois possuindo-os a ambos, nada mais desejou, e seus votos foram satisfeitos.

**Christiano** havia reconhecido as raras qualidades de sua irmã; por isso lhe confiava todas as suas penas, e estava sociegado depois que **Cecilia** as compartilhava. Esta terna menina punha todo o cuidado em distrahir-o, pintava com elle, ambos compunhão musica, e muitas vezes vão passear aos lindos campos

de que o castello estava cercado. Um dia ella lhe disse: Meu querido Christiano, ainda te não fallei de um bom Eremita que mora muito perto daqui. Hoje quero que me acompanhes para lhe irmos fazer uma visita. Tu has de gostar muito deste novo conhecimento. Christiano acceitou com prazer aquelle divertimento; e logo que a hora do passeio chegou, ambos tomáão o caminho do eremiterio. Christiano achou a sua posição deliciosa; pois estava sobre uma pequena altura, tendo á direita a linda vista das planicies fertilisadas pelas aguas beneficas do Téjo. Este rio, por suas differentes voltas, formava naquelle sitio pequenas ilhas muito admiraveis. A' esquerda, ficava a villa de Santarem, collocada como em amphitheatro sobre o declive de uma collina, ao pé da qual corre o Téjo. Finalmente aquella encantadora solidão estava coberta para o sul de um laranjal, que offerencia o passeio mais agradável. Os dous irmãos, entrando no eremiterio acháão o respei-

o Eremita lendo em voz alta o **Espectaculo** da Natureza. Perto delle estava uma menina a fiar linho, que parecia comprazer-se com a leitura do veneravel Eremita. Logo que este viu Cecilia, levantou-se para a receber e a hospedar. Celiza correu aos braços da sua amiga, fazendo-lhe ternas queixas da sua longa ausencia. Não me ralheis, minha cara, disse Cecilia mostrando Christiano: eis aqui a causa do longo intervalo que fiz entre as minhas visitas. Foi a chegada de meu pae, e de meu irmão que aqui vedes, que me fez differir até agora o prazer de abraçar a minha querida Celiza; elle mesmo vem fazer vos ~~aceitar as~~ **aceitar as** minhas escusas. Celiza admirou o agradavel modo de D. Christiano, e este tambem não pôde vêr Celiza sem experimentar a mais viva commoção. Depois dos cumprimentos do costume, Pedro (assim se chamava o Eremita) propoz a seus amaveis hospedes de virem refrescar-se á mata, e os conduziu para um bosque perfumado do cheiro das la-

rangeiras, no meio do qual estava uma mesa de pedra cercada de bancos de relva. Celiza trouxe tigelas de leite, morangos, figos e laranjas, e convidou da maneira mais graciosa, Cecilia e Christiano a merendarem suas fructas.

Christiano não se satisfazia de olhar Celiza; seus grandes olhos azues, guardados de longas sobranceiras, seus cabellos castanhos claros caído em anella sobre seu branco pescoço, seu talhe elegante, suas nobres maneiras, fazião que ninguem a visse sem a admirar, e da admiração ao amor só vai um passo; isto é o que Christiano experimentava, sem tal cousa anteveer.

O respeitavel Bremita parecia ter quarenta e cinco a cincoenta annos. Um ar de dignidade estava diffundido sobre todo elle, ainda que o signal da desgraça havia fortemente marcado suas feições. Pedro inspirava amizade, respeito e confiança; a resignação estava pintada sobre seu rosto e em todas as suas maneiras: a ternura que tinha por

a querida Celiza, parecia sómente prendel-o á vida. Notava-se nelle muita sabedoria sem ostentação, doçura sem inconstancia, e dignidade sem orgulho: todos o escutavão com prazer e interesse.

Christiano estava encantado, e não pôdia apartar-se de pessoas tão perfeitas; e só depois que se prometeu de acompanhar sua irmã em suas visitas ao eremiterio, é que se despediu do respeitavel Eremita e de sua amavel filha.

Voltando para o castello, Christiano se queixou a Cecilia por se ter demorado tanto tempo sem o levar ao eremiterio, e lhe pediu gracejando que reparasse as suas faltas, vindo allí mais vezes.

Cecilia, gostosa do prazer que seu irmão achava em vêr seus amigos, e da alegria que animava suas feições depois daquella visita, lhe prometeu de contentar seu desejo, tanto mais, ajuntou ella, quanto seu coração nisso se interessava, pela satisfação que elle experimentava em vêr a sua amiga, e pelo grande contentamento que ella sentia



de ter achado o meio de distrahir seu querido Christiano.

Comtudo D. João não podia acostumar-se á vida tranquilla e retirada que passava no seu castello; pois aquella vida era o fructo da sua desgraça; e elle era muito ambicioso para não ler saudades da corte, do credito que allí tinha, e das honras que lhe davão. Havendo tido desde a sua mocidade uma grande influencia nos negocios politicos, o habito de dirigir os negocios do estado, se lhe tornára uma necessidade. Elle se occupava sempre de tudo quanto se passava em Madrid; e seus amigos lhe mandavão continuamente as noticias daquella grande cidade; mas ainda que nada ignorava, isso não podia adogar suas penas. Se lia o detalhe de um negocio essencial ao estado, e que a ignorancia dos chefes havia impedido de sair bem, elle se levantava com impaciencia, e dizia batendo na testa: Onde estava eu então? Teria sido util a meu rei, á minha patria, e nessa occasião talvez fallassem em

~~mas~~; porem estou desterrado, os meus conselhos não podem ser seguidos; é necessario renunciar á satisfação de merecer os louvores da Europa. Se sabia da chegada de alguns senhores estrangeiros, lamentava não poder brilhar diante delles: se lhe annunciavão algumas festas, sentia o desgosto de estar na impossibilidade de fazer admirar seu luxo: se era instruido da desgraça de quaesquer hespanhoes, o coração se lhe despedaçava, e então sentia mais que nunca a dôr da sua infelicidade: pois, dizia elle, se eu estivesse ainda em graça, teria protegido aquelles infelizes, e adocaria suas penas. Assim D. João, no seu retiro, não desmentia nem sua sensibilidade, nem sua ambição. Entretanto o máo humor de Christiano mudava visivelmente; seu pae cheio de prazer procurava os meios de lhe affastar do pensamento lembranças desagradaveis, e estava encantado de vêr o cuidado com que Cecilia o ajudava. D. João via sair seus filhos; porem não indaava para que la-

da elles dirigião seu passeio; e ficava satisfeito de os vêr entrar sempre com um semblante alegre: não gostando do campo, nunca se lembrava de lhes perguntar como erão os sitios campestres que elles viabão de percorrer. D. Maria ainda lhe não tinha fallado do Eremita Pedro, cujo merecimento ella havia reconhecido, e para casa de quem ia muitas vezes com prazer, antes da chegada de seu irmão; por isso este ignorava inteiramente que existisse ao pé de Santarem uma casa digna de fazer esquecer a Christiano os magnificos palacios de Madrid. Todavia elle o soube, e eis-aqui como: Conhecendo que seu filho amava muito a caça, procurou dar-lhe esse prazer. Mandou pois convidar as senhoras e cavalheiros dos arredores, e no dia marcado para esta funcção, uma brilhante cavalgada de caçadores e caçadoras chegou ao castello: as damas haviam tirado toda a vantagem de seus vestidos, para augmentar suas graças naturaes; e os cavalheiros nada poupárão

para iparecer bem e dar ao senhor D. João, e a seus filhos uma alta opinião de sua elegância. Os provincianos são os mesmos em todos os paizes; elles se prezão por toda a parte de limitar a corte, e quasi sempre, em logar de terem seu bom gosto, lanção mão de seus ridiculos e até os excedem; mas se entre estes se achão alguns cujos vestidos e maneiras não são inteiramente conformes com o bom gosto, também se encontrão muitos que são sinceros e muito amáveis. D. João, Cecilia, e Christião se ajuntarão com elles, e todos forão para uma mata pouco distante do castello, que estava cheia de javali, cabras montezez, e veados. Os cães, incitados pelos picadores, perseguirão com fogo um grande javali; então os caçadores se dispersarão, e cada um se occupou somente de matar este terrivel animal; porem Christião, com o espirito e o coração cheios de outro objecto, aproveitou esta occasião para se affastar, desappareceu como um raio, e saíu da floresta.

Comtudo a noite começava a vir; os caçadores fatigados se reunirão debaixo de uma barraca, que D. João mandára levantar, e na qual havia muitos refrescos. Naquelle logar tudo respirava prazer; cada um fallava com calor do feliz successo da caça. Um contava os trabalhos que lhe dera a cabra, outro gabava a destreza que precisára para se livrar da ferocidade do javali. As damas fallavão com ternura das lagrimas que o vendo derramára, quando, perseguido pelos cães, implorava a piedade daquelles dos quaes ía tornar-se a presa. Assim todos se recordavão com prazer e sensibilidade dos acontecimentos do dia.

Tadavia a inquietação substituiu logo o regozijo; pois notárão que Christiano estava ausente, mas procurando-o todos com os olhos, ninguém ousou perguntar por elle. O primeiro javali que havia incitado os cães, se escapou a suas perseguições por uma fugida completa. A simulação de Christiano tivera bom exito; porem seus companheiros te-

mão que tendo elle só seguido aquelle animal além da mata, tivesse succumbido á sua fereza, longe do theatro da caça.

Dom João não foi dos ultimos que deu pela falta de seu filho, e não dissimulou seu susto. Bem vejo, disse elle aos caçadores, a causa do vosso silencio. Vós temeis de me affligir perguntando por Christiano. Grande Deos! porque não está elle aqui? Talvez que se perdesse; pôde ser. . . — Ah! gritou Cecilia, levantando-se a tremer, é preciso correr a seu soccorro, é necessario procural-o em toda a mata. Todos os convidados approvárão o discurso de Cecilia, e os caçadores cercárão D. João, offerecendo-se para o acompanhar em suas pesquisas. Cecilia queria seguir seu páo; mas elle não consentiu, e ella se dirigiu á primeira das damas que, com as outras, pediu licença de a acompanhar até que os caçadores voltassem.

Depois de terem corrido em vão toda a floresta, voltárão tristes para a barraca; porem ordenárão aos picadores que

continuassem a visitar com archotes todos os arredores do castello. As damas, e os cavalheiros obrigarão D. João e sua filha a voltarem para sua casa a fim de descansar. Cecilia procurava dar a seu pae esperanças de que ella mesma precisava, e nas quaes não podia acreditar; e assim passarão ambos em agônias cruéis. Cecilia, bem como todos os corações sensíveis, havia-se entregado a idéas tristes. A terna amizade é sempre temerosa; e, demais, nesta triste vida, qual é o ente razoavel e discreto, cuja alma se não inclina mais a crer na desgraça do que na ventura! Quando o tempo permittiu que a reflexão se ajuntasse com a dor de Cecilia, então ella se lembrou do eremiterio, e recordando-se da impressão que a primeira vista de Celiza fizera sobre Christiano, ousou suspeitar o amor de ter causado a ausencia de seu irmão, e aproveitando a esperanza que se offerçia a seu coração, correu onde estava seu pae, para lhe comunicar suas ideas sobre a retirada de Christiano;

~~comtudo~~ lhe fazer conhecer o motivo a que ella a attribua. D. João recebeu com alegria este raio de esperanza; ambos subirão para o seu coche, e Cecilia indicou ao cocheiro a residencia de Pedro. Deixetmol-os por um instante apressar o postilhão, animar os cavallos, queixarem-se de seu vagar, dizer tudo quanto o terror, a impaciencia, a esperanza podem inspirar a um bom pae, a uma terna irmã, e vejamos o que aconteceu a esse irmão, a esse filho tão ternamente amado.

Depois de haver atravessado toda a mata, e uma parte do prado que a cercava, voltou para o lado do laranjal, ~~no fim~~ do qual estava a casa de Pedro. Alli prendeu seu cavallo a uma arvore, e apresentando-se ao Erémita, lhe disse que elle se deixára levar do ardor de seguir um javali; que o não pôdera alcançar; mas que estava bem indemnizado da sua perda, pois que suas pegadas o haviam conduzido perto da sua residencia, e que se elle era gostoso daquella



visita, não teimaria mais em o perseguir.

O Eremita o certificou do prazer que sentia pelo acaso o ter tão bem servido trazendo-lhe um amavel vizinho, e o convidou a cear com elle.

Christiano, satisfeitos seus desejos, mostrou que nada o podia lisongear mais, e, assentando-se ao pé do Eremita, perguntou onde estava a amavel Celiza, e qual era o motivo que o privava da sua presença; a sua ama está doente, respondeu o Eremita, e ella mesma se occupa em preparar-nos a cêa. Ella a estima com tanta ternura, que, por menor que seja a doença, a obriga a estar na cama, e a allivía quanto lhe é possível em suas occupações.

Christiano louvava a sensibilidade de Celiza, quando ella o interrompeu pela sua chegada. Neste momento lhe pareceu mais bella que o mesmo amor; sua cabeça estava cingida de uma coroa de rosas que parecião; não obstante sua frescura, perder seu esplendor ao pé do

**vivo** encarnado que corava suas faces; um simples vestido branco, atado com uma fita cõr de rosa; era o seu enfeite: Christiano admirou que com esta simplicidade ella lhe pãtecia mais assenda que as brilhantes ençadoras que acabava de deixar. Celiza pareceu perturbar-se com a vista de Christiano; porem socêgou logo, e um ar de alegria e de satisfação veio embellecer ainda mais suas feições. Depois poz sobre a meza fructas, leite e bolos. — Eis aqui, disse Pedro, uma cõa bem pequena para tratar um hospede tão amavel; porem é tudo quanto temos, e se esta frugalidade offerecida por corações sensiveis, e que reconhecem o preço de um amigo tal como vós, pôde agradar-vós, meus desejos estão cumpridos. — Ah! meu pãe; a que chamais frugalidade? Em toda a minha vida, ainda não comi cousa melhor; e nunca me achei tão feliz: Acabando estas ultimas palavras, seus olhos encontrãõ os de Celiza; que cõrou extremamente, e se esforça por occultar seu embaraço, offe-

recendo a seu pae bolos que ella mesma tinha feito: esta era uma razão porque Christiano os achava excellentes.—Meu filho, dizia Pedro, como podeis acostumar-vos a esta vida simples e enfadonha do campo? digo enfadonha, e todavia não a posso achar assim; porque estou persuadido que ninguém será realmente feliz senão apartando-se do tumulto da corte, e das cidades, e que o repouso de que gozamos longe deste mundo enganador, que comtudo deslumbra por seu falso brilhantissimo; é verdadeiramente o da felicidade. Contemplando as bellezas da natureza, nós admiramos os beneficios daquelle que creou todas as cousas, e parecemos tomar um novo ser nesta vida suave, que jámais nos aparta do caminho da virtude. Eu não quero dizer que estando no mundo, se não pôde ser virtuoso; na verdade, no mundo achão-se corações sensíveis, mas são poucos; ai! já fiz essa triste experiencia; mas vós, meu filho, sois ainda muito novo para ter experimentado esta grande verdade.

~~que~~ saudades devem ser as vossas, por estar apartado de uma corte tão brilhante, e da qual até agora só deveis ter conhecido os prazeres! quão tristes vos devem parecer nossos campos!

Celiza esperava com impaciência pela resposta de Christiano; e temia que seu pae o tivesse julgado mal; seu coração soffria por causa desta incerteza; porém Christiano respondeu de um modo conforme aos seus desejos: contando-lhes a ingratição de seus amigos, persuadiu facilmente seus hospedes que sua saída de Madrid lhe não custara muito: — Mas, interrompeu Celiza, essa partida atrasou o vosso casamento, e isso só pôde fazer com que tenhais saudades de Madrid! Não, amavel Celiza, a nossa desgraça me fez um grande serviço; impedindo que esse hymeneio se cumprisse, — Mas tinham-nos asseverado que elle estava proximo a concluir-se, que vós amaveis Numa, e que toda a vossa ventura estava no cumprimento desta união! — Sim, é verdade, durante algum tempo julguei

que não existia outro ente tão amavel como Numa; mas agora vejo que muito me tinha enganado; dou graças ao céo por ter saído do meu erro. Todavia não posso dizer que sou feliz; ai! talvez aquella que riscou de meu coração a imagem de Numa me olhará sempre com indifferença. Oh! se vós soubesseis quanto é cruel o amar e não ter a certeza de ser correspondido! Dizendo estas ultimas palavras, seus olhos certificavão Celiza de seu amor e de sua inquietação: houve um momento de silencio: Christiano temia de ter dito muito. Celiza repetia-se o que acabava de ouvir, e começa a cre<sup>r</sup> que era de seu amor que Christiano duvidava. Pedro, abismado em suas tristes reflexões, apenas ouvira as ultimas palavras de Christiano; porem o silencio que reinava em seu torno o tirou da sua profunda distracção; e levantando-se da mesa, convidou Christiano a passear no bosque; mas ainda bem não tinham dado vinte passos, quando uma chuva abundante os obrigou a entrar em casa.

Christiano queria despedir-se de seu respeitavel amigo, porem este o demorou, e não o quiz deixar partir sem que a tempestade se dissipasse. Christiano não se fez muito rogado. As horas que passava no eremitério lhe parecião minutos.

Entretanto o céu se escurecia cada vez mais; o vento se levantava, o trovão estrondeava espantosamente; o tempo estava tão medonho, que ninguém podia sair, sem perigo. Christiano em fim se viu obrigado a passar a noite no eremitério. Pedro o conduziu para um quarto simples, mas muito asseado. Christiano não pôde cerrar o olho em toda anoite, lembrou-se de tudo quanto Celiza dissera, e não soube como havia de interpetrar a inquietação que notára em seus olhos, quando fallou de Numa; attribuiu antes á curiosidade do que ao temor, as perguntas que ella lhe fez a respeito de seu casamento. Elle amava com paixão, e seu amor se estimulava pelo receio de que

seus sentimentos não fossem compartilhados. Celiza, da sua parte, não tornou a ter socego: pois havia notado bem que era amada, mas a immensa riqueza de Christiano parecia ser um obstaculo invencivel á sua união, e por isso se prometeu de fazer quanto lhe fosse possivel para occultar a impressão que elle fizera sobre seu coração, e se resolveu de empregar todos os meios para vencer um amor que a tornaria desgragada para sempre. Quando era meia noite, Christiano julgou ouvir junto de si gemidos surdos; fescutou mas não pôde distinguir cousa alguma; ficou persuadido que aquelle estrondo só podia vir dos habitantes do eremiterio, e no dia seguinte não quiz mostrar a menor curiosidade sobre um acontecimento tão singular. Levantou-se cedo, e se admirou muito de ser anticipado por Celiza, que achou occupada a pintar em um gabinete perto da porta onde seu pae se entretinha a cultivar os legumes que precisavão. Christiano chegou-se para Celiza, e ficou sobresaltado

da belleza de sua pintura: depois perguntou-lhe quem era o mestre que podia lisongear-se de ter uma tão boa discipula. — Nunca tive outro senão meu pãe, respondeo Celiza. — Certamente, disse Pedro, gosto muito desta arte: porque me ajuda a passar uma parte do tempo, e a distrahir minhas penas. O Eremita pronunciou estas ultimas palavras com tanta dôr, que Christiano ficou commovido, e pediu que lhe mostrasse as suas obras. Pedro annuiu á sua supplica, e o conduziu a um gabinete onde estavam os mais lindes quadros; todos são feitos por elle e sua filha. Christiano julgou reconhecer as feições de Celiza, nas de uma criança chorando nos bracos de uma mulher formosa, que parecia moribunda. No meio do painel, via-se um rapazinho que rasgava uma carta com a posição do maior desespero. Christiano participou a Pedro a sua idéa, e este lhe disse: Sim, senhor; é Celiza, é seu irmão, é.... Oh céos! é tambem tua virtuosa mãe. Perdão, querido Christia-



no, das lagrimas que me vedes derramar; ah! é o tributo que pago á virtude, á ternura, á desgraça. Christiano não sabia que pensar de tudo quanto via e acabava de ouvir; não ousava fazer uma só pergunta, admirava o Eremita e Celiza, parecia-lhe que estava n'outro mundo; em fim todos saíram commovidos do gabinete, e foi neste momento de ternura que D. João o surpreendeu. Cecilia e elle tinham corrido todo o eremiterio, e como ninguem achasse, vierão ao gabinete de pintura. É impossivel exprimir o sobresalto de Christiano: achava-se nos braços de seu pae e de sua irmã, e nem ao menos os avistára. Até aquelle instante ainda não havia reflectido na inquietação que a sua ausencia causaria, cousa nenhuma podera distrahir seu coração do encanto que experimentava junto de Celiza. Sabia que seu pae ignorava que aelle conhecesse o Eremita, e por isso sua aparição o sobresaltou extremamente. Comtudo, depois dos primeiros transportes

*tes de alegria, D. João reprehendeo seu filho por lhe não ter dado aviso de que estava em segurança, e lhe contou as afflições que a sua ausencia causara. Christiano lhe asseverou que se não fosse o javali, não teria abandonado a caça, mas vendo que inutilmente o perseguia, se achando-se muito perto do eremiterio pedir ao veneravel Eremita para descansar em sua casa, e que no momento de voltar para o ponto da reunião, a trova-da o impedira; que estando a noite muito adiantada, o bom Pedro não quizera deixal-o expor-se só ao perigo do caminho constando que o campo se achava cheio de salteadores; que finalmente acceitára uma cama; que estava desesprado da pena que lhe causára, e a sua cara Secilia; que elle era muito feliz por ser ternamente amado de um tão bom pae e voltando-se para o Eremita lhe disse: Eis-aqui, respeitavel Pedro, este pai tão terno para seus filhos. Dizei-me se poderei, vivendo na sua companhia, ter saudades da corte?*

Dom João o interrompeu para agradecer ao Eremita; e avistando-se com Celiza cuja formosura o sobresaltou, lhe disse com jovialidade, que elle achava seu filho muito feliz por ter passado algumas horas na companhia de pessoas tão amáveis. Celiza còrou: Christiano agradeceu a seu pãe aquelle pequeno obsequio, e lhe certificou que nunca a tempestade melhor o havia servido. Celiza ficou bem persuadida disso pelo tom doce com que elle pronunciou estas palavras, e pela expressão que seus olhos tiveram naquelle momento olhando para ella.

Dom João estava sobresaltado de achar em um homem tão simples como Pedro, as maneiras mais nobres e ilhanas de um homem de corte, e parecia-lhe não reconhecer suas feições. Todavia, fazendo reflexão que não podia ter-se encontrado em parte alguma com aquelle bom Eremita, perdeu insensivelmente a idéa de o ter visto, e se persuadiu facilmente que só podia ser effeito do acaso, o ter

elle achado na pessoa de Pedro alguma  
semelhança com um mancebo que n'ou-  
tro tempo conhecêra intimamente. De-  
pois de tornar a agradecer ao bom Ere-  
mita os cuidados que tivêra de seu filho,  
e de orogar a vir ver as pinturas da ga-  
leria de seu castello para lhe dizer o seu  
parecer, despediu-se delle e da bella Ce-  
cilia: seguido de Cecilia e de Christiano,  
subiu para a sua berlinda, e tornou ale-  
gremente o mesmo caminho que, poucos  
instantes antes, fôra testemunha de sua  
desesperação. Os gritos de alegria com  
que o castello resou á chegada de Chr-  
istiano, provárão quanto elle era amado  
e querido. Não faltou um so criado não  
viesse certifica-se se na verdade era seu jo-  
ven amo que acabava de chegar.

Dom João e seu filho ficarão tocados  
sensivelmente das provas de ternura de  
todos os seus criados e vassallos; e pa-  
ra lhes mostrar sua satisfação, lhes de-  
rão uma linda festa.

Comtudo Cecilia parecia inquieta;  
pois havia notado durante as poucas

horas que passára de manhã no eremiterio; a paixão de Christiano por Celia. Sua tristeza mal disfarçada, logo que seu pae lhe fez ver que era tempo de se retirarem, não lhe deixou duvida alguma sobre seu amor? Então ella se lembrou que o supposto javali fôra só um pretexto de que se servia para ir ao eremiterio. A pouca confiança de seu irmão a affligia; quiz informar-se da verdade, para lhe censurar a falta de amizade que naquella occasião lhe tivera; porem em fim, dizia ella, a sincera amizade é sempre acompanhada da terna confiança. Sem amizade não ha confiança, sem confiança não ha amizade, e nestas tristes reflexões passou o resto do dia. No seguinte dia resolveu de fallar a Christiano, e o convidou para ir vêr um lindo valle que havia entre o castello e o eremiterio. Christiano acceitou com alegria a proposta de sua irmã, e pensou que aproximando-se tão perto do eremiterio, ella não poderia deixar de ir até lá. Logo que o grande calor passou,

— **Os** dous irmãos partirão. Christiano trabalhava de distrahir sua irmã, a fim de lhe fazer esquecer insensivelmente o valle, e de a conduzir, sem que ella o desconfiasse, até ao eremitico, porém Cecilia penetrou seu pensamento, e não se deixou illudir.

Meu irmão, lhe dizia ella, tu hasde gostar muito do nosso passeio; este valle é aprazivel, e o mais curioso que se pôde ver, na verdade, nas visitas que tenho feito nos nossos amaveis vizinhos; ainda nunca me esqueci de te levar tambem, e como nós estamos muito perto do caminho que vai ter a casa d'elle!... Olha, vez aquelle carreiro á direita? vejo sim! é por elle que devemos ir. Mas tu não olhas, nem me dás attenção! em que pensas?

— Sim, Cecilia, bem vejo o atalho, mas parece-me muito escabroso, temo que aquellas pedras te pizem os pés, e como tu ainda deves estar cansada da caça, se tu queres, outro dia veremos o valle. — Então, Christiano, para onde havemos de ir? Cecilia esperava a sua resposta

Christiano tinha sobre a borda dos lábios estas palavras favoritas: Ao eremiterio; porem não ousava pronuncia-las, e queria que esta idéa viesse de sua irmã. Cecilia viu seu embaraço, e se folgou d'elle um instante; era esta a unica vingança que quiz tirar da sua falta de amizade; e demais, desejando intertel-o sem mais compaixão, permaneceu na sua resolução.

Comtudo elles caminhavão, e estavam muito perto do atalho. Christiano estava a ponto de fallar, porem Cecilia o anticipou. — Ah! não, meu Christiano este caminho não é tão máo: ao longe, os objectos não parecem o que realmente são, eu te affirmo que me não fatiga-ra e além disso elle é muito curto. Vamoz, é preciso decidir-vos, e dizendo estas palavras, ella se encostava sobre seu braço, e o conduzia para o valle. Era certamente o mais lindo sitio que se podia vêr, e Christiano, apézar do seu desgosto, confessou que excedia tudo quanto sua irmã d'elle lhe havia dito. Os montes que o cercavão, esta-

**U**m todos cobertos de acácias, de limoeiros, de laranjeiras, que espalhavam no ar um cheiro mais suave; diferentes bosquezinhos de lilazes, de madresilva, de roseiras offerecião os mais agradaveis retiros: muitos regatos vinhão regar bosques sempre verdes. O doce murmúrio das águas, o terno canticó das aves, o profundo socego que reinava naquella delicioso retiro, levavão á alma aquelle doce voluptuosidade que os corações virtuosos conhecem.

O' vós que tendes o hábito do vicio, fugi destes logares pacíficos, que só tem carinhos para os entes sensiveis. Esquecei, se é que pôde ser, no turbilhão do mundo a cruel lembrança de todos os vossos crimes; fugi, fugi do feliz socego de nossos caros retiros: elle não foi feito para vós, e vos despadagaria o coração. Deos! quanto lamento que não conheçais estes gozos!

Assim fallava Cecilia: Christiano applaudia ás ultimas palavras de sua ir-



minha; porem algumas vezes era só por monosyllabos, tornava a cair mais profunda melancolia. Tu tens algum desgosto, e não mo queres dizer! ah! tu duvidas da minha ternura! — O' querida Cecília! poupa-me essa censura! — Então para que estás triste? Não, não, eu não me engano, tu tens segredos que não confias de tua irmã! Por ventura não serei eu ainda para ti aquella Cecília que compartia as tuas penas; e na qual tinhas uma tão perfeita confiança? — Se minha querida, tu és sempre minha amiga: então bem! saberás tudo: amo, sim, amo; mas com uma paixão, um ardor que não tem igual; não ousei confessar-t'o, porque tu foste testemunha de minhas saudades por Numa, de minha desesperação por não ser amado; de meu firme proposito de fugir todas as mulheres, e então estava bem decidido a isto; porem todos estes juramentos estão bem longe de mim. Vi Cecília, e conheci o amor, senti, pela primeira vez, a força desta paixão que nos atrahê a despeito

nesso para um objecto amavel; presentemente que estou sujeito ás suas leis, não me engano a respeito dos sentimentos que tinha por Numa. Era um simples gosto, sustentado pelo orgulho de ser preferido a outros seus amantes; junto della vivia contente; mas sua ausencia não levava á minha alma esta tristeza, esta melancolia que experimento longe de Celiza. Sua presença não tocava meu coração daquelle alvoroço delirioso que sinto quando vejo Celiza. Ah! querida Cecilia! eu julgava amar Numa; porem todas as faculdades da minha alma se reunirão para adorar Celiza.

E tu crês que ella te ama?—Não ousou lisongear-me disso, e esta dúvida é que me torna desditoso. — Mas, Christiano, que pensará meu pae desta nova afeição? tu não duvidas quanto elle se opporá a que cases com a filha de um pobre Eremita! Tu bem sabes que elle põe todas as suas esperanças em um grande casamento, e até me parece que já fez

a sua escolha? — Não, não, Cecilia, desengana-te, meu pae não quererá a minha infelicidade; já viu Celiza; sua formosura, suas graças, seus talentos o sobressaltarão; elle a admira e logo que eu lhe diga os meus sentimentos (o que farei immediatamente que tiver a certeza de que elles são compartilhados), acredita que a amará como sua filha. — Ah! querido Christiano, quanto desejo que assim aconteça. Mas... — Mas, que queres tu dizer? Quem poderá duvidar que Celiza não ha de ser preferida a outra qualquer mulher? — Na verdade, meu irmão, tu fallas como amante, mas não como pae cioso de sua nobreza: bem conheço todas as qualidades da tua Celiza; porem essas mesmas qualidades são nada aos olhos do orgulho, e a vaidade do mundo não as saberia apreciar. — É verdade, convenho nisso; minha querida Cecilia, as pessoas da nossa classe nunca se casão por inclinação, é sempre por conveniencias. Oh! quantas donzelas se veem arrastadas aos pés dos altares,

para allí dar o juramento de amar um homem que detestão, juramento que seus corações desapprovão, no mesmo instante que suas bocas o pronuncião. Ai de mim! ellas sacrificão seus mais caros sentimentos por um nome illustre, por uma brilhante fortuna, por vans honras. Ah! ellas são para sempre infelizes. O falso esplendor que as cerca não pôde encher o vão horroroso de seus corações. Na grande dissipação, buscão os meios de se distrahir de suas penas secretas, e é allí mesmo onde ellas se perdem.

E' nestas sociedades perigosas que ellas se esquecem de seus deveres; porque o'ão seus esposos como um senhor absoluto, cujo jugo lhes é insupportavel. Finalmente não podem comprehender que, quando seus maridos se entregão a suas paixões, lhes possão fazer um crime de seguir as suas; e é uma verdade que, quanto mais o homem se esquece dos seus deveres, menos perdôa a sua mulher sua infidelidade. Todavia, julgas tu, Cecília, que estes homens não serão vir.

\*

tuosos, se estivessem unidos ás mulheres que possuem seus corações, e das quaes são amados! Oh! certamente, elles seguirião a virtude, vivirião alegres com suas amigas, e amarião seus filhos como sendo os penhores de um amor reciproco. Em fim gostarião mutuamente a felicidade de amar, sem que este precioso sentimento fosse perturbado pelos remorsos, e não haveria continuamente esses terriveis escandalos que dão a maior parte dos esposos que o coração não uniu. Comtudo, todas estas desordens, a quem se attribuirão? se não fór aos páes ambiciosos que fazem taes casamentos? — E tu crês, querida Cecilia, que meu páe seja desse numero? Desengana-te, minha irmã; elle ama muito seus filhos, e por isso não os teme.— Ah, Christiano! é esta mesma amizade que o ha de cegar; pois julgará trabalhar para a tua futura felicidade, contrariando-te n'uma paixão que tratará de quimera. Ai de mim! que já vejo grandes males que tu mesmo te preparas: per-

~~para~~ o Céu que meus funestos presentimentos se não cumprão!—Minha querida Cecilia, disse ternamente Christiano, sê meu apoio, minha consolação; promette-me de levar-me algumas vezes a casa de Pedro.—Que me pedes, Christiano? Como! serviria eu para entreter uma paixão que só te poderia fazer infeliz? Ah, Cecilia! serás tu tão cruel que me desprezes? Não, eu não deixarei teus joelhos em quanto me não concederes esta graça. Ai! tu também, minha irmã, não me queres amar! tu não me respondes! Pois bem! a minha desesperação me governará. Adeos, Cecilia...—Ah! socega, socega, Christiano; amanhã iremos ao eremitério. Que queres fazer? Ceo tu me assustas! —Minha querida Cecilia, interrompeu Christiano, voltando-se para ella, perdôa estes transportes ao fogo violento que me consume... Preciso de ti... bem o sinto... Meu coração se acha feliz de poder derramar-se no teu... Mas, por favor, tem piedade do estado-horroroso

em que estou . . . Não me falles de receios. Faz com que tudo espere. Lembra-te da tua promessa. — Vamos, é necessario que nos retiremos; uma tão longa ausencia poderia inquietar nosso pae. A triste Cecilia lhe deu o braço sem abrir a boca, e ambos occupados de suas reflêxões, chegarão ao castello sem se distrahirem com a menor palavra.

Todavia Cecilia estava desesperada pela promessa que o susto lhe havia arrancado; pois conhecia muito bem seu pae para deixar de persuadir-se que elle se opporia aos desejos de Christiano, e temia os effeitos de sua colera sabendo de tal amor. Cecilia amava Christiano e Celiza, e daria tudo quanto tinha para que sua amiga fosse de uma classe igual á de seu irmão; porrem Celiza não era mais do que filha de um pobre Eremita. Que desproporção! Cecilia notava o ar alegre e satisfeito de Christiano, e, sabendo bem a quem attribuir a sua causa, muito se affligia.

Comtudo a hora de cumprir a promessa chegava, e Cecilia não se dava pressa. Christiano que esperava este momento com impaciencia, vendo que sua irmã se não dispunha a saír, chegou-se para ella, e, apertando-lhe a mão, lhe disse: Então a minha Cecilia não quer hoje passear? — Mas ainda não são horas, me parece? — Oh! pois não, minha querida! Olha para o relógio que já passa de seis horas. — Como? já! replicou Cecilia arranjando seu bastidor, e pondo seu chapéo na cabeça. Ah, meu Deus! que passeantes, exclamou D. João que estava lendo a gazeta. Graças a Deus meus filhos, lhes disse elle, vós devei<sup>s</sup> conhecer todos os arredores do castello. — Ai, meu irmão, replicou D. Maria, se o passeio os recreia, tanto melhor; estes pobres meninos quasi que não tem distracção. — Essa é boa, minha irmã! muito estimo que elles passêem de manhã até á noite, se for da sua vontade. Todavia, meus filhos, continuou elle, pois que não levais nenhum criado com vós, de-



sejo que não venhais muito tarde; porque isso me causaria inquietação. — Não vos affligais, meu pae, respondeu Cecilia, nós nos conformaremos com a vossa vontade. Christiano guardou silencio. Vamos, adeos, adeos, minha tia: dai-me um abraço, para eu ir contente. — Querida menina, como é amavel! disse D. Maria abraçando-a. — Adeos, minha filha, replicou D. João: talvez que nós vamos esperar-vos. Mas olha, ajuntou elle rindo-se, recomende-te teu irmão, que é ainda um estouvado. Toma sentido nas suas acções. — Lindo aio! exclamou Christiano. Vamos, vinde, meu querido mestre; e no maior contentamento, sairão ambos.

*Ainda bem não estavam fóra do castello, quando Christiano, abraçando sua irmã com viveza, lhe agradeceu sua complacencia. Ah, meu irmão! muito estimaria que ella te fosse útil; mas, ai de mim! que funesta te será! — Vamos, Cecilia, não nos occupemos de cousas tristes no momento da felicidade. Ceci-*

**Virião** respondeu. Algumas vezes **Christiano** exclamava como após de muitas reflexões: Celiza e Cecilia, eis aqui tudo quanto amo; só ellas terão sempre meu coração. Cecilia estava commovida, e quasi a chorar; porem não fazia senão apertar a mão de **Christiano**: em fim os dous irmãos chegarão ao eremiterio, onde não acharão nem Celiza nem o Eremita; mas felizmente a boa ama *lhes* asseverou que depressa virião.

**Christiano** perguntou para que lado elles tihão ido; porem a boa mulher não lho pode dizer; assim resolveu-se a esperar, ainda que com grande impaciencia, pois achava o tempo muito longo; finalmente para o passar com mais prazer, propoz a Cecilia de ir vêr a carteira de desenho de Celiza, que estava meia aberta perto d'elle. Cecilia que o conhecia, preferiu ir passear ao laranjal e o deixou só.

Mas como pintar o sobresalto, o prazer, a alegria de **Christiano** por achar, no meio de diversos desenhos, seu pro-

prio retrato desenhado pela mesma mão de Celiza! No fundo deste retrato estavam algumas palavras escritas em francez, e como Christiano sabia perfeitamente esta lingua, leu facilmente este dito: « Eis aquí o retrato do irmão » da minha amiga! Oh! mas elle está » mais bem gravado no coração da triste Celiza! Papel que tão facilmente » recebes os meus pensamentos mais caros, sê tu só instruido da minha fraqueza. »

O' a mais amavel das mulheres! exclamou Christiano: e servindo-se immediatamente de um lapis, escreveu tambem em francez, e sobre o mesmo papel, o que se segue: « Será verdade, minha » cara Celiza, que vós concedereis algum reconhecimento ao mais terno amante? e set-me-ha permittido esperar » que não recusareis o título de esposo » áquelle a quem sois mais cara do que a vida?

Neste tempo ouviu estrondo, tornou a metter a toda a pressa na carteira os

peça, tendo comtudo o cuidado de  
guardar a escrita de Celiza, que pôz jun-  
to ao seu coração. Todavia este movi-  
mento não foi tão prompto que deixas-  
se de ser notado por Celiza, que entra-  
va com Cecilia e Pedro. Este lhe mos-  
trou a pena que tinha de o ter feito es-  
perar tanto tempo.

Meu pae, respondeu Christiano, as  
obras da amavel Celiza me fizeram sup-  
portar mui pacientemente a vossa ausen-  
cia. — As suas obras! são bonitas. — En-  
tão! replicou Cecilia, não vos tinha eu  
dito, minha querida Celiza, que o acha-  
riamos ainda com a carteira do desenho?  
Na verdade teve todo o tempo de a exa-  
minar á sua vontade; porque ha bem  
duas horas que elle está aqui. — Como!  
replicou vivamente Celiza, que estava  
desesperada pelo que acabava de ouvir,  
e que corava a cada momento, não du-  
vidando que Christiano tivesse visto o  
seu retrato, o senhor está aqui ha mui-  
to tempo! e porque, minha querida, o  
não convidastes a ver o jardim? E depois

sem saber o que dizia, ajuntou: o senhor Christiano sabe francez? — Sim, sabe, respondeu Cecília, perfeitamente; mas vós que o fallais tão bem, podeis julgá-lo. Então, que tendes, Celiza? Estais tão pallida! Meu Deos! ella desmaia! Depressa, meu irmão, da-me o teu frasco. O pobre Christiano não sabia o que fazia. Em vez de dar o frasco a Cecília, elle o fez respirar a Celiza; mas elle mesmo o precisava bem, porque a cabeça lhe andava a roda pela ver naquelle estado. Em fim Celiza abriu os olhos, e se dirigirão para Christiano, que, com um joelho em terra, lhe segurava a cabeça com um braço, ao mesmo tempo que com o outro se esforçava pela restituir á vida pelo cheiro de uma água espirituosa. Celiza pareceu commovida de seus cuidados; porem livrando-se docemente de seus braços, se encostou a Cecília, e disse que estava melhor.

— Minha querida filha, lhe disse Pedro abraçando-a, tu nos causaste gran-

**inquietação.**—Quanto sois bom, meu p<sup>ae</sup>!... E vós, minha Cecilia, tivestes muita pena! A Christiano nada ousou dizer.—Não fallemos mais nisso, minha Celiza; se vós estais boa, nós estamos contentes.—Vamos, agora só sinto que a hora nos obrigue a separar-nos; amanhã virei visitar-vos; adeos. Christiano pediu para acompanhar sua irmã no dia seguinte: Celiza não lhe respondeu: porém o bom Pedro lhe disse que **terião** muito gosto nisso. Ainda bem os dous irmãos não tinham saído, quando Pedro, ao qual esta scena acabava de abrir os olhos, e que via o embaraço de sua filha, saiu, e a deixou só. Celiza, logo que seu p<sup>ae</sup> voltou as costas, se dirigiu á fatal carteira; alli acha o papel sobre o qual Christiano escrevêra, e o lê com enternecimento. Ai de mim! diz ella dando um profundo suspiro, Celiza, esposa de Christiano!... Oh! não, isso nunca, teu p<sup>ae</sup>, e a tua riqueza são obstáculos invencíveis. Serei infeliz longe de ti, mas é preciso fugir da tua presen-

ça; e dos conselhos de meu pãe quero tirar a sua coragem e suas virtudes. Acabando estas palavras, limpou suas lagrimas, e foi lançar-se nos braços de seu pãe; apresentando-lhe o papel aberto. Pedro pegou d'elle, leu-o, e entregando-o a Celiza, lhe disse: Lembra-te, minha querida filha do que Cecilia tantas vezes nos tem dito, que seu pãe sacrificaria tudo para augmentar o esplendor da sua casa por uma alliança illustre, e bem sabes que é em Christiano que elle põe sua esperanza. — E' verdade, meu pãe, e, para repatar minha imprudencia, é que eu venho tomar vossos conselhos. Então ella lhe contou a historia da carteira. Pedro admirava sua sinceridade, sua candura, e como ella com tanto amor tinha tão grande coragem. Logo que acabou de fallar, Pedro a apertou contra seu coração, e lhe disse. Minha Celiza, a tua virtude seja teu guia, e já que o queres fugir, creio que será necessario fingir uma indisposição quando elle vier. Ai de mim!

~~as minhas~~ desgraças fazem at tuns. —  
Meu p<sup>ae</sup>, afastai essas tristes lembranças. Poderei eu ser infeliz com um amigo como vós? O' minha querida filha! ~~em~~ *é* toda a minha consolação. Depois continuarão ainda muito tempo pela noite adiante a fallar dos meios de afastar Christiano do eremiterio, e acabada aquella penosa conversação, se separarão. Celiza opprimida por seus desgostos, agravada pela dôr, falta de animo, se entregou a um somno agitado, que não pôde roubar-lhe a lembrança de todas as suas penas.

Christiano começava a conhecer a verdadeira felicidade; era amado de Celiza, já não podia duvidal-o. Aquelle ~~escrito~~ *que* continuamente relia, era um precioso garante de seu amor; e só esperava um instante favoravel para instruir seu p<sup>ae</sup> de tudo quanto se passava. Um dia estando a pensar nos meios de lhe communicar seus sentimentos, viu vir Cecilia, cujo at triste espalhado sobre seu rosto foi para elle como um raio de



Juz ; e , levantando-se e correndo precipitadamente para ella , Ihe disse : Que tens tu , querida amiga ! Tu me pareceas bem triste ! Meu pae sabe já !.... — Ah ! Christiano ! venho dar-te uma noticia terrivel. Ainda bem não tinha entrado no gabinete de meu pae , para onde sabes que me mandou chamar , quando elle me fez este discurso : Cecilia , mandei chamar-tê para te participar a grande felicidade que nos está para vir. O duque de Valhadolid , meu intimo amigo , cuja nobreza e riquezas bem conheces , dá a sua filha unica a Christiano. Depois que estou aqui , tenho-me occupado deste casamento : o mesmo duque tinha feito tentativas para alcançar o consentimento do rei ; porem foi em vão ; pois nunca poderia vêr na sua corte o filho de um homem que elle perseguia tão injustamente. Finalmente a sua morte me restitue a liberdade ; e a rainha , que foi nomeada regente até á maioridade de seu filho , restituindo-me todos os meus direitos , disse ao duque de Valhadolid ,

ella teria grande praser em que se desse este illustre casamento. Eis-aqui, minha Cecilia, o que queria dizer-te; e, lembrando-me que terias grande satisfação de ser a primeira que levasse esta noticia a teu irmão, encarrego-te que lha vas dar. Tambem lhe dirás que o duque de Valhadolid e Izabel, tua filha, devem aqui chegar esta noite. Confesso-te, que as primeiras palavras me perturbarão o mal que é possivel, e se meu pae não estivesse tão occupado do que dizia; teria conhecido meu sobresalto; porém tive tempo de tornar em mim, e, logo que acabou de fallar, mostrei-lhe a minha satisfação de que o novo rei lhe fizesse justiça; mas, voltando ao artigo do teu casamento, fiz-lhe algumas observações a respeito de que elle ainda não havia consultado a tua vontade, e que por isso talvez tu não quererias decidir-te, — Como! replicou vivamente meu pae, não ha de querer decidir-se por uma mulher bonita, o melhor casamento de Hespanha! Vamos, minha filha, tu és lou-

ca! Christiano terá alguma inclinação?  
— Mas não; elle vê [com indifferença  
todas as mulheres da nossa sociedade;  
á fiz essa reflexão. — Vai, vai, Cecília,  
procurar teu irmão, e fica persuadida  
que elle receberá com prazer esta noticia.  
Acabando estas palavras, levantou-se,  
e eu, sem nada replicar, vim á tapada,  
onde sabia que estavas, para cumprir a  
minha missão. Ah! eu já tinha previsto  
tudo. Christiano abraçou ternamente sua  
irmã, e lhe respondeu com sangue frio:  
Cecília, nada haverá no mundo que me  
faça faltar ao que prometti a Celiza;  
ella tem meu coração, sem ella não pos-  
so ser feliz: se meu pãe persiste, o meu  
Partido já está tomado. Vem para o teu  
quarto, e lá estaremos mais á nossa von-  
tade do que neste bosque. Todavia, como  
nós não podemos ir hoje ao eremiterio,  
mandarei lá o meu criado grave da tua par-  
te para saber como está Celiza. Ditas estas  
palavras, entrárão no castello, e fechando-  
se no quarto discutirão muito tempo sobre  
os meios de desviar a tempestade proximo.

saír sobre a cabeça de Christiano. Finalmente, decidirão que o melhor era metter Isabel em seus interesses, fazendo-a confiante de tudo; e o mesmo Christiano se encarregou da execução deste plano. Quando os dous irmãos se separavão, ouvirão o estrondo de uma carruagem, e, chegando á janella, virão saír della um homem de quarenta e tantos annos, que deu a mão a uma senhorita muito bem feita, mas cujo semblante estava coberto com um grande véo.

Christiano logo se lembrou que era Isabel; e, não podendo dispensar-se de a ir receber, foi ao seu encontro. Ao descer a escada encontrou seu pác que o havia antecipado, e que fazia os cumprimentos mais ternos ao duque de Valhadolid; pois era elle mesmo que acompanhava Isabel. Logo que o viu, elle lhe disse: Meu filho aqui está o duque de Valhadolid, e sua amavel filha. Christiano inclinou-se profundamente, e offereceu o braco a Isabel para ajudal-a a subir a escada. Ella o acceitou sem

pronunciar uma só palavra e sem se descobrir. No vestibulo encontráram Cecília que os esperava. Então Isabel levantou seu véo, e abraçou Cecília, pedindo-lhe que fosse sua amiga. Cecília tocada de suas amáveis maneiras, lhe disse que não era preciso vel-a senão um instante para sempre a amar; e ficou admirada de sua formosura. Seus grandes olhos pretos eram de uma doçura encantadora; seus cabellos da mesma côr, fazião realçar a brancura brilhante de sua pelle, e sua extrema palidez augmentava tambem o vivo interesse, que não podia deixar de tomar qualquer que visse tão amavel pessoa. Christiano dizia com siigo mesmo: Se eu não conhecesse Celiza, Isabel seria a meus olhos a mulher mais interessante; mas, comtudo Isabel não é Celiza, e Celiza é tudo para o coração de Christiano.

Isabel, que parecia muito cansada, pediu licença para se retirar; e, sem querer tomar cousa alguma, seguiu Cecília, que a conduziu para o seu quarto. Depois de se haverem felicitado mu-

agradante de seu novo conhecimento, separar-se com saudade, achando já muitos encantos por estarem juntas; effeito natural do encontro de dous corações sensíveis. Cecilia tornou a vir para a sala, e alli achou seu pae, Christiano e o duque de Valbadolid conversando a respeito da grande mudança que a rainha e seu conselho haviam feito no governo. Ella tomou parte na conversação, e tratou aquelle assumpto com um espirito tão justo como illustrado. O duque estava surpreso de achar tanta amabilidade, conhecimentos e razão n'uma pessoa tão nova.

Meu amigo, quanto sois feliz por ter tantos filhos! — Mas, respondeu D. João mostrando Christiano, eis aqui um que bem depressa será o vosso; e, se a morte vos não tivesse privado de um filho, Cecilia tambem seria vossa filha. — Oh! certamente, disse D. Fernando, apertando a mão de Christiano, o meu querido Christiano occupará o lugar desse filho ternamente amado.

Christiano se inclinou; Cecilia sórou do embaraço de seu irmão, e D. João fingiu de o não ter notado. A hora de se retirarem estava chegada; cada um foi para o seu quarto; porém Christiano acompanhou Cecilia para o seu gabinete. Bem vejo, disse Cecilia, o motivo porque o meu querido irmão lhe custa tanto a deixar-me. Queres saber as notícias que me trouxerão de Celiza? — Oh! pois não, querida Cecilia; tenho estado todo o serão n'um constrangimento terrível por te não poder fallar a respeito della. — Pois bem! socega, replicou Cecilia. Celiza está melhor, mas, o que te ha de affligir, é que ella me pede que eu vá só ámanhã vê-la, pois tem cousas interessantes a contar-me. Vê, eis aqui a carta que ella me escreveu. Christiano pegou della, leu-a, e não a quiz entregar a Cecilia. — Então estás doudo, Christiano, queres guardar quatro palavras que nada significão? — O' minha Cecilia! eu as guardarei, porque são de Celiza — Pois sim, como quizes

— replicou Cecilia; mas falla-me algo de Izabel: não a achas bem formada? — Certamente, disse Christiano, depois de Celiza não conheço outra mais perfeita; mas parece-me que ella tem desgostos, e suas penas serão para mim um garante seguro do interesse que ha de tomar nas minhas; por que as pessoas cujas almas estão tocadas de affecção, são mais compassivas do que aquellas que nunca conhecêrão a desgraça. Por tanto, queri-la irmã, espero tudo do nosso projecto; e eu muito desejo que sejamos bem succedidos, replicou Cecilia. Boa noite, meu querido Christiano, até amanhã.

No dia seguinte conhecêrão facilmente, pelos olhos languidos de Izabel, que ella não tinha dormido em toda a noite. Cecilia lhe mostrou a sua inquietação; porém Izabel lhe agradeceu ternamente, e lhe disse que era affeito da fadiga do dia antecedente, mas que com-tudo já quasi a não sentia. Cecilia compheceu bem, pelo tom com que ella



pronunciou aquellas palavras, que lhe não confessará a verdadeira razão; porém fingiu ficar mais contente. Depois do almoço, Cecilia lhe propoz de ir tocar: Izabel accitou, e pondo-se ao piano, cantou com toda a energia e todas as graças possíveis, os tormentos da ausencia. Christiano elogiou muito o seu modo de cantar, e a lettra lhe agradou tanto, que elle lhe pediu por favor que tornasse a começar; Izabel o fez logo, parecendo ter nisso grande prazer. Aquella canção não agradou ao duque, que lhe disse: Não gosto destas árias languidas; ellas nada querem dizer. Que vos parece, disse elle dirigindo-se a D. João? — Sim, sou do vosso parecer; todavia é preciso confessar que não ha genero de musica que a menina não torne agradável. — Ah! vós sois civil, respondeu o duque. Vamos, deixemo-nos de cumprimentos, ide mostrar-me a vossa galeria de pinturas. Com todo o gosto replicou D. João. A Izabelinha quer vir tambem? — Mas, disse Cecilia, a

quem Christiano fez um signal, que ella muito bem entendeu, eu creio que Izabel gostará mais de ir á tapada, que ainda não viu.—E' verdade, é verdade, diz D. Maria, eu vos vou acompanhar; e, rindo-se, ajuntou: Eu amo muito a gente nova; e levantando-se, desceu para a tapada. com Izabel, Christiano e Cecília, em quanto D. João e o duque são para a galeria; porém apenas haviam dado alguns passos no parque, quando a aia de Izabel veio ajuntar-se-lhe, avisando a D. Maria que a procuravão no castello. Então, pedindo desculpa a Izabel, os deixou a todos quatro. Christiano que sentiu quanto aquelle instante era favoravel, e que temeu que não apparecesse outro, não o quiz deixar escapar. Pediu a sua irmã para entreter e divertir a aia, a fim de lhe facilitar os meios de fallar a Izabel. Então chegando-se para ella, lhe disse em voz baixa: Senhora, poderei esperar que tereis a bondade de attender ao que ousó confessar-vos?— Ah! senhor, respondeu

Izabel chorando, e quasi com as lagrimas nos olhos, que podereis ter tão interessante a dizer-me? Eu estou instruida de todos os vossos sentimentos.

Christiano, extremamente surpreso da resposta de Izabel, do tom afflictivo com que acabava de pronunciar aquellas palavras, e não comprehendendo o verdadeiro sentido, persuadiu-se que ella estava offendida por ter uma rival, e lhe supplicou, com um ar embaraçado, de lhe dizer quem o havia traído. A minha esperança, senhora, continuou elle, era de alcançar o meu perdão, da vossa bondade. Ah! se vós conhecesseis o imperio do amor, desculparieis aquillo que vos parece injusto na minha conduta.—Ai de mim! senhor, replicou Izabel, eu não pretendo fazer-vos censura alguma; porém, uma vez que vos accusais de injustiça, certamente conheceis as minhas disposições, e sabeis que só posso conceder-vos a minha estima.— Ah! interrompeu vivamente Christiano, isso é tudo o que eu desejo; e tratarei-

de a merecer em todo o tempo. Senhora  
— ~~vós~~ me tornais o mais feliz dos homens  
— Julgava, respondeu dolorosamente  
Izabel, sim, imaginava que um homem  
devia desejar de possuir o coração da  
mulher que lhe estava destinada para es-  
posa; porém vós me fazeis ver, senhor,  
que eu me enganava, pois que a minha  
estima só basta para a vossa felicidade!  
— Como! replicou Christiano, não vos  
entendo, senhora: a esposa que o amor  
me escolheu me dará seu coração; por  
modo nenhum o duvido. — Muitas ve-  
zes enganamo-nos, disse Izabel; porém  
vós assim o quereis, senhor; ao menos  
nunca esqueçais que Izabel sendo obe-  
diente a seu pae, que lhe ordenou de  
ser vossa esposa, não procurou enganar-  
vos, fomentando-vos a esperança de ser-  
des o senhor de seu coração.

Que me dizeis? exclamou Christiano.  
Ah, senhora! por ventura vedes vós um  
sacrificio em nosso casamento? e terá o  
duque de Valbadolid forçado a vossa in-  
clinação? Izabel não pôde soster as la-

grimas, nem responder; e Christiano continuou: O vosso pranto me descobre a verdade; e apertando-lhe a mão: Sorregai, senhora; que Chrtistiano não terá de se arrepender de haver causado mais desgostos á estimável Izabel. Se eu vos tivesse entendido, talvez que em lugar d'augmentar vossa dôr a teria adogado. Eu vinha, senhora, implorar a vossa piedade a favor de um infeliz, que não é digno de vós. Sim, indigno; porque Izabel deve ser amada com todo o amor; e, se eu a tivesse conhecido á seis mezes, estou certo de que agora seria o mais lastimoso dos homens, pois que o meu amor não seria partilhado; mas em fim, ninguém é senhor de seu coração; e ha muito que o meu pertence a Celiza. — Celiza! ouviria eu bem! diz emphaticamente Izabel. Não tem ella um irmão chamado Guimão? — Eu sei, respondeu Christiano, que ella tem um irmão, e que ha algum tempo está separada d'elle; mas ignoro-lhe o nome; porque a ella mesma eu não lhe co-

~~ningu~~ senão o de Celiza. — Oh! que é ella, replicou com alegria Izabel, eu já o não duvido; mas como se chama seu pae? — Eu só o conheço pelo nome de Pedro, diz Christiano. — E onde está elle? onde mora? — A sua habitação?... continúa Christiano, ella é bem simples; é um pequeno eremiterio a pouca distancia do castello. — Oh! diz penosamente Izabel, não é ella, essa não é a irmã de D. Gusmão. Agora vejo o que esperais de mim, continuou depois de um momento de silencio; e ficou certo de que farei tudo o que em mim couber para contribuir para a vossa felicidade; depois *(revestindo um rosto sereno, e apresentando a mão a Christiano)* Ihe diz: Sejamos amigos, senhor, pois que não podemos ser amantes. Sim, a vossa delicadeza e a vossa confiança serão para vós um garante seguro da minha amizade. Christiano beijou com ardor a mão de Izabel. Oh! que encantadora amiga! exclamou elle. — Sim, diz Izabel sorrindo-se, porque não quer ser vossa

mulher. Então ambos se aproximaram de Cecilia, e Isabel lhe disse ao ouvido: Cecilia, Christiano contou-me tudo; elle me julgou digna da sua confiança: eu lha metecerei, e espero de obter a vossa. Cecilia ia responder-lhe quando D. Maria chegou com um ar commovido, e lhe pediu que a acompanhasse. Isabel ficou só com Christiano e sua aia. D. João e o duque, que pouco depois chegarão ficarão encantados do agradável ar de Christiano para Isabel. Já havia deixado todo o constrangimento que de manhã e na vespera se lhe tinha notado. A alegria tambem brilhava nos olhos de Isabel. Os dois páes se enganarão ácerca do verdadeiro motivo do ar de satisfação de seus filhos, e a sua admiração era tanto maior, quanto ambos tinham fortes razões para recear o contrario.

Em quanto elles assim se passeavam no parque, passava-se no castello uma scena das mais patheticas. O veneravel Eremita esperava Cecilia no quarto de

~~Via~~ ria. O ar triste e severo que ella lhe ~~estou~~ a surprehendeu : porque D. Maria a rogós de Pedro não lhe havia dito as razões que alli o trouxerão. Pedro passeava a largos passos no quarto; parecia muito preocupado, e estava tão distraído que não sentiu entrar Cecilia e D. Maria. Cecilia se approximou d'elle e lhe perguntou que motivos o obrigarão a dar-lhe o gosto de o ver. Ah, Ceos! exclamou Pedro; sois vós, senhora, que me fazeis essa pergunta? Vós, que eu tinha pela propria virtude, sois capaz de levar a dissimulação tanto além! Cecilia estava como petrificada, e custava-lhe a crêr que a ella se dirigissem aquellas palavras. Porque, senhora, continuou o Eremita, porque vos fingis tão admirada? Vós sabeis o que é feito de! Celiza, e é preciso que immediatamente m'o digais. — Eu, exclamou doloridamente Cecilia, eu, meu pae, occultar-vos Celiza. Agora mesmo me preparava para a ir vêr, segundo o bilhete que ella hontem me escreveu: —



Como, replicou Pedro, e é com esse bilhete mesmo que m'a roubão. — E me julgareis vós capaz de uma tal infâmia? diz Cecilia com uma dignidade que só a verdade dá. — Mas dizei, tornou Pedro, a quem confiastes esse fatal bilhete? — Ah, Ceos! diz Cecilia, chotando dolorosamente, só meu irmão o leu; e foi a rogos seus que eu lh'o deixei. — Que horror! diz Pedro; vosso irmão é um monstro: onde está elle? e correndo para a porta disse. Não, não, tanta deshumanidade não ficará sem castigo. — Ah! que ídes fazer? exclamou Cecilia pondo-se entre elle e a porta. Dignai-vos instruir-me, meu pae, eu vo-lo peço: moderai vossa justa colera, dizei-me como poderão tirar a nossa cara Celiza a seu virtuoso pae? — Pois bem, senhora, conheci vosso irmão, e perdoai-me o ter podido julgar-vos o auctor de um tão negro crime. Esta manhã, ás seis horas pouco mais ou menos, ouvimos bater á porta; a ama de Celiza foi ver quem era, e voltando com um papel na mão

Entregou a Celiza, e nos disse que um homem vestido com a vossa fíbrea expetava a resposta. Ella abriu o bilhete e me disse depois de o ter lido: E' o convite que eu havia feito a Cecilia, no fundo do qual ella me escreve duas palavras, pedindo-me que acompanhe o individuo que m'a entregar, pois que lhe é impossivel sair, por estar doente. Mas; lhe disse eu, é ainda bem cedo. Ella me adverte que é este o unico momento em que livremente nos podemos ver, pois que chegou muita gente ao castello. Então não tive mais observações a fazer, deixei partir Celiza com sua ama e o tal homem, que dizia ser mandado por vós. Serião onze horas quando, começando a lembrar-me que Celiza se demorava muito, vi chegar a ama toda banhada em lagrimas, e me contou, por entre soluços, que, tendo andado quasi um quarto d'hora, descobrirão uma caixa da posta; junto da qual estava um homem a cavallo, que tendo-se apeado logo que attizou Celiza, se chegou pa-

na ella, e lhe offerrecu a sege. Para se não encetar; que depois voluntaria parára o seu conductor o arpo-hopiêra por ter desampenhado a sua commissão; e pois que tinha ordem de o esperar até ella procurou escusar-se de a receber; dizendo que estava muito perto do castello pura fr de tyre; mas como não desconfiava de com a alguma não hesitou mais e entrou para ella. Pensava em continuar a agra chorando amargamente; e em tentar o segundo lugar naquella terrivel sege, e já para isso, mo dispunham, quando os moses conductores, quando então nada havia d'elles, me seguiu pelo breço ao mesmo tempo que o cavallo e o fochou com rapidez a portinhola; e sahiu na praça da sege, ordenando ao possibão que se apresentasse. Não; não obstante os gritos da infeliz Ceiliza e de sua ama, a sege se apresentou com a rapidez velozmente. Mas, disse eu áquella pobre mulher, porque não a vistes immediatamente avistarme. Ah! senhor, me res-

ponden ella, o homem que nos havia conduzido até alli não me largou senão quando, cinco horas depois que os raptores de Ceiliza tinham partido, montou no cavallo, que o outro lhe deixára e desapareceu. Em quanto elle me respondia, fiz-lhe muitas perguntas para saber se era por ordem da minha mãe, ou se era por uma que se obrava tão grosseiramente; mas elle se obstinou a guardar o segredo, e eu não pude obter o menor esclarecimento. Então, sem perder um momento, ajuntou o herdeiro, vim a este momento, e perguntado por esta senhora, diz elle misterioso D. Maria, lhe pedi, na persuasão de que ella nada sabia do attentado, que me mostrasse a luz dos raptos, e lhe fiz conhecer o caminho que elle tomára; e guardei que me permitisse fallar-lhe, para que me desapparecesse de minha filha, na certeza em que eu estava de que a sua desgracia era obra sua. Perdido, senhora, está injusta; mas a's compensações quanto se torna necessario que eu falle com vos-

o irmão; juro-vos de me pettar com a maior moderação, se vós me conduzirdes immediatamente ao pé d'elle. Cecilia, não sabendo como podesse justificar o irmão, que ella julgava culpado, levou Pedro ao parque. D. João fez-se mui commovido á vista do Eremita, e o saudou com um ar frio. Pedro, com um modo preocupado, offereceu a Christiano o bilhete de Celiza, que, reconhecendo-o, diz a seu pae com um ar de admiração: Como vos veio este bilhete parar á mão? e para que escrevestes a Celiza, com a vossa propria mão, que minha irmã estava doente?—Para que? diz altivamente D. João, que não podia negar que o scripto fosse d'elle. Poderia deixar de responder á vossa pergunta, mas quero que conheçais que foi para vos poupar a deshonra de um amor indigno. Christiano podia apenas comedir-se; e, sem responder a seu pae, perguntou rapidamente onde estava Celiza. Pedro increpando a conducta de D. João, lhe disse que Celiza só queria ver Ceci-

**E** para lhe pedir que não tornasse a levar lá Christiano, de quem queria fugir porque o amava: que elle não sofferia uma tal offensa, e que desde já o empenhava para que immediatamente lhe dísse onde estava. Christiano, vendo que seu pae não satisfazia ás suas perguntas repetidas sobre o caminho que fizeão seguir a Celiza, correu ao castello, montou a cavallo e tomou pela estrada que sua tia lhe indicou. D. João, que não estava prevenido para aquella scena, começava a se arrependar da sua grosseria, vendo o sentimento do Eremita e a firme resolução que elle tomára de se queixar ao rei. Não obstante estar certo das boas intenções de sua magestade, não podia cômto confiar em que elle se voltasse contra uma familia franceza; e tanto menos quanto Pedro estava firmemente persuadido que, não havendo elle nunca violado lei alguma de Portugal, a sua protecção não lhe seria recusada, quando a reclamasse.

No meio de tudo isto uma nova e

na se preparava. O duque de Valhados  
lil, mero spectador de tudo aquillo,  
havia tido tempo de examinar o Eremis-  
ta, que julgára á primeira vista conhecer.  
Todavia hesitava, porque estava persuadi-  
do que Pedro era portuguez; mas logo  
que lhe ouviu dizer que a França o ví-  
ra nascer, todas as duvidas se lhe des-  
vanecêrão, e gritou, lançan lo-se em seus  
bracos: Seréis vós, meu caro conde, que  
eu aperto contra o meu coração, os meus  
olhos não me enganaráo elles? Pedro,  
que d'ora avante chamaríamos a conde  
de Chablis, recuou de alguns passos, e  
lhou para o duque, a quem em sua d're  
não prestára attenção alguma, e disse:  
Ah Conde! é D. Fernanbo; e com um  
movimento imutuoso exclama: Estou  
cercado de perfidos! elles não cangão de  
me perseguir! L. restitui-me a filha que-  
rida; e não penseis em me enganar com  
falsas caricias! — Que ougo eu! diz o du-  
que penetrado da d're, fazei-me mais  
justica. Eu vos juro pelo nome de D.  
João; vossa filha vai ser-vos entregue;

mas dignai-vos ouvir minha justificação.  
— Quanto a narração das crimes de vos-  
sa infamia. — Porque! diz o conde. Vós  
que escrevedes aquelle fatal bilhete, não  
sois o autor de todos os meus males? —  
Erguei, interrompeu vivamente o du-  
que, julgai melhor o coração de vosso  
amigo. D. João poderá instruir-vos da  
delicencia que tenho feito, ha mais de  
quatro annos, para descobrir o vosso res-  
tor; mas até agora, as minhas buscas  
fôrão infructuosas, e eu julgava ter-vos  
perdido para sempre. — É verdade, eu  
pouco ser testemunha, diz D. João, an-  
nunciando ao conde que elle acabava de  
dar as ordens necessarias para que sua fi-  
lha lhe fosse entregue. Mas, continúa  
elle, sendo dae credito ás palavras de  
D. João, talvez vos persuadião mais á do  
cavalheiro de Moberquy. — Ah! diz vi-  
vamente o conde, vós e subreís o cava-  
lheiro de Moberquy! Eu vos peço caca-  
rycidamente que, se elle ainda vive,  
me digai onde está, quero antes de  
morrer apertar junto ao meu coração.

qual amigo que me resta. — Como podéis vós desconhecê-lo? exclamou D. João abraçando-o ternamente. — Ah! respondeu pezarosamente o conde, e pude eu ver no amigo a quem devo a vida o perseguidor de minha filha? Mas, continuou elle com um ar duvidoso e como não podendo conformar-se com aquella idéa, porque não conservava o nome de Moherquy? e como chegastes ao alto posto que, depois do rei, vos dá o primeiro lugar no paiz.

Isso é um segredo, eu não pude fazer-vos-lo conhecer, porque não me pertencía: só eu e os reis de Hespanha e da França o conhecíamos, foi debaixo deste nome supposto que estive seis meses na corte de França, e foi então que nós travamos uma amizade tão verdadeira, que nem o tempo, nem a distância, nem mesmo a forte persuação em que eu estava da vossa não existência poderão diminuir. Quando voltei, escrevi vos muitas cartas, convidando-vos a fugir com vossa esposa ao resen-

timento de vossa implacável sogra. Rogava-vos de esquecerdes que eu vos havia occultado o meu verdadeiro nome, dizia-vos o motivo, e estava certo que vós não esqueceríeis por isso o menor resentimento; mas todas as minhas cartas ficaram sem resposta; e logo depois correu o rumor de que fugia-lo para a Itália habendo sido assassinado e morto nos Alpes por uma quadrilha de ladrões.

Algumas annos mais tarde souei admitido de ouvir dizer a D. Fernando, quando voltou de suas viagens, que elle não vos lembrava morto, e que continuava sempre a fazer-vos procurar na Itália, por estas circunstâncias que estaveis lá. Eu lhe fiz notar que, se fosse verdade o existídes ainda, teríeis voltado para a França, depois da morte de vosso pai; mas foram necessários muitos annos de intermináveis indagações para elle estar pelos meus raciocínios; e a não ser o acontecimento que hoje aqui nos reuniu ainda ignorariamos que o meu querido Chablis morava tão perto de nós. Agora vejo a

grande mal-lança que o tempo tem produzido em nossas felizes; nem um nome o outro nos conhecemos no eremitério. Verdade é que o meu nome e o vosso disfarce devião conhecer muito para isso. E-lai socorrido ácerca de vossa filha, queira de-volta-la em um de minhas herdades até ao casamento de meu filho; mas agora vá ser restituída aos vossos cuidados. Minha irmã acba de me dizer que Christiano também corréa sobre seus passos. Depois dirigindo a palavra a Izabel the diz: A menina pedoará a meu filho o haver feito tão pouca justiça a tantos encontros? O ar satisfactorio d'Izabel solenemente pedava que sim. O duque de Valhadal fez reuacer a tranquillidade em todos os coraço'es, considerando que só o amor de Christiano para Golia podia reparar as penas que elles haviam causado ao emble, na pessoa de sua filha. Tolia se assentárao, e as senhoras pedião ao conde que contasse a historia da sua vida, orque elle, sem hesitar, fez como se segue.

Sendo, por morte de meu irmão mais velho, o velho, e um grande nome e de uma brilhante fortuna, meu pai resolveu tirar partido da sua superioridade para me obligar a fazer um casamento, que servisse para osse os projectos de ambição. Ligado com o ministro, pediu elle para minha esposa sua filha, a senhora Blesse, que havia pouco tempo tinha convinhado. O ministro annuiu com alegria á sua proposta, e se esborava que se acabasse o contrato do luto para comparecer a nossa união. Estantes en esta via todo o dia em casa do ministro, não avava muito. Vem-la de Blesse, mas ella era tão escriptura que seia impossível que em não achasse immensos attributos na sua convivência.

Poi neste tempo, pouco mais em meias, que tive o gozar de ser separado de um dos meus melhores amigos, Cinq-Mars, mynhe, que, por suas raras qualidades, era digno do alto valimento a que havia chegado junto de Luiz XIII. Elle deixava os seus amigos para acom-



panhar o rei, que, convencido pelo cardeal de Richelieu, se pessoalmente á conquista do Rosilhon. Infeliz Cinq-Mars! a lembrança dos seus infortúnios me faz ainda correr as lagrimas. Desgracado! fui victima da sua ambição. Quando eu me despedi d'elle era ainda Cinq-Mars o valido do rei, e, segundo o que parecia, o homem mais feliz do mundo. Contudo, facilmente percebi que seu coração vivia cruelmente atormentado: fallou-me do cardeal de um modo que me fez persuadir que elle era para sempre seu inimigo irreconciliavel: elle me abraçou, e me disse estas palavras: Quanto me é penoso, meu querido Chablis, não poder abri-vos o meu coração! para que caísis com a filha do M? essa familia é toda da intimidade do cardeal. Estas poucas palavras foram então para mim um enigma; mas vós podeis pensar que, dizendo-me isto, o estribeiro mór tinha a cabeça cheia com seu funesto projecto; a ponto de que a pena de me verem brevemente ligado á familia dos M... os

impediu de me fallar abertamente. Infeliz! porque me não faria elle confidante de tudo o que o rancor o levava a emprehender contra o cardeal! Mil vezes me tenho lisongeado que eu teria chegado a lhe infundir sentimentos mais moderados. Arminda conhecia minha ternura para Cinq-Mars; sabia que só o meu casamento me retinha em Paris, e me impedia de acompanhá-lo o rei, e todos os cuidados empregava ella para me fazer esquecer a ausencia do meu amigo: muitas vezes havia eu notado isto, e o meu reconhecimento era egual á estima que ella me havia inspirado; então ainda eu não conhecia o seu detestavel character. Arminda de Blessac era uma das mais bellas pessoas da corte, mas destas bellezas que inspirão antes admiração do que amor: este era o effeito que ella produzia em todos os corações. Todos dizião: Arminda é bella, mas ninguém dizia: Amo Arminda. Ella me fallava muitas vezes de uma amiga que deixara

Um dia que se havia reunido muita gente em casa da senhora M., mãe de Arnanha, e que, segundo o costume, passavam o tempo divertindo-se à custa dos ausentes, attribuindo-lhes falhas que elles não tinham, e descobrindo as que o publico ignorava, foram distrahidos pela chegada da senhora de M., que entrava acompanhada do Marquez de Flouant e de Felicia, sua sobrinha, que tinham ido buscar ao convento. Chegando-me ao lado para Amaraella queixando-me de ter feito um trabalho da vista da sua antelga, mas ella, sem muito se importar com isso, se levantou para trazer-me Felicia, e me disse graciosamente: Tem-me sentados, Chablis, nunca vos perderei de vista. Felicia em voz baixa fallou de Felicia, as mulheres não podiam distinguir a sua favela pelos obzinhos que se haviam feito ao ar livre, e a graga, a graça, no talhe de Felicia. Olhando, diziam: elle, que se não perturbado, que sem plicidade, que contrangimento em todas

no contento, e que alli devia persistir até ao momento de se casar com um tio, ainda muito novo, que era o seu tutor; pois que ella já não tinha pai nem mãe. Arminda recebia muito pouco us de sua amiga, e jamais deixava de as mostrar; ou sentia grande prazer com a sua leitura; elleas riam, e alguma vez o objecto de que tratavam, allegres, brincadeiras, sentíveis, mas todas faziam ver grande vivacidade em Felicia; muita timidez e uma extrema sensibilidade; vin-se que ella tinha muito espirito, e que ella não temia o conhecido, em fim era a natureza simples, natural, generosa, sem o socorro de nenhum genio d'arte. Todos os dias era via Arminda, e sempre lhe fallava da sua amiga; comtudo a-the francamente que tinha o maior desejo de a conhecer. — Não, não, me dizia elle rindo-se, e um opposto sempre erguia eua despediendi-la; ella contra-va muito no momento para duvidar delle.

as suas acções! Bem se vê que são agoras do convento. O seu desejo seria que ella não fosse tão bonita, para criticar a sua figura: mas a sua graciosa boca, ornada dos mais lindos dentes, sua tez de rosa e agüena, seus brilhantes olhos pretos, os mais espirituaes do mundo, seus cabellos anelados da mesma cor, nada deixavão a desejar; e todas confisuravão que ella era bella. Em quanto a mim, sem me importar com o que se dizia, sempre com os olhos em Felicia, estava encantado de achar em seus gestos, em suas palavras, e até nos seus menores movimentos, a encantadora ideia que della fizera. O Marquez de Floriant parecia ter vinte seis a vinte oito annos; era de uma elegante figura, e tinha bellos dentes, que elle mui se esforçava de mostrar, rindo-se a cada instante, por cousas de bem pouca monta. Tinha um ar sobranceiro, e era de uma fatuidade extrema. Estava assentado no pé de sua sobrinha, e parecia muito contente do que elle lhe dizia: contudo, julguei por

lo ar de Felicia que ella só o ouvia por  
comprimento, e que elle a molestava  
excessivamente. Ainda bem para ella,  
que tendo o marquez visto ao pé de mim  
um de seus amigos a deixou. Então?  
meu caro cavalheiro, lhe diz elle, em  
que pensais, que não me quizeses fal-  
lar? E sem esperar a sua resposta: Ga-  
bai-me a minha pupilla; na verdade,  
meu caro, ella me faz andar a cabeça  
á roda, e se isto continúa, eu... tot-  
no-me doido. Mas, acrescenta elle com  
um ar delicado apertando-lhe a mão  
e fallando mais baixo, ao menos é só  
meio mal quando se está seguro de ser  
recompensado. Que te parece? não estás  
pela minha?

Mas sem dar ao cavalheiro tempo de  
lhe responder, o deixou com a mesma  
ligeireza com que se chegára para elle,  
julgando have-lo persuadido de todo o  
seu merecimento; e querendo, sem du-  
vida, fazer-se admirar de algumas se-  
nhoras que estavam no outro lado da sa-  
la, correu a contar-lhes algumas baga-

relas insipidas. Chegou a hora de se retirar; e Floriant, aproximando-se da senhora de M., lhe agradeceu vivamente o obsequio que lhe fazia em conservar Felicia na sua casa até ao seu casamento: o que não poderá ser demorado, continuava elle, por que estou certo que ella m'adorará. A senhora de M. sorrio-se, e lhe respondeu que ella não o duvidava, mas que o prazer de ter em sua casa a menina Floriant, lhe fazia desejar a tardança d'essa epoca. Elle apenas a ouviu, porque estava entretido a compor a gravata, diante de um espelho.

Finalmente, depois de dizer a Felicia que a queria ver no outro dia, saiu mui satisfeito de si mesmo. Depois que se havia declarado o meu casamento com a filha do ministro, eu estava muitas vezes em sua casa; e aquella noite foi uma dessas. Tambem foi nessa mesma noite que elle vos apresentou á sua mulher, continuou o conde dirigindo-se ao duque de Valhadolid. Sendo da mesma

tendo os mesmos gostos e o mesmo desejo de nos ver, vós sabeis que desde esse momento nós ficámos ligados pela mais estreita amizade. Pouco tempo depois, tornamo-nos inseparáveis. Mas voltemos áquella feliz noite, que me fez conhecer duas pessoas, que devião ter tanta influencia sobre mim. Quão curta ella me pareceu! e quanto deliciosa foi para mim o resto da noite, pelas recordações que me occuparão! Não me enganei com os sentimentos que Felicia me inspirava, e em breve confessei que Armanda jamais m'ahavia feito experimentar eguaes. Tudo em Felicia respirava franqueza, alegria, vivacidade; tudo n'ella era amavel. Eu não podia suppor que Armanda fosse menos bella; mas tambem tinha notado que Felicia era mais bonita. Em fim desde aquelle momento eu não pude mais arrancar do meu coração a sua imagem querida; e se continuava a ir a casa da senhora de M. não era já por Armanda: só Felicia occupava a minha imagina-

ção. Todavia, reflectindo sobre o meu dever, fiquei atterrado com a ideia de que o meu amor poderia ser contrario á virtude. Havia feito promessas a Armanda, e os meus principios me fazião uma lei de as cumprir. Desde então julguei não poder sustentar a minha paixão sem uma criminosa indulgencia, e quiz tomar a resolução de combater as minhas mais caras affeições. Mas ah! como conhecia eu pouco a natureza do coração humano! Um olhar de Felicia destruiu todo o edificio que minha coragem havia fabricado em sua ausencia; quando a via só pensava na felicidade de estar junto della. Mas ao menos condemnava a minha boca a um eterno silencio; e sem um acontecimento que me seria impossivel prever, Felicia ignoraria sempre que ella possuia só todo o meu coração.

Ao cabo de algum tempo percebi que Armanda andava triste, penosa, e extremamente fria para comigo. Mas, eu o confesso, dava-me tão pouco cuidado



esta mudança, que não me dei ao trabalho de me queixar; contudo, brevemente soube a razão; e eis aqui como: Um dia que eu, Felicia e Armanda fomos passear ao jardim, insensivelmente caíu a conversação sobre o amor. Ah! dizia Felicia rindo-se, havia de-me custar muito se tivesse essa molestia; e o meu caro tio trabalhará de balde, porque nunca m'a pegará. Vós não tendes razão em o não amar, disse Armanda, o marquez é quem mais vos convem.

— O marquez! gritei eu repentinamente. Ah! senhora, não penseis nelle. — E porque? senhor, diz asperamente Armanda. Conheci a minha doidice, e fiquei mudo.

— Respondei, me repetia Felicia divertido-se com o meu embarço, do qual ella não podia desconfiar a causa. Porque é isso? estais arrependido de tomar o meu partido contra a minha cara Armanda, e quereis fazer-lhe crer que não tendes nenhuma razão capaz para sustentar o que acabais d'avançar!

Vamos, continuou ella alegremente, visto termo-nos encontrado no ponto essencial, eu exijo de vós, senhor, que nos digais se os nossos motivos são os mesmos. Ella acompanhou de tanta graça estas palavras, que me foi impossivel conter-me. Ah! querida Felicia, lhe disse eu com transporte, apertando-lhe a mão contra meus labios, quanto seria eu feliz se as vossas razões fossem as minhas! Apenas tinha eu cometido esta imprudencia, que Arminda, retirando com força seu braco do de Felicia, ao qual ella se encostava, exclamou: Que perfidia! quanto me sois odiosa! e lançando sobre mim vistas cheias de furor, se ausentou apressadamente, deixando-nos a ambos na mais penosa situação. Ser-me-hia impossivel pintar-vos qual foi a nossa perturbação. Eu, com a cabeça baixa, não ousando olhar para Felicia, devia parecer um criminoso que espera que se lhe pronuncie a sentença; Felicia, oppressa pela dôr, encostada a uma arvore, tinha a pallidez da morte

— ~~Armanda~~ em seu rosto. Em fim, rom-  
pendo o silencio, ella exclamou com um  
profundo suspiro: Oh meu Deus! de-  
pois levando a mão sobre seu coração  
continuuou, que fiz eu para Armanda me  
tratar tão cruelmente? ella despedaçou  
a minha alma na parte mais sensivel.  
Como! eu, trahir a amizade! — Senho-  
ra, lbe disse eu interrompendo-a e lan-  
çando-me a seus pés, eu só sou o cul-  
pado, foi a minha desventurada paixão  
que não pude occultar por mais tempo,  
que ~~causou~~ a colera de Armanda, mas,  
senhora, perdoai esta culpa involunta-  
ria ao amante mais terno, mais sincero,  
mais infeliz; e não opprímais com  
vossa aversão aquelle que é já sobeja-  
mente lastimavel, por amar sem a menor  
esperança de ser correspondido. — Le-  
vantai-vos, senhor, me diz Felicia com  
doçura e dando-me a mão, essa posição  
me humilha, eu não posso odiarvos! es-  
te sentimento é desconhecido pelo meu  
coração. Ah! que vós não sois o unico  
a lastimar, Armanda acaba de me es-

clarecer. Mas, senhor, escutai-me: não tireis nenhum partido desta confissão que a minha franqueza não vos pôde recusar. Sou amiga de Armanda, e devo tudo sacrificar, ainda mesmo a minha tranquillidade, á sua felicidade; e espero da vossa generosidade um igual esforço. Vinde, senhor, ajudai-me a abrandar Armanda, e esqueça-se para sempre este desditoso dia. — Ah! senhora! que me pedis vós? julgais que seja possível arrancar do meu coração a imagem de Felícia! — Sim, é do vosso dever, me respondeu ella com ternura. E' necessario casar com Armanda: é necessario tudo empenhar para a persuadir do vosso amor. Meu Deus! continuou ella levantando as mãos e os olhos para o céu, como era feliz no meu convento! Porque não retardarião a minha saída alguns mezes mais! — Ah! senhora, lhe disse eu, não vos pezo pelo curto espaço em que a primeira vez conheci a verdadeira felicidade. Bem basta a minha desgraça! Aqai parei um mo-

mente: como para retomar o animo de continuar, e proseguir: Pois bem, far-vos-hei a vontade; vou ter com Armanda: mas que lhe hei de eu dizer? Não é com Felicia que eu vou fallar, e sinto que me é impossivel dizer a outra que a amo. Vós pareceis offendida da minha repugnancia: ah! quanto desejára ter a vossa indifferença! — Dizei antes a minha coragem, me respondeu, Felicia com vivacidade. — Essa palavra, lhe disse eu com transporte, me restitue a minha felicidade toda. — Vós sabeis, diz ella fugindo com a mão que eu lhe queria apertar, vós sabeis o que eu espero de vós, — Ah! querida Felicia, que sacrificio! mas quanto maior, tanto mais digno se torna de vós. E' preciso, eu renuncio a minha propria vontade, vós sereis obedecida. Acabando estas palavras, ausentei-me lentamente da minha Felicia, e mandei dizer a Armanda que lhe queria fallar. Que me quer elle, disse a filha do ministro á sua criada grave? Eu não lhe

dei tempo para me despedir; porque, animado pela imagem de Felícia, que me dára aquella cruel ordem, entrei de repente, e lhe disse: Senhora, poderei li-ongear-me de que vos dignareis ouvir-me um instante. Arminda mudou de côr quando me viu. Que tereis vós para me dizer que eu não saiba já? me respondeu ella com alizez, e continuou: Não amais vós Felícia? e não tendes fingido comigo, até agora, um amor que nunca sentistes? Não, senhor, não vos canceis em me querer enganar por mais tempo. Não é só desde hoje que eu conheço a vossa perfidia. Amei-vos com paixão; mas, confesso-vos a verdade, já me não resta o menor sentimento desse amor, que, ha poucos mezes, fazia o encanto da minha vida. Renuncio-vos para sempre. Só me peza da pena que a minha conducta havia de causar a Felícia: vou-a procurar, para lhe pedir desculpa do meu proceder, do qual estou arrependida; e, para reparar a minha falta, eu vos restituo a

palavra, e desejo que caseis com Felicia. Oh céos! que bondade exclamei eu surprehendido pelo que acabava de ouvir, quem será digno do coração de Armanda? Ah! minha cara Felicia! é a Armanda que devemos a nossa felicidade. Apenas havia eu acabado estas palavras, logo percebi que Armanda me fallara assim para me experimentar: no mesmo instante mudou cem vezes de côr; a expressão de seus olhos era a mesma que eu lhe havia notado no jardim; toda ella estava em uma convulsão. Mas a admiração que ella notou em mim, a fez tornar á sua calma anterior; e, affectando um ar sereno; me disse offerecendo-me a mão: Chablis, acompanhai-me donde está Felicia; quero que sejais testemunha da nossa reconciliação. Eu estava de tal sorte attonito, de tudo o que acabava de ouvir, que me foi impossivel proferir uma só palavra; e sem saber o que fazia segui Armanda até ao jardim, onde encontramos ainda Felicia. Ella estava assen-

tada em um banco, tão entranhada em suas reflexões que chegamos ao pé della sem nos sentir.

Quando nos ouvio, voltou a cabeça; e, vendo Armanda, se levantou, dizendo timidamente: Sois vós minha cara amiga? — Sou sim, minha Felícia, diz Armanda correndo para ella com os braços abertos; venho-vos pedir que esqueçais o meu excesso. — Que dizeis? replicou Felícia abraçando-a ternamente, se Armanda ainda é minha amiga, não está tudo esquecido? — Se assim é, diz Armanda, dai-me uma prova, annullando nos meus desejos. Ao mesmo tempo, pegou na mão de Felícia, e pondo-a sobre a minha; me disse com apparencias da maior tranquillidade: meu caro conde, recebei o amor das mãos da amizade; pois vós bem sabeis que entre nós ambos já só existe este ultimo sentimento; e vós, Felícia, não vos affligais por causa de vosso tio; hei de fazer tudo o que puder para vos livrar d'elle, e estou certa de o conseguir



Felícia queria fallar, mas Amanda não lhe deu tempo; levou-nos para a sala, onde estava a reunião, e nos disse: Não é só de hoje, minha querida, que eu conheço as disposições do vosso coração; acostumada desde pequena a seguir todos os seus movimentos, não era possível que os novos sentimentos, que o agitavam, escapassem á minha penetração; mas eu confesso, continuou ella com um tom affectuoso, que a minha amizade se offendeu pela vossa falta de confiança na melhor amiga que vós tendes. Vós devíeis contar na minha ternura, e não me fazer um mysterio do vosso amor. Foi por isso, minha cara Felícia, que o pequeno pezar que vos causei era o justo castigo que a amizade vos reservava. Agora espero que não tereis mais segredo para mim, e com esta condição esquecerei que a minha Felícia teve o pensamento de me occultar as suas mais caras affeições.

Nós não podemos responder por causa das pessoas que alli estavam. Ar-

manda se apartou de nós, e Felícia me deixou para se ir sentar ao pé della. Vós ficastes admirado; continuou o conde dirigindo-se a D. Fernando, do var-sombrio que cobria a minha cara; aproximastes-vos de mim, e me pedistes que vos participasse todas as minhas magoas. Não pude resistir ás instancias de um amigo, e prometti-vos de contar tudo; aquella mesma noite em minha casa, onde vos roguei que apparecesseis o mais cedo possível, pois que eu não podia demorar-me muito em casa da Senhora de M. . . . . Dahi a uma hora vós saístes, e eu logo percebi que me híeis esperar. Poucos instantes depois segui os vossos passos; e foi então que vos abri o meu coração e recebi de vós alguns allívios das minhas penas. Vendo que tomaveis parte no que dizia, senti, pela primeira vez, a estima de um amigo, a felicidade que se goza fallando com um outro-nós. Restituistes a tranquillidade ao meu triste coração, esforçando-vos para me fazer acre-

ditar as palavras de Armanda; mas, dizia-vos eu, se tivésseis sido testemunha da sua colera no jardim, do seu furor mal-disfarçado pela resposta que eu lhe dei no seu quarto, das vistas, que lhe vi lançar sobre mim e Felícia naquella mesma noite depois da nossa reconciliação; vistas ante parócioa brilhar a colera, o ciúme, a esperança, e a vingança, oh! meu caro D. Fernando! vós compartirieis os meus temores. E que tendes a temer me respondíeis vós? Felícia depende de Armanda! Que receais de tão demasiadamente ferido para ella? ou temeis que o ministro partilhe o resentimento de sua filha, e faça cair sobre vós o peso da sua vingança? — Não, não; não é por amor de mim que eu temo a colera de Armanda, é Felícia quem me assusta. Temo que a sua rival a obrigue a casar com o marquez de Floriant: se tivésseis reparado veríeis como ella lhe facilita todos os instantes favoraveis para estreitar Felícia. Enganais-vos, me di-

zileis vós; Armanda tem demasiado orgulho para querer abertamente saltar á sua palavra. Não digo que vos sirva de boa fé, e que a sua falsidade e a sua astúcia lhe não facilitem meios para vos inquietar muito; mas vós podeis preveni-los, aproveitando sem demora a boa vontade que manifestar de vos ser útil. Obrigai Felícia a não differir por mais tempo a vossa felicidade; em quanto ao Anáquez, deixai-o por minha conta. Estou mui a bem com elle, e prometto-vos que se Armanda e Floriant tramasssem alguma coisa prejudicial a vossos interesses, em breve vós sabereis tudo; mas é de necessidade que nós não pareçamos amigos, aliás não confiaria em mim. Eu vos abracei com transporte, e promettei-vos de me guiar com os vossos conselhos. Ficamos de nos ver no dia seguinte á mesma hora, e separarmos-nos. Eu tomei animo, aprovei vossas razões, e gozei da esperança de ser brevemente o esposo de Felícia.

Estava eu perfeitamente rocegado da

parte do marquez, pois que esperava ser sabedor de todos os seus projectos. Só me embaraçava o consentimento de meu pae que não havia de ver com indifferença o meu rompimento com a filha de um ministro poderoso. Não abstante lixongeuva-me de que a muita riqueza de Felicia, que tinha mais bens do que Armanda, talvez o abrandarião, ou libertarião menos sensivel a perda do favor do ministro. Em fim esperei com a maior impaciencia a hora a que elle costumava levantar-se; entrei no seu quarto, e fiquei admirado de o ver já prompto para sair. Que é isso, tão cedo, meu pae? vós tendes negocios de bastante pressa? nunca pois saís a esta hora. — E' verdade, e custa-me bastante, me respondeu elle, mas que queres tu, aqui está um bilhete da senhora de M..., e bem ves que não posso deixar de fazer o que ella me pede. Ao ouvir o nome de M... eu mudei de côr; e, pegando do bilhete, li estas palavras: „ Por favor vos peço, senhor, que venhaís a

„minha casa sem a menor demora, por-  
„que tenho que vos fallar de negocios  
„que vos interessão muito de perto.

M....

Depois que li este bilhete, não duvi-  
dei mais que Armanda havia contado a sua  
mãe o que se passára na vespera, e que  
só chamatão meu pãe para o fazerem  
tambem sabedor. Fiquei em duvida se  
devia, ou não antecipar Armanda e sua  
mãe, prevenindo meu pãe; seria este o  
meio de o pôr da minha parte, e de frus-  
trar o golpe funesto que o odio de Ar-  
maada me preparava, mas já não era  
tempo; meu pãe desapareceu em quan-  
to eu li o bilhete; e a necessidade de me  
salvar fez com que buscasse outro meio  
de desviar para longe a tempestade que  
eu via formar sobre a minha cabeça.  
Corri a casa de D. Fernando, e lhe mos-  
trei o bilhete; elle ficou admirado do  
empento que a senhora de M.... mos-  
trava em fallar com meu pãe; aconse-  
lhou-me de fingir que acreditava tudo o  
que Armanda dissesse, e quiz que fosse

immediatamente a casa della. Recomendou-me que estivesse em casa á meia noite e me disse que fizera prometter ao Marquez, que no mesmo instante saia de sua casa, de ir vêr uma nova peça á comedia franceza. Vós concebeis, ajuntou elle, por que ajustei este divertimento, e podeis estar certo de saber noticias, ainda esta noite. Agradecei ternamente a D. Fernando, e lhe prometti de não faltar ao promettimento. Dalli fui para casa da senhora de M..., e fiquei sobresaltado de ver ainda á porta a sege de meu pae; mas muito mais foi o meu assombramento quando o vi a passear com Atminda e sua mãe. Elle parecia commovido, e beijava muitas vezes a mão de Atminda, sem que ella parecesse oppôr-lhe a menor resistencia. Logo que me viu ella se inclinou, e disse algumas palavras ao ouvido a meu pae, que, voltando-se para mim, me disse sem a menor apparencia de enfado: Oh! já cá estás, Ghahlis? Nada mais disse, despediu-se das senhoras, e ordenou ao boleeiro que tomasse o caminho de uma pequena casa.

ra, pouco distante de París, onde o ministro estava havia dois dias. Depois da sua partida a senhora de M... me saudou friamente, e me deixou só com Arminda. — Então, me dizella, logo que estivemos sós, com um ar de grande interesse, estais contente? eu acabo de vos fazer um grande serviço, vosso pae já sabe da vossa nova inclinação. — Que? fostes fallar-lhe a respeito de Felícia? — Não vos dê cuidado o que eu lhe disser me respondeu ella mudando de tom; brevemente vereis quanto póde uma mulher que vos... e, parando um instante, continuou com uma voz mais suave, que vós tendes, com muita razão, por vossa amiga. — Quiz agradecer-lhe tanta bondade, ainda que no meu interior nenhum credito desse ás suas palavras, que são pronunciadas com um accentto tão pouco de amiga. — Não vos canceis com isso me disse ella, reservai os vossos agradecimentos para quando fordes inteiramente feliz. Communiquei os meus projectos a Felícia, primeiramente; e não



quize annuir ao que eu lhe propunha; mas como ella vos ama ardentemente, não me foi difficil vencer os obstaculos que me oppunha. Por tanto deveis saber que eu vos casarei ámanhã á meia-noite. Vós admirais-vos da minha promptidão; mas, quando souberdes da desgraça que vos está ameaçando, deixareis de ser surpreso. Pensei, Chablis, que só poderia reparar a minha violencia de hontem fazendo-vos promptos serviços, e juro-vos que ao amor terço que me inspiraveis succedeu a mais pura amizade. Esta repentina mudança deve surprehender todos os que não conhecem o meu character, para o qual um sentimento, ainda o mais violento, perde todo o seu encanto, as suas illusões, e nenhum attractivo tem para o meu coração, se não é compartilhado. Em quanto me tive por amada, só o amor fazia toda a minha felicidade; dizia eu muitas vezes: Que felicidade é a minha! o homem mais amavel, o mais virtuoso, o mais terno, o unico emfim que possui o meu

coração, comparte os meus sentimentos; estou certa de ser a pessoa que elle mais ama no mundo; finalmente sou tão necessaria á sua felicidade como elle mesmo é á minha. Mas ah! conheci o meu erro, e esta illusão tão cara se desvaneceu. Mas a amizade não tem ella os mesmos encantos? e a sua duração não é mais segura que a do amor! Estou certa da vossa, Chablis: o serviço que vos faço é para mim o melhor garante. O sentimento mais caro de Armanda será repartido com vosco; porque, não vos enganeis comigo o amor jamais entrará no meu coração, e o amigo reparará as faltas do amante. Quando eu sentir alguma pena, o meu amigo participará della, me consolará pela sua ternura, me ajudará com os seus conselhos, me animará com as suas doces consolações; as minhas lagrimas não terão tanto amargor, sendo derramadas no seio de um amigo. Ah Chablis! quanta doçura tem a amizade! e quanto ella é preferivel aos tormentos inseparaveis do amor!

No fim destas palavras as lagrimas rolavam sobre os olhos de Armanda; eu estava fora de mim, segurava a mão de Armanda, rogava-a com lagrimas de ternura e arrependimento de a haver tão mal julgado; porque, naquellle momento estava eu persuadido da sua sinceridade, e não podia mais do que exclamar: Que coração! que virtude! que amiga! Toda a minha vida não bastaria para mostrar o meu reconhecimento. Armanda tomou de novo a palavra: Ainda vos não expliquei a razão porque é necessario que o vosso casamento seja prompto. Sabei que já só tendes dois dias para ver Felícia. O marquez de Floriant, offendido pela indifferença de sua sobrinha, e não podendo supportar pacientemente a preferéncia que parece conceder-vos, sobre tudo o ar smisfactorio que facilmente se lhe descobre no rosto quando vós chegais, e que succede a uma tristeza, que raras vezes a deixa, na vossa ausência; os elogios que vos dá, são tudo considerações que tem causado tan-

to-ciume ao vosso rival, que está decidido a mettel-a outra vez no convento até que consinta em lhe dar a mão. Elle espera tudo desta separação, pois não duvida que Felicia vos esquecerá facilmente, e virá a reconhecer todo o seu meracimento. Foi por elle mesmo que hontem á noite eu soube estas cousas. Logo que vós saistes, elle immediatamente me pediu para me fallar um momento em particular, e me confidou todos os seus projectos, não duvidando que sendo eu offendida como elle, compartiria o seu resentimento: por quanto, me disse elle, é impossivel que não tenhamos observado que o conde ama Felicia, e lhe dá grande preferencia sobre vos. Assim, ajuntou Floriano com fogo sendo nossos interesses os mesmos, devemos estar dispostos mutuamente a servir-los. Eu fingi de compartir o seu sentimento, continuou Armanda; e depois de uma madura deliberação, convi-mos que afastando Felicia do conde, era necessario occultar-lhe a verdadei-

ras razões deste afastamento. O ponto mais essencial da nossa condueia devia ser remover as suspeitas do espirito de Felicia; e Floriant persuadiu-se poder-o conseguir, fazendo-me suppor uma viagem indispensavel com a senhora de M... Eu devia persuadir a Felicia que as razões de familia, que nos obrigavão a fazer esta viagem, devendo tornal-a pouco agradável, nos não permitião de a convidar para que nos acompanhasse, e que então durante a nossa ausencia, ella voltaria para o seu convento. Já disse tudo isto a Felicia, e tendo-a convencido de que estando no seu convento, lhe seria impossivel ver-vos; que talvez, teria obrigada a ceder ás vivas sollicitações de seu tio, que lhe não deixaria um momento de repouso; que o unico partido que lhe restava a tomar, em um perigo tão urgente, era unir-se por laços indissolúveis, áquelle que já possuía sua coraçãõ; em fim, fiz-lhe valer tanto estas razões, que conseguí vencer todos os obstaculos que lhe inspiravão a

sua modestia, a sua timidez, e o temor de que seu segredo fosse descoberto.

Agora só me resta instruir-vos do modo que deveis conduzir-vos. Parece-me indispensável que não appareçais hoje aqui; nem tão pouco amanhã, afim de apartar toda a suspeita do espirito de Floriant. A'manhã, quando for meia noite, estareis á porta principal da igreja de São' Luiz; um homem que vos esperará vos ha de introduzir na capella, onde eu, Felicia, e uma mulher de confiança vos receberemos. Vós levareis dous amigos vossos para serem testemunhas. Depois da cerimonia, deveis deixar-nos immediatamente; e no dia seguinte, depois de ter declarado o vosso casamento a Floriant, eu vos entregarei vossa esposa, que apresentareis a vosso pae, do qual me encargo de alcançar o consentimento. Vinde, continuou ella levantando-se e dando-me a mão, vinde vós Felicia, e não omittais cousa alguma para animar a que dá este passo, que seu amor approva, mas que sua virtude muito

~~sentia~~ lhe faz chamar inconsiderada, e que me faz reccar a cada instante algum novo impedimento. Ha momentos na vida onde o espirito, absorto pelas diferentes impressões que o agitação, pede por um instante o uso de todas as suas faculdades. Uma felicidade não esperada produz o mesmo effeito que uma terrivel desgraça: então todas as faculdades do coração estão como reunidas sobre o mesmo objecto, e tanto d'elle se occupa, que nada o pôde distrair; sente que as palavras só exprimem fracamente tudo quanto experimenta, e que em vão as buscaria: então seu silencio é mil vezes mais expressivo que tudo quanto a alegria, a colera ou o desprezo podião suggerir-lhe. Neste momento experimentava eu bem toda a força desta verdade, e não podia senão apertar com ardor a mão de Arminda; puz-l'ha sobre meu coração, como para lhe fazer conhecer todas as suas dozes agitações e a cada instante me lançava a seus joelhos. Ella se interrom-

peu mais de vinte vezes para me fazer assentar. Em fim, todos os meus movimentos são os de um homem apaixonado, certo de sua ventura, tocando o feliz termo de todos os seus desejos: Felícia cobrou quando nos viu entrar; e certa de que Armanda me havia contado tudo, medisse com uma timidez e franqueza encantadora: Vós vedes aqui a pessoa mais digna de compaixão que ha, pelas irresoluções que a atormentão: — Ah! querida Felícia, lhe disse eu lançando-me a seus pés, não me tireis a vida pela terrível dúvida de não poder dar-vos o nome de minha esposa: ai de mim! se vós me amasseis. . . — Se vos amo! interrompeu Felícia com vivacidade; podereis duvida-lo? e as minhas irresoluções não vo-la proteão também! Sem vós, a idéa de dar semelhante passo entraria nunca em meu coração? Não, não, só um amor muito terno e muito vivamente sentido ha que possa fazer-me hesitar sobre o meu proprio dever. Mas não sabeis, lhe disse eu,



— dentro de dois dias seréis clautura-  
da até ao momento em que vos obriga-  
ráo a tomar o título de marquesa de Flo-  
riant? — Que tyrannia ! exclamou do-  
lorosamente Felícia. — Pois bem, mi-  
nha cara, disse Armanda, é para vos  
subtrair a tanto horror que nós vos pedi-  
mos que não differais o vosso casamento.  
— Ah, minha querida Armanda, repli-  
cou Felícia lançando-se em seus braços,  
que grande ternura é a vossa ! Vós me  
sacrificastes todos os vossos sentimentos,  
para vos occupar unicamente da minha  
ventura. — Não falléis de sacrificios,  
disse Armanda com alguma altivez: vós  
sabeis tudo quanto já vos disse ; o amor  
foi para sempre banido de meu coração ;  
a amizade sómente. . . . Um grande es-  
trondo que ouvimos á porta do quarto a  
impedia de continuar. — E' Floriant,  
disse Felícia muito assustada : eu tinha  
dito a Julia que o não deixasse entrar,  
para me evadir a todo o horror que elle  
me inspira. Cara Armanda, disse ella  
juatando as mãos, poupei-me o desgosto

de vêr o meu perseguidor. — Como, disse eu levantando-me com impaciencia, ousa elle apresentar-se no vosso quarto em despeito de vossas ordens! isto é levar muito longe a insolencia.

Acabando estas palavras, corri para o portão. — Céu! que ídes fazer, disse Felicia segurando me! Por graça, senhor, deixai a Armanda o cuidado de falar a Floriant. — Sim, disse Armanda, e lembrai-vos que da paciencia em soffrer os impetos de vosso rival, depende o effeito de nossos projectos. Sai por esta escada secreta, e fazei por que elle vos não veja. — Ao menos, querida Felicia, lhe disse eu apertando-lhe a mão contra meus labios, não me deixeis sair com a inquietação de vos não vêr amanhã na igreja de São Luiz? — Eu vo-lo prometto, me disse Felicia tremendo; sim amanhã. Sai, Chablis; por favor, sai. — E para cumprir as ordens da minha amante da minha esposa, de tudo quanto amo, disse eu com ardor, pegando novamente na mão de Felicia e cobrindo-

a de beijos; sim, é só por vos obedecer que eu não faço sentir ao senhor de Florian a indignidade de seu procedimento. — Então, me disse Armanda com impaciência, e separando-me de Felícia, porque não saís? Que loucura! E conduzindo-me ella mesma para a porta, fechou-a sobre si, dando-me palavra para lhe fallar no dia seguinte. Affastei-me com repugnancia daquelle quarto que me havia parecido o mesmo templo da felicidade, e me fechei em minha casa o resto do dia, dando ordem a meus criados para não deixarem entrar fosse quem fosse, excepto D. Fernando. Perto da meia noite, senti algum estrondo; a porta se abriu, e eu achei-me nos braços do meu amigo. Ah, querido Fernando! lhe disse eu, vindes compartilhar a minha viva satisfação? O' meu amigo! a minha ventura é chegada, meu espirito apenas pôde concebe-lo; meu coração tinha necessidade de vos participar os sentimentos felizes que hoje experimenta. Ajudai-me, meu amigo, para não mor-

rer de alegria á chegada de tanta ventura, e concebei toda a sua extensão, sabendo que amanhã desposo a minha Felícia. — Que segurança ! disse D. Fernando com ternura; e como é bem verdade que a alma se inclina sempre a crêr o que a consola !

Que me dizeis, repliquei eu com admiração? Podereis duvidar da minha felicidade? Meu amigo, replicou D. Fernando, conheço a vossa coragem nas desgraças; por isso não procuro rodeios para vos dizer que vos enganão. — Quiz interrompel-o. Escutai-me até ao fim, continuou elle, e conhecei toda a perfidia de vossos inimigos. A'manhã deveis desposar Felícia; a vossa hora é meia noite: bem vedes que eu sei tudo. Então pois ! já não será a tempo: Felícia a esta mesma hora não será senhora da sua sorte, e Floriant, por nós indissolúveis, estará unido á sua infeliz victima. — Ah Céu ! exclamei eu, trespassado de raiva; e, pegando com força na minha espada disse: eu te castigarei-

— ~~Porque~~, de teus negros projectos. D. Fernando continuei eu com impetuosidade, dissei-me odedeixastes Ploriant? — Como! me disse o meu amigo pôndore entre mim e a porta, por ventura se-reis tão pouco senhor de vossas paixões, que não possais ouvir até ao fim o que tenho a dizer-vos? — Estas poucas palavras me fizeram entrar em mim; e, lançando-me nos braços do meu amigo, lhe disse: perdoni, caro Fernando, perdoni ao meu amor. Ai de mim! continuei eu derramando uma torrente de lagrimas, sou reprehensível: e querem roubar-me tudo quanto amo? — Sim, querem, replicou D. Fernando; mas nós o preveni-  
mos: agora só se trata de moderação e de occultar a toda a gente que estais amovido. Esta noite hei-me, como vos havia prevenido, com o vosso rival. O assumpto da nova pega é uma jovem pessoa que é perseguida por seus parentes, que querem obrigá-la a dar a sua mão a um homem muito rico que apesar conhece, tendo o coração preven-

nido em favor de outrem. Ella não o pôde soffrer, seu pãe já lho apresentou como devendo ser seu esposo. Todavia a sua timidez não lhe permite desobedecer á ordem cruel de seus parentes, e se deixa conduzir ao altar; mas no momento de pronunciar o juramento fatal, perde os sentidos. Administrão-lhe todos os soccorros, volta á vida; e tendo apenas retomado os sentidos exclama como desesperada: Nunca pertençerei senão a Dorsan. Estas palavras são um raio de luz para o futuro esposo, que, não duvidando já da causa da repugnancia, que Emilia mostrava para o seu casamento, restitue a palavra ao pãe, e lhe pede que una a filha com o seu amante. O pãe não quer ceder; Dorsan, que a desesperação conduzira ao templo para ser testemunha da sua desdita, se lança a seus pés; todos lhe rogão pela felicidade dos dois amantes; finalmente, commove-se, e Dorsan e Emilia casão.

Fiquei maravilhado da attenção, do

~~interesse~~, do prazer mesmo que Floriant parecia tomar daquelle peça, quando o seu costume era não dar attenção ao que se representava; porque, persuadido que isso não era do grande tom, não fazia senão conversar, deitar o oculo e rir ás gargalhadas, embora as scenas fossem ás mais interessantes. No momento em que o rival de Dorsan implorava o pae de Emilia em favor do seu amante, Floriant exclamou: Que haizeza! Q uereis dizer, lhe perguntei eu, que, no seu lugar, vós obrariéis de outro modo? — Oh! bem differentemente me respondeu Floriant: Pois haverá maior tolice do que ser o primeiro a pedir quando vos privão de uma coisa, que *vois é* cara, e isso só para enriquecer a pessoa, que mais se deve odiar? Oh! para tal fim! continuou elle esfregando as mãos com um ar de satisfação; para tal fim, meu caro D. Fernando, vós deveis confessar que o sacrificio é um tanto duro; *em quanto* a mim, juro-vos que nunca merecerei uma similhante reprehensão.

Eu fingi pensar do mesmo modo, e, para melhor o persuadir, asseverei-lhe que me satisfaria mais a vingança tirada de um rival amado, do que a posse da mesma pessoa que eu amasse. Floriant olhou fixamente para mim, como para ler no fundo do meu espirito se eu dizia a verdade; perguntei-lhe o que queria aquillo dizer, e elle me respondeu: D. Fernando, sois meu amigo? — Essa pergunta é uma falta de amizade da vossa parte, vós não deveis duvidar d'isso? — Então, continuou Floriant, quero pedir-vos um pequeno serviço, em troca da maior demonstração de confiança que vós posso dar: mas é melhor sair; vamos para minha casa, e lá vos direi o que espero de vós. Não foi preciso que *me rogasse* outra vez, presentindo que sem duvida vós teríeis parte no negocio, e seguiu Floriant até sua casa, onde apenas eramos entrados que elle me fallou deste modo: — Estais lembrado que eu vos fallava muitas vezes de Felicia, sabeis que a amo, e que espero com impaciencia



o momento em que o seu capricho me ~~dê~~ o nome de esposo. Meu irmão, que estava na America, e que não via sua filha havia muito tempo, não a conhecia senão pelos retratos que eu lhe fazia della nas cartas. Muitas vezes elle me dizia, que sentia grande prazer á vista do interesse que eu tomava por *sua querida filha*, e me pedia de tomar sempre o maior cuidado nella, esperando mostrar-me brevemente o seu vivo reconhecimento. Eu desempenhava com gosto esta commissão; não por que eu amasse Felícia, que, naquelle tempo, era uma criança, mas para obsequiar meu irmão, que sendo muito mais velho do que eu, se havia incumbido da minha educação, e me tinha sempre tratado com a ternura de um pae. Contava eu em o ver em breve tempo na França, e elle mesmo era só ao que aspirava, mas ambos fomos enganados na nossa esperança; com vez da noticia da sua chegada, que eu esperava a toda a hora, recebi a da sua morte. Ao mesmo

tempo me foi entregue o seu testamento, no qual elle me nomeava tutor de sua filha, pedindo-me que a deixasse estar no convento até que eu lhe escolhesse um esposo. Esta nova mostra de amizade me commoveu, e prometti de pontualmente satisfazer as intenções de meu irmão. Pouco tempo depois deste acontecimento fui obrigado a viajar, e estive muitos annos sem voltar a Paris. O primeiro cuidado que tive foi de ir ver a minha pupilla: tinha ella então desaseis annos; e todas as graças, que eu lho notára na infancia, estavam de tal sorte desenvolvidas que fiquei admirado. Procurei occasião de lhe dizer que, para reparar o tempo que havia perdido ausente de uma sobrinha tão amavel, viria vel-a muitas vezes; e como os meus titulos de tio e de tutor me davão toda a facilidade de o fazer, cumpri fielmente a minha promessa.

Passados alguns mezes, notei que as minhas frequentes visitas parecião incommodar Felicia; já não era a mesma,

~~que~~ no principio vinha apressadamente á grade, quando eu a mandava chamar; e sempre me fazia esperar, allegando novos pretextos para desculpar-se. Todavia não attribui esta mudança senão á extrema modestia de Felicia, que até aquelle momento não podia ter-me visto sem conhecer o meu amor; porque todas as vezes que vinha fallar-me á grade, não parecia receber a visita de um tio, de um tutor, mas sim a de um verdadeiro amante. Comtudo, para facilitar mais os meios de a ver, pedi á senhora de M..., mãe de uma sua amiga, para lhe pedir que viesse passar alguns mezes a sua casa. Felicia accceitou com grande alegria, porque não tendo nunca saído do seu convento, se promet-  
teu muitos prazeres com o seu novo ge-  
nero de vida.

Foi no primeiro transporte do encan-  
to da novidade, que a senhora de M...  
de Felicia da minha ternura, e a exci-  
tação a corresponder-lhe, dando-me a sua  
mão, ficando-lhe vêr os prazeres que

acharia no mundo, em logar da vida triste e aborrecida do convento.

Felícia pedia tempo para se decidir; e eu, continuando a fazer-lhe a corte, imaginava ainda que a modestia somente era a causa da sua indecisão; mas, o que vós não podeis conceber, é porque eu tinha um rival amado. Quanto me arrependi eu, depois daquelle momento, por ter conduzido Felícia para o mundo, antes de não ter nada a recelar de seus caprichos! Mas, podia eu persuadir-me que outro teria a preferencia, e não devia eu julgar melhor do gosto de Felícia? Ah! já não é tempo, e só segurando melhor a minha ventura para o futuro, é que posso reparar o passado; e brevemente se poderá julgar qual teve mais astucia, se o conde de Chablís, ou o marquez de Floriant. — Como! lhe disse eu fingido admiração, será possível que o conde de Chablís seja vosso rival? Mas isso não pôde ser; elle casa daqui a quinze dias com a senhora de Blésac. — Todos julgão que

~~minha~~ é, respondeu Floriant, excepto a companhia da senhora de M..., que não pode vêr Chablis e Felicia sem descobrir-lhes o segredo; e confesso-vos que me admiro que vós tambem não tenhais feito a mesma observação. Mas, lhe disse eu, Armanda deve estar furiosa; pois o ama com paixão.— E' verdade, felizmente, porque vingando-se ella me serve; e eis aqui o modo porque conseguiu persuadir a Chablis, que o seu amor se mudára na amizade mais terna; e, para lhe dar a maior prova, ella lhe fez crer que lhe facilitará os meios de desposar Felicia; porem era difficil induzi-la a dar este passo. Armanda tirou todas as difficuldades assustando-a, e fazendo-lhe temer que eu a fôrçasse a dar-me a mão, e persuadindo-a de que a minha intenção era mettê-la no convento até a esse instante, e que ella tinha tudo a temer de minhas violencias, de minha colera e de meus caprichos; em fim, ella a decidiu, e todos tres ajustarão de se achar ámanhã na igreja

de São Luiz. Agora julgai para que fize  
teve Arminda tanto trabalho, e facil-  
mente adivinhareis que em lugar de  
Chablis se substituirá o feliz Floriant.  
Então! que vos parece? continuou elle  
esfregando as mãos. Esta peça já não é  
nova, e o pobre Chablis não será bem  
digno de compaixão, por vir com o fo-  
cinho enfarinhado, e não achar nin-  
guem! Quanto á minha bella, disse el-  
le levantando-se, passeando e olhando-se  
nos espelhos, eu lhe farei ouvir a razão,  
e isso será o menos difficil do negocio.  
Eis aqui pois o servigo que eu espero de  
vós: preciso duas testemunhas, já te-  
nho uma, e vós sereis a segunda. Con-  
to com vosco, meu caro D. Fernando,  
disse elle; e eu o certifiquei que estava  
encantado desta signal de amizade, e  
lhe prometti de estar ámanhã ás dez ho-  
ras na igreja cujas portas me serão  
abertas pronunciando o seu nome. Até  
áquelle momento não tive animo de in-  
terromper D. Fernando; a narração de  
tanta perfidia me havia aniquilado: com

os olhos fixos sobre a boca do meu amigo, o ouvido attento, agarrando com ansia cada palavra daquelle cruel discurso, que se imprimia como settas de fogo em meu coração opprimido, estando todas as faculdades da minha alma como oppressas pelo peso de uma desgraça tão grande e tão inesperada, eu guardava o silencio, e parecia esperar ainda alguns detalhes sobre uma tão negra cabala. Finalmente, saí deste estado terrivel de estupidez e de horror, e, recobrando o uso da falla, exclamei com o jaccento da desesperação: Felicia! vós sereis vingada; o cruel Florian e a execravel Arminda serão punidos de seu projecto execrando; eu vos arrancarei de suas cruéis mãos! — E que pretendeis fazer, me disse D. Fernando? — O que pretendo fazer, respondi eu com furor! amanhã, D. Fernando, amanhã vai decidir-se a minha sorte; amanhã Florian ou eu deixarei de existir. — Sempre impetuoso, replicou com dogura D. Fernando, e é assim que em lugar de

adiantar seus negocios os atrazão, e que, bem longe de tomar uma determinação favoravel a seus interesses, servem utilmente seus inimigos. Acreditai-me, meu caro Chablis, não vos decideis no fogo de vossas paixões; porque ellas vos serão sempre prejudiciaes. Mas vós não me entendeis (em quanto elle me fallava assim, passava eu a passos largos, com os maiores signaes da mais viva agitação); vós não escutais D. Fernando, sois surdo á voz da amizade: por favor, meu amigo, promettei-me de ter moderação, e eu vos darei um meio seguro e inevitavel de confundir vossos inimigos e de ser perfeitamente feliz. — Não ha mais do que um, repliquei eu, é desposar Felicia. — Na verdade, é esse mesmo, e o seu bom exito depende de vós; porém é necessario ter muita paciencia, astucia e moderação: sereis vós capaz de tudo isto, e quereis seguir os conselhos de vosso amigo? — Sim, quero, respondi eu enternecido de tanta amizade; e pegando-lhe nas mãos que



ternamente apertei nas minhas, lhe disse: Sim, meu caro D. Fernando, eu vo-lo juro; digei-me o que é preciso que eu faça? — Se isso assim é, me disse o meu amigo fazendo-me assentar, sustentais a vossa palavra, amanhã sereis o esposo de Felicia. Armanda vos deu a hora da meia noite, e ella ajustou com Floriant de se achar ás dez horas na igreja de São Luiz. O lugar da reunião é o mesmo; a differença está só na hora. A capella deve estar pouco allumiada, a fim de que Felicia não perceba o engano; e, para melhor a enganar, Floriant deve estar coberto com um grande capote, e não deve tirar o seu chapéo senão no acto da cerimonia, tendo cuidado naquelle instante, de desviar a cabeça de modo que Felicia não possa ver inteiramente. Deste modo, aquillo que elles imaginárão para fazer cair Felicia em sua laço, servirá para enganar Armanda. Para impedir, durante este tempo, que Floriant venha perturbar-nos, eu postarei homens perto da sua hospedada.

ria, que o demorarão. Quanto á segunda testemunha, não vos dê cuidado; Floriant encarregou-se de a arranjar, e seu amigo que entrará na igreja do mesmo modo que eu, vos ha de servir. Vós deveis ter cuidado de lhe não fallar, a fim de não ser reconhecido. A' porta da igreja estará uma sege para vos receber, e, no tempo que eu heide entreter Arminda e o amigo de Floriant, vós fareis subir para ella Feliciã, e ireis ambos para uma herdade que tenho no Maine, para deixar passar a vossos inimigos o primeiro fogo da sua colera, e para fazer entrar vosso pae em vossos sentimentos. Tende cuidado de lhe não dizer nada disso, no caso que elle volte amanhã; pois temo que elle entre tambem em tudo isto. Acabando estas palavras, D. Fernando se levantou, e, sem querer escutar os transportes do meu reconhecimento, saíu lembrando-me as minhas promessas de moderação, e certificando-me que me viria buscar antes das dez horas da noite.

As differentes sensações, que eu tinha experimentado havia dous dias, me fatigáram de tal sorte, que meus sentidos carregados concedêrão ao sono algumas horas de repouso, que meu espirito atormentado lhe recusava. Logo que acordei, perguntei se meu pae voltára. Disserão-me que o não tinham visto desde a véspera do dia em que elle partiu muito cedo para casa da senhora de M.... A sua ausencia não me deu cuidado; pois seria-me-hia impossivel occultar-lhe a desordem que o projecto de D. Fernando espalhava em meu espirito. Aquelle dia me pareceu de uma longura espantosa; cada hora era um seculo de tormento; passeava a passos largos no meu quarto, tendo sempre o relógio na mão, e os olhos continuamente em cima; vinte vezes abri a porta com intenção de ir contar tudo a Felícia: porem fui sempre impedido pelo receio de encontrar a senhora de Blesac, que, vendo que eu já estava instruido, não deixaria de achar meios para me roubar a minha Fícia.

As representações de D. Fernando, a palavra que me dera de me unir a aquella mesma noite a tudo o que eu amava; me impedirão tambem de escutar meu resentimento de vingança contra Floriant. Em fim, no meio destas cruéis agitações, a hora marcada chegou, e o meu amigo com ella. Elle me disse entrando: Não perdamos tempo; apressemo-nos; tudo está prompto. Então abraçei-o com transpôrto, e segui. No caminho, recommeadou-me que me lembrasse de tudo o que me dissera na vespera, e eu lho prometti. Estando perto da igreja, elle quiz entrar só, dizendo-me que o seguisse depois de um quarto de hora; annui ao que me propôz, e parando a certa distancia, vi abrir e fechar as portas sobre elle. Julgando ter deixado passar bastante intervallo, havi brandamente, nomeando Floriant, e um homem me abriu a porta: eu fiquei penetrado de respeito ao entrar naquelle logar santo onde reinava o maior silencio. A fraca luz de ab-

fumas alampadas, muito distantes umas das outras, apenas permittia distinguir os objectos. O socego mais profundo inflamava os espiritos daquelle divina chama que transporta nossa alma para o seio do seu creador. Penetrado de mil sentimentos religiosos, lancei-me de joelhos; e o adorei profundamente, supplicando-o de abençoar minha união com Felicia, de receber todos os meus juramentos, de apartar de nós todas as desgraças que um casamento contractado debaixo de tristes presagios parecia dever-nos prometter. Fui distrahirido desta piedosa occupação por D. Fernando, que se chegou para mim com o amigo de Floriant, e me disse: A's mil maravilhas, Floriant, ás mil maravilhas; vós estais perfeitamente bem com o vosso capote; juro-vos que a tal menina será enganada: que vos parece, meu caro collega, disse elle rindo-se ao desconhecido? não estais pelo meu voto? Elle ia responder, quando o estrondo que se fez ouvir ao pé da porta onde estavamos, nos fez calar: eu

lembrei-me que não podia ser outra pessoa senão Felícia, e ia abri-lhe a porta; porém D. Fernando me antecipou, recomendo-me novamente a prudencia. Era Felícia na verdade, que se encostava sobre o braço de Armanda, e parecia custar-lhe a andar. D. Fernando e Armanda, guiados pelo mesmo motivo, nos separão dirigindo-se para o altar: Felícia tremia toda. Armanda procurava animar-a, fazendo-lhe encarar aquelle momento como o mais feliz da sua vida, pois que em um esposo, em um amante, era tudo o que ella amava, achava um protector contra seu perseguidor. A hypocrita não julgava que tão bem dizia a verdade. Ella zombava, cruel! havia-se persuadido que a sua infeliz victimna estava no meio de seus inimigos. Logo que chegamos á capella, eu mesmo conduzi Felícia para junto do altar, onde recebemos a bênção nupcial. D. Fernando havia posto Armanda, e o amigo de Floriant assentados de maneira que lhes era impossivel verem-me.

Logo que tudo se acabou, e que por nós indissolúveis; me vi ligada a tudo o que eu adorava, ainda aos pés daquelles mesmos altares; testemunhas da minha felicidade; abaixei-me ao ouvido da minha amiga, e a conjurei, em nome de nossos juramentos; de me seguir, de se apastar da cruel Arminda, e de fugir o precipício medonho em que a queria abismar. — Que me dizias, disse Felicia, que pela fraca luz de uma vela que ardia sobre o altar, vi tão pallida como a morte? — Eu vos contarei tudo, lhe respondi eu; e levantando-me, tornei a rogá-la de me não deixar: então ella me abandonou uma mão tremula, e se deixou conduzir. Quando chegámos ao pé de Arminda, inclinei-me para lhe agradecer um cumprimento tão doce que ella nós dirigia; e confer-tando-me de lhe apertar a mão misteriosamente, atrastei Felicia. A sua timidez a tornava medrosa e tremula; porém o amor venceu seus receios. Nós ~~contámos~~ o caminho da porta principal,

em quanto Armanda, o amigo de Florian e D. Fernando nos seguirão a certa distancia. Logo que, pela grande escuridade que reinava na igreja, nos vimos fóra da vista de Armanda, eu andei com muita pressa, sostenendo Felícia em meus braços. — Que fazes, me dizia ella, e que me queres contar? — O' minha Felícia! lhe disse eu, fujamos, fujamos; não nos demoremos um só momento; talvez que n'um instante tenhamos perdido o tempo favoravel de nos escapar á raiva da implacavel Armanda: a perfida te julga nos braços de Florian. Apenas tinha eu pronunciado estas funestas palavras, que immediatamente me arrependi; a minha Felícia deu um grito doloroso, e perdeu os sentidos. Não me puz a deliberar sobre o que devia fazer em um caso tão urgente; tomei-a nos meus braços, e carregado daquelle precioso fardo, saí, e me ausentei rapidamente da igreja.

A certa distancia, em uma rua solitaria, assim como eu e D. Fernando



aguardámos, achei uma sege prompta para nos receber; entrei para ella com a minha Felicia e dei ordem ao cocheiro para apressar os cavallos. Ella não torcava em si, e eu estava na maior desesperação; parecia-me que nunca chegava á primeira posta; pedia, ameaçava, conjurava o cocheiro de se apressar, e lhe promettia uma boa recompensa; valia-me de tudo para o fazer andar mais depressa: ánalmente chegámos a uma estalagem, onde fomos um objecto de grande curiosidade para toda a gente que allí estava, e démos logar a mil estranhas conjecturas. Eu conservei-me sempre coberto com o meu capote, e o chapéo mettido nos olhos, tendo em meus braços a minha Felicia, cujo traço annunciava que ella não era uma mulher ordinaria; seus cabellos se haviam desatado, e caíam em grossos anneis quasi até ao chão; sua extrema pallidez augmentava tambem o interesse que ninguém podia deixar de tomar por uma tão linda pessoa. Quix livrar,

me promptamente de todos aquelles importunos que nos cercarão, e pedi ao estalajadeiro um quarto separado: sua mulher nos acompanhou e se me offereceu para prestar seus serviços á joven dama desmaiada. Eu lheos acceitei, e seus cuidados juntos aos meus restituirão a vida ao meu caro amor. Suas primeiras palavras, quando abriu os olhos, forão: E' tu na verdade, meu querido Chablis? Sou, sou, minha Belicia, lhe disse eu, não temas nada. — Mas onde estou? continuou ella olhando para um e outro lado. Deos! ainda não ha mais do que um instante que eu estava com Chablis nas medonhas trevas; sim, eu estava em uma igreja, e foi lá mesmo que Deos recebeu todos os nossos juramentos. Meu caro Chablis, onde estás? quizes são os cruezs que me trouxerão para estes logares? — Sou eu, exclamei então lançando-me aos seus joelhos, é o teu esposo; é . . . — Retirai-vos, replicou Belicia com pavor, retirai-vos, perfido Floriant; monstro! eu sou espo-

de Chablis; não vos chegueis para mim. Ella quiz fazer alguns esforços para tirar suas mãos das minhas; porém um segundo desmaio a não deixou; então chamei a mulher do estalajadeiro que tinha despedido quando Felicia havia recobrado os sentidos, e conseguimos outra vez restituir-lhe seus espiritos; logo que a vi fóra de perigo, retirei-me com a estalajadeira, querendo deixar-lhe tomar inteiramente o uso de seus sentidos antes de me apresentar á sua vista; mas pude vê-la com o favor de algumas fendas da porta de um quarto vizinho, donde segui todos os seus movimentos. Ella examinou novamente o quarto onde estava, foi á janella, abriu-a, fechou-a, tornou a assentar-se, e, encostando a cabeça sobre as mãos, ficou muito tempo naquella postura. Eu parecia horrivelmente de a ver assim; profundos suspiros parecião tirar-lhe algumas vezes do espantoso desvario em que estava abismada; em fim levantou a cabeça, e seus olhos estavam cobertos de

lágrimas. Ai de mim! disse ella dolorosamente, o meu caro Chablis me havia advertido ao pé do Altar, e me tinha apressado tambem para fugir: Nós só temos um momento, me dizia elle puxando-me para si; fuja-mos, fuja-mos, minha Felicia. Que é o que se passou depois daquelle instante? e como é que me trouxerão para aqui? Então ella se levantou, e tocou a campainha; eu anticipei a estalajadeira que corréra immediatamente, e, tirando o meu capote e chapéo, appareci diante de seus olhos. Felicia me reconheceu então, e contando-lhe o perigo que haviamos corrido de estarmos separados para sempre um do outro, fiz-lhe vêr a necessidade de nos ausentarmos promptamente de Paris. Recompensamos a estalajadeira, e tornamos a marchar, apressando sempre o boleeiro. Como estava com a minha Felicia, já nada temia; gozava com anticipação da ventura que me promettia o plano de vida que nos propunhamos seguir, e a cada instante me

repetia a mim mesmo que eu era amado : apenas podia eu conceber toda a extensão da minha felicidade; esquecia-me do mundo inteiro. Foi no meio destes sentimentos deliciosos que nós chegámos ao castello de D. Fernando, que achámos de um gosto extremamente moderno, moveado com a maior elegancia, e provido de tudo quanto pôde tornar agradável a residencia do campo. Entre outras muitas cousas havia uma excellente livraria. O criado grave de D. Fernando, que, encarregado de suas ordens, havia prevenido a nossa chegada, nos conduziu para o mais lindo quarto do castello, aquelle mesmo que se destinava para Felicia. Logo que alli entrámos, entregou-me uma carta de seu amo, e sem esperar a resposta, retirou-se e tomou o caminho de Paris. Abri a carta immediatamente, e nella achei estas palavras escritas pela mão do meu mais íntimo amigo.

CARTA DE D. FERNANDO AO CONDE  
DE CHABLIS.

« Todos os meus criados tem ordem  
» de vos olhar como donos dessa casa,  
» e da vossa amizade espero que obra-  
» reis como tal: Já mandei levar mu-  
» sica, uma harpa e um piano, para  
» distrahir a Condessa, que, sei, gos-  
» ta muito destes instrumentos: e vós  
» achareis tambem, ao lado da biblio-  
» theca, uma officina de pintura cheia  
» de tudo o que é necessario a esta arte  
» que vós tanto cultivais. A Condessa  
» achará no seu quarto tudo quanto lhe  
» for necessario; lembrando-me que es-  
» tariais muito occupado com vossos crue-  
» is cuidados, para cuidardes destas pe-  
» quenas cousas, encarreguei-me de tu-  
» do isto com muito prazer. Adeos, fa-  
» zei meus respeitosos cumprimentos a  
» vossa amavel esposa: estai ambos so-  
» cegados; o vosso asylo não pôde ser  
» descoberto. Os meus criados julgão

« que sois meus parentes, e vos conhe-  
« cem debaixo do nome hespanhol que  
« nós convencionámos. Ainda vos torno  
« a dizer, adeos; contaí que logo que  
« possa sair de París, corrirei ao cas-  
« tello de...., aos braços de meus a-  
« migos. »

D. FERNANDO.

Nós ficámos intimamente tocados de tanta amizade, que lhe fazia prevenir até os nossos menores desejos. Logo depois vimos entrar successivamente todos os criados de D. Fernando, que vierão pedir-nos que os empregassemos no nosso serviço. Nós os recebemos com muito amor, e por isso elles nos servirão com um zelo extraordinario. Eis aqui, disse o Eremita, demorando-se alguns minutos (como não podendo deixar sem pena esta passagem da sua narração), eis aqui a época mais feliz da minha vida. Estavamos no principio da primavera, e eu e a minha Felicia gozavamos esta delicia inexplicavel de vêr tudo renas-

cer em a natureza : os jardins se aformo-  
seavam, uma nova verdura vinha tapi-  
zar bosques sempre frescos, cercados de  
fontes de uma agua extremamente cla-  
ra e limpida. Os canteiros cobertos de  
flôres espalhavam nos ares o mais suave  
cheiro; o rouxinhol, por seu cantico  
melodioso, annunciava a estação dos  
amores. A natureza parecia espalhar u-  
ma nova existencia; tudo fazia esque-  
cer a triste estação que se deixava para  
traz; tudo em fim persuadia que só era-  
mos creados para ser felizes. Eu sim o  
era naquelle tempo; eis aqui porque cer-  
tamente esta dote illusão tinha feito tan-  
to progresso sobre a minha alma, que  
chegou a deixar nella a marca da ver-  
dade. Ai de mim! que já não posso  
gostiar o encanto de um tal erro! Al-  
gumas lagrimas que não pode reter, o  
impedirão de continuar, e parecia tão  
opprimido pelo peso de seus desgostos,  
que renovavão tambem sua pénosa nar-  
ração, a presença de seus antigos ami-  
gos, e a ausencia de sua filha, que D.



Fernando, e D. João lhe pedirão que lhes satisfizesse no dia seguinte a viva impaciencia que tinham de saber a continuação da sua historia, e as causas que o obrigarão a um silencio de tantos annos com seus mais intimos amigos. Depois rogarão no para ficar aquella noite no castello; mas o Conde de Chablis lhes disse que nada haveria que o fizesse dormir fóra do seu eremiterio. Vos sabereis, ajuntou elle, qual é a razão porque me é tão caro. Seus amigos não quizerão augmentar suas penas com novas instancias, e se renderão a seus desejos; mas, querendo cada um acompanhá-lo, todos o seguirão ao eremiterio, onde a conversação versou inteiramente sobre Celiza, que tinha sido roubada de manhã, e que todos esperavam tornar a ver brevemente. Os amigos de Chablis voltarão muito tarde para o castello, dormirão pouco, pensão muito no infeliz Eremita, e cada um esperou com impaciencia o dia seguinte, que devia trazer a hora da reu-

não, na qual o Conde acabaria a sua história.

Cecília foi a primeira que se levantou; tendo desejo de conversar com Izabel, a quem se affeiçãoava cada vez mais, entrou no seu quarto muito de vagar, pois não sabia se ella estava acordada, e temia de lhe interromper o sono.

Izabel não a tendo sentido, não se mexeu, e Cecília julgando-se adormecida, foi assentar-se perto de seu leito. Ainda não havia um quarto de hora que ella alli estava, quando ouvia distinctamente estas palavras que Izabel pronunciou com uma voz quasi suffocada pelos suspiros: “Onde estás, meu querido Gusmão? que fazes longe da triste Izabel?” Neste momento, Cecília que comprehendeu a causa da melancolia de Izabel, ficou muito perplexa; pois muito desejaria ir-se sem ser vista, e não sabia que partido havia de tomar. Pellar presentemente a Izabel, era fazer-lhe ver que estava intrahida do seu se-

medo, que de tal maneira não desejava saber, querendo obtê-lo só da sua amizade; e da sua confiança. Finalmente decidiu-se a sair tão de vagar como havia entrado; levantou-se, e tomou o caminho da porta sem fazer o menor estrondo: Cecilia estava já no meio do quarto, quando encontrando uma cadeira que a escuridade lhe não deixou distinguir, a deitou no chão. Izabel, admirada de sentir gente no seu quarto, levantou a cortina, e perguntou: Quem está lá? Cecilia viu que não podia esconder-se, e lhe respondeu docemente: Sou eu, querida Izabel. — Como! tão cedo, minha cara Cecilia! e não vos feristes! — Não, respondeu Cecilia abraçando-a ternamente; não, minha amiga. Izabel socegada sobre este ponto, fez reflexão que Cecilia tinha seguramente ouvido o que lhe escapára a respeito de Gustavo; e não sabendo como havia de esclarecer a sua dúvida, guardava o silêncio. Cecilia tratava de a apartar desta idéa, fallando-lhe da Es-

remila, e do prazer que teria em vêr Celiza. Que ventura para Cecília, continuou ella abraçando-a! que felicidades lhe estão reservadas! bem depressa estará no meio de suas duas amigas que tão ternamente ama. — Vós também amareis Celiza, minha cara Izabel, e o laço da amizade unirá nossos tres corações. — Assim o espero, disse Izabel apertando-a em seus braços, e isso é o que ardentemente desejo. Eu olho a minha entrada neste castello como o primeiro passo que dei para a felicidade. Ah! eu precisava uma amiga; continuou ella suspirando, e parando um instante; certamente, de uma amiga que lesse no meu coração, e que conhecesse todos os seus segredos; ella só poderia aliviar as penas da infeliz Izabel. Talvez que a minha Cecília, continuou ella com uma voz malsegura, talvez que a minha amiga me censurará por ter dado o meu coração a um desconhecido, que a meus olhos não tem outro titulo senão o amor, outras riquezas senão suas

virtudes, outra esperança de um futuro feliz sendo incertezas, cujas causas me tem occultado continuamente; e cujo nascimento em fim tem sido para mim o segredo mais impenetravel. Seguramente, minha Cecilia, vós estaveis aqui, quando o meu imprudente amor mo fez nomear. Izabel parou: Cecilia nada respondeu. — Se isso assim foi, replicou Izabel, dou graças ao céu, e não será uma imprudencia; pois que foi diante de vós que esse nome tão caro me escapou; isso me dará força para vos abrir o meu coração: já, minha cara amiga, tive desejo de vos fazer esta confidencia; porém o receio de que me censurariéis, pela confissão de um amor tão extraordinario, me reprimiu sempre. — Que dizeis? replicou Cecilia assentando-se sobre a sua cama, e pegando-lhe nas mãos affectuosamente. A minha Izabel poderá desconhecer a este ponto o coração de Cecilia? Ah! minha querida, confiai-me as vossas penas, e acreditai que o interesse mais terno será sempre

o sentimento que vós me inspirareis. Izabel, animada por estas poucas palavras, fallou assim á sua amiga :

Minha mãe, que perdi ha poucos annos, me amava tão ternamente que nunca quiz consentir em que me separasse della, nem ao menos que entrasse para o convento somente por alguns meses. Ella teve para com meu irmão a mesma ternura, e ambos nunca deixámos uma tão boa mãe. A morte de meu irmão, que morreu das bexigas, a mortificou tanto, que não pode sobreviver-lhe:

Na manhã desse dia funesto que me roubou as caricias de uma mãe, ella me fez chegar para o seu leito, e me dirigiu este discurso, que eu ouvi no meio das lagrimas que o seu estado me fazia derramar.

« Desejei fallar-te, minha querida filha, para te contar o que até ao presente tens ignorado, e que continuamente tem sido para mim um veneno lento, que, junto ao ultimo desgosto

» to que acabo de experimentar, me  
» leva á sepultura.

Eu não pude sustentar a idéa terrível que estas ultimas palavras me apresentavão; as minhas forças me abandonarão, e caí desmaiada sobre a cama de minha mãe. Quizerão-me tirar do seu quarto, mas ella pediu que lhe não roubassem os unicos instantes que tinha a passar com sua filha. Quando tornei em mim, achei me nos seus braços, e ouvi estas poucas palavras que ella pronunciou com afflicção : « A tua ternura, minha querida Izabel, adianta a hora fatal da minha separação. » O medico que a assistia nos impôz silencio, temendo que ella não pudesse supportar uma scena semelhante. Uma hora depois, o doutor se mostrou tão sensivel, que lhe deu licença de me fallar, de baixo da condição que não nos demoraríamos mais de um quarto de hora. Logo que estavamos sós, ella me pediu que a escutasse attentamente, e continuou assim : « Deixo-te grandes rique-

zas, minha querida Izabel, e sem fallar das de teu pãe, sendo tu a minha unica herdeira, és uma morgada das familias mais ricas de Hespanha: porrem todas estas riquezas, não as olho como devendo-te pertencer inteiramente, os filhos de meu irmão devem gozal-as tambem; mas eu não sei o que he feito delles? obrigados a fugir com seu infeliz pãe e sua virtuosa mãe, á ira de uma cruel madrasta, pôde ser que elles fossem envolvidos na desgraça de seus páes, que dizem forão assassinados nos Alpes; com tudo este facto não he certo, e eu exijo de ti, minha querida filha, que lhes restituas todos os seus bens, se conseguires descobril-os. Tambem quero que me promettas de ajuntar os teus cuidados aos de teu pãe para conseguires o que te peço; e se acontecer que tu cases antes desse tempo, exijo que obrigues, antes do teu casamento, a palavra de teu marido á mesma restituição. As precauções de sua inimiga são táes, que, sem a tua restitui-



ção, elles nunca possuirão cousa alguma. Minha querida Izabel, se algum dia abraçares este irmão tão ternamente amado, dize-lhe que os meus dias serão envenenados pela lembrança de seus males; que empreguei até á minha ultima hora todos os meios de lhe fazer justiça; que a minha Izabel se encarregou de executar aquillo que as mais vivas instancias, as supplicas mais ternas, as lagrimas mais amargas não poderão nunca obter de nossa implacavel madrasta. » Ella ia continuar, mas o medico que entrou neste momento a impediu, e me rogou para eu mesma lhe pedir que não fallasse mais. Então pelo ar do doutor, pareceu-me que minha mãe estava peor; pois elle se assentou ao pé do seu leito, e não lhe deixou o pulso um só instante: eu estava de joelhos do outro lado, com a boca posta sobre o braço que ella tinha livre, esperando que logo que saísse da grande somnolencia em que caíra, se acharia mais alliviada: eu apenas respirava;

com os olhos fitos continuamente sobre os do medico, seguia todos os seus movimentos. Finalmente ella deu um profundo suspiro, e disse com uma voz fraca : « Meu querido D. Fernando! muito feliz seria eu se ainda uma vez te visse antes de expirar. » Ainda não tinha bem pronunciado estas ultimas palavras, quando o medico me fez signal para me retirar daquelle leito de morte. Eu o entendi, e gritei que nada haveria que podesse arrancar-me dalli : ao mesmo tempo lancei-me sobre o corpo inanimado de minha mãe, que reguei com as minhas lagrimas, e pedi encarecidamente que me deixassem ao pé de seus preciosos restos; porem não me escutárão, e separárão-me por força daquillo que eu tinha mais caro.

Levárão-me para o meu quarto, onde tiverão muito trabalho para me restituir os sentidos de um segundo des-mato muito maior do que o primeiro. A presença de uma senhora Franceza, amiga de minha mãe, que estava, as-

sim como eu, inconsolavel desta perda terrivel, deu algum allivio a meu coração despedaçado. Ella misturou suas lagrimas ás minhas, e eu senti naquelles momentos de horror todo o prego de uma alma que sente nossas penas, que as sabe compartilhar, e cuja sensibilidade parece fazer-se um dever de consolar os desgraçados, arrogando-se, se é possivel fazer-se, todos os seus males. Esta mulher que possui qualidades tão raras, chama-se a senhora de St.-Albant; terá quasi triata annos : a um espirito amavel ajunta uma affabilidade encantadora; a um coração muito terno, todas as graças da figura; e a uma razão a mais perfeita, uma indulgencia extrema, que faz o encanto da sociedade. Ella se faz amar de todos aquelles que a conhecem; a sua companhia é procurada com cuidado; recebe muita gente, e a sua casa é olhada com razão como a mais agradável de Madrid. No meio de todos os prazeres que se achão reunidos em casa desta amavel Senho-

ra, ella só é infeliz; e suas penas segundo todas as apparencias, só deverão acabar passados longos tempos. A senhora de St.-Albani é a esposa de um homem indigno d'ella, mas que possui toda a sua ternura. Um escritor faceto disse : Que muitas vezes as melhores mulheres amavam os mais máos sujeitos. A minha infeliz amiga, cedendo ao poder do amor, que então favorecia a vontade de seus pais, deu sua mão a um homem cuja leviandade, vaidade, insensibilidade, e immoralidade fazem o tormento da sua vida. O Senhor de St.-Albani corresponde com uma dura indifferença á ternura de sua mulher; em todo o anno apenas a vê quatro vezes, e isto é sómente para lhe dar as ordens mais despoticas; tem um gosto particular em lhe contrariar todos os seus gostos, e a sacrifica sempre ás suas paixões. Comtudo seu orgulho se lisongeia com os elogios que todos fazem a sua mulher : elle quer que a sua casa em Madrid seja gabada pelo seu luxo

e por um grande concurso de visitas; exige tambem de sua mulher que dê bailes, symphonias, e que tenha todos os dias grandes assembleas. A minha amiga, sempre affavel, terna e condescendente, a pezar de ter necessidade e gostar do retiro, fez-se uma lei de seguir os desejos de seu marido; e só a sustem a esperanza de o vêr um dia voltar para ella, de o illustrar sobre os seus deveres, e de o curar de seus erros; mas, ai de mim! uma tal mudanca me sobresaltaria muito; porque o Senhor de St.-Albant está tão habituada ao vicio, que todas as virtudes são sómente idéas a seus olhos. O criminoso cujo coração é ainda sensivel, pôde ter esperanza de voltar á virtude; porém aquelle coração cuja alma parece morta, que nunca experimenta sensações doces, que só se commove pelos attractivos do prazer, infeliz, infeliz de um homem semelhante! Todavia o Senhor de St.-Albant sabe ajuntar aos maiores defeitos do coração, as graças mais

seductoras do espirito : elle falla com agrado, exprime-se com clareza, sua eloquencia lhe attrahe a attenção geral, e o tom persuasivo que anima as suas menores palavras, lhe concilia todas as opiniões. Seu exterior é tão agradável como seu espirito é brilhante, e com verdade se pôde dizer, que o Senhor de St.-Albent é o homem mais amavel, assim como é o mais máo sujeito. A minha amiga quereria poder occultar a todo o mundo as desordens de seu marido ; ella finge mostrar-se sempre contente, mostra em publico um semblante risonho, chama a serenidade sobre seu rosto, e só nos instantes que nós passamos juntamente ( momentos preciosos para ambas ), é que desafoga a sua dôr. Não consente que na sua presença se falle das acções publicas de seu marido, quando as não pode desculpar, ou trata de as palliar, dando-lhes a côr mais favoravel ; uma conducta tal faz que a Senhora de St.-Albent seja amada, estimada e respei-

tada de toda a gente. Agora podeis julgar, minha cara amiga, continuou Iza-bel, quanto a ternura da Senhora de St.-Albant se me tornou necessaria, e quanto todas as suas virtudes me affeiçoárão a ella. Esta boa amiga não me deixou um só instante em quanto meu pae não chegou : ella mesma me deu os meios de o consolar da sua duplicada perda; em fim tornou-se para mim uma segunda mãe.

Meu pae, que conheceu quanto a companhia de uma tal mulher era necessaria a uma joven creatura que se achava no mundo, privada dos conselhos de uma mãe, auxiliou a minha inclinação, e entrou em todos os meus sentimentos. Eu estava quasi sempre com a senhora de St.-Albant : raras vezes me vião sem ella; e se eu não podia assistir a qualquer divertimento, que ella quizesse dar, já estava transtornado; se queria fazer uma festa, eu era sempre consultada, e o meu gosto decidia de tudo. Finalmente não obstan-

te a differença de idades, nós eramos íntimas amigas. Foi em casa della que eu vi Guzmão, continuou Izabel corando, e o conheci de um modo bem singular. Guzmão era agradecido á minha amiga, ainda mesmo antes de a conhecer, e suas maneiras amáveis lhe conciliárão depois toda a sua amizade. No mesmo dia que pela primeira vez o vi, aconteceu, fóra do meu costume, que só muito tarde é que pude ir á casa da senhora de St.-Albant; eu estava na minha carruagem com aquella senhora que hontem visteis, e que sempre me tem acompanhado desde a minha infancia. Quando entrei no patéo do palacio, vi uma sege rodeada de archotes, na qual estava um homem que parecia ter perdido os sentidos; informei-me do que aquillo era, e me disserão que era o senhor de St.-Albant que estava ferido gravemente. Então desci sem demora da minha carruagem, prohibindo inteiramente que informassem a senhora de St.-Albant desta desgraça, e mandei



buscar um cirurgião. Chegando-me para o senhor de St.-Albant, vi ao pé d'elle um mancebo o mais formoso possível. Vendo que não era do conhecimento da minha amiga, lembrei-me que seria algum amigo de seu marido, e não sei porque motivo esta idéa me causou pena; pois porque razão me occuparia eu das relações de um incognito? Elle me saudou e me olhou com uma especie de admiração; eu mostrei dar-lhe pouca attenção, e mandei que levassem o senhor de St.-Albant para o seu quarto, que felizmente era muito distante do de sua mulher. Em quanto não veio o cirurgião, fizeram-lhe respirar alguns espiritos, que lhe restituíram os sentidos. Fitando os olhos sobre este mancebo que nos havia seguido, e que lhe havia prodigalizado todos os seus cuidados, elle lhe deu a mão, e lhe disse com uma voz fraca: Por favor, senhor, digei-me a quem sou devedor da vida..... O reconhecimento mais terno.....

Senhor, interrompeu vivamente o desconhecido, não falleis de reconhecimento; eu sou muito feliz por me servir tão bem o acaso, pondo-me no estado de vos salvar das mãos dos vós assassinos. Neste momento, o cirurgião chegou; então fiz alguns movimentos para me retirar, que fizeram que o senhor de St.-Albant me visse, e perguntou logo quem eu era. Seus criados lhe responderão que era eu que tinha mandado buscar o cirurgião, e que era a mais íntima amiga da senhora de St.-Albant. Depois pediu-me mil perdões de todos os meus incômodos, informando-se se a sua mulher sabia tudo o que se passava, e mostrou ter desejo de a ver. Eu lhe disse que ella ignorava ainda a sua desgraça; que a sua extrema sensibilidade me fizera temer de lhe contar. As minhas ultimas palavras o fizeram corar; contudo socegou, e me agradeceu novamente. Saudei-o, assim como também o estrangeiro que pareceu ter pena de me ver partir; e, depois de ter recomen-

mandado a um criado meu dê-me vir contar o que o cirurgião dissesse das feridas do senhor de St.-Albant, fui para a sala. Muito me custou a occultar a minha commoção: felizmente a minha amiga, entretida com uma partida de jogo, não deu por isso. Pouco tempo depois vierão chamar-me; era para me contar o resultado da visita do cirurgião, que assegurava que as feridas não eram mortaes, e que brevemente estaria curado. Isto socégou-me, e me decidiu a contar á minha amiga o que se passára. Logo que toda a gente saiu, e que nós estivemos sós, disse-lhe que o senhor de St.-Albant estava em sua casa. — Ai de mim! me disse ella tristemente, de que me serve estar tão perto d'elle, para sentir mais a sua indifferença? Então, minha querida Izabel, perguntou elle ao menos por mim? — Perguntou, sim, lhe disse eu. — Céos! que dizeis, exclamou ella ajuntando as mãos?... Será possível que elle fallasse em mim?... Mas por-

que, se assim é, porque não vem elle? Ah! se eu não temesse de lhe desagradar, correria ao seu quarto; ha tanto tempo que o não ví! mas ir lá... sem ser chamada;... é impossivel. — Escutai, lhe disse eu, e dai graças a Deus de uma desgraça que talvez produzirá um grande bem. Então lhe contei tudo o que sabia da aventura de seu marido. Ella esteve vinte vezes a ponto de desmaiar. Finalmente, não podendo conter-se mais tempo, levantou-se precipitadamente, e correu ao quarto de seu marido, pedindo-me que a acompanhasse. Quando ella o viu pallido, abatido, com um braço ligado, e no abatimento de um homem que extremamente padece, não pode occultar suas lagrimas. Elle a recebeu muito friamente, e pareceu pouco commovido dos sinaes da sua ternura. A minha amiga lhe disse que desejava acompanhal-o toda a noite; elle lhe respondeu que podia fazer o que fosse do seu agrado; e sem lhe agradecer a-

quella nova attenção, felicitou-a de ter uma amiga tal como eu. Como já era muito tarde, retirei-me, irritada contra o senhor de St.-Albant, lamentando a sorte da minha sensível amiga, e lembrado-me muito do joven incognito. No dia seguinte muito cedo, a senhora de St.-Albant mandou buscar-me. O estado em que a achei me despedaçou o coração; estava só no seu quarto, toda desalinhada, e com os olhos banhados em lagrimas. Assim que me viu estranhou-me os braços, e me contou no meio de mal solagos, que depois de ter passado a noite no pé da cama do seu marido sem que elle se digna-se dizer-lhe uma só palavra, e sem querer aceitar os seus serviços (dirigindo-se sempre ao seu criado grave), lhe dissera de manhã que tendo negocios que lhe occuparão todo aquelle dia, lhe era impossivel recebê-la; que esperava que ella tratasse como devia o joven Gusmão, seu libertador, e que esperava que o fizesse lembrado á amavel Izg-

bel, a quem era tão obrigado. A minha infeliz amiga, depois de ter recebido as suas ordens, se havia retrado, deixando seu esposo com seus criados. Ainda bem ella não tinha fechado a porta, quando ouviu grandes gargalhadas, e não duvidando ser ella o objecto, fôl para o seu quarto tremendo; e, sentindo-se subjugada pela dôr, mandou pedir a seu marido que a dispensasse de receber visitas, *excepto a do joven Unz-mão*; que estava doente, e que elle lhe faria nisto um grande favor. O senhor de St.-Albani lhe mandára responder que ella devia conhecer a sua vontade, e que nada mais tinha a dizer-lhe. Neste momento, interrompi a minha amiga, e a lamentei, sem respeito, por estar unida a um tal monstro. Foi então que eu conheci todo o imperio do amor. As lagrimas da senhora de St.-Albani cessarão immediatamente; um ar de dignidade se espalhou sobre seu rosto; sua postura pareceu mais firme; pegou-me nas mãos, que apertou nas suas

ternamente, e pondo-as sobre seu coração, me disse com o som da voz mais tocante. Ah, minha Izabel! a imagem querida de meu esposo está sempre gravada neste triste coração: é lá, minha cara amiga que elle deve reinar eternamente. Não, eu não posso vê-lo tal como vós me apresentais. E' meu marido, Izabel; e como tal, tem direitos incontestáveis sobre a minha ternura; o turbilhão dos prazeres o tem afastado de mim; porém elle é muito amavel; para não ser amado de toda a gente; e não posso censurar aquelles que achão encanto na sua sociedade. Ai de mim! a minha ventura está em esperar que seus olhos se abrirão um dia, e que então conhecerá quanto vale o amor de uma mulher virtuosa, e terna. Quanto me é cara esta idea! Ah! isto não é uma illusão: repeti-me isto mesmo, minha cara Izabel (e continuando com mais vehemencia disse): Não, elle não é um monstro, e ainda nunca me arrependi de lhe ter dado o nome de meu esposo.

Izabel, um doce olhar de St. Albant faria esquecer um século de supplicios. Eu não pude conter as lagrimas, quivendo fallar assim a minha victuosa amiga : ella me viu chorar, e, abraçando-me ternamente, me disse : Jamais serás infeliz, pois que Izabel é minha amiga — Julgari, continuou Izabel, que devia apartar-me alguma coisa da minha historia, para vos fazer conhecer as raras qualidades desta mulher estimavel, que é tão infeliz, quanto é extremamente sensivel.

Cecilia mostrou a Izabel quanto estava satisfeita de a ouvir, e lhe pediu que continuasse; o que Izabel fez nestes termos : A Senhora de St. Albant e eu, tinhamo nos esquecido que a hora de irmos para a sala era chegada; e só quando ouvimos o estrondo de algumas carruagens que entravão no patéo, é que nos lembrámos da ordem de seu marido. A minha amiga, que ainda não tinha pensado em se arranjar, chamou logo as suas criadas, diante das quaes



notei que ella tomou um ar socegoado, querendo-lhes encobrir o penoso estado a que a condutta do seu marido reduzia sua alma. Por este modo, esperava ella diminuir os aggravos do senhor de St.-Albant aos olhos daquelles mesmos que etão testemunhas de suas crueldades. Poucos instantes depois, eu a acompanhiei para a sala, onde appareceu com aquelle ar nobre e affavel que nunca a deixava. Uma alegria amavel estava espalhada sobre seu semblante, e ajudava a fazer duvidar de suas penas. Fy é que só descobria, debaixo destes véos de tranquillidade apparente, um coração penetrado de mil golpes, que uma coragem mais que humana podia somente sustentar. Quando são já por se a jogar, annunciáráo D: Gusmão : a minha amiga correu a recebê-lo, e o apresentou de baixo do nome de salvador de seu marido. Immediatamente o cercááo todos, pedindo-lhe que lhes contasse como fôra o funesto acontecimento do Senhor de St.-Albant.

D. Gusmão annunciou no desejo geral com muita modestia, e passando ligeiramente sobre aquillo que lhe podia ser vantajoso, disse simplesmente, que tendo ouvido um tinido de espadas, e estas palavras: Assassinao-me, a esperanza de ser util á pessoa que acomettelão o fizera correr a seu soccorro; que a sua presenca desconcertára os assassinos, que tinham fugido; que o senhor de St.-Albant podéra nada dizer-lhe o seu nome, e o sitio onde deixara a sua sege, que felizmente era muito perto; que então, ajudado de seus criados, o trouxéra para sua casa, onde a sua fortuna lhe fizera encontrar uma dama que ia para casa da senhora de St.-Albant. D. Gusmão fallou com muito elogio desta joven senhora, exagerando excessivamente o trabalho que ella tivéra, para dar por sua ordem, um prompto soccorro ás feridas do senhor de St.-Albant. A minha amiga, que viu immediatamente que D. Gusmão me não podéra conhecer no meio de u-

mã não numerosa sociedade, o tomou pela mão e o conduzia para onde eu estava, perguntando-lhe : D. Gusmão, não é desta senhora que vós quereis fallar? — E', sim, minha senhora, replicou elle vivamente (parecendo encantado de me ver); sim, é aos cuidados desta amavel menina que nós devemos accões de graças. Eu corei extremamente do tom animado com que D. Gusmão pronunciou estas palavras. Finalmente, pozerão-se ao jogo; porem eu não quiz jogar, e notei que a minha escusa fez com que D. Gusmão se escusasse tambem; fiquei ao pé do fogão, e elle se chegou para alli; e logo que lhe pareceu que ninguem o ouvia, me disse com um ar tímido : Perdão, senhora, por tanto tempo estar nesta sala sem vos ter conhecido. — D. Gusmão, lhe respondi eu sem ousar olhal-o, parecendo muito enterreda em arranjar o lume, na verdade, vós me elogiastes muito; aquillo que fiz era tudo natural, e não merecia o menor elogio. Eloc

*glucose*, e senão replicou elle com a  
 rancidez. Ah! o maior elogia será sem-  
 pre inferior á toda quanto mereces. Fel-  
 lizmente, neste momento tive o desaso-  
 com uma tenaz em que peguei, de des-  
 arranjar de tal sorte o lume, que um ti-  
 ção foi parar muito longe da chaminé;  
 D. Gusmão correu a reparar este peque-  
 queno desastre, e chegando muitas pes-  
 soas depois de nós, interrompêrão uma  
 conversação que começava a embarçar-  
 me muito. Meu pae naquella mesma  
 dia devia vir buscar-me para irmos fazer  
 umas visitas indispensaveis: finalmente  
 elle veio, e eu fui obrigada a deixar a-  
 quella sala que para mim estava cheia  
 de um encanto até então desconhecido  
 a meu coração. Foi deste modo, conti-  
 nuou Izabel, que conheci D. Gusmão.  
 Eu o via continuamente em casa da  
 senhora de St.-Albant; e quanto eu  
 mais o via, mais qualidades descobria  
 nelle, que devião assegurar-lhe para-  
 sempre os meus mais ternos sentimen-  
 tos. Não se passou muito tempo sem que

eu descobri o seu amor, e elle mesmo fallou nisso á minha amiga : bem depressa conheceu ella que elle estava pago com a mais terna compensação. Ai de mim ! ella conheceu o meu segredo ainda antes que eu mesma o conjecturasse ; fallou-mo a este respeito, fez-me conhecer os meus proprios sentimentos, e me aconselhou que combatesse um amor que provavelmente não seria approvedo de meu pae, pois que tinha por objecto um desconhecido : Porquanto, me dizia ella, tenho feito quanto podia para saber quem é a sua familia ; tenho até mesmo chegado a prometter-lhe de servir o seu amor ao pé de vós, e de vosso pae, se elle quizesse satisfazer-me sobre este ponto ; e nunca pude tirar d'elle senão estas palavras : Vós conheceis, senhora, quanto adoro Izabel ; sabeis que nada ha que me seja mais caro, que daria a minha vida por ser amado de Izabel ; mas ah ! se só descobrindo o segredo do meu nascimento é que devo conseguil-o, é preciso que eu

renúncie a este precioso bem, pelo qual somente poderia julgar-me feliz.

Este segredo, senhora, não me pertence : jurei de nunca o descobrir; a honra me faz uma lei de ser fiel ao meu juramento, e por tanto devo tudo sacrificar, até á mesma esperança de agradecer a Izabel, antes do que trahir o meu dever. Todavia estai persuadida, senhora, que Izabel não deve envergo, não se da minha amizade? um tempo viá, eu o espero, em que me conhecereis, e então veris que não sou indigno da ventura a que aspiro. — Então, minha cara amiga, lhe disse eu interrompendo-a, não acreditais o que elle vos disse? e não o julgais de um nascimento igual ao meu? — Izabel, me disse ella, nós sempre amamos aquillo de que gostamos, e facilmente nos persuadimos quando a coisa é conforme ao nosso desejo : toda a illusão de felicidade abre uma passagem livre ao nosso espirito, porque o nosso coração está interessado : muitas vezes a nossa

imaginação nos forja quimeras agradáveis, que, não obstante tornarem-nos felizes um momento, augmentão nossas penas por sua pouca realidade. — Ah! vós duvidaís das palavras de Gusmão? lhe disse eu derramando lagrimas que não pude reter. Oh! minha cara amiga, vós me despedagais o coração. — Posso enganar-me, replicou a senhora de St.-Albani abraçando-me ternamente; sim enganar-me-hei, minha querida Izabel; e se nós devemos julgar do nascimento de Gusmão por seu ar, suas maneiras nobres, e seus grandes talentos, não podemos duvidar que elle seja de uma familia igual á vossa em nobreza e dignidade: porém muitas vezes as apparencias são enganadoras. Ah! minha querida Izabel, que tormentos scrião então os vossos, por ter entregado o vosso coração a um homem ao qual nunca poderíeis estar unida, e que seria tanto mais indigno de vos possuir, quanto elle tivesse abusado da vossa inclinação para vos enganar! — Pels

havia minha cara amiga, repliquei eu com coragem, riscarei a sua imagem de meu coração; liatarei de esquecer até o seu mesmo nome; mas, ai de mim! quanto será isso custoso á triste Izabel! Mas porque razão, continuei eu com uma especie de enfado, se Guzmão fosse realmente o que quer parecer, e que elle me amasse verdadeiramente, queteria arriscar-se a perder o objecto que elle diz ama mais no mundo, e guardar um silencio tão pestinaz? Não, não, elle fallaria, e me descobriria seu nome: seu amor se mostraria na sua confiança, e então eu não teria vergonha de lhe confessar quanto me é caro.

A senhora de St.-Albani fez quanto pode para me fortificar nas minhas novas idéas. Ella amava D. Guzmão, mas a mim amava-me muito mais; e o mysterio do seu nascimento lhe era suspeito para me li-cingear em minhas esperanças. Em fim, eu me achei depois desta conversação em estado de ver Gus-



mas debaixo das apparencias da minha  
indifferença; mas, aí de facto, para is-  
to era necessario que o meu coração ap-  
roximas os esforços da razão! Gusmão  
pareceu feição da minha mudança, e  
se abandonou sem reserva á mais severa  
melancolia: algumas vezes eu o surpre-  
endi com os olhos fixos nos meus, co-  
mo para ler nelles a causa da minha  
indifferença; outras vezes procurava  
com grande empenho as occasiões de es-  
tar só comigo; mas eu soube evitá-las  
sempre com destreza. A minha conduc-  
ta em fim parecia por-o em desespera-  
ção; observei os seus menores movimen-  
tos, e o meu estado não era differente  
do seu. Naquelle tempo, com pouca  
differença, o senhor de St.-Albant res-  
tabeleceu-se de suas feridas: durante a  
sua doença, a sua conducta tinha sido  
sempre a mesma, isto é, que estando  
na mesma casa em que estava a sua  
mulher, elle nunca a via, prohibindo-  
lhe sempre debaixo de qualquer pretext-  
o a entrada no seu quarto. Logo que

se achou em estado de poder sair, desapareceu de casa como antes do seu accidente, e continuou a estar apartado da minha sensivel amiga, que elle tornava a mais feliz das mulheres. Quantas vezes, chorando no meu seio, ella me disse: Minha querida Izabel, o que mais me custa é estar no mundo! Ah! porque não estarei eu no fundo de um retiro, occupada inteiramente de St.-Albani e de minhas desgraças! Lá poderia derramar lagrimas, que adocicem a amargura de meu coração; mas este allivio me foi roubado: é preciso que eu devore meus choros no meio dos prazeres que me são importunos. Ah, St.-Albani! volta para mim, ou deixa-me a liberdade de gemer sobre a tua indifferença. Os desgostos da minha amiga me affligião sensivelmente, e muitas vezes me tiravão a faculdade de demorar o pensamento sobre minhas penas secretas.

Contudo Gusmão havia sido apresentado a meu pae pela senhora de St.-

Albani, que lhe contára que ella devia ao seu valor a vida de seu marido. Aquelle fulto de Gusmão lhe ganhára a amizade de meu pae : porém pouco a pouco conheci que a sua alleição diminuía para elle; e parecia tão profundamente occupado, que nunca fallava em Gusmão diante de mim.

Um dia que nós estávamos sós na sala, elle me disse com um ar serio: Minha querida filha, tenho a fallar-te de um negocio que me interessa muito, porque tu és o seu objecto. Aqui meu pae parou : o tom meio terno, meio severo com que elle pronunciou estas palavras, me assustou excessivamente. Eu ia pedir-lhe que continuasse, quando a chegada de Gusmão m'o impediu. Assim que o viscorei de vergonha, e meu pae sem duvida notou o meu embaraço; mas felizmente Gusmão não mostrou tel-o conhecido. Elle me saudou com o interesse mais terno; e depois de ter fallado em cousas muito indifferentes, caiu a conversação insensi-

velmente sobre a necessidade que a gente moça tem de viajar. Meu pae sustentava que um manuebo cuja educação fôra bem velada, podia tirar grande vantagem de suas viagens. Visitando diferentes paizes, dizia elle, instraim-nos mais seguramente de seus costumes, de seus usos, e de suas leis; deste modo podemos estar mais ao alcance de julgar da bondade ou dos erros do nosso governo; e não é segundo os arrebatamentos de escritores alguma vezes muito parciaes que se censura o que se deve louvar, ou que se louva o que se deve censurar. Guzmão era do mesmo parecer de meu pae, e fallava a este respeito com muito espirito e exactidão. O Duque parecia ter prazer em o ouvir; e, fazendo-lhe um comprimento lisonjeiro a respeito de seus conhecimentos, lhe disse que elle havia adquirido a maior parte delles viajando. Guzmão lhe respondeu que passára a sua infancia em Portugal, que depois percorriêra a Escocia, a Irlanda, a In-

glatteria, e que a sua intenção era, deixando a Hespanha, ir á França. — E contaís demorar-vos ahí muito tempo, perguntou meu pae! — Não, senhor, respondeu Gusmão, tornarei a ir para Portugal. — Certamente vós tendes lá os vossos parentes! — Sim, meu pae, e uma irmã, que amo ternamente. Vós fareis attenção, minha Cecília, que era a primeira vez que ouvia dizer a Gusmão que elle tinha pae, e uma irmã.

Vós sabeis quanto desejava ouvir-lhe fallar de seus parentes; e por isso facilmente podeis imaginar com que interesse eu escutava esta conversação: — Vósso pae! Sois Português, D. Gusmão? Gusmão nada respondeu, e o Duque continuou: Terei muito gosto de o conhecer. Brevemente conto ir a Portugal com a minha filha... — Comigo, meu pae! Sim, replicou elle muito friamente, sem mostrar que conhecêra a minha surpresa. E' para terminar um negocio, que espero terá bom éxito; e continuando a fallar de Gusmão: Eu desejaria muito

conhecêr vosso pae, e creio que Izabel também estimaria de ter amizade com vossa querida irmã. — Terei muito gosto nisso, replicou eu vivamente. — Ah, senhora! disse Gusmão com o accento mais terno, conhecer-vos seria para minha irmã a maior ventura. Sim, o cumulo da felicidade, mas... — Mas repetiu meu pae; e porque esse mas, D. Gusmão? Gusmão, a esta pergunta, pareceu turbado. Elle me olhava com inquietação, e parecia temer que a sua resposta me desagradasse: parecendo occupado de pensamentos muito tristes, e não sabendo, certamente, como havia de satisfazer á pergunta de meu pae, continuava a guardar o silencio. Então meu pae lhe disse com um tom inteiramente indifferente: Perdoai-me, D. Gusmão, se o desejo de conhecer vosso pae me fez commetter uma indiscrição. Estas poucas palavras, e o desgosto de que estava penetrada, e que era facil de notar sobre o meu semblante, fizeram, segundo creio, que Gusmão fallasse. Se-

nhor, lhe disse elle, não chameis indifferença a um signal de bondade com que tanto me honrais; eu espero que ainda um dia os meus parentes poderão mostrar-vos tambem a sua gratidão. Esta resposta era pouco satisfactoria, e confirmou meu pae na opinião desfavoravel que tinha da familia de Gusmão.

O Duque mudou de conversação, que se tornou depois muito indifferente; e despedindo-se Gusmão de nós, eu pedia meu pae para que me contasse qual era o negocio de que me principiára a fallar antes da chegada de D. Gusmão, qual era tambem o motivo da nossa viagem a Portugal, e finalmente, por que razão tinha elle differido até então de me instruir de tudo isto. Meu pae assentando-se ao pé de mim, me disse: Se há mais tempo o não fiz, Izabel, é porque estava impedido pela incerteza de ser bem succedido em um projecto ao qual ligava a felicidade da minha vida; achava inutil fallar-te de uma coisa que talvez não devia ter logar. Mas agora que na-

ja mais espero senão o teu consentimento para ver effectuadas as minhas esperanças, não duvido, minha querida filha, que o darás com satisfação; porque, certamente, tu não queres fazer a infelicidade de teu pae?

Sim, minha querida filha, continuou elle, foi por conhecer o amor que me tens, que eu me persuadí que tu cumpririas com alegria os ajustes que por ti fiz com o filho de D. João, meu intimo amigo. — Ah, céos! exclamei eu dolorosamente, meu pae, tenho entendido tudo! Perdoai, minha Cecilia, continuou Izabel, perdoai o horror que me causou o receio de uma união que eu teria visto com grande contentamento, se estivesse senhora de meu coração; mas, ai de mim! naquelle momento, vós o sabeis, elle era todo de Gusmão, e a idéa de estar separada d'elle para sempre me era espantosa; por isso não me foi possível occultar ao Duque o desgosto de que fui penetrada com aquella novidade.

Meu pae me olhou fixamente duran-



te alguns instantes, mas sem nenhuma apparencia de sobresalto; e com o tom mais terno, me disse: Sim, minha querida Izabel, é de Christiano de quem te fallo, o mancebo mais amavel, o mais formozo, e o mais completo que jámaiz tenho visto. *Ha muito tempo que eu desejava a tua união com ell-*; mas Felippe IV parecia decêlido a não medar o seu consentimento. Em fim, a regente não só leva a bem este casamento, mas chama D. João do seu exílio, e lhe restitue todos os empregos que Felippe lhe havia tirado. A rainha queria que o teu casamento se celebrasse em Madrid, para ella assistir tambem; mas agradecendo-lhe esta honra, pedi-lhe que levasse a bem o fazer-se em Portugal, na terra de D. João, dando-lhe por desculpa a tua grande timidez, que te fazia preferir uma cerimonia simples a uma muito brilhante.

A rainha consentiu em tudo, e me deu a conhecer que terá muita satisfação em que este casamento se faça com

brevidade, para tornar a ver D. João, que muito estima, e a fim também que eu não esteja muito tempo ausente da corte; pois tu sabes que a minha presença é absolutamente necessaria.

Eu escutava todos estes detalhes, com o coração magoado, e custando-me muito a reter as lagrimas que sentia prestes a suffocar-me. Meu pae se demorára um instante; mas vendo que eu não tinha animo de preferir uma syllaba, continuou assim:

Tu me affliges, minha filha; e o estado em que te vejo me mostra bem que me não tenho enganado. — Ah, meu pae! exclamei eu derramando uma torrente de lagrimas, e ajuntando as mãos que estendi para elle, meu pae!... que tendes vós a exprobrar á vossa infeliz filha? — Izabel, poderás ainda perguntar-me? Lê no teu coração, e envergonha-te da paixão que tens por um desconhecido que só falla de seus parentes tremendo. — Ceo! exclamei eu cobrindo o semblante com as mãos. — Minha que

rida Izabel, continuou meu pae com aternura, eu não te affligirei com cruéis exprobrações; mas pensa um instante em teu impaciente amor: tu não me concedeste a tua confiança, e sómente depois de alguns dias é que tenho lido nos teus olhos os teus sentimentos. Gusmão já não os ignora, e tem a certeza de ser amado. Ah, minha querida Izabel! que vergonha! a filha do Duque de Valhadolid entregar seu coração a um desconhecido cuja origem se não conhece, nem seu verdadeiro nome! Minha querida filha! faz reflexão por um instante sobre a tua desgraça; se ainda amas Gusmão, faz por esquecer-o, e promette-me de cumprir a palavra que dei para a tua felicidade. — Ah, meu pae! lhe disse eu não procurando de lhe occultar minhas lagrimas, concedei-me uma só graça; e concedei-me oito dias para me preparar para esse casamento. Ah, de mim!... depois, eu vos acompanharei para Portugal, e então cumprizei os contratos que vós fizestes por vossa filha. Apenas ti-

nha eu acabado de dizer estas palavras, que meu pae me abraçou ternamente, prometendo-me de não fallar na viagem senão depois de oito dias; e vendo que eu desejava estar só, elle me deixou com um ar muito satisfeito. Ah, minha querida Cecilia! continuou Izabel, foi então que senti toda a força da minha paixão por Gusmão, a pena que teria em me separar d'elle para sempre, e a importância da promessa que acabava de fazer a meu pae, promessa que, na minha desesperação, me parecia impossivel de cumprir. Não vos descreverei tudo o que sofri durante aquelles oito dias. Ai de mim! eu não sei como lhe pude resistir. Na vespera da minha partida, a senhora de St.-Albant trouxe-me uma carta que Gusmão lhe havia escrito: o estado em que ella me via lhe fez tanto dó, que não pôde recusar-me a leitura da carta.

Gusmão lhe fazia as mais ternas despedidas; pedia-lhe por favor que me fallsse d'elle: dizia-lhe que eu nunca sabe-

ria até que ponto era adorada do infeliz Cusnã. Ai de mim! senhora, continuava elle, conheço bem que outro qualquer logar que habite a senhora de Valhadolid me será insupportavel; com tudo, é preciso que daqui me ausente. Ah! quanto esta ausencia me será horrorosa! Receio que na minha volta Iza-bel tenha contratado algum casamento: grande Deos! se assim acontecesse eu morreria. Um boato surdo me diz que o Duque a quer casar: é verdade, senhora? e ser-me ha preciso levar a cruel certeza de uma desgraça eterna? O duque já me não quer receber em sua casa: certamente elle sabe que adorô Iza-bel. Não lhe agrado, está persuadido que sou indigno da sua alliança; se elle soubesse . . . . mas devo calar-me. Quanto me custa, grande Deos! Ah, senhora! eu espero que a filha de Valhadolid ainda estará livre quando eu voltar; então, se ella me conceder seu coração, estou certo do consentimento de seu pae. Elle lhe fallava de-

pois da sua viagem á França, onde devia, dizia elle, demorar-se um mez, no fim do qual tornaria a passar á Hespanha. Ai, de mim! minha Cecilia, este mez já passou, e eu ainda não tive noticias de Gusmão, enganar-me-hia elle? Ah, céo! quanto esta idéa é penosa! Mas não, eu não posso crel-o, Gusmão é incapaz de semelhante baixeza. Todavia, para que me havia de elle occultar um segredo que tanto convém á minha ventura? Ah, Gusmão! muito receio que esta reserva nos seja funesta a ambos. Izabel não pode acabar estas palavras sem chorar. A amavel Cecilia lhe alimpou as lagrimas, tomando-a em seus braços. Ah, minha Cecilia! lhe disse Izabel, que allivio experimento por vos ter aberto meu coração! Na verdade, a vossa ternura me fará achar minhas penas menos dolorosas; esquecerei no vosso seio os desgostos terriveis que me devorão. Vós me dizeis algumas vezes que Gusmão me ama sempre; minha alma abraçará com

alegria esta idéa encantadora, e então eu serei menos desgraçada. As duas amigas tornarão-se a abraçar, e Izabel terminou assim a sua historia.

Eu vos dizia pois, minha querida amiga, que a senhora de St.-Albant me mostrou a carta de Gusmão, para aliviar meus cuidados, pois meu coração o accusava de se ter esquecido de mim.

Meu pae tinha pedido á senhora de St.-Albant para nunca me fallar deste estrangeiro, e até áquelle instante, ella havia cumprido exactamente a sua promessa; porém não pode resistir mais tempo á minha supplica e me disse que todos os dias o via, e que elle todos os dias lhe fallava em mim; tambem me disse que Gusmão tinha ido muitas vezes a casa de meu pae, mas que nunca o deixáram entrar allegando-lhe sempre differentes pretextos. Finalmente disse-me, que elle se decidira a partir para a França, onde seu dever o chamava; mas para onde o receio de se apartar de mim lhe havia até então impedido de

fr. Gusmão instou muito comigo, disse a minha amiga, para saber se era verdade que o Duque vos queria casar: eu lho dizia, se soubesse que isso era um meio de descobrir seu nome; porém eu o conheço muito bem, e estou persuadida que o receio desta desgraça, que para elle é a maior, lhe não faria faltar á honra, que parece fazer-lhe um dever de se calar. Assim, Izabel, occultei-lhe o vosso casamento, e o deixei partir com a lisonjeira esperança de vos achar livre quando voltar.

Minha querida amiga, que fizestes? lhe disse eu. Ah! parece-me que nós saberíamos o nome de Gusmão. — Não, nunca, Izabel, replicou a senhora de St.-Albani, Gusmão nunca preferiria a sua felicidade á honra. Eu me rendi com as suas razões, e ella fez quanto pode para me fazer olhar o meu casamento com menos terror. Nos dias antecedentes, e sem eu o saber, tinha a minha amiga trabalhado muito para dissuadir meu pae desta união; mas não



obtendo cousa alguma, tomou o único partido que a amizade lhe podia offercer; ficou toda a noite comigo, e não me deixou até que entrei para a carruagem; então quiz-lhe dizer ainda uma vez adeos; mas vi-a ir para uma sala que nós deixavamos, com uma mão sobre seus olhos e outra sobre o coração. Eu quiz descer para lhe dar um abraço, e meu pae me não deixou, e me disse que devia poupar a sensibilidade da minha amiga; e ordenando ao cocheiro que fizesse andar os cavallos, partimos immediatamente.

Ah, minha querida amiga! que partida, e que posição era a minha! Ausentar-me para sempre do unico homem que eu podia amar! pôr entre elle e mim uma barreira insuperavel, com um casamento que eu detestava! e para cumulo de desgraça, estar separado de uma amiga tão ternamente amada, que era a minha unica consolação, o meu unico apoio, e na qual achava aquella coragem de que tanto necessitava, e da

qual perdi toda a idéa, logo que a não tive ao pé de mim! Vós julgais, minha querida, qual devia ser o meu desgosto, e quanto a nossa viagem foi triste! Depois de tres dias de jornada, achei-me tão doente, que foi preciso parar-mos na primeira estalagem. Meu pae mandou buscar os medicos da cidade mais vizinha, e eu não pude continuar a jornada senão depois de tres semanas de demora naquella estalagem. Meu pae não pôde occultar-me a sua inquietação, e pareceu-me decidido a não concluir o meu casamento, se eu continuasse a ter-lhe a mesma repugnancia. Contudo todas as suas resoluções desapparecerão logo que me viu convalecida, e não pude resistir ás supplicas que me fez de lhe não causar a morte por uma recusação.

Eis-aqui, minha querida Cecilia, em que disposições de espirito e de coração chegámos a este castello. Confesso-vos que, apesar do meu desgosto, não pude deixar de fazer justiça a vosso amavel irmão, e de o lamentar sinceramente

por ter em mim uma mulher da qual possuiria só a estima, e não o coração. Vós sabeis o resto, minha irmã amiga, e vistes com que alegria eu soube que elle mesmo tinha o coração captivo. Mas, ai de mim! esta alegria esta satisfação, esta felicidade que experimento de ser ainda livre de minhas afeições, será de pouca duração; e meu páe, que quer absolutamente casar-me, tem já talvez achado em seu espirito aquelle que deve substituir D. Christiano.

Cecilia a interrompen, e lhe fez esperar que antes de casar receberia noticias de Gusmão. Izabel fez um signal com a cabeça, como para dizer que ella não ousava lisongear-se com o que ouvia. Neste momento vierão chamal-as para almoçar; e ellas se admirarão que fosse tão tarde. As horas passam tão depressa quando estamos com aquelles que estimamos, e quando fallamos daquillo que amamos!

Todavia era preciso ir em para o al-

moço; mas, para estar ainda um instante sós, Cecília quiz vestir Izabel, a fim de não serem incommodadas pela presença de uma criada grave; e, renovando-se mil vezes a certeza de uma amizade inviolavel, fôrão ambas para a sala, onde acháráo D. Maria e os tres amigos; que vem a ser : D. João, o Duque de Valhadolid, e o Conde de Ghablis, que elles tinham ido buscar de manhã muito cedo ao eremiterio.

Cecilia, e Izabel ficárão encantadas de vér o Conde, e o cumprimentáráo com os signaes da mais terna amizade. Durante o almoço, conversáráo a respeito de Celiza, que esperavão vér chegar antes do fim do dia, e de D. Christiano, que tinha saído tão precipitadamente do castello. Todos se lisonjeavão de os vér logo voltar, e se persuadião que Christiano teria sido muito feliz por seguir o caminho que havião feito tomar a Celiza. No fim do almoço, Cecilia pediu a D. Maria para que convidasse a companhia a ir para o ter-

ramanchão do bosque, onde, na véspera o Conde de Chablis começára a narração da sua historia. A proposição agradou a toda a companhia; porque todos se persuadirão não serem distrahiridos por cousa alguma naquelle sitio retirado, que era no fundo da tapada. Elles se dirigirão para alli; e, depois de se asentarem todos ao redor do Conde, pedirão-lhe que tornasse a começar a sua historia, que elle continuou nestes termos :

Estais lembrados, meus amigos, que eu fiquei naquella instante da minha vida, onde, só com a minha Felícia no castello de D. Fernão, gozava aquella felicidade pura de ver, de ouvir aquella cujo coração possuía inteiramente, e amava. Como esses dias, afortunados, passam tão rapidamente! Ai de mim! a felicidade se aproxima de nós lentamente; mas, para fugir, parece que toma asas.

Tinha eu imaginado, para estar continuamente com Felícia, de tornar

as nossas occupações as mesmas. Ella gostava da musica, e eu tambem quiz empregar neste divertimento uma parte do meu tempo; Felicia, pela mesma razão, desejou que eu a aperfeiçoasse na arte da pintura; pois sabia que eu amava esta arte com paixão. Assim, ora discipulos, ora mestres, estavamos encantados pela esperanza de aproveitar mutuamente de nossos conselhos.

Havia oito dias que habitavamos a-quelle agradável sitio; e ainda não tinhamos recebido noticias de D: Fernando! Felicia estava inquieta; temia que os nossos inimigos tivessem sabido o serviço que elle nos fizera, e receava que se vingassem sobre o nosso melhor amigo. Tinhamos já decidido que eu iria disfarçado a París, a fim de me informar da causa do seu silencio. Felicia me dizia: Meu querido Chablís, não te demores lá muito. Ah! se não fosse D. Fernando o objecto desta tentativa, jámais me resolveria a deixar-te apartar

de mim. O' meus amigos! exclamou um homem que entrou precipitadamente no bosque onde nós estávamos então, e que em um instante se achou nos nossos braços : meus amigos, quanto sou sensível a este signal da vossa ternura ! Comtudo, caro Chablis, continuou elle, deveis tomar mais precaução por vossa segurança. Oh ! a vossa Felicia não terá todo o interesse nisso ? Ah, D. Fernando ! disse Felicia apertando-lhe as mãos nas suas ; caro amigo ! comedes bem no meu coração ! A esta primeira commoção de sensibilidade, succedeu logo uma violenta inquietação : Felicia o rogou, tremendo, para lhe dizer sem reboço o que tinha a temer de meus inimigos. Eu fiquei penetrado do som de vez com que ella pronunciou estas palavras, e lhe disse : Para que te affliges, minha querida ? Ah ! não sou eu o homem mais afortunado ? Aquelle que é o objecto de teus caros sentimentos, poderá temer desgraça alguma ? Felicia respondeu-me somente

por um olhar cuja expressão parou sobre meu espirito; e, tendo-lhe D. Fernando asseverado que, ignorando-se o nosso retiro, não estávamos expostos a perigo algum, pareceu mais socegada, dando, assim como eu, a maior attenção á narração que elle nos fez de tudo o que se passára depois da nossa separação na igreja de S. Luiz. Logo que, depois de apertardes a mão de Armanda, me disse elle, vos ausentastes com Felicia, a escuridade era tão grande, e a igreja tão vasta, que nós vos perdemos de vista. Armanda então se levantou, e o amigo de Floriant e eu a seguimos. Um grito espantoso se ouviu no fundo da igreja; eu estremeci, reconhecendo a voz de Felicia; e, não reflectindo que lhe não corria risco algum, estando comvosco, larguei o braço de Armanda, para correr no sitio donde saíra o grito; porém ella me segurou, e, com a maior presença de espirito, me disse: — Que é isso? D. Fernando, assustais-vos? Ah! estai soce-



gado, meu caro : Não vedes, continuou ella, que este é o momento da surpresa, e que esta querida menina não pôde conceber que realmente é a marquesa de Floriant, quando se julgava a Condessa de Chablis?

Vamos, vamos, deixemos-lhe passar o primeiro fogo da sua colerasinha; asentemo-nos um instante. — Senhora, porque me não haveis prevenido! lhe respondi eu affectando o ar da maior indifferença. Na verdade, continuei depois pegando em uma cadeira, que puz ao pé da della, é mais prudente deixar a Floriant o cuidado de dissipar a tempestade que elle mesmo arranjou. — Qual seria o demo, disse o amigo do marquez, que adivinharia esta estranha idéa, de se querer fazer conhecido immediatamente na igreja? — Parece-me, replicou Arminda, que ella é que foi a causa. Floriant conhece a fraqueza d'alma de Felicia, que não pôde supportar a lembrança de offender a virtude. Elle sabe quanto ella

é afferrada a seus deveres, e com que attenção trata de os cumprir. Comtudo Floriant não pôde dissimular quanto lhe serão penosos aquelles que ella acaba de impor-se sem conhecer o seu objecto; e certamente é para a penetrar ainda mais das obrigações que ella vem de contraír, que elle quer revelar-lhe a verdade no mesmo templo do Deos que acaba de receber seus juramentos. Armanda não fallou mais, houve um momento de silencio em redor de nós, e tudo nos pareceu no maior socego. Então Armanda levantando-se, nos disse: Não é preciso mais, e parece-me que podemos ir para a minha carruagem. Nós a seguimos; e logo que ao sair da igreja pude ver-lhe o semblante á claridade de um lampião, fiquei admirado de lhe ver impressa aquella alegria que uma boa acção faz sempre experimentar aos corações virtuosos. Ah céo! me dizia eu, sua alma não deveria estar atormentada de mil remorsos? e a lembrança da victimha do seu clume não deveria en-

chela de horror? Ai de mim! onde está pois o castigo do culpado, se o seu maior inimigo não é a sua própria consciencia? e como poderemos distinguir o homem virtuoso do homem injusto, se os crimes o ultimo não espalhão sobre seu rosto uma parte do opprobrio com que cobre sua alma? Fazendo estas tristes reflexões, andámos sempre, e vimos a berlinda que Armanda deixára a certa distancia da igreja, a fim de occultar a seus criados o motivo daquelle passeio nocturno; e logo que chegámos ao pé, Armanda nos pediu que a acompanhássemos. Agora talvez penseis que, durante todo o caminho, se fallasse a vosso respeito. Armanda deixou-se levar do prazer de escarnecer de vós sobre a boa fé, da qual julgava ter triunfado. Estava persuadida da vossa desgraça; sua alegria brilhava a cada palavra. Eu fazia o meu papel o melhor possível, e applaudia a despeito meu ao seu detestavel artificio, dando graças a Deos interiormente por ter enganado seus perfí-

dos designios. Logo que chegámos ao palacio, quiz despedir-me de Armanda; mas, dando-me a mão, pediu-me que subisse a casa de sua mãe: não obstante todo o enojo que isto me causava, não pude deixar de lho fazer. Ella nos conduziu para o gabinete da senhora de M...., e a mandou avisar da nossa chegada.

A senhora de M.... velu immediatamente; Armanda contou-lhe tudo o que acabava de se passar na igreja, e ajuntou: As acções do Marquez de Floriant e de sua mulher não nos commoventem; o nosso projecto teve o melhor exito possível; elles estão unidos em quanto viverem; assim, agora, pouco nos importa.... Sim, minha filha, tudo está bem, interrompeu a senhora de M.... beijando-a ternamente na testa; tudo se fez segundo os teus desejos. — Tudo? ainda não, disse Armanda; e minha mãe deve lembrar-se que a minha palavra e a sua estão dadas. — O' minha filha! ainda me não esqueci, mas

pensa, eu to supplico, em quanto tens tempo, na dura escravidão em que te vais precipitar. Ai de mim! será preciso que a minha filha, a minha unica alegria, sacrifique assim a sua ventura a uma paixão desgraçada? — Minha mãe, que dizeis? replicou Armanda com um tom frio, socegado e firme; julgai que eu obrei inconsideradamente? Ah! não vos enganeis, e estai persuadida que só depois de maduras reflexões é que me decidi a tomar este partido. — Então bem! já que assim o queres, minha filha, disse a senhora de M...; vais achar juntas todas as pessoas que tu convidaste. Armanda pediu-nos que a acompanhassemos, e nós a seguimos para a sala. Julgai agora da minha surpresa, quando no meio de uma numerosa assembléa, vi o velho Duque de Chablis com o ministro! Eu me persuadia que ambos estavam no campo, e ignorava que tivessem vindo aquella mesma noite. Todavia eu não estava ainda inteirado de tudo, e cada instan-

te devia augmentar a minha admiração.

O velho Duque ainda bem não avis-tára Armanda, quando, apressando-se a vir ao seu encontro, se inclinou profundamente, beijou-lhe com todo o respeito a mão, fazendo-lhe um cumprimento muito terno. Ella pareceu lison-gear-se, e se mostrou tão obrigada, que o pobre Duque estava todo fóra de si. O ministro lhe disse ao ouvido : Armanda, tu temaste o melhor partido; a tua conducta me encanta; admiro a tua resolução; estou pasmado da tua coragem, e espero que o amor do pae nos vingará do desprezo do filho. A estas ultimas palavras, o furor se imprimiu sobre todas as feições de Armanda, que respondeu a seu pae assim : Estava bem persuadida, senhor, que vós me darieis a vossa approvação. Tudo isto se disse muito baixo; mas como eu estava perto de Armanda, não perdi uma só palavra.

Depois socegou logo da sua commoção, e a sua alegria augmentou. Quan-

to a mim, confessô que nunca a vi tão amavel. Fallarão da Marquessa de Floriant, e todos perguntarão por que razão ella não apparecia. A senhora de M.... instruida por sua filha, disse que seu marido a levára logo para uma quinta sua. — Grande Deus! exclamou Felicia lançando-se nos meus braços, os crueis podião persuadir-se que eu podesse sobreviver um só instante a tanta perfidia? Querido Chablis! teria pois sido separada para sempre de ti! — Meu caro amor, lhe disse eu apertando-a contra meu coração, apartemos de nós essa triste lembrança, ou quando não demoremo-nos nella sómente para amarmos mais o nosso melhor amigo, que nos salvou de uma tão grande desgraça. — Oh! na verdade, disse Felicia dirigindo-se a D. Fernando, é unicamente a vós que nós devemos a nossa felicidade. Sim, por vós foi a nossa vida consagrada para sempre ao amor, á amizade, ao mais terno reconhecimento. D. Fernando tomou parte na nossa com-

moção, e nós derramámos lagrimas de enternecimento. D. Fernando, continuou o Conde de Chabli, nos disse, que tendo-se retirado uma grande parte da assembléa, ficára sómente um pequeno numero de pessoas das mais amigas da familia de M.:... Então, nos disse o nosso amigo, tudo o que vi me pareceu um sonho: eu me apalpava, para me certificar que realmente estava acordado; porém não me podia persuadir ainda da verdade de tudo o que se passava diante de meus olhos. Era já muito tarde, e eu estava cansado, afflicto, cheio de inquietações a respeito da posição de Felícia, cujo grito espantoso havia retinido até ao fundo do meu coração; os desgostos que vós experimentaríeis na vossa fugida precipitada, as consequencias desastrosas que o vosso casamento podia ter, o desejo que tinha de saber se as minhas ordens haviam sido bem executadas; tudo em fim contribuia a tornar-me o espirito inquieto, e a augmentar a necessidade que tinha



de sair de casa da senhora de M. . . . Finalmente quiz retirar-me; mas Armanda me não deixou, e me pediu de lhe fazer o mesmo serviço que a Florian; que isto seria a ultima coisa que de mim exigia, e que depois me poderia retirar. Eu não tive tempo de lhe perguntar qual era o serviço que de mim esperava; porque o Duque de Chablis estava já perto della. O senhor, e a senhora de M. . . . e seus amigos a seguião tambem : eu fui obrigado a fazer como elles. Depois de ter atravessado muitos quartos, achámo-nos na capella, onde vos juro que fiquei como aterrorizado, vendo Armanda e o velho Duque receberem a benção nupcial. Vejo bem a vossa admiração, continuou o nosso amigo; e certamente vós não esperaveis que eu viria dizer-vos que tinheis uma madrasta, e que esta madrasta era a vossa maior inimiga. Mas escutai-me sem me interromper, pois não posso estar muito tempo convosco: todavia, torno a dizer-vol-o, estai so-

cegados, a Duqueza de Chablís ignora o lugar que habitais. Então vi, continuou D. Fernando, porque razão me havião demorado até áquella hora; e apezar de toda a minha repugnancia, foi-me preciso servir de testemunha a este casamento que detestava; porém não podia deixar de crer, que sómente a vingança, que Armanda esperava tirar por esta união, a podéra decidir a formal-a. Assim, o mesmo serão me tornava o instrumento tanto da vossa felicidade, como da vossa desgraça; que extravagancia na vida! Logo que a cerimonia se acabou, e que agradeçi á nova Duqueza a honra que me fizera de me escolher entre tantas pessoas distinctas, retirei-me com grande satisfação. O meu primeiro cuidado, assim que entrei em casa, foi conversar com um homem que encarreguei dos meus projectos a respeito de Floriant. Elle me disse que tudo se fizera segundo os meus desejos; que quando erão dez horas, vira o Marquez de Floriant sair só

de sua casa, tomando o caminho da igreja de S. Luis, e que tendo-o mostrado a seus tres camaradas, elles o haviam seguido a pequena distancia até uma ruasinha muito solitaria, que então se lançarão todos quatro sobre elle, que um lhe deitára mão á espada, outro lhe vendára os olhos, e o terceiro lhe puzera um lenço na boca; que assim, não podendo deffender-se, chamar, nem vêr o sitio para onde o conduzião, o levarão para uma casa onde devia estar até ás duas horas da manhã. Esta narração me socegou; pois estava certo que vós tinheis toda a noite de adiantamento sobre aquelles que não deixarião de mandar sobre vossas pégadas logo que soubessem da vossa fugida. Recommendei tambem ao meu homem que não deixasse de pôr em liberdade o nosso prisioneiro á hora ajustada, mormente de o tratar com todo o respeito, e de ter com elle todas as attentões e respeitos que a sua dignidade exige. Depois ordenei-lhe que me vies-

se fallar logo que estivesse livre do marquez ; e finalmente despedi-o , esperando com impaciencia a volta do carcereiro do pobre Floriant , que não tardou muito : era uma hora quando elle me deixou , e antes das tres já estava outra vez comigo. Então ! lhe disse eu , que novidades temes ? — Senhor , tudo está feito , me disse elle. Durante a minha ausencia , os meus camaradas se portarão bem. Todavia o senhor marquez não fallava em menos do que de nos mandar enforcar a todos. Quando cheguei , achei todas as cousas neste estado ; e logo que deu duas horas , supplicuei o senhor marquez de se deixar conduzir novamente , aaseverando-lhe de não ser maltratado ; pedi-lhe que nos desculpasse por obrarmos contra a sua vontade , mas que ordens superiores nos obrigavão a fazel-o assim. Cala-te , maroto , me disse elle ; põe-me já em liberdade , quando não teme a minha vingança. — Se o senhor marquez quizer seguir-me , lhe disse eu tambem , em

um instante será livre. Elle quiz questionar-me, e me disse que faria a minha fortuna se eu lhe confessasse se era o joven Conde de Chablis que tão indignamente o mandára tratar; porém, por cabal resposta, mandei-lhe tornar a pôr o lenço na boca, e, fazendo-o sair de casa, conduzi-o, depois de muitas voltas para a mesma rua onde o havíamos prendido; em seguida mandei pôr a sua espada perto d'elle, e, antes de o deixar, disse-lhe : Senhor Marquez, ides ser solto, mas isto é com uma condição : desculpai-me por ser obrigado a vol-a impor : vem a' ter que, se antes de um quarto de hora vos mexerdes deste logar, sereis morto; muitas pistolas que estão apontadas para vós serão disparadas immediatamente. Assim a vossa vida depende do bom cumprimento desta condição, que é a ultima que vos será imposta. Perdão, senhor Marquez, de tudo o que se tem passado esta noite. Lembrai-vos bem do que acabo de dizer-vos, e crêde que

nós somos homens decididos, que ainda nunca faltámos á nossa palavra. O senhor Marquez, continuou este homem, ficou intimidado do ar com que pronunciei estas palavras; e não se boliu do seu lugar: elle nos deixou todo o tempo necessario para fugirmos e nos livrar de suas perseguições, e, o que mais é, nenhum de nós teme de o encontrar; porque todos temos a certeza que nunca poderia reconhecer-nos, depois de todas as precauções que tomámos.

Comprovei em fim ao meu homem que eu estava satisfeito do modo com que elle cumprira as minhas ordens; depois de tudo isto, fiquei mais tranquillo, e tomei algum repouso. Quando eu estava indeciso a respeito do que devia fazer, tanto ácerca da duqueza de Chablis, como do Marquez de Floriant, recebi um recado da primeira, que me pedia com instancia de ir immediatamente a sua casa: e bem julguei qual era o motivo porque ella me queria ver com tanta pressa. Preparei-me nova-

mente para fazer bem o meu papel, e fui a sua casa com muita afouteza. Apenas a minha carruagem havia parado, que o mesmo Floriant veio abrir-me a portinhola. Que é isso! já de volta, meu caro Marquez! Muito estimo de vos encontrar aqui; espero que logo que a minha visita á senhora de Chablis esteja feita, tereis a bondade de me apresentar a vossa amavel esposa.

— A minha esposa! respondeu Floriant com o accento do furor reconcentrado, a minha esposa! Vinde, acompanhai-me, D. Fernando: quando vos deixei hontem, não julgava que teria de vos encontrar com cousas tão inconcebíveis; mas a Duqueza espera por nós; vinde, vamos depressa. — Que vos aconteceu? lhe perguntei eu seguindo-o; que devo crêr? quem pode por-vos neste estado? — Em um instante fides sabel-o. Dizendo estas palavras, abriu uma porta, e nos achámos no quarto da senhora de Chablis. Ella parecia extremamente inquieta, passeava a passos largos de uma

ponta do quarto a outra, e todo o seu  
ar marcava o imperio de alguma pa-  
ixão violenta sobre todos os seus espí-  
ritos. Logo que nos viu entrar, pa-  
rou immediatamente, e sem nos dar  
tempo de a saudar, me disse; D. Fer-  
nando, poderíeis nunca tal pensar? po-  
deríeis imaginar que assim sombassem  
de nós? — Senhora, lhe disse eu, tudo  
o que vejo me surprehende, é a vossa  
agitação e o desespero em que o Marquez  
está, me dizem que alguma coisa de-  
sastrosa vos aconteceu. — Como, repli-  
cou ella com impaciencia, não sabeis  
o que nos aconteceu? Floriant não vos  
contou que o joven Conde e Felicia fu-  
girão; e que tiverão a insolencia, com  
o favor de uma velhacada infame, de  
se casarem diante de mim? Sim, con-  
tinuou ella, com maior furor, a meus  
proprios olhos se casarão! . . . Neste mo-  
mento, a colera pareceu suffocal-a,  
e viu-se obrigada a pausar para poder to-  
mar respiração. Eu nunca deixei de me  
mostrar muito sobresaltado do que acá-



bava de ouvir; porém queria ainda parecer que duvidava, e dirigindo-me a Floriant, lhe disse: Como pôde isso ser assim, quando hontem, antes de dez horas e meia, ereis o esposo de Felicia? — Não me admiro, me respondeu Floriant, que Chablis conseguisse enganar-vos tão bem, quando elle conseguia, por uma astucia incomprehensivel, fascinar até mesmo os olhos penetrantes de Armanda. — Certamente replicou a Duquesa chorando de raiva, é mais que verdade, elles me apanhárão na minha propria rede: os laços que eu lhes armára para sua ruina, servirão para triumpharem mais seguramente da minha vingança. Monstros! agora estão-se rindo do cruel engano que faz todo o meu supplicio. Enlertados de sua felicidade, oão suspectar que Armanda já-mais os poderá incommodar, e contempilão com alegria, do fundo de seu retiro, a terrivel desesperação a que me reduziu a minha fatal credulidade. Grande Deos! quem me dêra saber o lugar

que os esconde a minha justa colera ! certamente não gastei muito tempo de sua perfeita segurança ; mas esse momento , assim o espero , não está longe , e é para vos pedir que nos ajudeis com vossos conselhos , D. Fernando , que vos pedi de virdes a minha casa. Então testemunhei á Duqueza que muito sensível era a este signal de confiança , e asseverei-lhe que me considerava feliz de a merecer por meus serviços. Confesso-vos que me custava muito a cobrir-me com a mascara da falsidade ; eu precisava de todos os receios que me inspirava a vossa posição , para occultar dentro em mim a raiva que a minha franqueza natural me punha a cada instante em perigo de rebentar ; mas o menor signal de intelligencia entre nós podia ser-vos prejudicial , e estava muito persuadido que a dissimulação era necessaria , para deixar de a empregar. Assim , fiz ainda mais perguntas ao Marquez , para me instruir daquillo que eu sabia melhor do que elle. Floriano

me disse que o haviam tratado indignamente; que estava bem certo que nisto tinham seguido as ordens do Conde; e depois de me ter contado tudo o que soffreu, tendo sempre cuidado de exaggerar muito todas as suppostas indignidades de que fôra victima, jorou-me, batendo com a mão na testa, que havia de tirar uma vingança ruidosa, e era necessario achar o Conde vivo ou morto. Nós fallámos muito tempo a respeito do caminho que poderíeis tomar; eu fiz quanto pude para lhes fazer persuadir que tinheis deixado a França. O marquez estava pelo meu dito; porém a duqueza nos disse, que ella ouvira dizer muitas vezes ao Conde, que um criminoso em parte nenhuma estava mais bem escondido como na sua, propria cidade; porque infallivelmente os magistrados não se persuadirão que elle poderia determinar-se a ficar em um sítio onde tanto teria a temer; que então esta cidade não sendo aquella onde elles fizessem suas pesquisas, o coi-

minoso estaria tranquillo. Segundo o meu modo de pensar, continuar a Duqueza, julga que fazemos bem de acreditar que elle esteja ainda no reino, e formarmos os nossos planos sobre este ponto. Agora vou a casa de meu paê, proseguio ella tocando a campainha: vós sabeis quanto elle e minha mãe me estimão! e então não duvido que elle tomará este negocio muito a peito, e espero dar-vos, dentro de poucos dias, boas noticias. A presença de suas criadas nos impediu de continuar; e por isso fallámos de cousas indifferentes. O Marquez e a Duqueza, reanimados pela esperança de nos descobrir, parecêrão mais socorridos; o Marquez lhe disse muitas graças, com que ella pareceu reinar-se; porém eu conheci bem que o seu espirito estava occupado de pensamentos serios. Logo que acabáráo de a vestir, fomos acompanhá-la até a sua carroagem; depois disto pretextei alguns negocios para me ver livre do Marquez, que me fez prometter de nos

tomámos a ver naquelle mesmo dia; e depois deste instante esteve sempre comigo. O que lhe torna a minha companhia tão necessaria, é a ausencia do cavalheiro de Monfort, vossa segunda testemunha, que partiu para uma viagem de muitos dias na mesma noite do vosso casamento.

Como a sua vaidade lhe não permitte de confessar publicamente que está muito escandalizado da preferéncia que Felicia deu ao Conde, elle dissimula, e diz, de acordo com a Duquesa, que o joven Conde enganou Felicia, que julgava, desposandando-o, desposar-se a elle Marquez. Algumas pessoas dão credito a estas suppostas verdades; mas aquelles que vião Felicia com o Marquez de Floriant e o Conde de Chablis não comem a peza, e muitas vezes os vejo rir debaixo de capa da fatuidade do Marquez, que o não deixa conhecer que seus cõvidados serão desprezados. Segundo estas circumstancias ficando eu só depositario de seu segredo, sou tambem o

único a quem elle dá parte de seus verdadeiros sentimentos; e posso asseverar que elles são tãoz que devem pôr-vos em cautela. Talvez que a sua grande volubillidade lhe faça esquecer pouco a pouco sua amavel sobrinha; porém não creio que esta mudança se obre tão depressa como eu desejo; porque elle amava apaixonadamente Felicia, e seu amor parece ter tomado novas forças pelas difficuldades que lhe contrapozirão, e seu furor, por Felicia e o Conde o terem enganado, cada vez é maior. Floriant está continuamente em casa da Duqueza, que é senhora absoluta em casa de vosso pae. O velho Duque julga ser amado de sua joven esposa; por isso ella faz delle tudo quanto quer. Logo que a senhora de M. . . . lhe offereceu sua filha, asseverando-lhe que depois de a ter consultado lóra em seu coração que ella preferia o pae ao filho, sua vaidade se lisongeu muito para penetrar os verdadeiros motivos da senhora de Blessac; e sua cegueira foi

tal, que sabendo do casamento e da fuga do Conde, deixou-se persuadir que fôra para se vingar da indiferença de Armanda, que seu filho procurara não só os meios de ser amado por Felícia, mas também de impedir por toda a qualidade de intrigas o casamento projectado entre o Marquez e sua sobrinha, que Armanda approvava abertamente. Como esta ultima tem tanto espirito e astucia, como maldade, fingindo tomar o partido do conde, excita cada vez mais o duque contra elle. O ministro, que vos detesta, deu ordens as mais severas para vos prenderem em qualquer parte que vos descobrirem; e para que não tenhais meios alguns de passar aos paizes estrangeiros, mandou já a todas as postas os vossos signaes e os de Felícia. Assim não tendes outro partido que tomar senão o de ficardes neste castello, onde chegastes sem perigo nenhum, e cuja posição vos põe ao abrigo de todo o receio. Eu tenho toda a confiança no meu triado

grave, que é o unico que sabe o segredo; e em quanto ás pessoas que vos servem, nada ha que recear de sua indiscreção; porque, como o castello está longe da cidade, nunca vcem ninguém, e de mais, elle vos julgão estrangeiros e meus parentes chegados, o que faz que no caso mesmo que ouvissem fallar do Conde e da Condessa de Chablis, nunca os poderiam reconhecer de baixo do nome de D. Ramiro e D. Leonor; estal pois socegados, meus caros amigos, conjuvou D. Fernandó a pertanço-nos em seus braços; gozai só a felicidade de estardes unidos; e se mais o vesso amigo, apartai para longe de vós toda a idéa triste que poder-se alterar a vossa felicidade. Ainda vol-o torno a dizer, pensai sómente na satisfação de estardes juntos, e crêde que vos olho como um deposito muito precioso que Deos mesmo me confia, e me manda preservar de todos os perigos, de todos os trabalhos e de todas as desgraças. Acabando estas palavras, D.



Fernando se levantou, e nós disse que não podia demorar-se mais um instante connosco; que uma ausência maior poderia ser notada por Floriant, e poderia dar-lhe suspeitas. Muito nos custou a rendermo-nos ás suas razões, e voltando para o castello, fomos o mais de vagar possível, de baixo do pretexto de que Felicia estava cansada; mas a dizer a verdade, era para estarmos mais algum tempo com o nosso amigo. Antes de o deixarmos, perguntei-lhe como estava minha irmã: elle me disse que meu pae havia mostrado desejo de a tirar do convento, mas sempre com a sua conclusão ordinária, se isso fosse da vontade da Duquesa; pois, diz elle, tudo o que ella quer é justo, e tudo quanto faz é bem feito. Armanda que quer subugar inteiramente seu velho esposo, pareceu encantada de achar esta occasião de lhe agradar, e está decidida a ir buscar amanhã vossa irmã Palmira. Ella asseverou ao Duque que tudo quanto desejava, era ser a mais

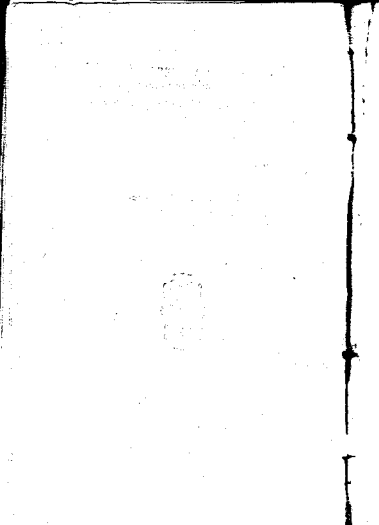
intima amiga de sua amavel filha. O Duque está muito contente por achar tanta complacencia em sua joven esposa; e sempre lhe está a dizer que Palmira ha de ter grande satisfação, por elle lhe dar por madrastra uma senhora tão amavel.

Eu não tive tempo de mostrar ao meu amigo o desgosto que senti com aquella noticia; pois estávamos no pátio, rodeados da gente do castello. Elle montou a cavallo, abraçou-me, e despedia-se de Felicia, chamando-lhe sua querida irmã (nós ajustáramos de nos chamarmos mutuamente irmãos na presença dos criados), e depois de nos ter promettido de vir visitar-nos o mais breve possível, partiu acompanhado do seu criado grave. Muitos dias se passarão sem vermos o nosso amigo, e durante este tempo, eu e Felicia nunca deixávamos de fallar delle, e de minha irmã Palmira. As minhas penas por esta erão grandes; porque, depois do que D. Fernando nos dissera, imaginava

Nel-a em casa do Duque, e a minha  
terna amizade m'a representava afflicta  
diariamente pelo geito impetioso da  
Duqueza.

Fim do Tomo Primeiro.





# O EREMITA

## DOS

### BOSQUES DE SANTAREM,

ou

### OS TRES AMIGOS.

**A** minha Felicia, continuou o Conde, punha todo o cuidado para me distrair do temor que me causava a posição de minha irmã, e me fazia esperar que, não tendo ella nunca feito coisa alguma com que Arminda se pudesse offendêr, seria tratada, se não com ternura, ao menos com aquelle respeito que lhe era devido como filha do Duque de Chablis. Uma segunda visita de D. Fernando acabou de me socegar sobre a sorte desta terrça irmã. Elle nos disse que Palmira

saíra do seu convento, acompanhada pela Duqueza; que se comportava muito bem com ella; mas que era facil de notar que a amavel deçurá, que Palmira oppunha continuamente ao character violento de sua madriasta, era a verdadeira causa da união que reinavã entre ambas. Ella está muito triste, *me disse D. Fernando, pela ausencia do seu querido irmão*; a Duqueza lhe pintou a vossa conducta com as côres mais negras; porém a ternura de Palmira nega-se a cter tudo quanto pôde representar-lhe seu irmão culpavel, e muito bem conheceu que havia mais aversão de que verdade em tudo o que lhe disse a vossa inimiga. Palmira é uma pessoa muito amavel e continuou o nosso amigo, e julgo que o Conde é muito feliz por ter uma tal irmã. — Confessai, lhe disse eu sorrindo, que mais feliz julgareis aquelle que for seu marido? — Ah! na verdade, meu querido Conde, me respondeu elle vivamente; mas quem poderá lison-

gear-se de commover o coração de vossa amavel irmã? — Minha irmã é sensível ao merecimento, lhe disse eu, e persuado-me que ella saberá distinguillo na multidão daquelles que a pretendem. Felicia, que percebeu o que eu queria dizer, e que acabava de lêr no coração de D. Fernando, disse com muita graça : Eu sou alguma cousa propheta, e li no futuro que a nossa querida Palmira consagrará bem depressa pelo mais santo contrato, os nomes de irmão e de irmã que D. Fernando nos deu pela amizade. D. Fernando não pôde conter a alegria que lhe causava esta predição; e pegando na mão de Felicia lhe beijou, chamando-lhe sua querida irmã. Eu folgava com a impressão que a minha Palmira fizera sobre seu coração. Um olhar inquieto que elle lançou sobre mim, me descobria o que pensava, e eu apressei-me a certificar-lhe que o seu casamento com Palmira remataria a minha felicidade. Então, D. Fernando, fallou, sem cons-

trangimento, de seu amor, de seus desejos, e de suas esperanças. Felícia, que ajuntava a muito espirito uma doce alegria, e uma imaginação viva e brilhante, nos fez fazer mil projectos. Aí de mim! a esperança fazia que os não tratássemos de quimeras. A loucura maior dos homens será pois acreditar sempre na felicidade!

Nós fizemos o que podíamos para demorar mais tempo o nosso amigo; porém o receio de nos incommodar por esta amavel condescendencia o arrancou de nossos braços. Poucos dias depois tornou a ver-nos, e foi então que elle me contou que o Marquez me accusára de rapto, e que, depois desta falsa accusação, me haviam condemnado á morte; que contudo o rigor da sentença commovéra Floriant, que se juntára com o Duque de Chablis para pedir ao rei de commutar a pena, devida ao meu crime, em uma prisão perpetua, o que o rei concedeu a rogos de ambos. D. Fernando me disse que estava persuadido que



nunca o Marquez commetteria semelhante excessos, senão fossem os detestaveis conselhos da Duqueza, que punha todo o cuidado em se exasperar cada vez mais contra nós. Todavia elle apartou o temor do meu castigo, assegurando-me que estavamos em segurança, e repetindo-me que só uma imprudencia da nossa parte é que poderia perder-nos. Não se passava uma semana que elle não viesse ver-nos : a sua visita era sempre por poucas horas, e isso era o que nos custava mais. Durante o tempo de suas curtas visitas, contou-me como foi o encarceramento, a prisão e a morte funesta de Cinq-Mars, e de Thou. Não vos lembrei, disse o Conde de Chablis, os detalhes daquelle triste acontecimento. Na verdade vós admirastes como toda a Europa a presença de espirito, os sentimentos religiosos e a coragem que illustrarão o fim deploravel daquelles infelizes amigos ! Ah ! sua desgraça me penetrou de dôr ; eu não podia apartar do meu espirito

a cruel lembrança daquelle cadafalso  
tinto do sangue do amavel Cinq-Mars,  
e do inestimavel Thou. Ah! de mim!  
havia já muito tempo que o meu ami-  
go não existia, e a ternura presidente  
de Fernando me havia occultado esta  
terrivel verdade. Elle se encarregára  
até então das cartas que eu escrevia a  
Cinq-Mars; porém em lugar de respos-  
ta; o meu amigo tinha a astucia de  
me trazer sempre algumas novas des-  
culpas, cuja verisimilidade bastava pa-  
ra me tranquillisar a respeito dos senti-  
mentos de Cinq-Mars.

Finalmente, D. Fernando temeu  
que eu soubesse esta noticia por algu-  
ma via estranha, e por isso elle mesmo  
se encarregou desta triste commissão.  
O meu amigo tinha pouco conhecimen-  
to de Cinq-Mars; não obstante pare-  
ceu-me extremamente commovido, fa-  
zendo-me a narração da sua desgraça;  
e, contando-me que o cardinal de Ri-  
chelleu alcançára do rei o exilio de  
quatro officiaes, seus sómente por sua

peitar que erão amigos do estêbeiro  
mór; pediu-me com instancia que vi-  
giasse mais que nunca sobre a minha  
conducta. Então, lhe disse eu, será  
uma razão sufficiente para ser culpado,  
o ter sido amigo de Cinq-Mars? Esta  
pergunta o enterneceu singularmente;  
estêve um instante calado, e fitando-  
seus olhos sobre os meus, começou a  
chornar. Contudo, vencendo esta dolo-  
rosa impressão, seu semblante appare-  
ceu mais tranquillo, e sem responder  
directamente á minha pergunta, disse-  
me com um tom socegoado, que elle  
julgava que todos os amigos do estêbeiro  
mór seriam sempre desagradaveis ao  
cardeal, e que estando este ministro  
mais poderoso que nunca, a prudencia  
devia apartar da corte aquelles que  
fossem conhecidos por amigos de Cinq-  
Mars. Por conseguinte, continuou elle  
sem affectação, felicito-me que as cir-  
cunstancias do vosso casamento vos o-  
briguem a viver algum tempo no reti-  
to. A doença do cardeal occupa todos

es espíritos; e certamente a sua morte, que se olha como próxima, fará esquecer esse desgraçado tratado feito com a Hespanha. A serie dos acontecimentos, continuou o Conde, me recordou os detalhes desta controvérsia; porque então occupado inteiramente da desgraça de Cinq-Mars, não me demorei nas tristes idéas que poderia inspirar-me a commoção extraordinária de Fernando. Felicia não reparou nisto, porque attribuindo tudo a outra causa, pensava sómente nos meios de me consolar deste terrível acontecimento. Assim, a situação de nossos espíritos ajudou D. Fernando a nos apartar de suspeitas, que a sua sensibilidade poderia fazer nascer; e depois tornando-me mais senhor de mim, esqueci-me da mais horrivel das calumnias; fiquei socego, e a espada da vingança e do terrível ciúme estava suspensa sobre a minha cabeça!

Entretanto, para me distrahir dos dolorosos pensamentos que me deixava

a lembrança de Cinq-Mars; D. Fernando me fallava constantemente de minha querida irmã; pois sabia que tudo quanto elle dizia respeito me interessava muito.

Eu via com satisfação os progressos que o amor fazia no coração do meu amigo, e desejava ardentemente a sua união com Palmira. Finalmente, ao fim de alguns mezes, Fernando nos disse que o Duque e a Duquesa annuncião á sua felicidade; tambem nos disse que, não podendo supportar a tristeza que causava a Palmira o silencio do seu irmão, elle lhe havia revelado tudo; que nós não devíamos querer-lhe realisar o que, por esta confissão, conseguia vencer os temores de minha irmã; e a determinára a satisfazer seus votos; por quanto, ajuntou D. Fernando, ella me asseverou que, não obstante a ternura que por mim sentia, nunca consentiria em dar a sua mão a um homem que insultava o integridade de seu irmão. Approvei tudo o que meu amigo fizera, e eu

câmos penetrados de alegria, pela agradável idéa de o termos brevemente por irmão. Ah! como sentimos bem naquelle momento a doçura de achar, ao accrescimento da nossa família um amigo verdadeiro! Nós lhe fizémos prometter que, logo que as festas necessarias para o seu casamento se terminassem, nos traria Palmira. Elle nos disse que essa era a sua intenção e a de Palmira, e que essa era uma razão forte para ella apressar esta união tão desejada. Esta vez nós o deixámos com menos pena; porque a idéa de o vermos unido áquellella que o faria feliz, e a esperança lisoa-jeita de apertar em nossos braços, uma irmã tão querida, excluía de nossas despedidas aquelle aperto de coração tão penoso, que o mortal sensível experimenta arrancando-se dos braços de seu amigo.

Em fim, esse dia afortunado que nos reunia a todos quatro, nós o vimos chegar. Passarei em silencio a doce alegria que experimentámos durante este curto

espaço. Palmira e Felicia vião-se pela primeira vez; porém, á primeira vista sympathisárão tanto uma com a outra, que desde aquelle instante se amárão ternamente. Felicia ía bem depressa augmentar a minha felicidade fazendo-me pae. Palmira e D. Fernando quizerão pôr o nome ao meu filho, e foi decidido que, logo que Felicia tivesse dado á luz, eu os mandaria quizar pelo seu eriado grave, que, por este motivo, ficaria no castello; precaução que julgámos necessaria para não se descobrir a nossa residencia. Poucos dias depois da visita de D. Fernando, tive a incomparavel felicidade de abraçar meu filho. Ah! na verdade o instante que nos torna pães deve ser o melhor da nossa vida; pois augmenta nossos gozos fazendo-nos experimentar um sentimento delicioso, até então desconhecido. Oh, meus amigos, eu sou bem infeliz! mas sinto ainda um momento de satisfação pensando naquelle em que puzerão em meus braços o filho da minha Felicia.

Então instruí a D. Fernando e a Palmira por via de uma carta, e elles vierão logo ao castello. Meu filho foi chamado Julio; e sua mãe, não querendo entregar o a cuidados estranhos, o criou ella mesma. Unicamente occupada de seu marido e de seu filho, a minha querida Felicia parecia esquecer que existião outros entes; felicitava-se de estar affastada do mundo: por quanto, me dizia ella muitas vezes, se estivesse no meio desse turbilhão, poderia gozar da minha felicidade? Não, certamente; a sociedade me roubaria todos os instantes afortunados que passo na solidão. Seria preciso conformarmo-nos com todos os seus usos; e então, meu querido Chablis, estarias pouco tempo com a tua Felicia; a nossa classe nos faria uma lei de receber mil importunos que nos separariam continuamente. Meu coração applaudia a tudo o que dizia Felicia; gostava uma satisfação bem doce, pensando que eu só bastava para fazer a felicidade de uma mulher tão interes-



cante; e em seus braços desafiava o cioso furor da Duquesa e do Marquez.

Todavia, D. Fernando me advertia que me acautelasse de não sair da tapada, de ter todo o cuidado com os seus criados, e de não os mandar a parte alguma, fosse qual fosse o motivo. Elle temia que os interrogassem, e asseverava-me que Armanda e Floriant nada pouparião para nos descobrirem. Fernando, e minha irmã moravão em casa de meu pae, Armanda o tinha exigido assim; pois achava em minha irmã uma companhia boa e amavel; e julgava que D. Fernando era o seu maior intimo amigo; suppondo-o meu maior inimigo: assim, por estas duas razões, temia ella de se separar de dous entes que lhe erão necessarios. Este arranjo convinha pouco a D. Fernando, e a Palmira; mas o receio de estarem separados para sempre, os fizera assentir a esta clausula de seu casamento. Comtudo elles estavão extremamente incommodados, não podião dar um passo só-

ia do palacio sem que Armanda o soubesse, e nós estávamos afflictos, porque isso os impedia de nos virem visitar mais vezes. Quando vinhão vêr-nos, era preciso dizer que fão para uma quinta que tinhão distante de Paris dez legoas: felizmente aquella quinta era na mesma estrada do Maine, e isto fazia que D. Fernando, vindo para o castello, podia demorar-se alli com seus criados; e durante o tempo que o julgavão só com Palmira, ambos se escapavão por uma porta secreta, e montavão em uma caleça que o seu criado grave tinha prompta. Era deste modo que nós gozavamos algumas vezes do prazer de estarmos reunidos.

Havia perto de quatro annos que passavamos dias felizes na nossa amavel solidão. A minha Felicia havia augmentado a minha ventura dando á luz a minha querida Celiza. Algum tempo antes, tinhamos compartilhado a alegria de D. Fernando, que era pae de um filho mais novo que Julio, alguns me-

res. O conhecimento que fizemos com um mancebo que depois adquiriu direitos eternos ao meu reconhecimento, veio também trazer ao nosso caro retiro um novo encanto. Eis-aqui de que maneira vi pela primeira vez D. João, que até agora só conhecia debaixo do nome de cavalheiro de Moberquy, e que tantos annos de ausencia não poderão riscar da minha lembrança. — Ah! interrompeu vivamente D. João, meu caro Chablis, tende piedade do vosso amigo. Vós me cortais na alma enchendo-me de affectos que não mereço. Grande Deos! é mais que verdade, fui eu que augmentei vossos desgostos fazendo correr as lagrimas da amavel Celiza, da filha da infeliz Condessa! O' meu amigo! espero que me perdoeis; mas eu, jámais, jámais... — D. João, replicou o Conde, se sois meu amigo, é preciso que m'o proyeis, não pensando, nem fallando mais desse instante de erro a que vos arrastou a ambição. Vós julgastes Celiza filha de um pobre

Eremita, e por isso querieis oppor-vos á felicidade de vossa filha! Possa este exemplo ensinar-vos a nunca mais fazer injustiças ainda mesmo ao menor dos homens; e em qualquer classe que encontrardes a virtude, sabeis tributar-lhe homenagem. Escutai os sentimentos que vos dicta o vosso coração sensível, e fareis menos sacrificios ás vaidades do mundo. Crêde, meu caro D. João, que as maximas do mundo são muito oppostas á verdadeira felicidade. Mas perdão, meu amigo: eu temo, querendo fazer-vos conhecer as verdades que a desgraça gravou na minha alma, ter tomado o tom importante que convém antes ao pedantismo do que á amizade. — Não, não, disse D. João todo enternecido; não, meu caro Conde, vós sois sempre o mesmo: vossos conselhos são cheios de bondade, de virtude, de doçura: felizes aquelles que vivem junto de vós! elles aprendem a ser homens applicando-se a tornar-se melhores. O Conde pôz a mão sobre a boca de D.

João, para o impedir de continuar louveres que lhe erão muito bem devidos, mas dos quaes sua modestia se offendia; e torcendo a tomar a sua historia na parte onde fôra interrompido, lhes disse : Certamente, meus amigos, a amizade vem ainda encher-nos de seus favores, e esta felicidade devo-a ao acaso, que me fez encontrar o cavalheiro de Moberquy em um bosque que havia no fundo do parque. Um dia, fiquei admirado de vêr um mancebo caçar nas terras de D. Fernando. Elle conheceu o seu engano no mesmo instante em que me viu; raminhou para mim com um ar nobre e de satisfação, e saudando-me com graça, me disse : Perdão, senhor, o ardôr da caça me levou mais longe do que devia ir : parece-me que já não estou nas herdades do senhor de Malbranche. — Não, senhor, lhe disse eu; este bosque pertence a um senhor estrangeiro; mas eu sou muito seu amigo, e por isso vol-o offereço para caçardes como pertencendo-vos. O cava-

Iheiro pareceu encantado da minha franqueza; e depois de me ter mostrado quanto era sensível ao meu offerecimento, pediu-me que lhe desse licença de vir vêr-me mais vezes para cultivar o meu conhecimento, e merecer a minha amizade. Um encanto irresistível me afeiçoava a elle de tal sorte, que me esqueci das precauções que me foram recomendadas, para seguir sómente a minha inclinação. Assim, sem pensar na imprudencia do meu procedimento, convidel-o a vir descangar ao castello. Moberquy accitou com alegria a minha proposição; e vós deveis julgar da surpresa de Felicia, vendo-me acompanhado de um estranho! Elle pareceu encantado da sua formosura; e a mim tomou-me por Hespanhol, e me disse que havia pouco tempo que habitava em França, mas que brevemente julgava deixal-a. Esteve quasi todo aquelle dia connosco, e nos contou que era casado, que tinha um filho de idade de tres annos; depois pareceu entetnecer-se

fallando-nos de sua mulher e de seu filho, dos quaes era muitas vezes obrigado a estar ausente. Durante o pouco tempo que estivemos juntos, conheci que o cavalheiro de Moberquy (foi assim que elle me disse se chamava) ajuntava a um espirito illustrado, vivo e brilhante, um coração bom, sensível e virtuoso. Quando se despediu de Felícia, pediu-lhe licença de a vir visitar em quanto tivesse a felicidade de ser seu visinho. Então elle nos contou que estava em casa de um seu amigo, chamado Malbráoche, que naquella occasião estava ausente. A minha esposa conhecendo o prazer que me causára este encontro, lhe asseverou que sempre que viesse seria bem recebido; mas que não gostando de companhia, e não se importando com o mundo, lhe pedia que viesse só ao castello. O cavalheiro fez-lhe uma censura lisonjeira pela amizade que tinha ao retiro; porém prometteu de se conformar com a sua vontade, e despediu-se de nós. Aquella noite se

passou a falarmos do nosso novo conhecimento; no outro dia, e nos que se seguirão, o cavalheiro nunca deixou de vir : todas as vezes que o víamos, descobríamos nelle mil qualidades que lhe asseguravão a nossa amizade, e a nossa estima. Moberquy tambem se afeiçoava cada vez mais a nós; e por isso demorava mais a sua estada na quinta de Malbranche, só para estar mais tempo connosco. Comtudo elle devia deixar-nos brevemente, e com grande pena pensavamos no instante que nos separaria de um homem, cuja amizade se nos tornára tão necessaria. Muitas vezes íamos sair-lhe ao encontro; e ajuntando-nos no bosque onde primeiramente o vi, voltavamos todos para o castello. A nossa conversação versava sempre sobre objectos interessantes, taes como a vida dos homens grandes, as leis que erão mais convenientes aos diferentes povos, a sabedoria e os vícios dos melhores governos. Outras vezes ou fallavamos da botanica, outras, fazia-



nos entre todos tres um lindo concerto. Felicia, que era muito espirituosa, e tinha muitos conhecimentos e talento, tomava parte nos nossos prazeres e os tornava maiores.

Um dia que, segundo o nosso costume, estavam no bosque á espera do cavalheiro, ouvi chamar por mim com furor, e reconheci a voz do Marquez de Floriant que se lançava sobre mim com a espada desembainhada. Felicia deu um grito espantoso; e, puxando-me para ella com força, deu tempo ao cavalheiro, que naquelle momento se ajuntava connosco, de segurar o braço do Marquez, que, com a raiva no coração, se voltou precipitadamente, e, lançando-se sobre o cavalheiro, lhe meteu a espada no corpo. No mesmo instante Moberquy caiu; e a sua espingarda, embaraçando-se com a queda, desparou-se, e feriu o Marquez, que perdeu os sentidos.

Tudo isto se fez antes de um minuto. Eu corri para defender o meu amigo,

mas elle e o meu inimigo parecião já sem vida. Então disse a Felícia que chamasse promptamente alguém para nos soccorrer, e durante este tempo, tratei de estancar o sangue daquelles dous infelizes, que, sem se conhecer acabavão de se dar o golpe da morte. Ah! como naquelle momento, me exprobrava amargamente, por ser a causa de tal desgraça, ainda que innocente! Felícia veio com quatro homens do castello, e nós lhes ajudámos a transportar o cavalheiro, e o Marquez. Quando entrámos no parque, encontrámos D. Fernando: julgai qual seria o seu espanto, vendo Felícia e a mim, pallidos, desfigurados, occupados a dar soccorros a dous homens que levavão em macas, banhados em sangue, e que parecião mortos! Ah, céos! exclamou elle, o Marquez de Floriant! Eu tinha o coração tão trespassado, que não pude dizer uma palavra: apertei-lhe a mão, e olhando para o cavalheiro, novas lagrimas inundarão minhas faces. Oh meu

Deos! quem é este mancebo? continuou elle. — Vós o sabereis, disse Felicia, e ordenando aos mogos que apressassem o passo, continuámos a marcha em silencio. D. Fernando parecia impaciente por saber deste desastroso acontecimento; mas julgando bem que nós não podíamos fallar diante de tantas testemunhas, não nos fez pergunta alguma. Assim que chegámos ao castello, achámos, o cirurgião da cidade visinha, que Felicia mandára chamar. Elle sondou as feridas, e depois de as ter examinado bem, disse-nos que não havia remedio para aquelle que recebera o tiro de espingarda, que estava carregada com baia; e que brevemente expiraria; quanto ao outro, que a ferida não lhe parecia mortal. O Marquez foi o primeiro que recobrou os sentidos: elle olhou muito tempo em redor de si, e pareceu chamar suas idéas. Eu ouvi-o gemer no quarto visinho, onde estava junto da cama do cavalheiro. Grande Deos, quanto padego! dizia elle com

um accento doloroso; e a cada instante se interrompia : Mas onde estou? Neste momento; seus olhos se fitarão sobre D. Fernando, e sua voz se animou : Na verdade serás tu, homem valhaco, detestavel enganador! O cirurgião neste ante instpassou ao pé de Moberquy que parecia sempre sem vida. Eu temendo que o Marquez fosse ouvido, fechei a porta sobre nós, e foi então que D. Fernando me contou a serie de seu entretenimento com Floriant. D. Fernando, continuou elle com uma voz cortada de suspiros, que lhe tiravão as dôres, vós obrastes bem cobardemente com um homem que vos concedêra toda a sua confiança. — Floriant, respondeu D. Fernando, pertencer-vos ha fazer-me uma tal exprobração? Permitta o Céo, que a venda fatal das paixões cãia do vossos olhos, e vos ensine em fim a conhecer toda a extensão do serviço que vos fiz, servindo o amor do Conde e de Felicia! Neste momento, fez um esforço para se assentar na cama. Seus olhos

estavam inflamados de cólera e queria fallar; mas D. Fernando se chegou para ella, e lhe disse: Por favor, Florian, não me interrompais; socegai, o vosso estado assim o exige. Sim, continuou elle, tomo o Céu por testemunha, foi unindo Felicia ao vosso rival que eu vos fiz um grande serviço. Felicia amava o Conde; e por isso ella nunca veria em vós senão um tyranno; teria sempre presente o indigno meio do qual vos teríeis servido para ser seu esposo, e, não o duvido, em pouco tempo a morte vos roubaria a vossa victima. Vós estremecéis com esta idéa! Ah! bem o conheço, Florian nunca devia ser amigo de Arminda; mas como é que com um coração sensível, podestes ter parte nos crimes desta furia? A vossa vaidade fascinou-vos os olhos. Persuadido sempre que nada podia resistir-vos, o vosso orgulho vos fez atropellar todas as leis da honra; e vossa grande leveza vos impediu de reflectir no crime real que commettíeis. Este funesto aconte-

cimento de que vós mesmo fostes a causa, talvez vos illustrará e fará sentir as injustiças affrontosas das quaes vos tornastes culpado para com uma menina confiada a vossos cuidados, e que tinha direito de esperar do vosso reconhecimento uma amizade igual áquella que em outro tempo seu pae tivéra comvosco. A estas palavras, Floriant pareceu enternecer-se; porém, continuou D. Fernando, em lugar de *escutar aquella* amizade que devia vigiar pela felicidade da filha do vosso irmão, entregastes-vos a uma paixão fanesta que causou todas as suas infellicidades. Vede quanto sois culpavel para com ella. Apenas Felicia saía da infancia, já vós a quizestes obrigar a corresponder a sentimentos que seu coração não podia compartir. Levasdes a crueldade a ponto de querer contranger suas inclinações. Ah! certamente a esperança lisonjeira em que vosso irmão estava, de que sua filha seria feliz tendo-vos por apcio, adoeceu o horror daquelle momento terrivel em que

a morte exerceu sobre elle o seu império. Ai de mim! este homem respeitavel não se lembrava que o seu melhor amigo, seu irmão muito amado, seu filho adoptivo, o atormentaria tão cruelmente na pessoa de sua filha querida! Ah! se é verdade que as almas daquelles que nos são affeiçãoados tem, ainda mesmo depois da separação de seus corpos, conhecimento daquillo que nos interessa, quanto não deve estar despedaçada a de vosso irmão, por vêr sua filha perseguida por aquelle mesmo a quem elle julgava ter transmittido com seus direitos paternos toda a sua ternura! *Floriant*, creis vós que deveis obrigar a infeliz Felicia a esconder-se, a viver longe do mundo, a passar uma vida errante e fugitiva, para fugir ao vosso furor, e conservar a vida de seu esposo, e de seus filhos? E não deveríeis vós antes, desviar todos os golpes que o ciúme de Armanda lhe desse? Vede, vede em que abismo de males repultastes sua desgraçada familia! Se

a Duqueza ainda não sabe o seu retiro? bem depressa, talvez, o saberá; e quem pôde conhecer então até onde irá a sua implacavel raiva? — Não, interrompeu Floriant, ella não conhece este retiro! — Oh, que grande allivio me dais! disse D. Fernando: os meus infelizes amigos estão ainda escondidos aos olhos da mais atroz perversidade! O' meu Deus! ouvi meus votos, e já-mais esse monstro poderá descobrir o retiro da virtude perseguida. Ah! sem-dúvida, se a paixão e a vaidade vos não tivessem cegado, teríeis, assim como eu, julgado o coração dessa Arminda, que sacrifica tudo ás suas paixões; tel-a-íeis desprezado tanto quanto ella é desprezível; em vez de a servir em seus projectos, fugíeis della, como se foge de um monstro cruel que não tem freio que o segure; e este exemplo de perversidade vos faria estremecer de horror. Não acrediteis, Floriant, que a vossa felicidade lhe interessa; ella pareceu interessar-se por vós para



chegar mais seguramente aos seus fins.  
Então D. Fernando lhe contou o que  
Arminda diára ao senhor e á senhora  
de M\*\*\* quando voltarão da Igreja.  
Floriant parecia escuta-la com atten-  
ção: neste momento, entrou o cirurgi-  
ão para lhe fazer tomar um remédio;  
tomou-lhe o pulso e parecendo assusta-  
do do estado em que o achou, voltou-se  
rapidamente para D. Fernando, e lhe  
disse, que os seus cuidados não ser des-  
necessarios, que presentemente era pre-  
ciso mandar chamar um padre.

D. Fernando ia mostrar ao cirurgião  
toda a sua imprudencia, por ter tão  
pouca cautela; mas Floriant atterrado  
com a idéa da morte, o interrompeu pe-  
gando-lhe no braço, e olhando-o com  
uma vista espantada: A morte! disse el-  
le com a voz de um homem ferido pro-  
fundamente; a morte! — Céos! excla-  
mou D. Fernando, que effeito produ-  
zirão as suas palavras! O cirurgião  
queria justificar-se; porém Floriant ou-  
virompeu vivamente. — Ide, D. Fer-

nando, assim é preciso, a hora fatal está próxima; ide chamar um padre; não me negueis este socorro. Vou já cumprir o vosso desejo, replicou D. Fernando, procurando de o socegar, mas aquietai-vos, caro Floriant; eu espero que a paz de vossa alma trará algum alívio ao vosso padecimento physico; demais, meu amigo Floriant, o vosso estado não é... — Para mim já não ha esperança! interrompeu o ferido, já não tenho que esperar! Não ouvistes o que vos disse o senhor doutor? Ide, D. Fernando; por favor, não vos demoreis. Acabando de dizer estas palavras, caiu sobre o travesseiro. Seus lábios estavam lividos, e em seus olhos se lia a inquietação que o devorava: sua respiração estava tomada, e tudo nelle annunciava os combates violentos de hum homem preso á vida, a quem o temor da morte faz ouvir o grito de uma consciencia muito tempo suffocada, e em quem o terror dos ultimos momentos desperta sentimentos de uma religião santa, que

o turbilhão do mundo, seus favores, sua adulação, lhe haviam feito esquecer desde a sua infancia. D. Fernando fazendo signal ao cirurgião para que tivesse todo o cuidado, saiu precipitadamente, e chamou Felicia : elle lhe deu parte da scena que acabava de se passar, e lhe perguntou se conhecia um padre da sua confiança? — Conheço, sim, disse Felicia levantando os olhos e as mãos ao Ceo, penetrada da graça que Deos faria a Floriant; e o meu inquieto zelo preveniu o desejo de meu infelizio. Já mandei chamar um respeitavel ecclesiastico da nossa freguezia. Ainda bem estas palavras não erão ditas, que nós o vimos entrar, e o introduzimos para o quarto do moribundo, que pareceu estremecer-se quando o viu : todavia o respeitavel cura lhe fallou com uma affabilidade tão matiosa, e soube misturar a sabios conselhos consolações tão ternas, que elle o socogou, e lhe inspirou uma inteira confiança. Floriant, e seu confessor, ficarão muito tempo sós; du-

rante este tempo, nós estávamos todos ao pé do cavalheiro de Moberquy, que estava muito doente, mas o seu estado não nos assustava tanto como o de Florian; pois oirurgião nos asseverára que a sua ferida não era mortal. Eu instrui D. Fernando da nossa amizade com Moberquy, e fazendo-lhe conhecer as qualidades do cavalheiro, e os serviços que me fizera, fiz-lhe compartir o meu affecto, a minha gratidão e os meus cuidados. O cavalheiro não nos fazia perguntar alguma: parecia esperar que eu lhe desse algumas explicações de tudo o que via; adivinhei o seu pensamento, e prometti-lhe de o instruir de minhas desgraças, logo que o seu terrivel accidente, que tanto cuidado me dava, lhe permittisse de me ouvir: elle estendeu-me a mão, e me disse que dava graças a Deos por lhe ter dado occasião de me provar quanto me estimava. Então o cura entrou, e disse-nos que o moribundo chamava D. Fernando, o Conde e a Condessa. Eu fiquei admirado e o bom ecclesiastico, que conheceu

a minha inquietação, me disse: não vos assusteis, o senhor de Floriant morre com os sentimentos de um bom christão; reconhece os seus erros; e, reconciliando-se com seu Creador, quer alcançar o perdão das perseguições que vos fez sofrer. Elle sabe que não merece esta graça; mas espera alcançá-la do vosso bom coração, e pelo seu arrependimento; também se põe aos pés de vossa esposa, e lhe faz a mesma supplica. Ah! vamos depressa, Chablis, me disse Felicia chorando.

D. Fernando nos havia anticipado, e ao entrarmos no quarto, ouvimos a voz fraca de Floriant que pedia a D. Fernando de vencer a repugnancia que terião suas infelizes victimas de vêr um homem \*que devião aborrecer. — Que dizeis? exclamou a sensivel Felicia, lançando-se sobre a cama, e pegando-lhe em uma das mãos que banhava com suas lagrimas; meu querido tio, vivei, amai-nos, e nós seremos felizes. — Certamente, caro Floriant, lhe disse eu

com enternecimento, estes são os votos mais ardentes de nosso coração. Elle estava extremamente agitado; seus olhos se ôtavão alternadamente sobre mim, e sobre Felicia; parecia vencer-se a si mesmo, e querer acabar um grande e violento sacrificio. Depois pegou-me na mão, e levantando os olhos ao céu, dando um penoso suspiro, uniu-a á de Felicia, e com uma voz solenne, disse: Meu Deos! abençoai estes virtuosos esposos, e perdoai-me assim como elles me perdoão. Após deste custoso esforço, desembaraçou-se mansamente das nossas mãos, pareceu mais socego, e recolheu-se consigo. D. Fernando que seguira todos os seus movimentos, fez-nos signal para nos apartarmos alguma coisa de seu leito, e lhe perguntou como estava. — Meu amigo, lhe respondeu Floriant, sinto-me alliviado de um grande peso; meu coração está menos doente, e por isso quero aproveitar os curtos instantes que Deos me concede para conversar com o Con-

de e Felicia; dei-lhes que se assentem ao pé da minha cama. Então chegámo-nos para elle, e D. Fernando lhe disse algumas palavras ao ouvido. Eu não as entendi; mas notei que ellas o sobresaltarão extraordinariamente; pois olhando-nos com admiração voltou-se para D. Fernando, e lhe fez um signal que pareceu contentar o nosso amigo. Este pôz-se entre Felicia e mim, e Floriant nos fez este discurso, interrompido mil vezes pelas dores que lhe causava a sua ferida: Certamente, a minha funesta appareição ter-vos-ha feito temer que a Duqueza saiba o vosso retiro; estai socegados; ella o ignora, e só na minha volta é que o devia saber. Havia algum tempo que nós suspeitávamos que D. Fernando tinha noticias vossas, e que nol-as occultava. Sua ternura para Palmira, a qual estima muito seu irmão, nos parecia ser a razão de seu silencio. Todavia, não obstante todos os nossos cuidados, ainda não poderamos descobrir cousa al-

guma. Arminda, ha pouco tempo, mandou-me chamar a sua casa, e me disse, que querendo acompanhar o Duque para a sua quinta, e devendo lá estar alguns dias, me pedia que tivesse toda a vigilancia com D. Fernando, e que fizesse todo o possivel para lhe aparrhar o seu segredo, suppondo que elle tinha um; e para isso ella me deu diferentes meios: aquelle sobre o qual me fixei, foi procurar nos seus papéis: aí de mim! que melhor me fôra não ter sido tão bem succedido. Costumava eu fr muitas vezes procurar D. Fernando, e entrava em sua casa com tanta confiança, que já me não mandava annunciár: toda a gente me tinha pelo seu maior amigo, e seus criados me olhavam como sendo de casa. Hontem, achando-me só no seu quarto, lancei os olhos sobre a sua papelaira, e vi um bilhete que reconheci ser escripto pelo Conde; então puz-me a lê-lo, e não vos posso explicar qual foi a minha raiva, quando soube que o Conde era pãe. Aquel-



le bilhete não tinha data; e por isso não se podia saber de que tempo era, nem de que lugar fôra escripto; porém o Conde apressava tanto D. Fernando para ir com sua irmã aonde elle estava, que não duvidei que elle estivesse escondido perto de Paris. Tornei a pôr o bilhete no seu lugar, e saí tremendo que me vissem. Immediatamente tomei o meu partido. D. Fernando me disséra que partia no dia seguinte para a sua casa de campo, e que contava passar lá dous dias. Eu tinha lido no bilhete do Conde as suas felicitações a D. Fernando, sobre os pretextos que a casa de campo lhe daria para se ausentar de Paris, e os agradecimentos dos instantes afortunados que Felícia e elle terião com a sua companhia. A' vista disto fiquei persuadido que a sua ida era projectada na intenção de vos ir ver, e então decidi-me a segui-lo: mandei espreital-o, e perto das quatro horas da manhã, sendo avisado de que elle acabava de partir, montei a cavallo, e se-

gui a sua sege. Informei-me em todas as postas do caminho que tomava, e desta maneira nunca o perdi de vista; em fim a um quarto de legoa daqui soube, que elle tomára o caminho do castello. Perguntei se para lá ir havia só uma estrada, responderão-me que se podia ir tambem pelo bosque. Então preferi ir antes por este lado para poder examinar os contornos do castello sem ser visto; e deixando o meu cavallo na estalagem, entrei nesse funesto bosque, conduzido pelo ciúme, pelo furor e pela paixão, sentindo augmentar a cada passo a necessidade da vingança. Cheguei a um sítio onde o bosque forma um obelisco, e se divide em muitas aléas; estava indeciso sobre qual devia escolher, quando vos vi, Chablis, atravessando uma dessas ruas com Felicia que se encostava ao vosso braço. Então não pude conter a minha raiva, tirei a espada, e lancei-me sobre vós; e o resto bem o sabeis. Ah! de mim! se não fosse esse virtuoso mancebo que me

segurem o braço, commetteria o maior dos crimes, assassina-vos. D. Fernando acaba de me asseverar que a sua vida corre perigo; a conservação de seus dias é uma prova da justiça de Deus, que não permittiu a morte do innocente. Chablis, alcançai de vosso amigo o perdão dos padecimentos que lhe causa a sua generosidade. — Estai certo de o alcançar, meu caro Floriânt, lhe disse eu com sensibilidade, e acreditai que o cavalheiro padece mais do estado em que vos pôz involuntariamente, que de suas próprias feridas.

Floriânt fez um signal de agradecimento, e continuou assim : Agora só me resta pedir-vos que me mandeis transportar immediatamente para Paris : parece-me que poderei supportar a viagem, e seria muito perigoso para vós que eu morresse neste castello : a Duqueza poderia sabê-lo, e pôr consequente descobrir o vosso segredo; demais, quero ver essa mulher inflexivel, e ensinar-lhe com o meu exemplo a mudar de senti-

meus, e a fazer-vos justiça. Tudo o que eu tenho, pertence a Felícia, e espero que o Conde aceitará todos os meus bens como um signal do meu vivo arrependimento. . . . Apenas podíamos ouvir estas ultimas palavras; pois estava cansado pelos esforços que fizera para nos fallar tanto tempo. Felícia desfeia-se em pranto; e eu, temendo que as fadigas da jornada apressassem seus ultimos momentos, fiz quanto pude para o dissuadir de seu projecto: porém nada houve que o podesse fazer mudar; e mostrando-me quanto era sensível ao interesse que eu tomava por sua existencia, reiterou sua ultima resolução. D. Fernando mandou preparar tudo, e Floriant, banhado de nossas lagrimas, foi posto na carruagem, e partiu acompanhado do respeitável cura. D. Fernando, que, por prudencia não entrara para a mesma carruagem, fez-nos as suas despedidas e prometteu dar-nos logo as suas noticias. O' minha Felícia! continuou o Conde com vehemen-

cia, levantando os braços para o céu, poderei pensar sem viva dôr nessa época desgragada! Alma celeste! ouve do seio da felicidade onde te pozerão as tuas virtudes, ouve minhas queixas, vê minhas saudades, comprehende toda a extensão do meu desespero por estar separado de ti, e pede a Deos que me dê animo de supportar sem murmurção uma vida que a tua morte encheu de amarguras. Chablis, acabando estas palavras, pareceu abismado em suas tristes reflexões. Seus amigos, sua sobrinha, Cecília e D. Maria, chorarão em memoria de Felícia, e pelos desgostos do infeliz Conde. Finalmente, elle mesmo rompeu aquelle silencio doloroso, e com uma voz mais firme, lhes disse: Perdão, meus amigos, da minha fraqueza; as lagrimas que vos vejo derramar são para mim muito preciosas. Tu choras, minha Felícia, e o meu coração recolhe teu pranto, e os meus males se adoçam com elle. Creio que Felícia ouviu a minha supplica, que a

apresentou a Deos, e que esse Deus  
benfazejo, enternecido pela intercessão  
deste anjo, a ouviu. Na verdade, meus  
amigos, parece-me que a minha alma  
está mais alliviada; e por isso poderei  
continuar com mais tranquillidade a  
pesada narração de minhas desgraças :  
eu tinha ficado naquella ponto em que  
Floriant e D. Fernando partirão : lo-  
go depois da sua partida, fomos ao  
quarto do cavalleiro, e para o não af-  
fligirmos, occultámos-lhe do modo que  
podemos as tristes impressões que nos  
ficavão daquelle infeliz dia. Comtudo  
elle se restabelecia, e oito dias depois  
do seu funesto encontro, achou-se em  
estado de ir para sua casa : foi então  
que eu lhe confiei o meu nome e as  
minhas desgraças, ás quaes pareceu ex-  
tremamente sensível, e jurando-me u-  
ma amizade a toda a prova, disse-me  
que esperava brevemente provar-me  
quanto a minha confiança o enternecia.  
Não se explicou mais; e eu penetrado  
do interesse que me testemunhava, não

tratei de pedir-lhe a explicação do que acabava de me dizer. — Ah! meu caro Conde! interrompeu D. João, naquella *momento padecia muito por não poder corresponder á vossa confiança, dizendo-vos quem eu era; porém julgava indemnizar-me brevemente, e a minha prompta ida para Hespanha me fazia esperar de vos offerecer um retiro mais seguro e mais agradável.* Eis aqui o que querião dizer estas palavras que não podestes comprehender. O Conde lhe agradeceu *ternamente*, e continuou assim: Naquelle mesmo dia trouxerão uma carta de Paris, dirigida ao cavalleiro, o qual nos disse ser de muita importancia; por isso, apesar das nossas *supplicas*, não podemos demoral-o, e nos deixou apenas *convalescente*. Durante aquelles oito dias, não tínhamos recebido noticia alguma de Paris, e o silencio de D. Fernando causava-nos admiração.

O cavalleiro havia-nos promettido de ir a casa d'elle; porém apenas se

partira, que nós recebemos uma carta daquelle querido irmão, que nos assustou muito. Elle nos dizia que a Duqueza já sabia o sitio que nós habitavamos; que o unico meio de nos salvar, era sair do castello aquella noite, e irmos para São Germano, para uma estalagem chamada a *Casa Branca*; que elle mesmo se acharia alli para nos conduzir a outro logar. Dizia-nos tambem que não nos admirassemos de não ver o seu criado grave, que estava doente, e não podia levar-nos estas más noticias. Dizia mais que o homem que nos entregasse a carta, levava uma carteira com letras do banco para recebermos duzentos mil francos, parte do dote de Felicia que Floriant lhe remettia. Finalmente, acabava por pedir ao cava-  
lheiro que ficasse no castello em quanto não estivesse restabelecido; e lhe asseverava que muito lhe custara não poder aproveitar-se da sua estada alli para se ligar com o amigo do seu cetro Corde. — Era assim na verdade, que a car



ta terminava, disse o Duque de Vaudoloid. Ah! mulher detestavel! — Mas continuai, caro Chablis, continuai, para eu conhecer todos os recinditos dessa alma falsa. — Fazei idéa, continuou o Conde, qual seria o susto que Felícia teve quando lhe li esta carta! Todavia ella quiz occultar-me uma parte de seus terrores; e tirando de sua coragem novas forças, mandou preparar tudo para a nossa prompta fugida. Durante este tempo, interroguei o enviado de D. Fernando; porem não pude tirar esclarecimento algum; pois este homem mal o conhecia, e por isso nada soube de Florian. Julgei que D. Fernando queria fallar-nos em São Germao, e que escrevendo-nos á pressa, não tivéra tempo de me instruir do que se passára depois da nossa separação. Lembrando-me que não voltaria mais ao castello, guardei todo o dinheiro que D. Fernando me mandava; e perto das onze horas da noite entrei para uma sege da posta com a minha felicia, e os meus dous

filhos. Não posso explicar-vos todas as idéas sinistras que se apresentarão a meu espirito, quando deixei aquelles logares testemunhas da minha felicidade. Os quatro annos que alli estivéramos se passarão como um dia, e um funesto sentimento me advertia que cada dia futuro seria para mim mais longo que annos inteiros. Júlio estava sobre os meus joelhos, e a minha Céliza nos braços de Felicia; ambos dormião a sono solto. O socego destas innocentes criaturas adogava o desgosto de meu coração. Comtudo fomo-nos affastando rapidamente do castello, e Felicia parecia abismada em tristes reflexões. Já os cavallos passavão a barreira da lameda, quando, antes de perder de vista a ultima arvore daquella residencia querida, Felicia metteu a cabeça na portinhola, olhou o parque, o castello, a lameda, e assentando-se no fundo da sege, exclamou dolorosamente: Ah, querido Chablis! quanto me custa abandonar estes logares! — Oh minha que-

Vida amiga, lhe disse eu fingindo uma tranquillidade que estava bem longe de sentir, julgas que não poderemos ser felizes em outro qualquer logar senão no castello de D. Fernando? — Não, replicou ella com afflicção, tu bem sabes que todos os sitios da terra que habitares tem para mim os mesmos encantos; mas, eu não sei o que diga, o meu coração está opprimido de mil pensamentos tristes, que a minha fraca razão não pôde vencer. Tu mesmo, Chablis, continuou ella olhando-me com uma ternura misturada de inquietação, tu mesmo, meu amigo, não estás socego; eu que estou acostumada a ler na tua alma, vejo nella com terror os penosos sentimentos que a inquietão. Ai de mim! qual é a desgraça que nos está reservada? que devemos esperar? e porque razão, por uma triste sympathia, imaginamos os mesmos receios? Eu estava sensivelmente afflicto do tom melancolico com que ella acabava de dizer aquellas ultimas palavras. Todavia

quize animal-a, e representei-lhe que os nossos receios são mal fundados. Nós vamos, lhe disse eu, achar um amigo que saberá ainda esconder-nos aos furores de Arminda. Tu vés, minha Felícia, que elle já preveniu seus projectos de vingança, avisando-nos a tempo que ella sabia da nossa residencia; agora é preciso esperar na divina providencia, que até agora nos tem sido favoravel, e não devemos entregar nossos espiritos aos negros desvarios da nossa imaginação. Felícia não fez mais do que apertar-me a mão. Beijou ternamente sua filha, e deixou cair uma lagrima sobre seu rosto.

Neste momento uma nuvem occultou inteiramente a lua a nossos olhos, a noite tornou-se mais escura, o vento começou a assoprar com força. Os lugubres e agoureiros guinchos dos mochos, e das corujas, tristes aves nocturnas, umas empoleiradas sobre os troncos das velhas arvores espalhadas pelo campo, outras revoando em torno

da nossa sege, parecião presagiar-nos algum sinistro acontecimento; e exaggeravão o horror das tristes idéas de Felícia. Um solavanco da sege acordou Julio sobresaltado, e o medo lhe fez dar um grande grito. A mãe já cheia de susto, não foi senhora do menor movimento; foi só a um segundo grito que ella respondeu toda atemorizada. Julio não se havia mageado, e só nos perguntou onde estava, e porque estava tudo tão escuro.

Mau querido Juliosinho, tu estás nos joelhos de teu papa, lhe diz Felícia; a tua irmãsinha tambem aqui está ao pé de ti; não falles tão alto que a podes acordar, adormece-te. Elle estava bem acordado, e não quiz dormir mais. Eu não fiz caso, porque a sua conversasinha não permittia a Felícia de abandonar-se inteiramente a suas penosas reflexões. Era necessario responder ás suas muitas perguntas, estar attento para que não despertasse Celiza, e tomar sentido no que elle fazia, di-

zia e pedia. Chegamos finalmente a São Germano. O boleeiro parou, como lhe havíamos ordenado, na Casa Branca. Immediatamente apparecerão allí dois homens para nos ajudar a descer. Um delles nos disse com um ar misterioso : Andai de pressa, já cá vos esperão. Tomáão Julio e Celiza nos braços, e em quanto eu me demorei a pagar ao boleeiro e dar algumas ordens, elles ensinárão o caminho a Felicia, que os acompanhou sem a menor desconfiança. Um terceiro, que eu não tinha ainda notado, se chegou para mim, e me disse : O senhor D. Fernando vo<sup>s</sup> espera ha muito tempo. Olhei para aquelle homem, e fiquei admirado do ar de impaciencia e pouco decente com que elle pronunciou aquellas palavras. Todavia, não podendo attribuil-o senão ao seu zelo para cumprir as ordens de seu amo, segui-o sem mais indagações. Atravessámos uma grande sala de estalagem e dois patéos muito atravancados, no fim dos quaes havia uma pe-

quena escada mui escura. Pareceu-me ouvir no fim da escada uma voz, que me não era desconhecida; e que me fez estremecer. Subi precipitadamente perguntando ao meu guia se finalmente tínhamos chegado. Sim, senhor Conde, respondeu elle muito de rijo, como para que o ouvissem as pessoas que eu ouvia fallar e scubessem que já allí estavamos. A isto seguiu-se um grande silencio. Fechou-se uma porta com força, e eu achei-me em um corredor tão escuro que não sabia para que lado poderia marchar. O meu conductor abriu a porta de um quarto, pegou em uma luz, que achou em cima de uma má banca, e mostrou-me com o dedo uma porta, que estava no fundo do corredor, e disse-me que allí acharia as pessoas, que me esperavão. Abri-a com força. Meu Deos! que espectáculo! Felizia moribunda, deitada quasi sem sentimento em uma cadeira de braços toda toda esfarrapada. Celiza, que ella apertava com um braço, acarícia-

va-a com as suas mãosinhas, e parecia querer chamal-a á vida; junto a Felicia estavam sobre uma mesa muitos papéis espalhados, mais longe Julio chorando ao mesmo tempo que rasgava uma carta! Esta scena cruel e inesperada encheu o meu coração de terror. Julio assim que me viu gritou soluçando, e correndo para mim: Papá vinde acudir á mamã. Ah! se visseis como a má mulher a fez chorar! Rasgo esta carta, que tanta pena lhe causou! Tomei Felicia em meus braços, dei-lhe vinagre a cheirar, e fi-la tornar a si. Ella abriu os olhos, conheceu-me, e me pediu chorando que a salvasse se ainda era tempo; que de boa vontade morreria se elle pudesse evitar o furor da Duqueza. E os meus filhos, meus queridos filhos que seria delles? continuou ella apertando em seus braços Julio e Celiza. Eu estava fóra de mim, não comprehendia nada do que ouvia. Felicia, lhe disse eu, minha cara Felicia, que tens tu? e quem te pôz neste estado? Onde



está D. Fernando? Que te disse elle? Por quem és, dize-me que terrível mysterio é este que eu não posso conceber? O' terrível desgraça? continuou Felicia torcendo os braços, ó raiva implacavel! mulher cruel! tira-me a vida, mas deixa de perseguir Chablis. Infeliz esposo! continuou ella derramando uma torrente de lagrimas, tu deves abominar Felicia, ó o amor, que lhe consagras que te conduz ao cadafalso. A desesperação de Felicia me enterneceu a alma; as suas ultimas palayras me fizeram recear que a sua razão estivesse alterada, e por isso procurei restabelecer a tranquillidade em seu espirito, fazendo-lhe ver que só a minha liberdade perigava, que elles não podião attentar contra a minha vida. — Fatal seguranga! exclamou ella lançando-se ao meu peccoto, e apertando-me em seus braços. O' desgraçado Chablis! julga qual será o meu horror, o governo te condemnou a morte, como complice de uma conspiração de Cinq-Mars, e de Thou. As lagrimas a interrom-

pêrão : ella parecia expirar em meus braços. Justiça divina ! exclamei eu com um tom lugubre, consentirás tu que a mais atroz das calumnias triumphe da virtude ? Felicia estava de tal modo opressa, que lhe era impossivel proferir uma só palavra. Olhava para mim com os olhos espantados, e a sua agitação era tal que apenas a podia eu suster. Felicia, lhe disse eu affectando uma tranquillidade que o amargor de meus sentimentos não deixava penetrar em meu coração : minha cara Felicia, em nome do nosso amor socega, tem esperanza, ainda não estamos empoderados dos nossos inimigos, ainda nos resta um amigo fiel, D. Fernando. — D. Fernando! replicou elle; D. Fernando! Chablis, elle já não é nosso irmão, é necessario esquecer o. Cruel D. Fernando! nunca, nunca te julgues capaz de uma tal perfidia. O ouro faz quebrar os laços mais sagrados da amizade. Ah ! que este ultimo golpe me mata. Pega, Chablis, lá. Dizen-

do estas palavras, ella me deu uma carta, meia rasgada por Julio, a qual reconheci ser escrita pela mão de D. Fernando. — Pela minha mão? exclamou o Duque de Vathadolid. — Assim o julguei então, continuou o Conde; mas agora, meu senho D. Fernando, estou enrencido de meu erro. Peguei na carta finalmente, continuou elle, e li com a maior indignação estas palavras :

CARTA DE D. FERNANDO A<sup>o</sup> DUQUEZA  
DE CHARLIS.

« Senhora; Floriant acaba de expirar;  
» e, graças a vossos cuidados, livre pos-  
» suído de todos os seus bens. A condi-  
» ção, que vós haveis unido a vossos be-  
» nefícios, me tinha parecido ao prin-  
» cipio uma cousa impossível de aceitar;  
» mas a generosidade que usastes para  
» comigo, vos tornou senhora dos meus  
» segredos, e vos entrega o Conde e a  
» Condessa. Acabo de lhes escrever para

„ que amanhã á noite se achem em São  
 „ Germeno na estalagem chamada a *Ca-*  
 „ *sa Branca*. Elles julgão que me encon-  
 „ trão lá; mas bem ao contrario achar-se-  
 „ hão inteiramente sem defeza, e entre-  
 „ gues ao vosso poder. Lisonjéo-me toda-  
 „ via, senhora, da que vos lembrareis  
 „ da promessa que me fizestes de o tra-  
 „ tar com bondade. Pego-vos tentareci-  
 „ damente que fagades porque já mais sejam  
 „ bedores da minha perfidia. Mandeil-lhes  
 „ mais de duzentos mil francos em notas  
 „ do banco. Não me leveis isto a mal, é  
 „ possível torná-lhas a apañhar; obrei  
 „ assim para lhe inspirar mais confiança  
 „ em mim; tambem me podesseu melhor  
 „ fazer de prender em São Germano, do  
 „ que no sitio onde elles se achão actu-  
 „ almente, porque são já eliminados e  
 „ talvez se encontrasse alguma resisten-  
 „ cia. Conto em ter hoje a honra de vos  
 „ ver, e a doce satisfação de vos testê-  
 „ munhar quanto sou reconhecido. „

AMOR A VÓS, SENHORA, É O QUE ME DÁ FORÇA.

De v. e c. do Sr. D. João de Deus. Sou de, etc.

Fiquei atterrado com a leitura desta abominavel carta. Os papeis, que estavam ao pé de Felicia erão dois testamentos; um de meu pae no qual me desherdava a favor de Palmira; o outro de Floriant, que deixava D. Fernando por seu unico herdeiro. O Marquez allegava, por motivo a má conduta de uma sobrinha, que ella estimava. Felicia me disse ainda que para não lhe deixar a menor duvida acerca da publicidade daquelle negocio; uma das criadas de Arminda, a mesma de quem eu havia reconhecido a voz, lhe havia lido mais um artigo inserido na gazeta, narrando a morte de Floriant, as suas ultimas disposições a favor de D. Fernando, e varias outras circumstancias. O jornal estava em cima da mesa; eu o li; e depois lhe estar inteiramente convencido da perfidia de D. Fernando, e de ter conhecido todo o horror da nossa situação, accusava-me eu severamente por ter sido a causa da perda da minha Felicia. Pela pri-

„Meira vez achei horroroso o meu estado de esposo, de pae : a minha sorte me era indifferente; mas a de Felicia e a de meus filhos, atemorizava a minha imaginação, e me dilacerava a alma. Em minha desesperação, eu corria como um furioso naquelles quartos, que haviam tido cuidado de fechar sobre mim. Abri a janella; e o meu desígnio era de sair daquelle prisão, fosse como fosse, e de fazer todos os esforços para livrar os meus infelizes filhos e a minha mãe. Felicia assistida do meu projecto, se lançou a meus pés, e pede, com os seus rogos e suas lagrimas, chegar a socorrer-me. Fiz-me ver que o único e o mais seguro meio de nos salvar era o de comprar os nossos guardas. Então me disse que a criada grave de Arminda devia partir aquella mesma noite para levar á sua ama a agradável noticia da nossa chegada, e saber o que determinava de nós. Estas são as proprias palavras daquelle agente da maldade mais atroz,

ajuntou Felicia. Ah! se soubesses que insultante mofa aquella mulher fez de meus choros! Parecia fallar com a lingua da Duqueza e ver com os seus olhos, regozijava-se com o tenivel estado a que me reduzia a condueta de D. Fernando e a truel sentença do governo. Mas, querido Chablis, não desanimações, fique só com a raiva. Talvez que seus compatriotas sejam mais humanos, talvez nós possamos entre-nos. Tem dó de mim, não te apartes de Felicia, não te exponhas a perigos que ella não póssa dividir; por que ella não me deixe aqui, tu a presença só me dá vida. Acabou do adar preferir a palivar, a infeliz Felicia perdeu completamente os sentidos. Meus amigos julgaram que seria o horror da minha situação. Naquelle instante toda a idea de vingança me abandonou. Poderia asperar mil supplicios, que naquello momento nenhuma outra idea me occuparia mais do que a minha Felicia, que, em meus

braços pallida e desfigurada não respirando já; me representava a terrível imagem da morte. Só tinha diante dos olhos Felícia moribunda, encerrada em um caixão, separada de mim para sempre: acabava de sair de um estado horrível, para cair ainda n'outro mais horroroso. Julio, o meu querido Juliosinho, parecia tomar parte nas minhas dores; chorava, olhava para sua mãe, e dava gritos lamentáveis. Celiza, que eu deitára em uma poltrona, estava toda desinquieta, e chamava por sua mãe. Neste momento a porta se abriu, e eu vi o homem que me conduzira para aquelle fatal quarto. Ah! vinde, lhe disse eu, vinde, soccorrer Felícia. — Mas ai de mim!... já não é tempo;... não dá signal algum de vida. ... — Meu Deos! seria possível?... Ah!izei-me,izei-me que ella ainda vive.... Aquelle homem pareceu sensibilizado com o estado de Felícia, e a minha desesperação; chegou-se para ella, e pareceu



tér dó de nós. Eu não quiz deixar escapar aquelle instante de sensibilidade, tirei da carteira muitas notas e lhas offereci, rogando-lhe que salvasse Felicia e os meus filhos. Elle não me respondia, estava indocil. Julgai vós, lhe disse eu, que esses a quem obedeceis vos darão uma recompensa igual á gratificação, que eu vos offereço, se me prestais o serviço, que vos pego? Não sei, me disse elle, mas se me podeis dar já sessenta mil francos, vossa mulher, vossos filhos e vós, sereis livres. Prometti-lhe o que elle exigia, mostrei-lhos, e lhe disse que se nos salvasse antes de uma hora ajuntaria áquella somma mais dez mil. Ficou o homem admirado da minha generosidade, saiu immediatamente e me prometteu que tudo se havia de arrumar. Felicia, apenas ouviu o que acabavamos de contratar, recobrou logo os sentidos; mas a sua fraqueza era extrema. Não obstante, as minhas esperanças começavão a desvanecer-se; mais de uma hora era passada e o homem não appare-

ela. Nós tínhamos ouvido um grande  
motim por baixo do nosso quarto; mas  
havia mais de meia hora que tudo esta-  
va tranquillo. Os pequenos estavam dei-  
tados sobre uma cama; e o maior soce-  
go reinava em torno de nós. Finalmen-  
te sentimos passos brandos no quarto vi-  
sinho, e o mesmo homem nos apparecea  
com uma lanterna de furta fogo; pol-a  
sobre a mesa, fez-nos signal de não fa-  
zer bulha, fallou muito baixo, e disse-  
nos que tres homens, que juntamen-  
te com elle estavam encarregados de nos  
guardar, estavam dormindo embriagados  
no quarto por baixo de nós; que elle  
mesmo os fizera beber para os pôr em  
estado de nos não incommodar, que tudo  
estava prompto, que podiamos acompa-  
nha-lo.

Felicia toda trémula lhe perguntou  
se a criada grave da Duqueza estava  
ainda na estalagem; elle lhe respondeu  
que ella se tinha partido havia muito  
tempo, e que seguramente estaria já em  
París: que era preciso aviarmos-nos antes

que ella voltasse. Acabando estas palavras, pegou em Julio nos braços, e começou a andar diante de nós, aluminiando-nos com a lanterna. Com um braço sustentava eu Felicia, cuja fraqueza me assustava, e no outro levava Celiza, que estava a dormir. Logo que chegámos ao pé da sege d'aluguel, que era a mesma que nos conduzia ali, entreguei setenta mil francos em notas ao nosso libertador, que, mostrando-me um cavallo apparelhado, me disse que ia fugir ao resentimento da Duqueza; e que tencionava passar á Inglaterra. Perguntei-lhe que posto tinha em casa da Duqueza, e me disse que era seu criado grave. Felicia já estava dentro da sege; eu peguei em Julio, e assentando-me ao lado della, ordenei ao bolceiro que apossasse os cavallos. Este perguntou-me para onde iamos; e como eu não tinha pensado ainda em tal cousa, fiquei algum tempo indeciso; porem tornando em mim decidi-me a ir para a Italia, e lhe disse que tomasse pelo caminho

de Leão. Em pouco tempo chegámos a Montargis; ali fiz com que Felícia tomasse um caldo, e pedi tambem para os pequenos, que já o precisavão bem. Não nos apeámos da sege; e fiquei admirado de ver chegar, poucos minutos depois, o criado grave da Duqueza. Elle conheceu a nossa sege, eu fiz-lhe signal de se aproximar, perguntei-lhe por que razão nos encontravámos em Montargis, quando elle nos dissera que se quèria refugiar em Inglaterra? Respondeu-me que o recóio de não encontrar navio prompto a partir o fizera mudar de resolução, e tomar o mesmo caminho que nós, sendo o seu designio passar á Suissa. Durante os poucos instantes que estive ao pé de nós, eu lhe fiz algumas perguntas ácerca de D. Fernando, Floriant e a Duqueza. Disse-me que Floriant fôra transportado ferido para a sua hospedaria, que a Duqueza o não deixára nunca em quanto viveu; que D. Fernando saíra somente um dia de casa do Marquez; que a Duqueza, depois da morte

de Floriant, não tornára a sair de casa, e que dava ordem para não receber ninguém excepto D. Fernando; que o senhor Duque parecia ter sentimento pela morte do senhor Marquez. Perguntei-lhe a quem se attribua aquella morte. Respondeu-me que o não sabia, que se formavão varias conjecturas; mas que todas parecião pouco verosímeis. Disse mais que seguramente a Duqueza e D. Fernando não o ignoravão, que a unica circumstancia bem conhecida do publico era o testamento do Marquez a favor de D. Fernando. Depois quiz eu saber alguns detalhes sobre a minha condemnacão; mas aquelle homem pareceu surprehendido com as minhas perguntas a tal respeito. Todavia, logo que o convenci que inteiramente ignorava quem poderia ter promovido aquella injusta sentença, elle me respondeu com um tom de persuasão, que elle duvidava do que eu lhe dizia, que as minhas cartas, achadas entre os papeis do estrifeiro mór, bavião sido provas tão

convincentes da parte que eu tomára na conspiração de Cinq-Mars, que o governo não julgáta commetter uma injustiça condemnando-me á morte. Oh céos! exclamei eu, que alma houve tão infernal que pôde tramar uma traição tão horrorosa! Grande Deos! que horrível conspiração! será possível que estejão possuídos de um odio tão implacavel! Oh! os meus inimigos estão sequiosos do sangue do innocente. O criado grave da Duqueza me ouvia sem me interromper, e eu poderia continuar muito tempo a fazer soar os transportes dolorosos que me agitavão. Os cavallos estavam postos á sege, nós nos separamos, e nunca mais ouvi fallar daquelle homem, para quem o attractivo do ouro foi bastantemente poderoso para o levar a fazer uma boa acção. Depois que ouvimos o que elle nos disse cada vez ficamos mais persuadidos da traição de D. Fernando. Já estavamos algumas legoas distantes de Montargis, quando reflectimos que seria prudente mudar de caminho; então pea-

sando bem o caso, decidimo-nos finalmente a ir para Portugal. O criado da Duquesa mui bem podia ser preso; elle sabia que nós íamos para Leão, e a esperança de se salvar o obrigaria a confessar tudo. De outra parte, D. Fernando, que julgavamos culpavel, sabendo que eramos amigos de Moberquy, que se dizia Italiano, poderia facilmente julgar que nós buscaríamos um asylo na sua patria, e por consequencia mandar-nos ali procurar. Estas razões nos decidirão inteiramente a fugir para Portugal, donde tencionavamos escrever ao cavalheiro.

Não vos fallarei de todos os incommodos, que passámos na fugida: o cuidado que era necessario ter com duas crianças, o receio de sermos presos em qualquer lugar, os trabalhos de uma viagem tão longa, e feita com tanta precipitação, vos dão uma fraca idea de tudo o que soffremos. Só no territorio hespanhol é que começamos a respirar. Pedí a Felicia que nos demo-

rassemos ali por algum tempo; mas ella não julgava estar distante da França, e por isso lhe custou a consentir. Descançámos oito dias em Soria, cidade na Castella Velha. Depois passamos a Portugal, e estabelecemo-nos na Estremadura em um lugar pouco distante de Santarem. Pouco tempo depois da nossa chegada, appareceu á venda uma linda casa; comprei-a e occupei-me dos meios de a alformosear, para a tornar mais agradavel aos olhos da minha Felicia. Nós viviamos ali muito sós: a nossa familia compunha-se de um homem, e duas mulheres, das quaes uma era a ama de Caliza; porque o desgosto que Felicia experimentára em São Germano lhe havia feito seccar o leite, o que a obrigou a confial a aos cuidados de outrem. Todavia, Felicia ia-se deteriorando cada vez mais; sua natural alegria havia-se mudado em tristeza; sua palidez extrema augmentava o interesse, que sua encantadora figura inspirava; sua languidez, e sua magreza.



assustavão e aterroravão o coração mais indifferente: julgai, meus amigos, quanto não deveria sofrer o meu que a adorava! Eu não sabia a que attribuir aquella funesta mudança: acostumado a ler no coração de Felicia, estava persuadido que ella experimentava a felicidade de termos escapado á raiva de nossos inimigos. Estavão satisfeitos os seus maiores desejos; achava-se na companhia de seus filhos, e de seu marido, já não receava a sua prisão, já não temia que se intentasse contra a sua vida. Estas idéas consoladoras causavão em sua alma uma doce satisfação; sempre me fallava disto com summa alegria; finalmente nenhuma duvida me restava de que ella se julgava tão feliz em Portugal, como no castello de D. Fernando, e contudo a sua saúde não sentia a influencia da doce tranquillidade de seu espirito; ella era feliz e estava moribunda! Ah! cruel pensamento! aia-

da eu a não via á borda da sepultura. Esperança enganadora! quanto illudias a minha imaginação! Desventurado! o estado de doença de Felicia não podia fazer-me presentir a terrível desgraça, que me estava reservada. Minha alma devia em breve ficar para sempre oprimida pela dôr, a felicidade fugia de mim como uma sombra; eu o repito, a esperança me cegou completamente. Muitas vezes eu surprehendia Felicia olhando para mim com uma terrea inquietação; ella voltava os olhos para me occultar as lagrimas que os enchião. Outras vezes, vendo que o seu estado me entristecia se esforçava de sorrir-se, e me entretinha fallando-me do prazer que sentiria em ir passear comigo ao nosso pequeno eremiterio. Nos primeiros dias da nossa chegada, a situação de uma pequena casa que então existia onde agora é o eremiterio, lhe parecia encantadora. Não deixei perder esta occasião de lhe dar gosto. Comprei-a ao dono, com uma pequena terra, que

a rodeava e que eu então fazia amanhar. Mandei arranjar melhor o casebre, e em breve se achou tal como hoje se vê. Felícia não a tinha ainda visto depois que estava acabada. Parecia desejar ardentemente de lá ir; mas as suas forças a abandonavam cada vez mais, e ella temia estar muito tempo sem a vêr. Uma manhã, entrando no seu quarto, fiquei admirado de a achar vestida, e como quem queria sair. Estava sentada em uma cadeira baixa; seu ar era soccgado, seu rosto sereno, seus olhos parecião haverem tomado a sua antiga vivacidade. Logo que me viu, ella me estendeu a mão, e me disse, sorrindo: querido Chublis, é hoje o dia dos teus annos, e é no eremiterio, nova prova da ternura que Felícia te inspira, que ella e seus filhos te querem offerecer seus ramalhetes.

Eu não poderia escolher um dia mais interessante ao meu coração, para consagrar ao amor, ao hymeneo, e á felicidade de vivermos juntos, esta pequena ca-

sa rustica mandada edificar para vós; minha cara Felicia, lha disse eu, apertando-a contra meu peito, receio que o incommodo da caminha vos faça mal á saude; esperai que estejais melhor e então gozareis mais da vossa estimada choupana, podereis ver tudo, passear, e depois descansar debaixo dos caramba-hoes que eu mesmo arranjei de laranjeiras, lilazes e roseiras, para vos cobrirem com a sua sombra. Tendo mais saude, desfructareis melhor os prazeres, que offerce aquella pequeno retiro, ainda mais aformoseado pela vossa presença; poupai, minha cara amiga, a vossa frequencia, demorai este passeio por algum tempo mais, e tomaí todo o cuidado em restabelecer uma saude de que depende a minha existencia. — Eu hoje estou muito boa, continuou Felicia; demais o jardineiro e Luiz me levarão naquella cadeira; deste modo, querido Chablis, nenhum incommodo me causará a viagem. Muito me seria sensível o não ver o meu cemiterio! Estas ultimas palavras me

fizerão estremecer, e Felícia, que notára o meu sobresalto, recostou a cabeça sobre o meu peito para esconder lagrimas que caíam de seus olhos. Mas tomando logo a sua coragem costumada, levantou seu rosto celesste, e o sorriso appareceu sobre seus labios, como para me distrahir da impressão que suas ultimas palavras me fizeram. Olha, meu caro Chablis, me disse ella, como o tempo está sereno, e como o ar está puro! Esta linda manhã me recorda os dias felizes que ambos vimos passar no castello do nosso amigo. Eu quero, todos os annos, em igual época, passar este dia no eremiterio. Que contraste será a tranquillidade de que gozaremos neste querido retiro, com os tormentos, sustos, e inquietação a que estivemos expostos em París! tu, em casa de teu pae; eu na hospedaria de L... , pois deves bem lembrar-te, meu Chablis, que é hoje o anniversario do nosso casamento? — Oh! certamente, minha querida amiga, lhe disse eu, certamente, lembra-me muito

beta: e poderia eu esquecer-me do momento que me uniu a tudo quanto amava! O Felícia! como estes quatro annos, apesar dos nossos desgostos, passarão rapidamente! Ai de mim! Chablis, o tempo, por mais longo que seja, parece sempre curto ao pé do objecto que se ama, e quatro annos passados na tua companhia são nada, comperados.... Aqui Felícia parou, sentu-se, e fallou-me de seus filhos. Eu adivinhei bem o seu ultimo pensamento; mas o receio de affligir sua sensibilidade deu-me bastante imperio sobre mim mesmo para fugir que a não tinha entendido, e para fechar em meu espirito a minha vivacommocão. O jardineiro, e Luiz entráão; Felícia deixou a sua poltrona para se assentar em uma cadeirinha; e seus criados, que muito a adoravão, parecêão, levando-a, ufanos daquella preciosa carga. A casa que nós habitavamos então, era distante do eremiterio cousa de um quarto de legoa. Nósíamos muito de vagar, e eu de quando em quando, man-

dava parar os conductores de Felicia, a fim de lhe tornar mais suaves as fadigas da viagem. Ella se recreava muito, e tudo quanto o campo lhe offerencia de bonito, lhe inspirava mil pensamentos amaveis, que me exprimia de um modo agradavel. Algumas vezes dirigia tambem ao jardineiro, e a Luiz palavras obsequiosas a respeito do trabalho que lhes dava. Aquelles bons criados lhe respondião com as lagrimas nos olhos, que elles erão muito felizes por terem uma tal ama, e que tudo lhes era suave quando se tratava de executar a sua vontade. Felicia possuia perfeitamente a arte de se fazer servir, mais pelo amor do que pelo dever; junto della todos sentião um desejo ardente de a servir, e o modo com que recebia os servigos que lhe fazião, era a unica recompensa que todos desejavão, e a unica em fim que todos ambicionavão. Ao chegarmos ao eremiterio, eu fiquei admirado de o achar ornado de grinaldas. Julio veiu lançar-se nos meus braços, trazendo na mão um rama-

lhete de rosas. Celiza que apenas andava; conduzida pela sua ama, trazia tambem um ramo de laranjeira. Os meus filhos tinham sido de manhã muito cedo para o eremiterio, e Julio não quizera comer sem que nós chegassemos. Assim que cheguei elle me pegou na mão; e me disse: Papá, vinde almoçar, que tenho muita fome. — Como, Julio! ainda hoje não comeste nada? — Não, papá; a mamã tinha-me dito que logo vinhais, e eu quíz esperar por vós. Tudo faz mal á mamã, e nada quer comer; Celiza é muito pequena para se assentar á mesa, e vós teríeis de almoçar só; isso talvez vos causaria enfado! Eu fiz bem esperar pelo papá; não é assim, mamã? — Sim, meu querido Julio, lhe disse Felicia abraçando-o: ama sempre teu pae, e procura de lho provar em todas as tuas acções. — Ah! meu querido filho! exclamei eu, o teu coração assemelha-se já ao de tua mãe: tu terás a sua bondade, a sua doçura, a sua sensibilidade; e assim como ella, tu farás a mãe



nha ventura. Felícia encostou-se ao meu braço, e conduzidos por Julio, entrámos em uma sala, onde achámos uma boa collação. Depois do almoço, Felícia me disse que queria passear no jardim: E' justo, ajuntou ella sorrindo-se, que conheça todas as annexas do meu eremiterio. Então ella se levantou, travou-me do braço, e visitámos muito devagar o bosque, o laranjal e o jardim.

Todos estes sitios conheceis vós, continuou o conde dirigindo-se a seus amigos, e acreditais que todas estas cousas serão vistas; mas lembrai-vos do que vós disse a respeito da doença de Felícia. Eu a fazia descansar a cada instante, e gastámos muito tempo naquelle passeio. Julio saltava, brincava, corria diante de nós, e mais de vinte vezes andou o caminho do eremiterio, em quanto nós com muito trabalho tínhamos andado só ametade. Felícia mostrou grande prazer nesta solidão; eu fazia-lhe observar os mais lindos pontos de vista, e lhe dizia: Minha querida Felícia, logo que

fôr estas melhor, havemos de vir ambos desenhâr esta linda collina, este valle tão aprazivel, estas aguas do Têjo tão frescas, tão bellas, e tão limpidas; os nossos passeios serão deliciosos. Felicia escutava-me com attenção, dizia-me que o cumprimento destes projectos a tornaria muito feliz, e suspirava profundamente. Depois tornámos a entrar no eremiterio, visitamo-lo de uma ponta á outra, e expliquei a Felicia o uso para que destinava cada casa. Esta, lhe dizia eu, nos servirá de bibliotheca, mandarei trazer para aqui alguns livros da tua escolha, e leremos juntamente. Aquella, que é mais alegre, será a nossa officina, e alli faremos as nossas pinturas. Este gabinete conterá tudo o que diz respeito á historia natural, e á botânica, e aqui estudaremos ambos. O' mioba Felicia! quanto havemos de gostar do nosso eremiterio! Vês esta sala? aqui terás um bastidor; e em quanto tu estiveres a bordar, eu, tendo o nosso Julio nos meus joelhos, farei por ler-

hai-o digno de sua mão; procurarei des-  
envolver suas virtudes, affastai-o de to-  
dos os vícios, e fazer-lhe conhecer a ver-  
dadeira felicidade. Tomando a minha  
Feliccia por modelo, elle aprenderá a  
perdoar a seus inimigos, a estimar seus  
amigos, e a cumprir com prazer seus  
deveres. A educação de nossos filhos,  
minha Feliccia, nos fará passar instan-  
tes bem afortunados. — Certamente, meu  
Chablis, me disse ella chorando, isso  
me dará grande satisfação; e lembra-te  
um dia que me fizeste conceber essa es-  
perança. E' uma consolação, me disse  
ella com um tom solenne, é uma gran-  
de consolação que sentimos quando nos  
occupamos em formar o coração de nos-  
sos filhos. Deos, quando nos confiou este  
deposito innocente, fez-nos uma lei bem  
suave de lho conservar puro; e por isso  
devemos empregar-nos todos em nossos  
filhos. O' meu amigo! muito estimarei  
que este pensamento vos acompanhe sem-  
pre até mesmo em vossos maiores des-  
gostos. — Nos meus desgostos! poderei

nunca tel-os com a minha Felícia? Felícia nada respondeu; apertou-me a mão, e voltou a cabeça, certamente para me esconder suas lágrimas. Ai de mim! ella sentia que o momento horrivel da nossa separação estava chegando, e queria penetrar-me da grandeza de minhas obrigações, a fim de impedir-me de entregar-me inteiramente á minha desesperação. Mas a esperança illude-nos sempre, e eu não imaginava que tão pouco tempo possuiria esta mulher adoravel. Uma sala somente nos faltava para vêr: Felícia, quando entrou nella, disse-me que *desejava ficar até á noite no eremitério*, e pediu-me que mandasse trazer o jantar para alli. Eu saí então para dar as suas ordens, e ella ficou com a ama naquella sala que é abobadada, sonora, triste, sombria, e pouco clara. Quando eu ia entrar alli para acompanhar Felícia, ouvi a sua voz que me pareceu muito alterada, e senti que fallava em mim com enternecimento: então parei, appliquei o ouvido, e não

perdi uma só palavra daquella dolorosa conversação. Sim, Margarida, dizia ella á ama, exijo que instruas teu amo da minha ultima vontade: quero que esta sala me sirva de tumulo. — Ah, senhora! lhe respondeu a ama soluçando, para que alimentais o espirito com tão tristes pensamentos? Não, não, Deos ouvirá as nossas supplicas, e não nos levará a nossa querida senhora. — Não chores, minha Margarida; porque Leão (Pedro de São Leão era o nome que eu tomára ao entrar em Portugal, e Felícia não me chamava Chablis senão quando estava só comigo) póde entrar, e quereria saber o motivo porque choras. Teu amo não é feliz, Margarida, é preciso poupar a sua ternura: ai de mim! que será d'elle, quando a sua unica consolação, quando a sua Felícia tiver fechado os olhos? Tu és dotada de um excellente coração, Margarida, e estimas teu amo; eu o recomendo a teus cuidados, principalmente neste momento em que o meu triste coração, privado

de todos os sentimentos, de todas as affeições do amor, não baterá mais para o meu querido Leão. Ah, senhora! se meu amo vos ouvisse. — Ai de mim! Margarida, elle se engana a respeito da minha doença; mas, eu o sinto, pouco tempo viverei: é preciso acostumal-o pouco a pouco a esta cruel separação. Meu Deus! quanto me custa de o enganar! Ah! querido Leão, logo que os restos inanimados de tudo o que tu amavas estiverem fechados nestes tristes logares, tu virás muitas vezes regar seu tumulo com tuas lagrimas; e a tua Felicia, do fundo da sua sepultura, te excitará á coragem á resignação, ao rendimento, á vontade de Deus. Então estive a ponto de abrir a porta, e de me lançar aos pés de Felicia, para lhe fazer conhecer todo o excesso da minha desesperação; porem uma repentina reflexão me demorou: o receio de que o estado horroroso em que estava abysmado lhe causasse grande commoção, e apressasse aquelle momento horrivel e

temeroso, me fez ausentar com espanto. Corri para o interior do jardim, e com a cabeça apoiada nas mãos, chorei amargamente. O' minha Felicia! dizia eu, hei de seguir-te; o mesmo calxão nos fechará. Grande Deus! poderia sobreviver te? Não, não, a vida me é horrorosa sem ti. Assim, abysmado nestes tristes pensamentos, não podia decidir-me a apparecer diante de Felicia; mas ella que se desgostava com a minha ausencia, mandou-me chamar: a mesma ama foi quem, depois de me ter procurado por toda a parte, me achou finalmente naquelle bosque, pallido, triste e afogado em lagrimas. O' Céu! exclamou ella, que tens, senhor? — Minha rica Margarida, lhe disse eu, ouvi tudo o que dissesteis; a minha illação acabou, estou perdido. — Senhor, por quem sois, socorra; a minha querida senhora morreria se vos visse neste estado. — Ah, Margarida! e esta menina, lhe disse eu pegando na minha filha que estava nos braços della: esta infe-

liz menina perderá sua mãe ! Infeliz creatura ! o teu berço será coberto de luto ! não pronunciarás mais sem chorar, o doce nome de mãe ! Serás para sempre privada das caricias, da ternura, dos conselhos maternos ! na mesma idade em que se não conhece a desgraça, tu serás a sua preza ! O' grande Deus ! meu querido amo, me dizia Margarida, socegai ; a senhora não está tão doente como ella se persuade. — Julgas que não ? lhe disse eu, abregando aquelle raio de esperança, e olhando fitamente para ella a fim de procurar em seus olhos humidos a certeza : julgas que não está tão doente, Margarida ? — Julgo sim, senhor, e tenho essa esperança : socegai, e vinde comigo ; a senhora poderia affligir-se com uma ausencia tão longa. — Meu Deus, Margarida, se nós podessemos dar-lhe a saúde ! — Parece-me que a senhora chama. — Eu vou lá, Margarida, eu vou lá : pega na menina ; e dizendo estas palayras a deixei. Tomei o ar mais socegado que pude, e



entrei no crematório. Margarida havia-se enganado, Felícia não chamára, estava ainda assentada no triste logar que, presentemente, lhe serve de tumulo. Assim que entrei, perguntou-me porque motivo estivera tanto tempo ausente della; e notando a mudança que eu fiz, ficou triste, e declarou-me os seus sustos. Eu tornei a culpa da minha indisposição ao calor que era grande, e á minha imprudencia de ter estado ao sol com a cabeça descoberta. E tu, minha Felícia, ajuntei eu, para que te demoras aqui tanto tempo? esta sala é a mais triste do crematório; porque não tem vista nenhuma de campo, e deve causar-te tristeza. — Não, Chablis, me disse ella, este sitio inspira idéas alguma coisa melancolicas, é verdade, mas é uma melancolia suave, que espalha certo encanto sobre lembranças dolorosas; e de mais, meu amigo, estava pensando em ti, e não me lembrava da tristeza deste logar. Mas, que tens? estás tão desmaiado! — Não é nada, Felícia, o ar ha de

fazer-me bem; acompanhe-me, meu caro amor. Dizenho estas palavras, dei-lhe o braço, e a tirei para fóra daquelle fatal quarto que me causara horror; pois me parecia ver já alli o seu tumulo. Estas palavras: *Mas é uma melancolia suave que espilha certo encanto sobre lembranças dolorosas; e de mais, meu amigo, estava pensando em ti.* Estas palavras, torno a dizer, enchêrão-me de susto: eu vi a intenção de Felícia, eu as appliquei a mim, e meu triste coração m'as repetia. E' aqui, dizia eu, que ella espera que terei animo de supportar a nossa separação. Mas, grande Deos! é ao pé de suas cinzas... Ser-me-hia impossivel occultar-lhe mais tempo a minha commoção, se me não apressasse a sair; pois a minha fraqueza traia o meu valor, e só quando me amentei daquelle sitio é que me senti mais alliviado. Depois pedi a Felícia que tomasse alguma coisa: seu sobrinho estava tão fraco, que apenas podia conservar algumas colheres de caldo. O nosso jan-

tar foi triste, apesar de procurarmos *illudir-nos a respeito de nossas dores*. Julio somente é que jantou; quanto a mim, ser-me-hia impossível comer coisa alguma. Felícia temendo que eu estivesse realmente incomodado, quiz voltar para casa, e eu annui á sua vontade. O eremiterio inspirava-me idéas cuéis: Felícia, quando saiu, attentou com reflexão, olhou para mim, e voltou a cabeça; mas eu vi suas lagrimas, que caíam sobre meu coração, e conheci o motivo que lhas arrancava. Assim que chegámos a casa, Felícia deitou-se na cama, e me pediu que fosse descansar; porem achei-a tão doente, que não me animei a deixal-a só. No dia seguinte, logo que o medico chegou, procurei ler em seus olhos o que elle pensava da sua doente. Mas ah! eu não ousava rogal-o para que me fallasse com franqueza; a minha *illusão* era para mim muito cara, e por isso temia que uma palavra viesse destruil-la. Aquelle dia, teve Felícia muitos desmaios: perto da noite achou-se

alguma coisa melhor, e então pediu-me que me fosse deitar. Eu fingi annuir aos seus desejos, e saí; mas tornei logo a entrar, e escondi-me em um canto escuro do seu quarto. A's tres horas da manhã teve um grande delirio; mandei chamar a toda a pressa o medico, que pareceu assustado do estado em que a viu: ella nomeou muitas vezes Arminda, e D. Fernando. Cruel mulher!... dizia ella, eu te perdoo a minha morte, ... este funesto segredo será sepultado comigo!... Disse mais mil palavras cortadas cujo sentido não pude comprehender. Mas, caros amigos, continuou o Conde, depois daquelle instante tenho tido funestas idéas, das quaes nenhuma coisa tem podido distrahir-me. O' Deos! porque motivo a não acompañei eu em São Germano, quando desemos da sege! Talvez naquelle fatal quarto onde a achei sem sentidos... talvez aquella criada grave... esse monstro, digno agente de outro monstro maior ainda... Vós estremeceis, meus amigos... Ah! exclam-

tiou elle, tendo as mesmas idéas que em... Aqui o Conde perdeu os sentidos: seus amigos o rodearão, administrarão-lhe todos os soccorros, e em pouco tempo este infeliz tornou em si; depois pediu ao Duque de Valhadolid que lhe dissesse se tinha alguth esclarecimento daquelle crime atroz, que Felicia em seu delirio parecia exprobrar a Aminda. O Duque jurou-lhe que nada sabia. — Deitemos um véo sobre as minhas duvidas, replicou o Conde; vou continuar a minha triste narração: ai de mim! meus amigos, naquelles dias de dor era eu bem desgraçado, e comtudo gozava ainda da felicidade de ver, de ouvir, e de estar perto de Felicia; mas esta unica ventura devia bem depressa ser-me roubada. Felicia, depois do seu delirio, caíu em um lethargo que me assistou; apenas a sentia respirar. O medico me animou, fazendo-me esperar que aquella espécie de somno lhe refrescaria os sentidos. Passadas seis horas, Felicia abriu os olhos conheceu-me, e deu-me a mão;

depois pediu o seu confessor, e eu fiquei só com o medico para o interrogar a respeito do estado da doente: elle respondeu-me abanando a cabeça: Senhor, talvez que um feliz esforço da natureza vos restitua vossa esposa. — Ah, Uô! deverei pois esperar só no acaso! — Certamente, replicou o doutor, que ella teve um grande desmaio, seu sangue não está bom, e... todavia, senhor, farei quanto esteja ao meu alcance, para salvar vossa esposa, e ficarei esta noite ao pé della. Animo, senhor, animo. — Ah! disse eu apertando as mãos com força, ah, senhor! agora mais que nunca me é necessario. Perto da noite, Felicia pediu que se quizesse levantar; pizerão-na sobre um canapé, proximo de uma janella, porque fazia muito calor. — Como o tempo está sereno! me disse ella, o fim de um lindo dia, caro Leão, assemelha-se ao fim de uma boa vida. Vês tu, meu amigo, como a noite, a passos lentos, vem tomar o lugar do dia! Do mesmo modo a cada instante a morte se aproxima de

nós, e faz fugir a vida. — O' minha Felicia! lhe disse eu regando suas mãos com as minhas lagrimas, minha Felicia, o dia torna a vir, e a morte é eterna. — Eterna! querido esposo, que dizes tu? então não vivemos sempre na memoria daquelles que nos amão? Jámais estarei separada de ti; o meu coração ficará depositado no teu coração, os meus pensamentos nos teus pensamentos, e o meu amor estará sempre unido ao teu amor; gozarei pois da satisfação que hão de dar-te os nossos filhos; e a minha alma esperará a tua, naquella patria celestial onde ellas devem ser reunidas. O' meu amigo, não te entregues á tua dor; não augmentes com a tua desesperação a grandeza do meu sacrificio; lembra-te de tus filhos. Ai de mim! que seria destas innocentes creaturas, se não tivessem pães? Infelizes orfãos! que não tendo pães, não terião amigos. Vês, querido Leão, qual será a sua sorte? Jura-me, meu amigo, de viver para os nossos filhos, para que eu leve comigo,

quando morrer, esta doce consolação: Anda cá, Julio, vem abraçar teu pae; pede-lhe que te não abandone; e tu, Celiza, tu, cuja fraca voz pôde apenas pronunciar o nome do pae, vem para os seus braços; a tua tenra idade o comoverá. Felicia então poz a minha filha nos meus joelhos: Julio, chorando, fazia por me abraçar, e gritava: Papá, quereis pois deixar-nos? Todas as pessoas que estavam no quarto choravão, e eu estava em um estado difficil de comprehender: meu coração estava oppresso, meus olhos se turvavão; as minhas lagrimas não corrião, e a minha razão estava prestes a me abandonar. Neste momento Felicia pareceu-me um anjo: seus olhos estavam levantados para o céo, suas mãos estavam juntas; a dor, a confiança, a resignação estavam pintadas sobre aquelle semblante celeste; toda a sua postura mostrava que ella offerecia sua alma a Deos, e lhe pedia que tivesse piedade da sua triste familia. Depois pareceu-me cheia de uma virtude

sobrenatural, que me commoveu, e senti-me penetrado de uma coragem que até então desconhecia. Mas ah! o meu valor durou pouco! apertei Julio e Celiza em meus braços e exclamei: Meu Deos! se me levals Felicia, dai-me forças de sobreviver para meus filhos.

Estas palavras espalhárão uma doce alegria sobre o semblante de Felicia, que fez signal para que nos deixassem sós: logo que toda a gente se retirou, ella me disse com aquella voz maviosa, que vós lhe conheceis: Talvez que um dia D. Fernando conheça os seus erros. Então, caro Chablis, dize-lhe que eu lhe perdoei a sua traição, e que expirando, me lembrei somente dos seus ternos serviços, do seu zelo desinteressado e da sua sensível amizade. Testifica a Palmira todas as minhas saudades por não lhe dar um abraço nos meus ultimos momentos. Ajde mim! o attractivo do ouro roubou-me todas estas consolações! Ah, D. Fernando! eu as preferiria a todas as riquezas do mundo. Cruel



amigo! os nossos bens, e os nossos corações erão vossos; para que duvidastes disto, roubando-os de uma maneira tão indigna? Diz também, caro Chablis, ao cavalheiro de Moberquy, que o meu reconhecimento, assim como a minha amizade, será eterna. Foi elle, querido esposo, que salvou teus dias do furor de meu Tio. Ah! que terra obrigação lhe devo! Seu silencio me inquieta: elle devia ter recebido as nossas cartas; porém talvez que ellas se perdessem. Meu amigo, não te afflijas; tu me cortas o coração. Ajuda-me, caro Chablis, a consummar o meu sacrificio. — Detestavel Armauda! exclamei eu, aqui tens a tua obra, e... — O' meu amigo! disse Felicia, perdoa-lhe, assim como eu lhe perdoei. Mas... eu não.... vejo.... Onde estás?... Chablis.... onde estão os meus filhos? Vinde.... vinde, que vos quero apertar contra meu coração... Querido Chablis!... Adeos. Meu Deus, tende piedade de mim; recebei a minha alma no vosso scio.... Alli esperav

rei Chablis. Aculando estas palavras, seus olhos se fecharão. . . . Felicia expirou. . . . O' meus amigos! como poderia explicar-vos a minha desesperação? Dei gritos terríveis, levantei-a nos meus braços, procurei reanimá-la: cuidados inúteis! . . . Felicia estava morta. . . toda a minha ventura desappareceu. . . . A minha família correu aos meus gritos, juntou-se á roda de mim, e quiz separar-me daquelles restos preciosos de uma esposa adorada; porém eu deixei-me ficar, e jurei que ninguém me arrancaria daquelle quarto de morte. Não sei o que se passou mais ao pé de mim: eu não via nem ouvia, tinha Felicia apertada sobre meu coração. Estas palavras de Julio, *a mamã dorme*, tirão-me daquelle estado de abatimento em que estava. Oh! que somno! exclamei eu, que somno! Julio, *ella não abrirá mais os olhos*. Então levei Felicia para o seu leito, e pondo-me de joelhos ao pé della, passei assim toda a noite a contemplar aquelle doloroso espectaculo. Ai de

mim! dizia eu, morrer tão nova!... ter sido sempre perseguida... O' minha Felicia! fui eu que te acarretei tantas desgraças.... Para que fizeste o meu conhecimento?... Ah! sem mim, viverias ainda,... feliz, adorada; gozarias das homenagens devidas á tua formosura, ás tuas virtudes... Infeliz! eu te arrastei para o precipício.... Deste modo, meus amigos, eu me affligia, e não podia apartar meus tristes olhos daquelle semblante que, privado de todos os sentimentos, estava ainda encantador. Uma só vela allumiava aquelle lugubre quarto; eu a tinha posto ao pé do leito; a sua luz reflectia sobre a minha Felicia, e meus olhos cheios de lagrimas, fixá-vão-se sobre suas feições tão profundamente gravadas em meu coração. Que serenidade! que doçura! que socego estava espalhado sobre aquella figura celeste! Sua boca meia aberta parecia querer dizer-me ainda adeos: sua pallidez enternecia, e não causava horror; mas seus olhos, nos quaes se pintavão junta-

mente o espirito, a bondade, a ternura, seus olhos estavam fechados, e fechados para sempre! Ah! eu estava tão occupado daquellas dolorosas reflexões, que não tinha notado que o respeitavel ecclesiastico que assistira Felicia em seus ultimos momentos, ficára ao pé de mim. Já era alto dia, e eu estava ainda na mesma postura, e se não fosse aquelle virtuoso padre, não sei o que seria de mim! Elle tinha prohibido que se oppozessem a tudo o que a minha dor me suggerisse; compartiu com bondade as minhas penas, affligiu-se comigo, fallou-me das qualidades da minha Felicia, e chorou a minha desgraça. Assim adquiriu pouco a pouco a minha confiança; eu chorei em seu peito; e elle fallou-me de meus filhos, da esperanza que dei á minha Felicia moribunda de viver para aquellas innocentes creaturas, e dos meus deveres para com ellas. Depois disse-me mais: A vossa virtuosa esposa pediu-me que não vos abandonasse nestes instantes terriveis; é ella quem

vos falla pela minha voz. Que vos dērei, meus amigos? elle conseguiu pouco a pouco de arcançar-me daquelle leito de morte, se bem que vinte vezes alli voltei, e vinte vezes apertei em meus braços a minha Felicia; finalmente levarão-me para fóra de casa, e não vi mais aquella que me era tão cara, aquella cuja existencia era tão necessaria á minha felicidade, aquella em fim cuja perda sempre presente a meu triste coração, o afflige, o despoja, e enche de amargura. Depois mandei pintar de preto a sala que Felicia chamára o seu tumulo. O cura alçou-me licença de trasladar para ella o corpo da minha esposa, onde depois daquelle momento fatal repousa. E' lá onde todos os dias vou pedir a Deus que me junte áquella que amo; é lá donde tiro forças para supportar a minha triste existencia que unicamente consagro a meus caros filhos. Será alli finalmente, logo que a sorte de meus filhos estiver segura, que todos os meus desejos se reunirão :

ção, meus amigos, é naquella tumulto que acabarei a minha felicidade. Aqui o infeliz Conde demorou-se um instante em suas tristes reflexões. Seus amigos não ousarão interromper aquelle silencio, estavam penetrados de dôr: depois desta pausa, Chablis continuou assim: a residência da casa em que Felícia expirára tornou-se-me insupportavel; eu só entrava alli de noite, e muito tarde; passava todo o dia no eremiterio, donde me ausentava com pena depois que elle encerrava o meu bem mais caro. Passado algum tempo decidi-me a não o deixar mais; vendi a vinha casa, recompensei largamente meus criados, fiquei só com a neta de Celiza, e recolhi-me com meus filhos neste eremiterio. O respeitavel ecclesiastico não me abandonou: muitas vezes vinha ver-me, e cada uma de suas visitas alogava as minhas penas. Julio e Celiza vão crescendo; eu applicuei-me a fazel-os virtuosos, a formar-lhes o espirito e o coração, e vi com prazer que suas boas dis-

posições correspondião a meus cuidados. Achei nelles a bondade, a ternura, as virtudes de sua infeliz mãe: entreguei-me ao estudo para aperfeiçoar a sua educação, e ajudado do bom ecclesiastico, o padre Romincourt, homem muito instruído, consegui tornar meus filhos dignos de uma melhor sorte. Ao mesmo tempo procurei dispor-os a supportar com resignação os trabalhos que o Céu podia mandar-lhes, e preparei-os a lançar seus olhos sobre os entes mais infelizes que elles, a fim de acharem em qualquer posição onde Deos os pozesse, continuos motivos de acções de graça. Logo que Julio fez dezeseite annos, o padre Romincourt propoz-me de o mandar viajar. Negocios seus o chamávão em Inglaterra, e então mostrou-me o desejo que tinha de levar consigo meu filho. Aquella viagem feita com um homem de tanto merecimento, não podia deixar de ser util e agradavel a Julio. Assim, accitei a proposição do digno ecclesiastico com grande alegria, e confiei meu filho aos seus cuidados.

Dois annos e meio estiverão ambos em Inglaterra. Um triste acontecimento apressou a volta do meu filho; a morte lhe roubou seu respeitavel conselheiro: o virtuoso Romaincourt expirou em seus braços.

Julio depois de lhe ter feito os ultimos deveres, não tendo negocio algum que o demorasse, e desejando vivamente estar no seio da sua familia, voltou para Portugal, e tornou a ver com alegria o recto rustico do nosso eremiterio. Nós chorámos então a perda do nosso estimavel amigo. Eu quiz que Julio continuasse a ver mais o mundo; e por isso fiz que tivesse amizade com os sobrinhos do meu amigo Romaincourt, moços muito distinctos por seu merecimento, sua educação, e suas maneiras; sómente exigi de meu filho que os não trouxesse muitas vezes ao eremiterio, porque a minha melancolia não se conformava com os prazeres da sociedade, e a formosura e juventude de Celiza me fazia uoa lei de receber poucas visitas daquella.



classe. Ella tinha por amiga a estimavel Cecilia, e desde a sua infancia acostumada á solidão, havia feito della prazeres que os brilhantes divertimentos de um mundo que não conhecia não poderiam perturbar. Celiza era feliz com a ternura de seu pae, com a amizade de seu irmão, e com as visitas da sua amiga. Ai de mim! naquelle tempo ainda ella não conhecia o amor: mas tornemos a Julio. Durante os tres mezes que estive no eremiterio, ia muitas vezes a Santarem para visitar os seus amigos, elle os acompanhava a todas as suas visitas, a todos os seus divertimentos, e nada era bem feito se Julio não assistia tambem. Comtudo notei que elle só ia ás companhias para me fazer a vontade, e cada vez que viaha para casa, trazia pintada sobre o semblante a satisfação de ver sua irmã e a mim. Um dia, estando nós tres assentados no laranjal, perguntou-me se, nas minhas viagens a Franca, onde lhe tinha dito que passei algum tempo, conhecêra as familias de

Chablis e de Florian? Esta pergunta que tão longe estava de ouvir, fez-me uma grande impressão. Meu filho conheceu o meu estado, e pegando-me nas mãos, disse: Perdão, meu pae, se a minha pergunta vos affligiu. — Meu querido Julio, lhe disse eu procurando occultar a minha commoção, é verdade que conheci essas familias. — Como, meu pae! particularmente? — Sim, disse eu com uma voz ainda pouco firme. — Mas vós nunca nos fallastes desse infeliz Conde, nem da sua virtuosa e linda esposa que se chamava Felícia? Parece que a desgraça e a formosura andão unidas a este nome, continuou Julio; porque minha mãe se chamava assim, e com vezes nos tendes dito que ella foi tão formosa como infeliz. — O meu filho! disse eu interrompendo-o, não podendo moderar a minha dôr, meus queridos filhos, tende dô de mim; eu sou esse desafortunado Conde; e vossa mãe, essa que vós chorais todos os dias, essa cuja separação me é tão cruel, essa cujas cin-

zas repoução nestes logares, era a desditosa Felicia de Floriant! — Céu! que dizeis, exclamou Julio? Vós, meu pae! vós, a victima dessa cruel Armanda! — Como! Pedro de São Leão não é o vosso nome? dizia Celiza toda admirada: e quem é essa Armanda, meu irmão! — Minha filha, eu te contarei tudo; mas dize-me, meu filho, quem te instruiu das desgraças da tua familia? Julio me disse que havia alguns mezes que a irmã de Romincourt tinha alugado uma parte da sua casa a uma senhora franceza chamada Durcaut. Esta senhora viéra a Santarem para negocios de commercio; alli achou-se perigosamente doente, e mostrou que uma grande tristeza a inquietava. Finalmente, não tendo esperança de melhorar, e sentindo aproximar-se a morte, não pôde resistir a seus remorsos, e declarou á irmã de Romincourt, que ella era depositaria havia doze annos de um papel de grande importancia, que podia fazer a felicidade de uma familia distincta de França,

em qual grandes desgraças havião expatriado. Então, me disse meu filho, esta senhora entregou á irmã de Romincourt um maço de papeis *fechado*, dirigido ao rei de França, e lhe asseverou que ella não sabia o seu conteúdo, que seu irmão, Durcaut, tabellião em Paris, lho tinha entregado quando morreu, exigindo delia de o não abrir, e de ella mesma o entregar ao rei. Meu irmão, continuou aquella senhora, me fallou, durante o pouco tempo que teve de vida, das desgraças de uma boa pessoa chamada Felicia de Floriant, esposa do Conde de Chablis, ambos perseguidos cruelmente por Armande de M..., sua anadrasta; meu irmão pediu perdão a Deos por ter sido um dos instrumentos de vingança daquella mulher, e supplicou-me de reparar todos os seus aggravos para com aquellas victimas do ciúme, remettendo promptamente esta carta ao rei. Se até agora o não fiz, ajuntou a senhora Durcaut, foi por medo de fazer-me inimiga de Ar-

manda, filha de um ministro favorito do rei. Ai de mim! senhora, contive-me e moribunda, estou bem castigada; atormentada por meus remorsos, vejo continuamente esses infelizes esposos explorarem-me o meu silencio; e os meus vãos temores; porque certamente o nosso bom rei tel-os hia defendido, fazendo-lhes justiça, e não teria nomeado o delator do crime. Grande Deos! qual será a sua existencia?... Presentemente... talvez na miseria.... Ah, senhora! jurai-me por quem sois, de mandar esta carta ao rei... Respeitai o seu segredo.... Eu nunca a quiz abrir... Deos me preservou deste ultimo crime. Neste momento a morte deitou mão da sua preza. A senhora Darcourt expirou ouvindo o juramento da virtuosa senhora de Remincourt, de fazer chegar aquelle escrito ao rei de França. Tudo isto, continuou meu filho, se passou bontem, e hoje é que a senhora de Remincourt e seus filhos me contarão. Então lembraime de que estivereis em França, preside

mi que teriei conhecido aquelles infelizes, e que me darieis algum esclarecimento sobre suas desgraças, nas quese tomei o maior interesse. Ah, meu pãe! quão longe estava eu de prever que aquellas questões vos dizião respeito! *Ai de mim!* ellas abríão novamente todas as chagas de vosso coração. — Meu filho, estas chagas ainda nunca se fecharão!... Ah! a imagem adorada de vossa mãe moribunda nunca mais me deixou; meu coração jámais se consolará desta perda terrivel: ai! que ainda vejo pedir-me seus filhos, apertar-me em seus braços, e exhalar o seu ultimo suspiro.... O' Julio, Celiza, acompanhai-me; vinde, vinde ao tumulo de Felicia, que quero descobrir-vos os crimes atrozes do ciume. Queridos filhos! agora ides saber as desgraças da vossa familia. Oh, minha Felicia! tu foste a primeira victima; a tua sensibilidade não pôde supportar tantas atrocidades, traições, e maldade. Meus filhos estavam penetrados da minha dôr, e não

podêrão ouvir sem chorar, a narrativa penosa das perseguições com que tinham oprimido seus pais. Celiza, inclinada sobre o caixão de sua mãe, com os olhos fitos sobre a minha boca, escutava-me tremendo; Julio bramava, e me interrompia muitas vezes com suas exclamações: Que horror!... meus pais obrigados a esconder-se no mesmo dia do seu casamento, a mudar duas vezes de nome, a fugir, e a temer a cada instante de ser presos, separados, encarcerados, e mortos sobre um cadafalso!

Meu Deus! quando será que a vossa justiça ha de apparecer? Logo que acabei de fallar, elle se lançou de joelhos diante do tumulo e jurou pelos manes de sua mãe de vingal-a e n seu esposo, de todas as injustiças. — Meu filho, lhe disse eu, meu querido filho, acalma o teu resentimento; lembra-te que meu pae existe: nunca, Julio, nunca me expróbrarei de ter perturbado seus velhos dias. O amor que tem a sua mulher o segou, e fez que o apartasse de seu fi-

lhô; mas, Julio, elle é meu pãe; este título respeitavel deve apartar-nos de toda a idéa de vingança. Logo que elle e eu fecharmos os olhos, tu e tua irmã podeis reclamar a herança de vossa mãe; pois em quanto á do Duque, podeis saber que nada vos pertencerá. Eu estou desherdado; mas, meu filho, por quem és, não augmentes as minhas penas, affligindo meu pãe. — Ah! esta acção pinta bem a vossa alma, exclamou Julio, vós sois o melhor filho assim como o mais respeitavel pãe. Ah, senhor! eu vou dar um golpe na vossa sensibilidade. O Duque morreu! — Céu! — E' verdade, meu pãe, nada ha mais certo. Quando me disastes que ereis o Conde, impedistes-me de vos dar esta triste noticia; eu conhecia o vosso coração, e apesar dos aggravos do Duque, bem sabia que a sua morte vos havia de affligir. Mas em fim, todos os obstaculos estão tirados; agora não ha motivo algum para me demorardes; eu mesmo irei deitar-me aos pés do rei, para lhe entregar aquelle



esta; fallar-lhe-hei de vossas desgraças, que o commoverão, e vos fará justiça. A vossa vida, a vossa liberdade deixarão de estar em perigo; o vosso verdadeiro nome vos será restituído, e a vossos filhos também; a nossa infeliz mãe será vingada; o véo que cobre o crime será rasgado. — E bem! meu filho, tu o queres? approvo a tua resolução. Vai, mas jura-me por Felicia, por teu pae, por tudo quanto ha mais sagrado, que o rei será o primeiro que saberá o teu verdadeiro nome; os nossos inimigos são poderosos; e por tanto eu não poderia tomar todas as precauções para salvar o meu filho do seu odio. Julio fez tudo quanto exigi d'elle e até quiz, para me socegar, mudar o nome de Julio, que D. Fernando lhe havia posto. (A estas palavras, Izabel fez um movimento de sobresalto, o qual seu pae notou, e que sem duvida dando-lhe algumas idéas o fez mudar de cor). O Conde, sem fazer reflexão, continuou: No dia seguinte de manhã, o meu filho

despediu-se de nós; a senhora da Romaincourt, movida do serviço que elle queria fazer a uma família desgraçada, e julgando que aquella viagem á França estava projectada havia muito tempo, não suspectou o verdadeiro motivo que a fazia emprender, e confiou-lhe o segredo de que se achava encarregada de uma maneira tão singular. Dous mezes passaram que elle partiu, e ha quasi um que não tenho noticias suas. Temendo que as cartas se perdessem, ou fossem interceptadas no correio; pedi-lhe que me escrevesse por um expresso, logo que chegasse á França.

Julio ajustára comigo que no momento da sua chegada a Paris, me mandaria James, criado muito fiel que tomou para o servir em Inglaterra. Agora julgai, meus amigos, se devo estar afflicto por causa do seu silencio! As suas cartas de Hespanha inquietão-me, pois me faz ver que não é feliz. Um instante, me diz elle, perturbou para sempre a tranquillidade do meu coração; cer-

Atamente, meu pãe, agora desejaria muito estar na vossa companhia; os vossos conselhos, a vossa ternura, a vossa bondade me ouvirão, adoçarão minhas penas, e levarão o sossego a meus sentidos. Mas ah! ajunta elle, eu vou partir.... vou para Paris. Brevemente, meu pãe, espero correr aos vossos braços. Oh! quem me dêra já lá!... ou para que saí eu da vossa companhia! Continuou o Eremita, Julio não está senhor de seu coração. Ah! queira Deos que o amor lhe não seja tão funesto como a seus pães! Mas porque razão James deixou de vir? Aconteceria alguma infelicidade a meu caro filho? Comtudo elle me promettêra de ser prudente, de não commetter excesso algum, e de ver somente em D. Fernando um tio outr'ora amado de seus pães, pelos grandes serviços que lhes fizera. Sim, meu caro D. Fernando, continuou o Conde, eu não podia deixar de amar-vos ainda; apesar da vossa supposta traição, não podia esquecer-me da vossa amizade, e

lembrava-me com reconhecimento que vós mesmo haviéis posto a minha Felicia nos braços de seu esposo. Meu filho, quando entregasse a carta ao rei, devia supplicar-lhe que a raigasse, no caso de conter alguma coisa que pudesse comprometter vos; e Julio jurar-lhe-hia de esquecer a vossa perfidia em favor das obrigações de que vos sou devedor. Mas, caro amigo, elle já devia ter vindo. Grande Deos! para que me reservais? para que desgostos estou ainda destinado? Oh! não me tireis o meu filho, a minha querida Celiza, a minha unica consolação. D. João, exclamou elle, Celiza não veio ainda! Ah! esta cruel violencia ha de tel-a assustado. Oh Céu! minha filha, minha querida filha, meus filhos, onde estais? — Meu caro Conde, disse D. João escondendo a cabeça entre as mãos, Celiza ser-vos-ha restituída: O horror de vos ver atormentado não me deixará jámais. Ah, Moberquy! deixa-me dar-te este nome debaixo do qual tanto tempo te amei; meu caro Moberquy, perdão, perdão: não ves que cruel-

mente padeço? Meu coração opprimido pelos desgostos, aberto de mil golpes, despedaçado pela desgraça, obriga a minha imaginação á melancolia, e só pôde demorar-se sobre idéas tristes; uma tinta preta se espalhou sobre todos os meus pensamentos. Ai de mim! lisonjeira esperança, tu me abandonaste. Até mesmo já não posso acreditar na felicidade para meus filhos. Ah! Moberquy! o meu coração te perdoa; tu deves desculpar as excoberações da minha dor. D. João apertou muito tempo o Conde em seus braços; todos estavam enternecidos. Esperava-se por Celiza, desejava-se Júlio, lamentava-se o infeliz Chablis. Finalmente, o Conde tomando a palavra, disse: Não perguntarei a Moberquy a causa do seu silencio que tanto me inquietou. As minhas cartas não poderão chegar á Italia debaixo deste nome supposto: A D. João, senhor hermannol: mas peço ao meu amigo D. Fernando que me explique o enigma desta cruel carta, se della tendes algum conheci-

mento. Também quero saber porque razão me não fallastes daquella sentença que me condemnava a morrer sobre um cadafalso, e espero com impaciência que comeceis a vossa narração deale aquelle momento em que nos separámos no pátio do castello de. . . — Sim, caro Chablis, respondeu D. Fernando, e então conhecereis que nunca fui indigno da vossa amizade. Naquelle momento, um criado veio dizer que o jantar estava na mesa; e o Duque foi obrigado a differir a sua narração. O jantar foi muito triste: uns pensavam na intertymante Felicia, outros lamentavam Celiza e fallavam muito della. O Conde que estava cuidadoso por causa de seus filhos, não quiz comer; ao sair da mesa, todos voltaram para o bosque, e tendo cada um tomado o seu lugar, prestaram a maior attenção á narrativa de D. Fernando, Duque de Velhadolia, que, dirigindo a palavra ao Conde, lhe disse: Antes de entrar em qualquer detalhe, devo instruir-vos, meu caro Chablis, dos moti-

vos que me obrigáão a não vos partici-  
par a mais terrível das desgraças. De-  
pois de me consultar por muito tempo  
sobre o partido que devia tomar, deter-  
minei-me a não perturbar a paz que go-  
zaveis, com a lembrança continuada do  
perigo da vossa vida. As vossas cartas ao  
estribeiro mor parecião provas certas da  
parte que havíeis tomado no tratado de  
Hespanha. Eu vi aquellas funestas car-  
tas, e juro-vos que a similitude da es-  
crita com a vossa era tão notavel, que  
seria impossivel negar que aquelles es-  
critos não erão feitos pela vossa mão.  
Todavia estave bem persuadido que não  
ereis o seu author; mas vós tinheis ini-  
migos tão poderosos que, não tendo pro-  
va alguma da vossa innocencia, não me  
era possivel poder-vos salvar. Naquellas  
cartas fazião-vos fallar do candeal de Ri-  
chellieu em termos tão pouco comedidos,  
que conseguirão tornar-vos odioso a seus  
olhos. O rei era vosso amigo, mas temia  
o seu primeiro ministro; e demais, elle  
vos julgava tão culpado como o seu fa-

vorito, cuja morte o affligia pouco. Vendo pois que as precauções de vossos inimigos são tãoas, que era impossível salvar-vos do supplicio, encerrei no meu coração a pena que me causava a vossa terrível sentença. Para evitar suspeitas, occultei a toda a gente a amargura de meus sentimentos; e persuadindo-me que o tempo abrandaria o furor de vossos inimigos, esperei que me seria mais fácil então de vos fazer passar a um paiz estrangeiro; mas até agora, achava cruel instruir-vos de todo o horror da vossa situação. Floriant vos havia accusado de rapto, já vol-o tinha dito, e isso bastava para vos obrigar a tomar as precauções que a vossa liberdade exigia.

Eis-aqui quaes são as minhas intenções, meu caro Chablis: a mesma amizade m'as havia inspirado; se não fossem os artificios da mais má mulher, ellas terião um bom fim, e vós não experimentaríeis a terrível scena de São Germano, que vos certificou da vossa desgraça, e vos fez tremer por

causa da vida de Felícia e de vossos filhos.

Esta explicação enterneceu tão sensivelmente o Conde, que não pode deixar de o testemunhar ao Duque de Valhadolid, que então começou a sua narrativa do momento em que elle se ausentára do castello de. . . Assim que cheguei a Paris, apreei-me á porta do Duque, e subi ao quarto de Palmira. Conteilhe os perigos que haviéis corrido, que muito a assustarão, e compartiu a nossa satisfação pela mudança do Marquez, e pelo susto que me causára a sua ferida.

Palmira perguntou-me com inquietação se vós sabíeis da sentença do parlamento: a minha resposta socegou-a. Eu tivéra tempo de pedir a Floriant que vos não fallasse sobre este cruel acontecimento, que ignoraveis ainda. Quando eu lhe fiz essa petição, estaveis vós presente, e talvez que vos lembreis do sobressalto que elle mostrou depois de me ter ouvido. Então estaveis muito perto



de seu leito, e por isso não me pôde responder; mas fez-me um signal que me assegurava que contasse com a sua prudência, e o seu discurso justificou a minha esperança. Tendo toda a certeza que instruíeis logo o cavalheiro de Moberquy de vossos segredos, havia-o obrigado por juramento de nunca mais fallar da condemnação do Conde de Chablis. A sua discrição impediu-o de me dar parte das suspeitas que então teve a vosso respeito; mas quaesquer que fossem as suas dúvidas, ficou persuadido que o amor que vos tinha me obrigára a dar aquelle passo; e como elle vos estimava muito, prestou-se com toda a vontade a tudo quanto exigia d'elle. Palmira ficou muito satisfeita com esta duplicada precaução; porque julgava, assim como eu, que não era necessario atormentar-vos com terrores bem fundados. A Duquesa não tinha vindo ainda. Eu fui a casa de Florian, mas foi-me preciso esperar-o algum tempo, porque lhe fôra necessario

vir muito de vagar, para evitar os solavancos da sege. Quando chegou, fiagi diante de seus criados que me admirava do seu triste estado, e fiz mil perguntas ao padre que o acompanhava; elle respondeu-me como tinhamos ajustado, e Floriant foi levado para a sua cama. Fiquei todo aquelle dia, e toda a noite ao pé d'elle. O Marquez fallou de Felicia, de vós, meu caro Conde, e a imagem de seu irmão não o deixou um só instante. Elle lhe pedia continuamente perdão das perseguições com que opprímia sua filha. Seu arrependimento fez-me chorar, e ao bom ecclesiastico tambem. Floriant fez uma escriptura na qual desistia da accusação do rapto que intentára contra vós: confessava que vos tinha accusado injustamente, e que vos obrigára, por suas violencias, a fugir com Felicia. Aquelle auto foi entregue ao curó, para que d'elle fizesse o uso que o vosso interesse exigisse: o Marquez não quiz encarregar-me do negocio, porque os passos que precisava dar para simil-

lhante effeito, dadião suspeitas á Duquesa, e naquella occasião era prudente evitá-las, ao menos para que não soubesse que uma das minhas casas vos servia de retiro. Comtudo a doença augmentava cada vez mais, e nós devíamos se passaria o dia: a idéa da morte causavalle grande medo: a cada momento estava pedindo ao ecclesiastico que o consolasse, e lhe dêsse a esperanza de alcançar o perdão de Deos. Aquelle respeitavel padre desempenhava as suas obrigações com tanto fervor, tanta doçura, e persuasão, que Floriant ficou mais soccgado e cheio de resignação. Perto do meio dia ouvimos o estrepido de uma carruagem, e immediatamente vimos descer a Duqueza. As suas primeiras palavras fôrão: — Certamente foi esse miseravel Conde que vos poz neste estado. Monstro, tremo de mim! — Eu fiquei aittado á vista daquelle la fúria. O bom ecclesiastico a olhava com admiração: ambos esperavamos com impaciencia a resposta do Marquez: elle fez signal á Du-

queza para que se assentasse, e fazendo por se levantar sobre a cama, fallou nestes termos: — Senhora, ninguém crimi-no na minha morte; justamente a mereci, e a encaro como um castigo de Deos. Ai de mim! quanto o tenho offendido! não posso sem receio pensar no momento terrivel em que vou dar-lhe contas de todas as minhas acções. — A Duqueza quiz fallar. — Não me interrompais, senhora; escutai, sêde testemunha do meu arrependimento, e aproveitai-vos, se ainda é tempo, do horror que me inspirão os meus erros, e as perseguições das quaes aquelles virtuosos esposos, a quem chamaeis monstros, são as mais innocentes victimas. — Céu! que ouço! exclamou a Duqueza, levantando-se com impaciência: sois vós Floriant, que me fallais assim? Homem cobarde, pôdes perdoar a teus inimigos! vai-te, tu não és digno da minha confiança. Certamente D. Fernando sabe este misterio; não sejas tão cobarde como vosso amigo, dizei-me, ajuntou ella

com um tom imperioso, se é verdade que o Conde o assassinou? — Ah! senhora! exclamou o ecclesiastico, que crime lhe suppondes! — Supponho sim! repetiu a Duqueza mordendo os labios, supponho! e olhando-o com um ar altivo, lhe disse: *Este senhor sabe que o crime não é supposto! Mas elle não me devia responder, pois me dirigi a D. Fernando. O respeitavel padre ia fallar, e sem dâvida fazer sentir á Duqueza a indecencia de suas ultimas palavras; mas temendo as consequencias de seu zelo, apressei-me a prevenil-o, e disse á Duqueza, que na tarde do dia antecedente, voltando do campo, tinha estado em casa do Marquez, e o víra naquelle triste estado: que como não estivéra ao pé d'elle no infeliz instante em que triunfáram de seu valor, só elle podia descobrir-nos o seu segredo. — Muito bem, disse a Duqueza, fitando-me com um olhar penetrante; e vós ignorais inteiramente as causas de suas feridas? Floriant, antes de hontem, não vos*

disse alguma coisa que pudesse esclarecer-vos! Só elle, dizeis vós, pôde descobrir-nos o seu segredo; e esse segredo vós o respeitais sem duvida! D. Fernando, a vossa resposta é mais subtil que satisfactoria. — Senhora, duvidai, da verdade de... — Eis-aqui, interrompeu o moço, queimando um papel na luz de uma lamparina, eis aqui a causa da minha morte; seja também a preta das chamas.

A Duqueza deu um grito espantoso, quiz livrar o escrito do fogo, mas já não teve tempo; todo estava feito em cinza. Era o vosso bilhete, meu caro Chablis, do qual Floriant se apossára, e que, caído nas mãos da Duqueza, poderia comprometter-me e fazer descobrir o vosso asylo. Aquella acção generosa do Marquez pareceu-me tão admiravel, e commoveu-me tanto, que estive a ponto de lhe mostrar o meu reconhecimento; por uma vista de olhos que lancei sobre a Duqueza concentrou a minha sensibilidade, e preveniu aquella impru-

dencia. Armanda, de raiva, deixam-se cair sobre uma cadeira; havia despendado o vestido para respirar mais livremente, e olhava em redor de si com olhos cheios de fúria. Floriant, com uma voz moribunda, lhe dizia: Senhora, o vosso odio será eterno? Juro-vos que Chablis não foi quem me feriu. Ah! mova-vos o fim doloroso de um homem atormentado de remorsos; vede quanto temo a morte. Ai de mim! se a minha consciencia estivesse pura, o meu ultimo momento seria menos terrivel. Por quem sois, senhora, adogai-me o seu horror; promettei-me de tornar uteis os meus arrependimentos, não atormentando mais as victimas do nosso crime. Empregai todo o valimento que tendes na corte para fazer revogar essa sentença de morte do parlamento que, estou bem persuadido, foi enganado injustamente. A Duquesa franziu as sobancelhas, e poz as mãos sobre o semblante. Ah, senhora! continuava o moribundo, tendo piedade da minha ultima hora. Grande

Deos! estou vendo meu irmão estender-me os braços: elle vos supplica, senhora, que ouçais a minha rogativa. — Perdoas-me, meu bom irmão! continuou elle entregando-se ao delirio da sua desesperação: não me mostres esse rosto severo, serena teus olhos ameaçadores, que tanto terror me causão. Meu irmão! meu caro irmão! acha de novo em mim um amigo, um filho, uma alma agradecida. Mas que vejo! elle se chega para mim, elle me aperta e leva consigo! Meus amigos, meus amigos! não me quer perdoar; vai precipitar-me nos infernos. . . Nós ficámos assustados: o tom sinistro com que pronunciou estas palavras, seus olhos espantados, sua voz trémula, tudo nos fez acreditar que morria. O bom ecclesiastico e eu chegámo-nos para junto de seu leito; apertamol-o nos braços, consolamol-o, fallámos-lhe da bondade de seu Creador, de sua misericordia, de sua clemencia, e conseguimoz socegal-o. A Duquesa, sempre assentada, perdeu a sua cor natural, mas bra-



vemente se viu livre daquella ligeira impressão, e seu semblante, tornando-se mais sereno, trazia o sinal de uma terrível tranquillidade. Sem duvida era o fruto de alguma horrível meditação. Logo que viu o Marquez em estado de a poder ouvir, disse-lhe com uma voz doce: Pois bem, Floriant, estai satisfeito, quero render-me a vossos desejos; deste momento em diante, esqueço a conducta injuriosa do Conde e de sua esposa: prometto servir-os com todo o meu poder, e empregarei tambem o de meus amigos para rehabilitar o Conde nas suas honras. Eu mesma vou escrever-lhes, pedir-lhes a sua amizade, certificar-os da minha ternura; e sem duvida D. Fernando, a pedido vosso, queterá remetter-lhes a minha carta, e ser o mediador da nossa reconciliação. O sacrificio é grande, Floriant, mas o vosso exemplo me commove, e me faz sentir a injustiça da minha conducta. — Ah, senhora! exclamou Floriant cheio de alegria. . . De repente parou, notando na

Duquesa uma curiosidade attenta, uma maligna esperança de lhe arrancar o seu segredo, e o sorriso da maldade sobre seus labios. O respeitavel ecclesiastico a escutára com sobresalto. Quanto a mim, o teu falso arrependimento não me enganou, e a resposta de Floriant me alliviou de um grande peso. Senhora, lhe disse o Marquez, se o vosso coração perdona, se o vosso arrependimento é verdadeiro, se conheceis que sois culpada, por tudo dou graças a Deos; isto é uma consolação que devo á tua bondade. Mas, senhora, não precisais escrever-lhes, seus corações são generosos, e vos perdoarão quando não forem perseguidos. Demais, como quereis que D. Fernando lhes remetia a vossa carta, se ainda o não instrui do seu asylo? e a mim quem é que me ensinou? Bem sabeis, senhora, que na nossa ultima conferencia o ignoravamos: estais pois persuadida que o pude descobrir? Torno a repetir-vos-lo, não foi Chablis que me feriu; Deos castigou-me por uma mão desconhecida, mas igno-

cento. Não procureis penetrar este mysterio, elle deve morrer semigo. A Duqueza mordeu os labios, e corou de raiva; mas concentrou sua cofera, e a cobriu com o véo da tranquillidade. Naquelle momento vierão dizer-me que Palmira estava com as dores do parto, que me chamava com grandes gritos, e que a sua vida estava em perigo. Floriant parecia desesperado com a minha saída: apertou-me a mão, disse-me adeos, e eu corri para junto de Palmira, cujo estado me assustou bastante; mas o Céu vigiava sobre seus dias; elle ma conservou, e me fez pae da minha querida Izabel. Pertó d'onze horas da noite, a Duqueza veio visitar Palmira: seu ar satisfeito me assustou muito; fez-me sinal que o Marquez morrêra, e disse-me em voz baixa que no dia seguinte de manhã esperava por mim no seu quarto. Fui muito cedo aonde ella me ordenava, inquieto do motivo para que era chamado. Palmira já estava á minha espera, e depois de me ter fallado da morte

do Marquez, apresentou-me o seu testamento, testamento que me encheu de admiração e horror. Floriant desherdara nelle Felicia em meu favor. Naquelle momento não fui senhor da minha indignação; lancei o testamento para longe de mim, gritando que nunca gozaria de um bem que me não pertencia. — E porque! me disse a Duqueza, não erais vós conhecido pelo amigo mais intimo do Marquez? Para que vós admirais da preferencia que vos dá sobre uma parenta da qual tanto se queixava? Só vós é que vós admirais disso; toda a gente esperava isto mesmo. — Este testamento é já conhecido! Ah Deos! que pensarão de mim? Que vergonha! appropriar-me os bens d'outrem! — Não vos catendo, replicou a Duqueza: de que vos queixais? ninguém vos accusa. O Marquez expirou hontem ás dez horas e meia da noite; elle fez-me depositaria da sua ultima vontade: quando entrei em minha casa, dei parte de tudo isto á minha companhia; e toda a gente me deu os para-

bem da vossa boa fortuna. No estado em que estava Palmira, seria imprudente fallar-vos de morte diante della; eis aqui porque não vos avisei de tudo immediatamente. Como, lhe disse eu ainda, Floriant havia perdoado a Felicia, e ao Conde? E acreditais nessa circumstancia de um momento que o temor sómente occasionava? Depois da vossa esdruxa, mudou inteiramente, mudou chamar um tabellião, e dictou-lhe este testamento; ainda foi mais longe, continuou elle olhando-me fixamente, proximo a expirar, retractou-se, e disse-me que o Conde o matára, e que vós me diríeis como isso fôra... — E' impossivel, exclamei eu interrompendo-a, é impossivel; vós enganais-me, senhora: como posso eu instruir-vos de uma cousa que elle mesmo vos disse ser-me desconhecida? — Seja assim, me disse ella saindo furiosa do gabinete, tu não merecias esta rica herança... Suas palavras causarão-me suspeitas. Comtudo não podia crer naquella prompta mudança de

Marquez, e disse consigo mesmo: certamente esta mulher detestavel julgou cegar-me com o lustro de seu ouro; não sabe que todas as riquezas do mundo nada podem sobre um coração probo. Ella imaginou que esta herança arrancaria o meu segredo, que me persuadiria da maldade de Floriant, por presumir que ficaria meio instruida. Mas, graças a Deus, nada disse que pudesse comprometter os meus infelizes amigos; e se foi verdade que o Marquez morreu naquelles sentimentos de vingança, ao menos não teria tempo de dizer tudo para descobrir o seu retiro. Quando saía do gabinete, tive uma lembrança que me fez tornar a entrar. Peguei no testamento e disse consigo: Meus amigos, estes bens que parecerai gozar, serão todos vossos; quero recebê-los em meu nome, mas de tudo vos darei uma conta exacta. Serei um simples administrador, e vós sereis os unicos possuidores. As pessoas pouco delicadas dar-me-hão os parabens deste accrescimento á minha fortuna; as pessoas de bem presu-

mirão que eu os procurei, e olhar-me-hão com mãos olhos. Muito me custa não arrastar a opinião publica, e de que só os velhacos me louvem; mas espero que virá um dia em que a minha innocencia terá conhecida, e então te verá que o meu coração não estava culpado com tal baixeza. Assim o tenho feito, meu caro Conde, continuou D. Fernando, e pelos meus cuidados, estes bens estão augmentados, e terei a satisfação de ver vossos filhos ricos com esta herança. — Ah, que as minhas suspeitas são ultrajantes! exclamou Chablis. Armada! mulher cruel! foste tu quem as produziste. Mas continuei, caro D. Fernando, esquecei, esquecei estas suspeitas, que são muito injuriosas. — Não fallemos mais nisso, caro Chablis, replicou D. Fernando, como estamos juntos, nada mais desejo. O Duque protegiu assim: Entrando em minha casa, munido do testamento, tornei a lê-lo; então veio-me uma lembrança que me persuadiu da sua falsidade.

Como é possível, disse eu, que o Marquez desherdasse Felicia, para enriquecer o amigo mais intimo desta desafortunada, aquelle mesmo que a arrancou de seus braços para a metter nos de seu rival? Vamos, continuei eu, vou sair, é preciso ver o cura que deixei ao pé de Floriant; é necessario fallar ao tabellião; talvez conseguirei acclarar estas trevas, rasgar o véo que occulta a verdade, deslindar este chaos de preversidade em que me perco. Dizendo estas palavras, entrei para uma sege, e fui logo a casa do Marquez. Tudo alli estava em desordem; todos choravão um amo tão bom, todos o lamentavão amargamente; e na verdade, Floriant tivéra grandes qualidades, que, infelizmente, forão escurecidas por grandes defeitos: bom, affavel, caritativo, era adorado de seus criados. No mundo, escutando sómente a sua vaidade, o seu orgulho, seguindo os máos exemplos, entregando-se aos máos conselhos, havia-se tornado o maior fatuo, e o mais atrevido casquilho de Paris.



Havia muito tempo que elle não conhecia outras leis senão as suas paixões; mas seu bom natural o impedia de as levar até ao crime; e, se não fosse continuamente desafiado pela detestavel Arminda, certamente vos não queixarieis tanto daquella infeliz manobra. Estou persuadido que Floriant nunca soube da falsidade daquellas cartas que vos fizeram condemnar á morte. Fiquei admirado de não achar o cura; perguntei por elle, disserão-me que saíra do palacio do Marquez ás dez horas e meia, e que depois o não tornárão a ver. Informei-me tambem da hora em que viéra o tabellião, responderão-me que chegára ás oito horas e meia, e que esperára no gabinete do Marquez antes de entrar no seu quarto, e que depois de nove horas e meia até ás onze, estivera fechado com a Duqueza e o Marquez; que então a Duqueza tinha saído daquella quarto a chorar, gritando: Grande Deos! morreu o Marquez! acaba de dar o ultimo suspiro! Então amaldiçoei comigo mesmo a fal-

sidade da Duquesa, pensando nas lágrimas fingidas que chorou diante dos criados do Marquez, e no ar de satisfação que brilhava sobre seu rosto, quando um instante depois veio a minha casa. Aquelle desaparecimento do cura pareceu-me extraordinário, e cada vez que me lembrava d'elle ficava inquieto. Immediatamente mandei chamar o tabelião, e tratei de fazer os ultimos deveres ao Marquez. O tabelião não estava em casa, e não pude vê-lo sendo no dia seguinte; porém a sua visita não me tirou de dúvidas. A brandura, o castigo, as ameaças, as promessas ainda as mais lisonjeiras não poderão alcançar outra resposta senão a de ter escripto a ultima vontade do Marquez, dictada por elle mesmo. Fiquei persuadido que Armindaassinára a lição a este homem, e despedi-o, desesperado por não poder descobrir a perversidade daquella má mulher. No mesmo dia escrevi uma carta contando-vos tudo o que se passára depois da nossa separação. Tambem vos fallava das

minhas dúvidas sobre a veracidade do testamento, das minhas resoluções a esse respeito, e de meus receios tocante ao cura, do qual pedia que vos informasseis. Talvez que voltasse para o seu curato, vos dizia eu; mas como é possível que partisse sem me dizer adeos! Naquella mesma hora, juntei á minha carta duzentos mil francos em notas, que Floriant me havia entregado antes de chegar a Duqueza: testemunhava-vos o medo que tinha de que vos descobrissem, e as minhas intenções de vos fazer mudar de retiro o mais breve possível: fazia-vos presentir alguma nova desgraça que me obrigava a fazer-vos sair do castello de... Comtudo não me explicava ainda abertamente. Agora não sei como poderão substituir á minha carta o falso bilhete que recebestes. Depois de a ter escripto, assim como acabo de vos dizer, fechei-a, e ia pôr-lhe o sobre escripto, quando fui chamado por Palmira, que naquella occasião se achava muito doente; e seu panto fôra tão infeliz, que a

consequências nos fazião temer a sua morte. Metti a carta na minha algibeira, e corri ao quarto de Palmira: a Duquesa estava ao pé della. Todo occupado de minha querida Palmira, dei pouca attenção aos movimentos daquelle mulher, cuja vista me era tão odiosa. Ella saiu immediatamente, e eu fiquei todo o dia junto de Palmira, atormentado horivelmente com os seus padecimentos. Perto da noite, a Duquesa entrou, e não sei por que motivo um sinistro presentimento me apertou o coração á sua chegada: Arminda perguntou como estava Palmira, esteve pouco tempo comnosco, e despediu-se depois de me ter dirigido algumas palavras insignificantes. Seu ar era um mixto de desgosto, de alegria, e de inquietação; porém eu não me importei com isso; e como Palmira estava melhor, retirei-me para descansar um instante. Como o meu criado estivesse doente, encarregára-se de arranjar um homem capaz para mandar em seu lugar ao castello de... No dia seguinte,

como este homem se apresentasse diante de mim, fiquei admirado de não achar a minha carta: procurei-a muito tempo inutilmente; á final, fazendo reflexão que talvez estivesse no quarto de Palmira, no qual eu estivera todo o dia antecedente, fui lá, e fiquei contente de a tornar a achar. Certamente tirando o lenço a deixára cair; pois estava no chão, ao pé da cabeceira do leito de Palmira, quasi escondida com as cortinas. O homem que devia levar-vos a minha carta, esperava; apressei-me a pôr-lhe o sobre escripto, e reccommendel-lhe que fosse de pressa. Ai de mim! porque a não abria? porque a não li? para que vol-a mandei? Mas poderia eu imaginar que aquella funesta carta não era a minha, e que havia de produzir um effeito tão terrivel? Quando a achei no quarto de Palmira, reconheci o meu sinete, e o meu sobre escripto, e não tive a menor suspêita daquelle terrivel engano. Inquieto por causa da doença de Palmira, não reflectira que aquella carta, cain-

do-me d'algibeira, fôra apanhada pela perda Duqueza. Mulher má! ella não perdia um só instante a occasião da vingança com que sustentava seu coração, abandonado a todas as paixões. Depois do dia em que me entregou o testamento, ainda não tinha ido a casa de ella, e então soube que desde aquelle momento a sua porta se fechára a toda a gente, excepto a mim: eu não pude attribuir esta excepção senão á esperanza de chegar por sua astucia a conhecer o meu segredo; mas eu estava acutelado, e se não fosse aquella fatal carta da qual sem duvida se apossou, ainda agora o ignoraria: talvez que a sua intenção fosse persuadir a sua familia da nossa perfeita união, e que desejasse que vós o soubesseis, para vos fazer duvidar da minha amizade. O testamento parecia-lhe já um grande adiantamento para a nossa desunião. Comtudo o velho Duque não compartia ainda as suspeitas da Duqueza a meu respeito. Talvez que ella não julgasse conveniente o instrui-lo. Elle

mostrou-se triste pela prematura morte do Marquez, deu-me os parabens da minha herança (parabens detestáveis para mim), e compartia ainda os meus receios por causa da saúde de Palmira; ao pé da qual estava quasi sempre. Algumas vezes durante aquella doença que affligia o duque para junto de sua filha, Palmira ouzava fallar-lhe de seu infeliz irmão. Seguramente; meu caro Conde, ella conseguia restituir-vos a ternura de vosso pae; mas a Duqueza sabia sempre prevenir momentos de sensibilidade. Raras vezes deixava o Duque, e quando saía, procurava affastal-o de sua filha, por temer a amizade que Palmira tinha a seu irmão; de mais, Arminda representava tão bem o amor ao pé de seu velho esposo, que fazia delle quanto queria. Pintava-vos a seus olhos com as mais negras cores; vós creis, dizia ella um filho orgulhoso que offendêra a auctoridade paternal, e que nenhuma consideração podêra demover-vos, não temendo tornar infeliz o melhor dos pães?

que a vossa ambição desmedida vos met-  
têra n'uma conspiração contra o estado,  
e que assim tinheis coberto seus velhos  
dias de opprobrio eterno. Outras vezes  
ajuntava com astucia que a causa de vos  
deixar fôra ver que não estimaveis as  
qualidades de vosso pae.

No dia em que vos mandei aquella  
carta, não a vimos; contentou-se em  
mandar saber como estava Palmira, e  
passou uma parte do dia com o senhor  
de M..., seu pae, a unica pessoa que  
recebeu naquelle dia. De noite houve  
grande movimento no palacio: perto das  
cinco horas da manhã, ouvi entrar uma  
carruagem no pátio: levantei-me, abri  
uma janella, e fiquei admirado de ver  
apêar-se de uma sege d'aluguel a criada  
grave da Duqueza; principiêi a estar  
desasosegado, sem poder adivinhar a cau-  
sa. Não quiz tornar-me a deitar, e pe-  
gando em um livro, procurei distrahir-  
me dando-lhe toda a minha attenção.  
Dez minutos depois vierão bater com for-  
ça á minha porta gritando: Senhor D.



Fernando, levantai-vos; vinde de pressa, acudi, o senhor Duque está a morrer. Sai precipitadamente, e recommen-dei que se guardasse todo o segredo diante de Palmira. A sege d'aluguel estava ainda no páteo: quando passava para uma casa d'espera, vi n'uma salta a Duqueza coberta com um grande capote, e parecendo disposta a sair. Ella entregava differentes papeis á sua criada, e eu ouvi gritar: Que contratempo! será possível que este velho fastidioso morra nesta occasião? Não importa, parti, apressai-vos. Depois entrei no quarto do Duque, lamentando-o de ser enganado pela falsa ternura daquella mulher; e assustado do ar misterioso espalhado sobre aquella empresa nocturna, um espectáculo doloroso me esperava naquella aposento: o Duque tinha morrido de um ataque apoplectico; estava cercado de seus criados. A Duqueza entrou com um ar triste, e com as lagrimas nos olhos, mas de repente cessarão seus choros reconhecendo que já não havia necessida-

de de enganar aquelle velho crédalo; entendido sem vida. Eu, pegava na mão do morto, e estava interiormente desesperado da sua inflexibilidade para com seu filho. Ai de mim! dizia eu, o pae morre longe do filho, e seu corpo não será regado do pranto filial. A Duquesa olhava para mim; e eu, bem persuadido que ella não precisava que a consolassem, não lhe dei uma só palavra. De repente ella rompeu o silencio, e me disse com um tom rudo: D. Fernando, o Duque deixou sua filha por sua unica herdeira; elle mesmo lhe entregou o seu testamento na minha presença. O unico presente que elle me deu, o unico que a rogos seus não pude recusar, é a terra de L... Mas eu a restituo a vossa esposa, D. Fernando; nada quero que pertença á sua familia; dentro de vinte e quatro horas sairei deste palacio: desde este momento elle vos pertence; não quero mais aqui morar: de mais, ajuntou ella com um sorriso forçado e cheio de malicia, talvez que brevemente preciséis o meu

quanto. Quando temos amigos, é preciso saber onde os havemos de hospedar, e o numero pôde augmentar todos os dias:— Senhora, podeis estar no palacio em quanto quizerdes; a terra de L... é vossa; este foi sempre o desejo do Duque; assim eu a recuso em nome de Palmira; não lhe deis esse desgosto desprezando o que seu pae vos deu; vós o sabeis, senhora, e as lagrimas de Palmira tol-o tem dito cem vezes, que esse testamento que desherda o irmão, tem continuamente desesperado a irmã. Palmira esperava de commover o coração do Duque em favor do Conde; que pena não será a sua quando souber que a morte a anticipou! Mas, por quem vós, não augmenteis as suas penas regeitando com uma especie de horror o testemunho de amizade do Duque. Quanto ás vossas ultimas palavras, senhora, não posso comprehendel-as: de que amigos me quereis fallar? explicai-vos?— Agora não é occasião; replicou ella com um tom de amplexo e triunfante, aia-

da não é tempo; pelo que *respeita á minha vontade*, vós a conheceis, e eu nunca a mudarei. Acabando estas palavras saiu do quarto olhando-me com uma maligna alegria, que me penetrou de susto. A tege que eu víra á meia noite no pátio, o ar misterioso da criada grave. O projecto de viagem da Duqueza a uma hora tão extraordinaria, seu ar alegre, seus discursos ironicos, tudo finalmente me fazia recear algum accidente funesto. Lembrava-me de vós, meu caro Conde, e queixava-me da demora do meu correio. Contudo os criados do Duque, que offrião continuamente por causa do *má genio da Duqueza*, não poderão deixar de censurar a *indécencia da sua conducta na occasião da morte de seu marido*; eu mandei-os calar, e depois de dar as ordens necessarias para aquelle infeliz acontecimento, retirei-me a minha casa com o coração magoado do que acabava de ver e ouvir. O homem que tinha levado a minha carta, voltou na manhã seguinte; perguntei-lhe com im-

paciencia porque se demorára tanto em  
 trazer-me a resposta? Elle me disse que  
 lhe não havião dado resposta alguma;  
 que o senhor a quem entregára a minha  
 carta parecêra extremamente inquieto  
 na occasião de a ler; que lhe fizêra mil  
 perguntas ás quaes não podêra respon-  
 der; que somente quando o despediu,  
 lhe dissêra: Diz a D. Fernando que nós  
 seremos exactos em cumprir as suas or-  
 dens. Aquelle homem para se desculpar  
 da sua demora, disse-me que passando  
 pelo logar onde estava sua mãe, não  
 podêra resistir ao desejo de lhe dar um  
 abraço e de passar algumas horas na sua  
 companhia. Perdoei-lhe a sua pouca exa-  
 ctidão em cumprir as minhas ordens em  
 favor da sua ternura filial, e despedi-o,  
 não comprehendendo nada do que elle  
 me dissêra da vossa partida. Perto da  
 noite, soube que a Duquesa saíra do  
 palácio; que na volta da sua criada gra-  
 ve se entregára a um furor terrivel; que  
 arrancára os cabellos nomeando o Conde  
 e Felicia, amaldigoando-os, e jurando

de os perseguir até á morte ; que os carregava de imprecacões, a-sim como a mim também, e que ao transporte da sua raiva, fora para casa do ministro seu pae, ordenando ás suas criadas de terem tudo prompto para a sua partida : que depois tornára a vir para levar uma caixa com papéis, a que ao tempo em que se apresentava fizera o juramento de não tornar a pôr o pé naquelle maldito palacio. Aquella terrivel colera deu-me muito que pensar ; fiquei persuadido que ella tramára alguma conjuração contra vós ; mas não pude adivinhar a verdade, e era preciso naquelle momento saber se os seus projectos tinham sido mallogrados ; o seu furor dava-me toda a certeza disso. Todavia prometti de vos ir ver com toda a brevidade. Durante tres dias foi-me absolutamente necessario estar em casa para pôr em ordem os negocios do Duque ; depois deste tempo, que a impaciencia de vos ver me fez achar muito longo, despedi-me de Palmira, que já estava restabelecida, e fui

no castello de. . . O' meu caro Conde !  
julgai qual seria o meu terror, quando  
perguntando por vós, me contáram a vossa  
fugida ; pois que outro nome hei de dar  
a uma partida precipitada feita de noi-  
te, e que as mesmas pessoas do castello  
ignorarão ! Perguntei se me tinheis dei-  
xado alguma carta ; procurei por toda a  
parte no vosso quarto, e no de Felicia ;  
porem nada achei que pudesse instruir-  
me da causa daquelle acontecimento. O  
vosso silencio assustou-me : então lem-  
brei-me do que me mandastes dizer pelo  
portador da minha carta, e temi que a  
Duqueza tivesse parte na vossa incom-  
prehensivel partida. Quiz ver o cura e  
fui a sua casa ; talvez, dizia eu comigo  
mesmo, me dê alguma noticia ; mas, ó  
novo motivo de surpresa ! ninguem o  
vira mais desde o dia que o viêrão bus-  
car para o castello ; todos os seus fregue-  
zes choravão por elle.

Abismado em tristes reflexões, tomei  
o caminho de Paris : todos os meus re-  
ceios relativos ao cura se renovão, e

Eu fui convencido, que elle desapparecêra pelos artificios da Duqueza. Lembrei-me de tom com que ella lhe fallára no dia da morte do Marquez, e quanto a sua nobre franqueza lhe desagradára. Talvez que Armanda pensasse poder-lhe arranear uma parte dos segredos de Florian; nada era impossivel ao coração pervertido daquella mulher apaixonada. Formei mil conjecturas, que todas me fazião estremecer: comtudo uma idéa consoladora veio adoçar a amargura de meus pensamentos: a noite da vossa partida era a mesma em que a criada grave da Duqueza fizera as suas excursões nocturnas; lembrei-me de seu ar triunfante em quanto aquella criada esteve ausente, e da sua desesperação quando ella voltou: á vista de tudo o que se passára, julguei que se Armanda primeiramente se lisongeára, depois fôra enganada em suas esperanças. Quando subi para a sege, a minha primeira lembrança era de ir immediatamente a casa da Duqueza, para lhe exigir os meus infe-



lizes amigos, e exprobrar-lhe os seus crimes: porém esperando que a sua vingança não teria effeito, mudei de resolução, e decidi-me a empregar a dissimulação com aquella mulher perfiada.

O cavalheiro de Morbequy tinha saído do castello poucas horas antes de vós. Certamente tinheil-o instruido de vossos projectos. A esperanza de saber por elle o que vos acontecêra, levou-me a Paris ao sitio onde me dissestes que morava. Logo achei a sua casa, ah! já era tarde; tinha partido na vespera para uma longa viagem, e o maior mysterio cobria o lugar do seu destino. Desesperado, fui para minha casa, pensando nos meios de vos achar. Palmira esperava por mim com impaciencia para ter noticias vossas; porém occultei-lhe a verdade. Não obstante ter nascido extremamente franco, a minha singular posição obrigava-me a estar continuamente acautelado, para poupar os interesses e a sensibilidade das pessoas que me erão caras. Palmira ignorava ainda a morte de seu pae,

e só passado muito tempo, é que a soube, assim como a perda de nossos intimos amigos. Fechei dentro de meu coração a raiva que o penetrava, e de baixo da máscara de uma tranquillidade apparente, fui procurar a Duqueza á sua casa. A maneira com que ella deixára o palacio, não lhe permitia uma visita tão breve; por isso a sua porta não me foi fechada, e entrei sem difficuldade até ao seu quarto. Eu acompanhava tão de perto o criado, que Arminda me não viu senão quando estava ao pé della. A minha vista fez-a mudar de côr, e um movimento expressivo me certificou que a minha presença lhe era insupportavel. Estava só, vestida de luto, e sobre sua fronte reinavão mil negros cuidados, fructos sem dúbida das inquietações que atormentavão seu coração. Eu vi seus tormentos; elles me socorrãõ, e disse comigo: Arminda não está satisfeita, os meus amigos não são infelizes; ao menos não estão em seu poder. A minha com esta idea consoladora, as minhas esportações to

reanimação, e cheguei-me para junto della com mais confiança. Comecei por lhe censurar graciosamente o modo pouco amigavel com que se havia separado de *Palmita e de mim*. Quem pode, senhora, lhe disse eu, dar causa a tal indifferença? por ventura a nossa conducta para com vosco tel-a-ha merecido? Eu fallava assim para a obrigar, e ver finalmente se tinha chegado a conhecer as nossas relações, meu caro Conde. Não duvidava que na sua *coleta me descobriria* alguma cousa que tivesse relação com o cruel acontecimento que nos separava. Mas eu não conhecia bem aquelle coração dissimulado; sem duvida persuadiu-se que eu sabia do vosso novo asylo, que a minha visita era feita de accordo com vosco, para zombar do seu desgosto, e que viêra a casa della somente para nos rirmos depois das suas iras. Seu olhar somente me pintou a sua raiva, o seu desespero, a sua indignação, mas suas palavras não responderão ao que eu esperava; ella fechou em seu coração a celera que sub-

levava seu peito, e me disse com tranquillidade, sem mostrar que dera attenção á minha pergunta: D. Fernando, se a vossa visita tem por fim lembrar-me a minha promessa, é inútil; por quanto ainda me não esqueci della. Eis-aqui ajuntou ella tirando um papel da carteira, um desestimento em publica forma da terra de L. . . Nada quero, lembrai-vos do que já vos disse. — Ah, senhora! julgais-me tão interesseiro que acceite a vossa offerta? Vede, lhe disse eu (rasgando o papel que ella acabava de dar-me), eis-aqui o uso que faço desta desistencia, que é o effeito do odio que tendes á familia dos Chablis. — D. Fernando, haverá outros meios de me desfazer de um bem que não quero possuir. Então, tocando uma campainha, mandou montar a carruagem: Dai-me licença, me disse ella; negocios urgentes me obrigão a sair. — Offereci-lhe a minha sege, na esperanza que ficando mais tempo com ella, poderia finalmente fazel-a fallar a vosso respeito; porem

despediu-me muito seccamente. Agora, senhora, antes de nos separarmos, fazei-me o favor de dizer alguma coisa a respeito do ecclesiastico que assistiu o Marquez nos seus ultimos momentos: tendel-o visto depois que esteve em casa de Floriant? Dizendo estas palavras, olhei para ella fixamente: um raio de alegria brilhou em seus olhos; escarneceu da minha inquietação, mas não mudou de cor. — Na verdade, respondeu ella levantando-se, a pergunta é admiravel: esse padre será algum ente tão interessante que mereça occupar-me d'elle? Que elle esteja aonde bem lhe parecer, isso não me dá cuidado. Muito sinto deixá-vos, D. Fernando; para outra vez, ajuntou ella com um tom escarnecedor, serei mais feliz. — Ah, senhora! bem conheço que sou importuno; mas espero achar um momento favoravel para vos fazer outra visita. Então despedi-me da Duqueza, e retirei-me admirando a sua grande dissimulação. Todavia fiquei mais bocegado a vosso respeito; pois tinha

visto a vossa liberdade em seus olhos. Mas o vosso silencio continuava a causar-me admiração; não podia concebello: aquelle respeitavel cura inquietava-me tambem, e por isso resolvi-me a fazer todas as pesquisas possiveis para vos achar e a elle tambem. A resposta ironica da Duqueza fazia-me recear que o bom ecclesiastico estivesse em seu poder; mas o meu animo não amoreceu, e fiz todas as indagações necessarias. Todas fôrão infructuosas; nunca pude saber o que acontecêra áquelle infeliz cura. Quanto a vós, meu caro Conde, eis aqui como fui enganado a respeito do vosso caminho: Um dia, estando em Montargis com Palmira, que então já estava instruida da vossa fugida, e como sabeis que ella se parecia muito com vosco, ficámos sobresaltados da exclamação da dona da estalagem onde nos tínhamos apeado para mandar concertar o eixo de uma roda da nossa caruagem. Aquella mulher, como a dizer, olhando para Palmira, exclamou: Ah,

Meu Deus! é elle. Como nós estávamos sempre a pensar em vós, aquellas singulares palavras persuadirão-nos no mesmo tempo que era a vosso respeito que aquella mulher queria fallar. Nós a interrogámos, e soubemos que um dia de manhã muito cedo, passára n'uma sege d'aluguel uma senhora com dous meninos, e um senhor, dizia aquella mulher a Palmira, que vendo-vós podia jurar-se que era elle. Ah! mas era tão bom, continuou a estalajadeira, deixou-me tão penhorada, que o não posso esquecer. Escutai, que vos quero contar como tudo se passou: Elle pediu-me dous caldos, e como não querião apear-se da sege, fui eu mesma levar-lhos. Ah! se visseis como aquelle excellente senhor tratava aquella linda senhora, que, entre parentesis, parecia mais morta que viva; se soubesseis como elle lhe pedia que tomasse um caldo! Ah! mas era preciso ver aquella scena! aquillo causava prazer; e depois como elle pegava nos meninos, e lhes dizia que bebessem de va-

gar, de vagar! Senhora! isto é que é ser um bom pae! Vêde, minha querida senhora, como eu sou; ainda que elle nada me desse, eu ficava contente de lhêa ver tomar os meus caldos. Mas não aconteceu assim; pela minha vida! deu-me oito tostões por um máo caldo que não valia um vintem. Isto foi ser generoso! e o que mais é foi elle não o tomar. Mas que é isso, minha querida senhora, chorais! conheceil-o, não é assim? Ah, que homem tão estimavel! tornará elle a vir por aqui? — Sim, minha amiga, respondeu Palmira, eu o conheço, mas dizei-me, que caminho tomou! isso não posso eu dizer-vos; por aqui passa tanta gente, que tudo esquece; e até mesmo não sei como me lembrei de tudo o que vos disse: mas na verdade, é porque não era um homem como outro qualquer. Era tão generoso! escutai pois que já me lembra; depois esteve um instante a coçar uma orelha, com ar de quem busca. Já me lembra, já me lembra, continuou ella; disse a



um senhor que estava a cavallo; que conversava com elle á portinhola, que passava á Italia, e depois separação-se dizendo adeos, bons dias, boa viagem; e não os tornei a ver.

Satisfeito com esta descoberta, quiz fallar ao boleciro que vos havia conduzido; mas tinha morrido uns dias antes, e não obstante as minhas pesquisas, não pude descobrir as vossas pégadas; foi necessario contentar-nos com o que soubéramos da estalajadeira. Persuadindo-me que estaveis na Italia, mandei lá o meu criado grave, e alli se demorou muitos annos em procura de vós. Durante aquelle tempo, Palmira e eu estivemos no castello de...; e foi então que D. João vos escreveu para alli debaixo do nome, pelo qual ereis conhecido: a esperanza de me esclarecer sobre a vossa sorte fez-me abrir as cartas; eu vi, depois das supplicas que aquelle amigo vos fazia de passar a Hespanha, que elle ignorava tambem a vossa fugida inexplicavel. Respondi-lhe á sua carta, e contei-

lhe o que era passado. Depois d'isto lo<sup>2</sup> dos os passos que dêmos a vosso respeito fôrão feitos de acôrdo. O meu criado, na sua volta, fez-me tremer dandome parte de seus receios: di-se-me que pelo tempo da vossa passagem nos Alpes, suppondo que realmente teríeis alli passado, se havião commettido muitos assassinatos, e que era de presumir que vós fosseis as victimas dos saltadores espalhados por aquellas altas montanhas, pois que, não obstante todos os seus cuidados *não podêra encontrar-vós*. Muito cruel me seria acreditar em uma desgraça tão grande, falto de toda a prova. Contudo conservei ainda todas as esperanças, e continuei nas minhas indagações. Poderia eu imaginar, meu caro Conde, que estaveis tão perto de mim? Muitas vezes procuramos ao longe a felicidade quando ella está perto de nós. Finalmente, este dia tão desejado chegou: eu vos vejo, meu caro Chablís, e vos aperto sobre meu coração; mas Palmira, vossa virtuosa irmã, morreu pri-

rada desta alegria. Ah! meu caro Conde, que dolorosa lembrança! Izabel ao ouvir estas palavras escondeu o semblante entre as mãos, e chorou amargamente; o Conde ficou tão commovido, que exclamou: Minha querida Izabel, vós tendes toda a sensibilidade de minha excellente irmã. Ah, minha querida filha! muito desejo que sejais feliz. Izabel, tocada das palavras de seu tio, levantou-se de repente, e correu para seus braços. O Conde a teve muito tempo apertada contra seu coração. Izabel derramava suas lágrimas no seio daquelle ente sensível, e sentia-se alliviada de um grande peso. *Primeiramente a ternura filial fizêrta correr suas lágrimas; depois a imagem de Gusmão lhe arrancou ainda mais; sua alma toda amante parecia achar consolações no coração do Conde, naquelle coração consagrado todo inteiramente ao amor.*

Comtudo o Duque de Valladolid olhava sua filha attentamente, sem dizer uma palavra, e attribua a vivacidade de seu

movimento ás ultimas palavras do Conde. A precipitação da terna Izabel em se lançar nos braços de seu tio, que tão ardentemente desejava vel-a feliz, foi para o Duque uma secreta exprobração da sua conducta para com ella. Elle padecia cruelmente, e dizia consigo mesmo: A minha filha não me tem amizade, e prefere seu tio a mim. Izabel com uma vista d'olhos descobriu todos os pensamentos de seu pae: immediatamente arranca-se dos braços do Conde, abraça seu pae ternamente, e aparta com suas caricias a tristeza de suas idéas, mas ella não pôde soffocar seus suspiros. O Duque os ouviu, e pensou com desgosto em Gusmão. O' minha filha! disse elle, não perderás nunca a lembrança de um desconhecido? esquece-o, esquece-o, e nós seremos felizes. A triste Izabel limpando suas lagrimas, assentou-se entre seu pae e Cecilia, a quem aquella scena havia vivamente commovido. O Duque retendo ternamente uma das mãos de sua filha nas suas, continuou a sua

narração, dirigindo-se sempre ao Conde: Tinha-me esquecido dizer-vos, meu caro Chablis, que poucos dias depois da minha visita á Duqueza, ella me mandou uma nova renuncia da terra de L... Aquella vez a desistencia foi feita do modo que não podia ser regeitada. Todo o mundo admirou a sua generosidade; mas como nós conheciamos os motivos porque a fizera, cada vez a odiámos mais. Poucas vezes nos viamos; o acaso somente nos fazia encontrar; a sua presença produzia um effeito terrivel sobre Palmira: quando a via principiava a tremer, e dizia consigo: Eis aqui o algar de meu irmão, da sua familia, e aquella que desprezou meu pae, a ponto de se desfazer de tudo quanto lhe pertencera. Depois o recio de a ver tornou-lhe desagradavel a residencia da cidade, e quiz passar quasi todo o anno no campo. Muitas vezes observei que a Duqueza mandava seguir os meus passos, todos os seus cuidados tinham por fim descobrir-vos, eu bem o sabia: ella me jul-

gava instruída da vossa sorte; mas lamentando seu erro, folgava-me com seus trabalhos inúteis; e suas mortaes inquietações adogavam nossas penas certificando-nos sempre da vossa liberdade. Tres annos depois de vos ter perdido, recebi a noticia da morte de meu tio o Duque de Valhadolid, senhor hespanhol, e como não tinha filhos, fui chamado á Hespanha para herdar o seu titulo, e os seus bens. Então, resolvi Palmira a deixar a França; depois da vossa fugida, nada a prendia á patria, e por isso partiu com satisfação, pensando que não tornaria a ver os vossos inimigos. Na idade de vinte annos deixei o meu paiz para ir viajar: e não tendo pae nem mãe, fiquei senhor de meus bens e das minhas acções. O meu casamento com a filha do Duque de Chablís causára grande alegria a meus parentes, e passado algum tempo pedirão-me que a queirão ver. Não podeis julgar, meu caro Chablís, com que curiosidade foi recebida: suas manciças, seu talento, sua

virtude, attrahirão-me mil felicitações sobre a minha ventura. Todavia Palmira era franceza, e os usos hespanhoes podião desagradar-lhe. Não a quiz sujeitar a elles, e deixei-lhe toda a liberdade de viver como em França. Muitas vezes via D. João, e sempre fallavamos de vós: não sabíamos a que attribuir o vosso silencio, e continuamente esperavamos encontrar-vos, mas sem nunca podermos conhecer as causas da vossa fugida, que nos pareceu ser o fructo das machinações atrozes da Duqueza. Assim, não obstante passar-se o tempo sem termos noticias vossas, esperavamos sempre que os nossos cuidados não seriam infructuosos, e que um dia, apertando-vos em nossos braços, esqueceríamos tantos annos de desgostos. Logo depois o rei distinguu-me, e me nomeou seu embaixador em Alemanha. Alli estive quatro annos, e foi nesse tempo que perdi o meu filho e a minha querida Palmira; mas Deus reservava-me ainda a minha Izabel para alimpar as lagrimas amargas da

dor. A sua ternura, meu caro Chablis, contiguou o Duque pondo a mão de sua filha sobre seu coração, é o balsamo salutar espalhado sobre as chagas que me fizeram aquellas crueis perdas. Nada ha que as possa fechar: a minha Izabel sómente sabe adogar-las, e vós, meu caro Conde, vós que me amais sempre, lamental-me por estar separado de Palmira, e nós todos a choraremos assim como a nossa Felicia. O Conde, penetrado de tudo o que acabava de ouvir, apertou o Duque de Valhadolid em seus braços, pedindo-lhe tambem que esquecesse suas crueis suspeitas. Na effusão do reconhecimento, derramava lagrimas de alegria, e dava graças a Deos por lhe ter conservado um amigo tão fiel. D. João o olhava, e seus olhos estavam humidos; mas não ousava aproximar-se do Conde. Celiza não chegava, a sua demora o inquietava muito, temia algum accidente, e já se censurava por trespassar com novas dores o coração do infeliz Chablis. O Conde estava atormenta-



do da longa ausencia de sua filha : mas elle era incapaz de sentimento algum contra D. João, e chegando-se para junto d'elle, lhe disse com um tom cheio de ternura. Meu caro D. João, adoro a bondade do ente supremo que, no meio de meus desgostos quer ainda fazer-me gostar as doçuras da amizade : elle me torna a juntar com vosco, e com os meus mais caros amigos. Oh! não, jámais, jámais a minha vida será bastante para ser reconhecido ao meu Creador. Um ar celeste se espalhára sobre o semblante do Conde ao tempo de pronunciar estas ultimas palavras. D. João lançou-se em seus braços, e escondeu no seio daquelle homem virtuoso as lagrimas que lhe fazia derramar o arrependimento. Aquella scena enternecida foi interrompida pelas aclamações da ama de Celtza, que veio pedir ao Conde, com transportes de a legria, para vir fallar a um homem que lhe trazia noticias de Julio. Ella estava alagada em suor, e a satisfação de seu coração estava pintada em seus olhos.

Ao nome de Julio, o Conde, se levantou com pressa, e sabendo que o correio de seu filho o esperava no castello, fez signal a seus amigos de o seguirem. Assim que entrou em casa, recebeu da mão do correio um grande maço de papeis fechado. A impaciencia não lhe permitiu de differir a sua abertura; despediu o correio, recommendando-o aos cuidados da ama. Aquella boa mulher o levou para uma sala fazendo-lhe mil perguntas. O Conde ficando só com os seus amigos, abriu com pressa o sobrescrito do maço, reconheceu que aquellas letras são escritas por seu filho, e as leu com muita attenção.

Julio começava por pedir perdão ao Conde da muita demora que tivera na Hespanha. As cartas das quaes James era o portador, continuava elle, devião tel-o instruido dos motivos que o demorção em Madrid, e esperava que a sensibilidade de um pae não teria lhe faria ainda compartir suas vivas inquietações. Aquí o Conde parou. Seus amigos

olhando para elle com admiração, perguntarão-lhe por que motivo James não apparecêra ainda, e formárão mil conjecturas a respeito da sua ausencia. Aquelle mysterio, que não podião penetrar, encheu-os de receios. Comtudo o Conde continuou a ler a carta. Julio exprimia-se com fogo sobre os tormentos que sentia separando-se da amavel pessoa que adorava. Não obstante, continuou elle, eu devia ir á França. Vós mo haviéis ordenado, era preciso obedecer. Parti pois fazendo violencia a meu coração. A minha viagem foi triste. Sempre occupado da mulher mais amavel, e do melhor pae, cheguei a Paris. Primeiramente tratei de me hospedar em um dos bairros mais retirado da cidade, e depois fiz toda a diligencia para obter uma audiencia do rei: porém não me foi possível obtel-a senão quinze dias depois da minha chegada, e neste intervallo passou-se um acontecimento bem singular. Sendo conduzido, não sei como, á comedia franceza, pelos conhecimentos que

me foi preciso fazer para fallar a Luiz XIV, achei-me assentado perto de um camarote onde estavam duas senhoras ricamente vestidas, e alguns mancebos inuito elegantes. A mais nova das senhoras era mui formosa, mas a outra ainda que mais idosa, a excedia em belleza. Esta senhora, que poderia ter trinta e seis a quarenta annos, tinha um ar altivo, e uns olhos alguma cousa ferozes, que um sorriso desdenhoso não podia adogar.

Ella estava assentada no seu camarote de maneira que me via bem. Seus olhos se fitarão sobre mim, e me olhou com uma especie de attenção que me pareceu extraordinaria; e fallando baixo ao homem mais idoso da companhia, continuou a fitar-me, e ambos parecião conversar á meu respeito. Surprehendido do ar agitado com que ella fallava, olhando-me sempre, perguntei pelo nome daquella senhora ás pessoas que me haviam levado ao espectaculo. Julgai qual seria o meu espanto quando ouvi dizer

que era a Duqueza de Chablis ! estremecei, e não pude disfarçar uma vista cheia de indignação que lhe lancei, e da qual pareceu offendida. Não pude assistir ao fim do espectáculo, e saí immediatamente. Já não podia supportar por mais tempo a presença daquella constante inimiga de meus páes. Quando tornei a ver as pessoas que me fizeram conhecer, principiárão a gracejar comigo a respeito da conquista que fizera da senhora Duqueza. Disserão-me que depois que eu saíra do camarote, um senhor, da parte da Duqueza, viera perguntar muito civilmente quem era o mancebo que acabava de sair; que depois de saber que era estrangeiro, se retirára dizendo: Perdão, a Duqueza certamente enganou-se; ella julgava conhecê-lo. Aquella curiosidade da Duqueza pareceu descobrir-me uma inquietação secreta, bem differente do objecto a que os meus companheiros a tinham attribuido. Todavia fingi ser do mesmo sentimento que as pessoas que della me fallarão;

entrei no mesmo gracejo, e fiz toda a diligencia para me não tornar a achar nos logares em que aquella má mulher estivesse. Apesar que o ministro, M. de M..., seu pae, era morto, ella tinha ainda muita influencia na corte, e eu temia tudo se fosse reconhecido antes de fallar ao rei.

Finalmente chegou o dia, esse dia de justiça em que toda a sua conducta devia ser conhecida, esse dia que devia derramar sobre ella uma luz pavorosa; esse dia em fim que, rasgando o véo da perversidade, deixaria ás claras a perfidia mais atroz, a alma mais negra, o coração mais indigno de ser perdoado. Entrando no palacio do rei, lancei-me a seus joelhos, e lbe disse com emoção que a seus pés estava não um estrangeiro, mas o filho de um de seus mais fieis vassallos. Como vos chamaeis? me disse o rei levantando-me com bondade. — Chablis, senhor; o filho do infeliz Conde de Chablis. O rei olhou para mim com um ar de admiração. — Como é possi-

vell! pois cem vezes me asseverarão que  
vosso pae e a sua familia tiñão sido  
assassinados nos Alpes. — Senhor, é um  
engano em que muitas pessoas estão, e  
devo chamar-lhe um engano muito fo-  
liz, pois que sem duvida é a elle que  
devo a liberdade de meus desgraçados  
páes, que sua implacavel inimiga teria  
perseguido até á sua pequena cabana,  
no centro de Portugal. — Moço, vosso  
pae não tem crimes a expor-lhe? —  
Oh! melhor, mais justo, mais amado  
dos reis, exclamei eu, dai-me licença  
que vos instrua de suas desgraças, e en-  
tão o lamentareis, o amareis, e não será  
possivel censurar-me as lagrimas que me  
arrancão suas penas. — Fallai, Chablis,  
vou ouvir-vos, mas não altereis a ver-  
dade. O rei mandou-me assentar, e eu  
comecei a penosa narração da vossa do-  
lorosa vida. A scena da igreja pareceu  
affligil-o, pois exclamou: E' possível  
que a Duqueza seja tão falsa? Depois  
franziu as sobranceilhas no momento do  
vosso encontro com Floriant, ao pé do

castello de... , e olhando-me attentamente fez-me repetir duas vezes a causa da sua morte. Ficeu indignado do modo com que a criada grave da Duqueza tratou minha mãe em São Germano. Admirou a vossa piedade filial, que vos impedira de reclamar a herança de vossa mãe, com o receio de affligir o velho Duque. Ao entregar-lhe o papel selado pelo tabellião, suppliquei-lhe de não fazer queixa alguma ao rei de Hespanha da conducta de D. Fernando, suppondo que naquelle escrito fosse comprehendido. Asseverei-lhe que os aggravos com que elle parecia ser culpado para convosco, lhe estavam perdoados, em beneficio das infinitas obrigações que vós lhe devieis. O rei, movido do meu cuidado, pegou-me na mão e deu-me a sua palavra que não *faria cousa alguma* que podesse ser prejudicial a D. Fernando. Então, rompendo a carta, passou-a pelos olhos, e levantando-se exclamou: Eis-aqui uma mulher bem detestavel! Bateu nas mãos, e marchando



a passos largos, continuou suspirando: Quanto os reis são para lamentar! No mesmo instante em que por sua conduta julgo poder-se lisongear de serem amados, mil gritos dos infelizes se levantão contra elles para censurar sua injustiça. Ai de mim! a sua sorte é de serem continuamente enganados! E, estando um momento calado, tomou a ler a escriptura, pareceu reflectir, e dando-me a mão, disse: Moço, contaí com a minha amizade e estima. Tenho pena de vosso pae, e interesso-me por elle. A'manhã vinde aqui á mesma hora.

Beijei respeitosamente a mão deste illustre rei, e retirei-me desejoso de saber o que continha aquella escripta cuja leitura tanto o affligira. No dia seguinte, fui pontual em executar as ordens do meu rei: elle me recebeu com uma bondade particular, e mandando-me passar para um gabinete visinho donde podia ver tudo o que se passava no seu quarto, disse-me que esperasse alli para ouvir, observar, o que só apparecesse no

♦

mesmo instante em que elle me chamasse. Depois abriu-se a porta, e eu vi a Duqueza toda brilhante: o acolhimento frio do rei pareceu causar-lhe admiração; e logo depois supplicou a sua magestade de lhe dizer qual era o motivo para que era chamada ao palacio? — Senhora, ides sabel-o já, lhe disse o rei, assentando-se defronte della; e recolhendo-se um momento, continuou: Tenho ouvido fallar muitas vezes da desunião da familia de vosso marido o Duque de Chablís; vós, senhora, e vosso pae tendes-me testificado a má conducta do Conde... O rei parou. — Senhor, é certo disse a Duqueza algum tanto admirada do principio deste discurso cujo fim temia apresentar, é certo que meu marido morreu dos desgostos que lhe deu seu filho. Meu pae, continuava Julio, quando lirdes estas linhas sem duvida estremecereis. Ah! eu padeco por não poder occultar-vos inteiramente o horrivel character desta má mulher. O Conde estava vivamente afflicto para poder conti-

nuar a leitura; e por isso pediu a D. João que a acabasse; este o fez nestes termos: O rei pareceu acreditar nas palavras da Duquesa, e lhe pediu o esclarecimento sobre os acontecimentos mais particulares da vida do Conde. Armonda não se fez rogada, e pintou-vos, meu pae, debaixo das cores mais negras. Segundo o que ella disse, Felicia detestava a vossa falsidade e o vosso amor, e por sua livre vontade nunca seria vossa mulher; mas que por um estratagemma incomprehensivel, haviéis enganado essa joven senhora que, sem duvida por seu casamento, se achára a mulher mais infeliz. Afirmou ao rei que o Marquez de Floriant fôra assassinado por vós; que o ciúme vos levára a commetter essa acção atroz; que esse desafortunado mancebo lho confessára quando morreu; e que recendo que este monstro, marido de sua sobrinha, gozasse de seus bens, o desherdára em favor de seu amigo D. Fernando. — Como, senhora! é verdade, lhe disse friamente o rei, que

o Conde de Chablis assassinou o Marquez de Florian? — Ai de mim! senhor, é mais que verdade, o filho daquelle de quem tomei o nome é culpado desse crime. — Senhora, dai-me licença que vos faça outra pergunta, lhe disse o rei olhando-a com uma vista penetrante; dizei-me que feito foi daquelle respeitavel cura que assistiu o Marquez nos seus ultimos momentos? Estas palavras, e o tom solenne com que foram pronunciadas foram um raio que feriu a Duqueza. Ella perdeu a cor, baixou os olhos e ficou perturbada. O rei reiterando a sua pergunta, deu-lhe tempo a tornar em si, e então tomando um ar resolute, disse: Senhor, não me occupei mais desse homem com os desgostos que me causava a perda de um amigo estimavel: perdi-o inteiramente de vista. — Ah! interrompeu impacientemente o rei, é levar muito longe a dissimulação: quem poderá estar sosegado com um coração cheio de crimes? Tremei, senhora, á vista das innocentes victimas da vossa

implacavel raiva: apparecei, respeitavel cura; e vós joven Chablis, vinde tambem, para que a vossa presença sómente faça tremer esta alma dissimulada e perversa, culpada de tantas atrocidades para com vossos desditosos páes. — Céu! exclamou a Duqueza assim que me viu; um funesto presentimento não me tinha enganado a primeira vez que o vi; é o filho do Conde, o filho de Felícia. Sua voz estava tremula de colera; mas tornou-se muda ao ver um velho descarnado, que vagarosamente caminhava para ella. Elle se arrastava com muito trabalho, todo o pezo de seu corpo caía sobre um bastão que suas fracas mãos seguravão. Seu vestido estava todo roto; seus cabellos brancos lhe cobrião a testa, e sua barba comprida lhe caía sobre o peito; seus olhos parecião amortecidos pela miseria, os annos e os longos tormentos o havião abatido. A Duqueza ficou assustada vendo aquella imagem dos mais crueis padecimentos, escondeu o semblante entre as mãos, e

com uma voz suffocada, pronunciou estas palavras: Grande Deos! que fantasma! E' esse cura! Dia infausto, tu devias chegar! O rei com as lagrimas nos olhos, obrigou aquelle desgraçado velho a assentar-se junto delle, e dirigindo a palavra á Duquesa, lhe disse: E sois vós, senhora, que reduzistes este desafortunado homem a um estado tão deploravel; sois vós que accusais o Conde de crimes abominaveis que nunca commetteu, sois vós que, pelas perseguições de um infame ciúme, levastes a morte ao seio da virtuosa Condessa! Ah! exclamou Armanda, scintillando-lhe os olhos com uma terrivel alegria, ella já não existe! O tom com que fez aquella pergunta estremeceu-nos. Ella me olhou fixamente e disse: As lagrimas de seu filho mo provão; estou vingada. Indignado de ouvir semelhantes palavras, ia romper com ella, porém um olhar do rei me impoz silencio. — Estais vingada, senhora, dizem vós: mas julgais que o Conde ha de deixar impune a vossa de-

testavel conducta? — A minha conducta, replicou a Duqueza, senhor, de que me accusarão? Fui eu por ventura que mandei encarcerar este padre? fui eu que fiz desherdar o Conde e Felicia? fui eu finalmente que os obriguei a sairem da sua patria? e não foi pelas ordens de um rei, de um tutor e de um pae irritados que elles fôrão perseguidos? e além d'isto, a conspiração em que entrou Chablis, não o tornou indigno da vida? — Sim, lhe disse o rei, sois vós que fostes a causa de todas essas desgraças. Aqui tendes, vêde, podeis ler, estas são as provas. A Duqueza pegou na escritura que o rei lhe apresentava, e mudou de côr, reconhecendo a assignatura do tabellião Durcaut. Todavia leu aquella fatal escritura, e a raiva, a colera, a desesperação se pintarão alternativamente sobre seu semblante, e a desfigurarão a ponto de a tornar desconhecida quando acabou de ler; pois levantando-se com ira, fez um movimento para rasgar o papel. O rei a não deixou, e foi

prompto em lhe tirar da mão. Então, aquella mulher, não guardando nenhum respeito, perdendo todo o sentimento do receio, e abandonando toda a dissimulação mostrou-nos sua alma com toda a sua atrocidade; com os olhos scintillando furor, chegou-se para junto do cura, e lhe disse com uma voz interrompida pelos suspiros da desesperação. Se tivesse previsto este dia em que appareces em juizo contra mim, accusando-me de tuas desgraças, indigno velho, certamente já não existirias. E tu, ajuntou ella, voltantando-se para mim, tu, sobre quem deveria vingar-me dos desgostos que me causou o detestavel Chablis, vai comprazer-te com teus parentes da perfidia desse cobarde tabelião, alegra-te com a felicidade de te subtrahires á minha viogança, e dá graças a Deos pela tua similhaça com o Conde não ser mais notavel para me asseverar que eras seu filho, e olhando o rei com firmeza, disse: Senhor, disponde de mim; qualquer que seja a minha sorte,



pouco me importa; a minha pena é lembrar-me que a família de Chablis vai entrar nos seus direitos. Mas ao menos ainda me resta uma consolação; o Conde é infeliz, a imagem de Felicia moribunda lhe despedaça constantemente o coração. Toda a sua felicidade está fechada no tumulto, a sua vida só pôde ser dolorosa e cheia de amargura; a existencia lhe será sempre terrível. Ah! esta idéa sómente me faria suportar mil annos de tormentos. O tom com que ella pronunciou estas palavras fez-me estremecer. Voltei a cabeça para não ver aquelle monstro. E o rei levantando-se, deu-lhe uma guarda para a escoltar até ao seu palacio, vigiar seus passos, e não a deixar fugir. Tornando a fallar a vosso respeito, disse-nos: Vós ignorais o que em si encerra este escrito que confundiu a dissimulação da peor das mulheres: lêde-o em voz alta, meu jovem amigo, para que este respeitavel velho saiba o que elle contém. Cumprindo as ordens do rei, contentei a minha viva

curiosidade, e li o arrependimento e a confissão de Durcaut, que no artigo da morte, assustado de um futuro eternamente desgraçado, confessava os crimes de que era culpado para com uma família injustamente perseguida, e um ecclesiastico virtuoso, homem respeitavel a quem o medo dos mais horribéis tormentos não pode obrigar a trahir a confiança do Marquez de Floriant. Durcaut, chamado pela Duqueza, tinha ido a casa do Marquez, e logo que este fechou os olhos, entrou no seu quarto, e auxiliou os esforços de Armanda para arrancar o segredo do virtuoso padre; mas este honrado homem resistindo-lhe, foi obrigado a deixar o morto, e a sair do palacio. Apenas estava na rua, fôra preso por ordem da Duqueza e pelos cuidados daquelle tabellião, e poucos dias depois mettido no segredo; Durcaut e a Duqueza estando sós no quarto do morto, e não temendo de serem interrompidos, fizeram um testamento falso em favor de D. Fernando: Este senhor,

dizia Durcaut, admirou-me pelo seu desinteresse. Empregou todos os meios para que lhe descobrisse a verdade: asseverou-me que conhecia bem os sentimentos do Marquez para estar convencido da falsidade do testamento. Mas nada me pôde commover. Os parentes da Duqueza governavão tudo; ella fazia-me feliz, e me deslumbraava com li-onjeiras esperanças. Meu coração ambicioso desconheceu a honra, entregou-se á sua perversidade. O tabellião confessava tambem ao rei que tinha feito uma carta falsa, para substituir uma de D. Fernando, que o uca-to pozéra nas mãos da Duqueza; mas que no momento de estar senhora do Conde e da sua familia, Deos havia enganado seus perfidos designios; que ella jurára de fazer todo o mal que podesse a D. Fernando, pois o reconhecia então pelo maior amigo do Conde, e que, querendo esconder aquelles des-afortunados esposos, comprára uma propriedade no Maine, sem ninguem o sa-

ber, para os livrar do furor de seus inimigos. O Conde a estas palavras olhou para o Duque de Valhadolid com toda a expressão do reconhecimento. D. João continuou: O tabelião Durcaut confessava que todos estes crimes haviam sido precedidos de um crime ainda mais atroz. Fôra elle que, por sollicitação da Duquesa de Chablís, fizera aquellas cartas falsas que se acháram entre os papeis do estribeiro mor Cinq-Mars. Durcaut estremecia de horror lembrando-se que concorrera para a condemnação de um innocente. Acabava supplicando o rei para lhe perdoar a parte que tivera nas desgraças de seus mais estimados vassallos, e de obter tambem da generosidade do ecclesiastico e da familia do Conde o esquecimento de seus crimes. Logo que acabei de ler, peguei na mão do respeitavel cura, e regando-lha com as minhas lagrimas, lhe disse: O' homem mais estimavel! é a vossos padecimentos que eu devo a liberdade de meus páes: uma palavra vossa podia perdê-los; mas, ah!

é cruel pensar que a nossa felicidade, por sermos desconhecidos de uma inimiga implacável, é o fructo de vossos longos tormentos. — Meu caro senhor, me respondeu o virtuoso ecclesiastico apertando-me entre seus descarnados braços, estou penetrado do vosso reconhecimento por um acto da humanidade tão natural; vós mesmo no meu lugar teríeis feito outro tanto, e a tranquillidade da minha consciencia venceu as dores do meu captivo. Assim vêdes que fui bem recompensado deste pequeno serviço, e meu coração ainda é devedor á vossa respeitavel familia da satisfação de lhe ter sido util.

O rei escutando-nos com attenção, suspirou, e disse ao padre: bom ecclesiastico! M. de M... enganou meu pae cruelmente, e servirão-se de seu nome para vos fazer a mais infame injustiça. Eu devo reparar-a, e dar á vossa velhice o repouso de que ha tantos tempos vos privarão. O respeitavel cura lançou-se aos pés do rei, e lhe testemunhou

em termos affectuosos quanto a sua bondade o enchia de reconhecimento. O rei, a quem esta scena commovêra vivamente, despediu-nos, ordenando-nos de lhe virmos fallar no dia seguinte á mesma hora.

Eis-aquí, meu pãe, o que se passou depois do meu ultimo correio. Conhecendo a vossa inquietação a meu respeito, não quiz demorar-me um só instante sem vos instruir dos meus motivos de esperança. Certamente a justiça do nosso illustre rei apparecerá bem depressa em vosso favor. Não devemos temer os artificios da Duqueza; já não está em seu poder perturbar o nosso repouso. O véo rasgou-se, a perversidade da seu coração está conhecida; que poderia ella agora tentar contra nós?

Socegai pois, ó meu prezado pãe! Não receieis o menor incommodo a vosso filho; elle é tão feliz quanto ser pôde, estando ausente das pessoas que são os objectos de suas mais caras affeições.

Havia ainda mais algumas linhas, mas

verão para Celiza; D. João ás passou pelos olhos; porém o receio de renovar as Penas do Conde, o impediu de as ler.

Comtudo aquella leitura, na qual todas as pessoas se haviam interessado muito; foi continuando pela noite adiante. Ninguém pensava em se retirar, e o dia surprehendeu ainda as senhoras e os amigos occupados a fallar do seuivel Julio, do respeitavel cura, da detestavel Duqueza, e do illustre rei da França. O Conde pareceu muito mais socogado no principio deste dia. A lembrança de tornar a ver brevemente seus filhos restituídos a todos os seus direitos, havia levado á sua alma uma doce alegria cuja impressão não sentira havia muitos tempos. D. João tambem se persuadira que aquelle dia restituiria Celiza ás caricias paternaes. Chablis assim o esperava, e cada instante lhe promettia esta felicidade.

Todavia sua filha não chegava, e os receios nascião novamente em seu coração. Os grandes desgostos que experi-

mentára, e cuja lembrança conservava constantemente, forçavam sua imaginação a pintar-lhe tudo de baixo das mais feias cores. Todo o seu animo não podia impedir-lhe de se entregar a tristes presentimentos. A desgraça estava profundamente gravada em seu coração, para nelle se poder conservar muito tempo o sinal de uma esperança ditosa. Ai de mim! dizia elle, para que me lisonjearei ainda d'alguns momentos felizes? Não estou eu abismado em um mar de infortúnios? Uma barreira impenetravel não me separa da felicidade, e a dor não tem já contado os poucos dias de uma vida que lhe está consagrada para sempre? Deste modo o Conde, por semelhantes reflexões, tornou logo a cahir na sua melancolia. Seus amigos fazião todos os esforços por distrahir-o. Mas que desculpa podião allegar a respeito da demora de Celiza, quando a elles mesmos lhes custava occultar a sua inquietação a este motivo!

Comtudo o sol tinha-se posto, e os



nossos amigos já só se vião com a branda claridade da lua. O Conde fallou em voltar para o seu eremiterio; e todos, até mesmo D. Maria, quizerão acompanhá-lo. O Conde ia andando entre Izabel e D. João, e o Duque de Valhadolid o seguia com Celiza e D. Maria. Chablís e sua sobrinha fallavão de Palmira, de Felicia, e o primeiro por delicadeza não ousava pronunciar o nome de Celiza diante de D. João; este guardava um morno silencio, que de uma vez a outra era interrompido por suspiros mui suffocados. Izabel notára quanto o ar triste e pezaroso de D. João augmentava os tormentos de seu tio. Ella amava ternamente o Conde, e procurava pela sua conversação, apartar de seu espirito as tristes idéas ás quaes parecia entregar-se. Quanto ao Duque de Valhadolid, que, estando perto do Conde, não temia que elle o ouvisse, testemunhava suas inquietações a respeito da demora de Celiza, e seus dous amigos as compartião. Um instante antes de saí-

rem do castello, tinham ajustado com D. João de partir no dia seguinte muito cedo, sem o saber o Conde, e de voltarem sómente quando trouxessem sua filha. Porém ao entrar no eremiterio o estrondó de uma sege os faz parar, e immediatamente todos sem communicarem suas idéas, e como por um movimento electrico, caminbão em desordem para o lado em que se ouvia o rodar da carruagem. Já elles a vêem, caminbão para ella, olhão. O' surpresa! a portinhola se abre, um moçobo sãe para fóra, que lançando-se ao pescoço do Conde exclama: Celiza, é nesso pãe! nesso virtuoso pãe! Céos! gritarão todos os amigos juntamente, meu filho! — Gusmão seu filho! Celiza também estava nos braços do Conde, e Christiano, com os olhos cheios de alegria, olhava sua amante, e gozava dos ternos agradecimentos de seu pãe, cuja mudança não podia causar-lhe admiração, estando já instruido pelo irmão de Celiza do verdadeiro nome do Eremita.

Comtudo, Izabel reconhecendo Gusmão em Julio, e pronunciando aquelle nome tão querido, caiu sem sentidos nos braços de Cecília. Seu amante foi o primeiro que a viu desmai-ar: Céu! exclamou Julio correndo para ella. minha querida Izabel! em que estado teacho! O Conde admirado do movimento e das palavras de seu filho, lhe disse: Ah, meu caro Julio! as tuas cartas de Madrid estão explicadas. D. João soccorria sua filha, e Julio, *e seus irmãos, desesperava-se de vêr* seus lindos olhos fechados á luz. Celiza que pela primeira vez a via, admirava tanta formosura que os doces raios da lua se comprazão em esclarecer. D. João vendo aquella scena, dizia: O' sabia providencia! foi sua ternura materna que nos reuniu a nosso virtuoso amigo. Que faria eu e o Duque se tivéssemos casado nossos filhos! Finalmente Izabel abriu os olhos, e os fixou sobre o filho do Conde, cheios de uma expres-

são terna; mas apartando-os logo olhou para seu pae com receio: O' minha filha, lhe disse elle, minha querida filha! perdoa-me todas as penas que te causei; e vós, ajuntou o Duque abrindo os braços a Julio, porque motivo, meu caro sobrinho, nos occultastes o vosso verdadeiro nome? Julio, banhando com lagrimas de alegria e de reconhecimento as mãos de seu tio, lhe disse: O' homem estimavel! não me censureis: eu jurára sobre as cinzas de minha mãe de não dizer o meu nome senão ao rei. Que grande felicidade é a minha! estou unido com vósco pelos laços do sangue e do reconhecimento; já o estava tambem pelos da amizade. — E pelos do amor, replicou o Duque sorrindo-se; e espero ajuntou elle pondo a mão de sua filha na de Julio, meu querido sobrinho, que o estareis ainda pelos do hymeneu. Julio beijou a mão de Izabel com enthusiasmo. Izabel còrou e abraçou seu pae. O Conde com os olhos humidos, apertou as mãos do Duque, dizendo-lhe:

Meu amigo, se esta scena tivesse mais duas testemunhas, a vossa felicidade seria perfeita. O Duque entendeu Chablis, e ambos pronunciáram os nomes de Palmira e de Felicia. D. João aproximou-se logo do Conde, e fazendo-lhe ver o ar pensativo de Christiano, lhe disse: Agora, meu caro Conde, depende de vossa amavel filha e de vós, o mudar inteiramente a expressão deste semblante.

Meu amigo, já que esqueceis os meus agravos, alcançai-me tambem o perdão de Celiza, e consenti ambos na felicidade de meu filho. Ah, meu pae! exclamou Christiano; e depois juntando as mãos, e dirigindo-se a Celiza, lhe disse com uma voz enternecida: Senhora, como sois generosa, esqueceréis que meu pae foi culpado para convosco. — Sim, Christiano, disse Celiza com um tom nobre e affectuoso; mas a unica coisa que nunca esquecerei, é que vosso pae salvou o meu, debaixo do nome de Moberquy. Quando esta manhã me dis-

sestes que usára deste nome na França, não pude deixar de conceber para com elle o mais terno sentimento de gratidão. Sempre verei em D. João o homem a quem sou mais obrigada; e jámais esquecerêi que foi ao seu valor e á sua amizade que devo a ventura de ter ainda pae. — Alma angelica! disse D. João, não falleis de reconhecimento, essa palavra na vossa boca, faz-me envergonhar. — Meu caro D. João, interrompeu o Conde, ouvistes Celiza! O resto me diz respeito; e dirigindo-se a Christiano que o escutava tremendo, lhe disse: eu não posso dispôr do coração de minha filha, Christiano, ha muito tempo que elle vos pertence. Christiano ouvindo estas palavras caiu aos pés de Celiza. Todavia sou ainda senhor da sua mão, continuou o Conde, e dou-vol-a meu querido Christiano, porque sois digno della, comvosco a minha filha será feliz. D. João abraçou o seu amigo; e todos, ainda muito tempo depois, lembrando-se daquella reunião,

He chamarão sempre a reunião da felicidade. Comtudo já era tarde, e não obstante todo o desejo que os nossos amigos tinham de saber do joven Chablis a continuação dos detalhes da sua viagem, fôrão obrigados a separarem-se e a deixarem-na para o dia seguinte. Todos promettêrão de se reunir muito cedo no eremiterio, e se retirárão tão felizes quanto cada um delles o podia ser na sua posição. Ninguém pôde imaginar a satisfação da boa ama por ver seu joven amo, e sua querida Celiza; não se cansava de os olhar, e quando foi obrigada a retirar-se para os deixar dormir, achou pela primeira vez a noite e o somno desagradaveis; mas aquella noite foi logo substituida pelo dia, e uma linda manhã reuniu os amigos e os amantes no bosque das laranjeiras que escondia o eremiterio. Alli almoçarão todos, e fallárão dos felizes acontecimentos do dia antecedente. Uma doce serenidade estava espalhada sobre todos os semblantes; a nuvem de melancolia que escurecia

sempre a frente do Conde, parecia também alguma cousa dissipada, e sobre aquelle rosto rugado pelos desgostos, descobrião-se alguns raios de uma alegria pacifica que provava que aquelle ente tão sensível e tão desafortunado gozava também da felicidade de seus filhos. Julio instado para continuar a narração das suas aventuras na França, desde o passo em que as deixára nas suas ultimas cartas, rendeu-se ao desejo da sociedade; e assentando-se entre a sua Izabel e a sensível Celiza, junto da qual estava Christiano e sua amavel irmã, começou assim a sua narração dirigindo a palavra a seu pae, que, rodeado de seus amigos, estava assentado defronte d'elle: Quando me foi preciso deixar Izabel, não posso explicar-vos, meu pae, tudo quanto soffri; temia que o Duque dispozesse da sua mão durante a minha ausencia; e posto que me persuadissem ser amado, receiava tudo da timidez de Izabel, que já se offendêra do meu silencio e da minha ultima conversação, na



qual tinha fallado de meus páes com incerteza.

Comtudo a senhora de St.-Albant, a virtuosa amiga de Izabel, adoeceu as minhas penas, prometendo dar-me exactamente noticias da filha do Duque de Valhadolid. As minhas primeiras cartas instruíam-vos do meu amor, e esperava que me desculparieis da grande demora que tive em Madrid. Foi naquella época que vos mandei James com uma carta tambem para a senhora de St.-Albant, que devia ser-lhe entregue na passagem de Madrid: agora não posso conceber qual fosse o motivo que o impediu de executar as minhas ordens; mas uma vez que recebestes as minhas ultimas cartas, certamente vos não lembrareis que o rei, depois de ter desmascarado a falsidade da Duqueza, nos ordenou, ao cura, e a mim, de lhe írmos fallar no dia seguinte de manhã, o que fizemos com exactidão. Aquelle illustre rei recebeu-nos com aquella bondade, affabilidade e magestade que imprimem em todos

os corações o respeito e o amor. Perguntou ao curá o que escolhia, ou ser seu esmoler, e ficar sempre na sua companhia, ou viver retirado em uma casa na cidade, ou no campo. De toda a sorte, lhe disse o rei, lembrai-vos que desejo sejais independente, e que desde já vos asseguro uma renda que possa pôr-vos ao abrigo de toda a inquietação. O velho quiz deitar-se aos pés do rei; mas elle o segurou, e o fez explicar-se; então aquelle veneravel ecclesiastico, agradecendo a sua magestade, lhe disse que não podia accellar a honra de ficar na corte, que o pouco uso que della tinha o apartava para longe, com a pena de não poder admirar de perto as raras virtudes de um tão grande monarca; mas que a fama lhe faria ainda ter esse gozo no retiro para onde o chamava a sua avançada idade e com olhos onde brilhava a esperanza de se tornar a reunir a seu antigo rebanho, supplicou o rei de o deixar ir para a sua aldeia. O rei rendeu-se aos seus desejos, e depois de

alguns dias na sua companhia, e de o encher d'honras e benefícios, restituí-lo ao seu cunho, no meio das aclamações de alegria de toda a sua aldeia, que o chorava ainda.

Todavia, a imagem de Izabel nunca me deixava, e eu ardia do desejo de estar em Hespanha. Mas o rei quiz apresentarme a toda a sua corte, e fui obrigado a demorar a minha jornada. Todos me chamavão o favorito do rei. A história de meus pães foi logo sabida em toda a cidade de Paris, e fui visitado por mil pessoas que quizerão fazer me conhecer as suas antigas relações com meu pae: eu as recebi muito civilmente, sem comtudo dar credito á sua viva ternura. Quanto ao Conde, de cujas desgraças ninguém se occupára, soube do rei que D. Fernando estava, havia muito tempo na Hespanha, e que era o mesmo Duque de Valsadolid. Então fallei-lhe do meu amor com Izabel, e elle me encheu de alegria fazendo-me esperar que meu tio a pedido seu, me concederia a

mão de sua filha. Mas eu queria dever  
samente a minha felicidade á ternura do  
páe da minha Izabel. Em todas as con-  
versações que tive com o rei, elle me  
mostrou sempre, meu páe, o vivo de-  
sejo de vos tornar a ver na França; po-  
rém dizendo-lhe eu, na minha partida,  
que jámais deixaria o lugar que encer-  
rava o vosso bem mais caro, deu-me es-  
te anel, pedindo-vos que uséis delle  
como penhor da sua estima e da sua pe-  
na por não poder restituir-vos a ventu-  
ra que a cruel morte vos roubára. O  
Conde pegou do anel, e o levou a seus  
labios com respeito e reconhecimento.  
Julio continuou: Tornei a vir pela Hes-  
panha debaixo do meu verdadeiro nome,  
não temendo já o poder da cruel Du-  
queza, que estava reclusa no convento  
de ... com a sua criada grave, agente  
detestavel de todos os seus crimes. Seu  
character imperioso a fazia mais temida  
que amada: por isto ninguém lamentou  
a sua sorte; e muitos daquelles a quem  
Arminda fez desgraçados, agradecerão

so rei o justo castigo, dado áquella má mulher. Assim que cheguei a Valhadelid, fui a casa da senhora de St.-Albant; mas que mudança extraordinaria! O seu palacio estava deserto, e o maior silencio reinava em suas grandes salas, pouco tempo antes tão brilhantes, tão alegres, e tão cheias de admiradores das virtudes de sua amavel dona. — Não vos afflijais, minha cara Izabel, continuou Julio, lendo-lhe nos olhos a sua inquietação, a vossa amiga existe, mas morreu para o mundo inteiramente, eu soube para que convento se recolhêra, fui lá, e vi apparecer no locutorio a senhora de St.-Albant, toda vestida de preto, com a morte pintada nos olhos, e a insignia do noviciado sobre a fronte: ao vel-a não pude occultar a minha dolorosa surpresa; recuei alguns passos gritando; mas ella, estendendo a mão, esforçou-se por chamar o sorriso sobre seus labios seccos pelos desgostos, e com uma voz suave e fraca, me disse: Ainda vos torno a ver, meu ca-

rô Gusmão: ai de mim! o primeiro dia que vos conheci, era bem differente deste: então mostrei-vos o meu reconhecimento por me terdes conservado os dias de meu marido; e hoje só vos posso fallar da minha desgraça de o ter perdido para sempre: Ah! Gusmão, não pude recolher o seu ultimo suspiro. Aqui ella parou, e ambos guardámos um doloroso silencio. Aquelle ligeiro sorriso que desmentia a expressão de seus olhos, tinha-se apagado; suas feições haviam chamado o caracter melancolico do desgosto, e suas lagrimas não corrião sobre suas faces pallidas e sulcadas de lagrimas. Este estado penoso da desesperação assustou-me: procurei os meios de exaltar a dor concentrada, e exclamei com uma voz lamentosa: Céu! vosso marido morreu! Estas unicas palavras fizeram-lhe uma sensação terrível seus olhos enchendo-se de lagrimas, fitárão-se sobre os meus; depois baixou a cabeça, e lhe ouvi repetir do meio de mil soluços estas palavras: Sim, morreu! Fiquei

fragado do golpe que acabara de dar-lhe, mas em fim tinha conseguido o que desejava: suas lagrimas lhe derão alívio, sua respiração tornou-se mais desembaraçada e sua dor menos aguda; tratei-a com todo o respeito, e não a interroguei sobre a sorte do desafortunado St.-Albani, que tão pouco digno fôra de possuir uma tal mulher: logo que se achou mais socegada, fez-me perguntas de lhe não ter dado as minhas notícias. Certifiquei-lhe que não estava culpado, que lhe tinha escrito de Paris, e que James fôra encarregado desta carta, assim como de outras muitas para os meus parentes: ella jurou-me que a não receberá. — Grande Deus! disse eu, que acontecerá a James, e qual não será a inquietação de meu pae! — Vosso pae! disse a senhora de St.-Albani: e bem! Guzmão, occultar-me-heis sempre o seu nome? O vosso cruel silencio causa a desgraça de Izabel e a vossa. — Céu! que ouço, senhora? Izabel já não é livre? Fallai, fallai: ai de mim! eu vi-

nha a seus pés para lhe dizer que sua mãe era irmã de meu pae, e que assim não era indigno da alliança do Duque. — Como é isso! exclamou a senhora de St.-Albant! sois parente de Izabel? Ah! talvez ainda seja tempo, talvez terei a consolação de ver a minha amiga feliz; então ella me contou tudo o que se passara desde a minha ausencia, o *projecto de casamento entre Izabel e Christiano*, a sua partida para Portugal, a sua doença, e não pode occultar-me seus receios sobre a sua chegada ao castello do senhor D. João, lugar escolhido para a celebração das nupcias. Aquellas tristes noticias lançarão-me em um estado de desalento difficil de conceber. Resolvi-me a partir para Portugal naquelle mesmo dia, e depois de ter instruido a senhora de St.-Albant da causa do *misterio do meu verdadeiro nome*, e de me ter encarregado para vós, minha Izabel, de uma carta daquella sensível senhora, corri pelo caminho de Portugal, com o coração cheio de tris-



leza. Antes de sair de Madrid, a criada grave da senhora de St.-Albant contou-me os detalhes da morte de seu marido. St.-Albant recebeu o castigo da sua indigna conducta: o pae de uma joven senhora que elle tencionava roubar o mandou prender; então todos os seus crédores vierão reclamar suas dividas. St.-Albant havia-se entregado a todos os excessos; tinha consumido os seus bens e os de sua mulher; todos os seus moveis forão vendidos, e elle definhava-se privado de soccorros no fundo de uma escura enxovia. Foi então que a senhora de St.-Albant desenvolveu toda a generosidade de seu amor: ella compartia seus ferros, vendeu suas joias para alliviar sua terrivel miseria, e resistiu ás supplicas de toda a sua familia que lhe pedia viesse utilizar-se de suas riquezas. A nobre conducta da senhora de St.-Albant fez finalmente nascer os remorsos n'alma de seu criminoso marido, exposto á vergonha, ao arrependimento, achando-se indiguo de sua excellente

companheira : não querendo que ella tivesse parte nos horrores da sua situação, exigiu que saísse da sua masmorra; seus parentes, a rogos delle, vierão buscá-la; e poucos dias depois, St.-Albant expirou nos mais horrores dos tormentos, dando por sua morte uma lição maravilhosa a todos aquelles que, pelo seu exemplo, abandonarão todos os principios mais sagrados, abjurarão a moral pelo crime, e fizerão divertimento em perseguir a virtude. Torno á minha viagem. Abismado em minhas tristes reflexões, nada via do que se passava em redor de mim: contudo tirei-me daquella especie de lethargia pelo grito expressivo de uma menina que, em uma sege, vinha encontrar-se com a minha calega. No momento que a perdi de vista, seus gritos augmentarão; então ouvi-a chamar pelo meu nome; julguei qual seria o meu sobresalto reconhecendo minha irmã banhada em lagrimas, separada de meu pãe, rodeada de pessoas estranhas! Mandeí parar o seu boleeiro, e pegando n'uma

pistola, saltou fora da minha caleça, recommendando a meus criados que me ajudassem com todo o valor de que erão capazes.

Os homens que acompanhavão a sege disserão ao boleeiro que fizesse correr os cavallos, e parecião querer vender cara a liberdade da minha querida Celiza. Mas, em quanto elles se defendião de meus criados, eu, animado pelos gritos de minha irmã, com a pistola na mão, correndo quanto podia, jurava de o matar, se não parasse immediatamente. O meio o fez mudar de côr, e o meu ar decidida o assustou; a sege parou logo, e a minha cara Celiza, cheia de alegria, lançou-se aos meus braços. Naquelle momento, um mancoço a cavallo, correndo a toda a brida, testemunha da acção d minha irmã, parou exclamando com uma voz desesperada: Celiza! e com quem, grãde Deus! Minha irmã levantou a cabeça, olhou para elle, e exclamou também: Céu! Christiano! Este nome o de meu rival, encheu-me de horror,

olhei-o com altivez, e perguntei-lhe com que direito se ingeria nas acções daquellea senhora? Celiza, perturbada do tom com que lhe fizera aquella pergunta, escondeu o semblante no meu peito dizendo estas palavras: Ah, meu irmão! Christiano ascorria; depois, apesando-se, veio para mim, saudou-me com affabilidade, e respondeu-me com um ar civil e meigo, que me pedia não levasse a mal o vivo interesse que tomava por tudo quanto podia acontecer a minha estimavel irmã; que no dia antecedente, sabendo que a tinham roubado a seu respeitavel rão, partira sem demora sobre suas pégalas, para a tirar a seus raptores, a fim de a restituir, se tivesse esta felicidade, aos cuílaros, á terrura, e ao amor paternaes. Minha irmã lançou sobre elle olhos agradecidos; e eu, envergonhado da minha incivillidade, não pude reparar-a. Entretanto, os raptores de Celiza haviam-se aproveitado do momento que a nossa mutua surpresa lhes deixára: todos desapparecêrão; e eu, a

rogos de Celiza, não os quiz perseguir: mandei-a entrar para a minha caleça, e vendo Christiano coberto de suor e de poeira, morto de fadigas de uma longa jornada empreendida pela segurança e tranquillidade da minha familia, julguei dever-lhe offerecer um lugar junto de nós, para vir mais a seu commodo. Christiano accitou logo; a minha proposta encheu-o de alegria, e me agradeceu com termos mui obsequiosos. Fiquei admiração que um offerecimento tão natural me grangeasse tantos agradecimentos. Todavia tive suspeitas; examinei Christiano, e persuadi-me descobrir em seus olhos fitos sobre Celiza, tanto amor como respeito. Porém podia enganar-me, e estremeci com a lembrança que talvez na sua volta ao castello, desposaria a minha Izabel. O contentamento de ver minha irmã havia-me distrahido um instante da minha melancolia; mas bem de pressa a dor que me atormentava a alma annuviou o meu semblante; tornei-me triste, e guardei um morno si-

lencio. Christiano contente com a felicidade de estar ao pé de Celiza, admirado de achar no filho de um simples Eremita, todo o luxo e trem de um grande senhor, examinava tudo, procurava conciliar suas idéas, e não queria interromper-me nas minhas tristes reflexões. Celiza, da sua parte, inquieta do estado em que me via, não probuncíava uma só palavra, não ousando interrogar-me na presença de um estranho: assim as primeiras horas da nossa jornada fôrão muito silenciosa, e a tranquillidade foi sómente interrompida pelos estados do chicote do boleeiro, solavancos da sege, e gritos d'alguns viajantes cuja alegria contrastava perfeitamente com o nosso acançado e preocupado. Finalmente, não podendo soffrer por mais tempo o peso que me opprimia, dirigi a palavra a Christiano, e perguntei-lhe com uma especie de indignação, que não pule vencer, se o Duque de Valhadolid e D. Izabel estavam no castello de D. João? — Ha tres dias que chegarão,

me respondeu elle. — E como, repliquei eu, podestes deixar tão de pressa D. Izabel! tinham-me dito que ella vos estava destinada para esposa. — Perdão, minha querida irmã, continuou Julio abraçando Celiza, mas não posso deixar de dizer que neste momento, olhando para ti, vi-te descorar, baixar os olhos, e dentro de um minuto, mudar vinte vezes de cor. Celiza invertegonhou-se do reparo de seu irmão, e o feliz Christiano beijou-lhe a mão com transporte. Parece-me, continuou Julio sorrindo-se, que Christiano notou assim como eu o estado em que te pôz a minha pergunta a respeito de Izabel; por quanto elle se apressou a responder-me que ninguem o poderia impedir, conhecendo a violencia que se exercia comtigo. Depois ajuntou que era verdade que Izabel e elle estavam destinados um para o outro, mas que esta união não podia effectuar-se, que obstaculos invenciveis se opporiam sempre. — Grande Deus! que ouço! certamente adorais Izabel, e esses obsta-

culos vos tornão infeliz? — Não, me disse elle com um tom persuasivo, a minha viva commoção a esclareceu a respeito dos meus sentimentos: Isabel desposava-me contra sua vontade; a sua nobre franqueza confessou-me que outrem possuía seu coração: antes de a conhecer, tinha visto a estimavel Celiza, e desde então jurei que, se não tivesse a felicidade de a tornar sensível ao meu amor, e de a fazer aceitar o meu nome e a minha riqueza, nenhum poder humano me obrigaria a celebrar contratos que o meu coração desapprovasse. Portanto, senhor, continuou elle com vehemencia, depende da adoravel Celiza, de seu virtuoso pae, e de v'as, fazer-me o mais feliz ou o mais desgraçado dos homens. Aquella declaração fez-me experimentar uma doce tranquillidade. Christiano não era meu rival; pretendia a mão de minha irmã; já meu coração o chamava com o doce nome de irmão. Não obstante tratei de occultar a minha satisfação, e lhe disse muito a sangue frio: D. Christia-



no, tendes reflectido bem que minha irmã é filha de um pobre Eremita? — Ah! que dizeis, exclamou elle! a mãe de Celiza honraria o maior monarcha; e quem não teria gloria de ser o filho do virtuoso Pedro? — Querido D. Christiano, lhe disse eu abraçando-o, sêde meu amigo assim como eu sou vosso, para que a minha inteira confiança vos não deixe duvida alguma sobre a minha ternura e desejo que tenho de vos vêr feliz. Christiano pareceu encantado da minha acção; escutou-me com grande interesse, mas o novo nome de minha irmã não lhe fez impressão. Logo que acabei de fallar, elle me disse: A filha do Conde de Chablis, ou a filha do Eremita Pedro, é sempre a mesma para mim; Celiza será sempre Celiza para o meu coração. Grande dama ou simples pastora, verei sempre nella a mais adoravel das mulheres. Celiza, tocada do amor de Christiano, olhou para elle com muita ternura. D. Christiano, entregou-se a toda a amabilidade de seu

espírito, e eu vi com satisfação que o amante de minha irmã era tão razoavel como espiriteoso. Ao passarmos diante de uma estalagem, Celiza voltou o rosto como para não a ver; admirado daquelle movimento, pedi-lhe a explicação do que acabava de observar; primeiramente ella pôz algumas difficuldades, porém por fim rendeu-se ás minhas supplicas, e respondeu-me que estava desesperada por não ter occultado o seu desgosto passando diante de uma casa onde passára uma noite cruel; que finalmente me pedia de não reiterar ás minhas perguntas sobre o nome da pessoa que tentára arrancal-a dos braços paternaes; que fôra tratada com grande respeito, e que não tinha motivos para se queixar de seus conductores. Christiano quiz fallar: porém uma olhadura de minha irmã fechou-lhe a boca, e eu mudei de conversação para agradar á minha querida Celiza. A esperança reanimou logo aquella doce alegria que a vista da estalagem expulsára. Christia-

no, certo de ser amado, lisonjeava-se do consentimento de meu pãe, e do de D. João; e eu, repetindo-me tudo o que elle me havia dito da minha querida Izabel, julgava não ser esquecido, e ardia do desejo de ver o Duque de Vahadoll, e de lhe fazer approvar a minha paixão.

Estavamos agitados destas sensações deliciosas, quando vos encontramos perto do eremiterio: eu vos reconheci logo, ó meu pãe, no meio de vossos amigos: ah! vós fostes testemunha da minha alegria; mas visteis sómente a metade da minha ventura. Julguei que não podia suportar todos os sentimentos que fizeram nascer em meu coração o precioso momento que me reunia a meu querido pãe, á minha adorada amante, aos antigos amigos da minha infeliz mãe. Julio não pôde reter uma lagrima pronunciando aquellas ultimas palavras: O Conde apertou-o nos braços, e disse: Felicia! teu filho é digno de ti. Os amigos passarão todo o dia no eremiterio, e de

noite, antes de se separarem, fôrão todos ao *tumulo de Felicia*. Aquella sala lugubre estava allumiada com uma *alam-pada sepulcral suspensa em cima do caixão* pelos cuidados do desditoso Conde; e ainda nunca se tinha apagado desde o momento em que Chablís a *accendêra* para vêr os restos inanimados e preciosos daquelle cujo amor lhe fazia aborrecer a vida. De frente do *tumulo* estava o retrato de Felicia moribunda, segurando seus dous filhos, apresentando-os ao Conde com um ar de compaixão, de ternura, e de confiança. No fundo daquelle quadro estava escrito em letras grandes: « Querido Chablís, lembra-te que estas *innocentes* creaturas têm necessidade de seu pãe. » Mais distante, estavam sobre *uma cadeira* os fatos que aquella interessante mulher trazia no dia da sua morte, e lia-se esta *inscripção*: — « Despojá-la de seus vestidos para a encerrar no *tumulo*; seu *ultimo suspiro* exhalou-se sobre elles. » Em cima de um sofá, vião-se estas pala-

bras: « Foi alli, naquella mesma sitio, que, sentindo aproximar seu fim, manifestou o desejo de ser sepultada nestes tristes logares; foi alli que suas lagrimas correrão, pensando no momento que a separaria do desafortunado Chablis; foi alli finalmente, que fazendo o sacrificio de sua vida, supplicou ao Ente-Supremo de dar ao pae de Julio e de Celiza forças para supportar uma existencia que a sua morte ia encher de amargura. » Os amigos e os filhos de Celiza não podião reter suas lagrimas, lançando um olhar doloroso sobre as tristes memorias do homem mais sensivel. Todos de joelhos em redor do tumulo, guardayão um religioso silencio; não ousayão pronunciar o nome daquella cujas cinzas sómente existião; espectáculo cruel para o amor e amizade filial! O Conde, com a tranquillidade fria de uma profunda dor, inclinou-se sobre o caixão, juntou as mãos, esteve muito tempo com os olhos fixos sobre aquelle corpo inanimado, e depois de um longo suspiro,

metteu o braço no tumulo, e tirou de lá um retrato, que seus amigos reconhecerão pelo d'elle. Eis aqui, lhes disse Chablis, a minha imagem, ella repousa sobre o coração de Felicia, esperando o momento em que o Ente-Supremo permittirá que eu mesmo, livre de todos os padecimentos, occupe este logar querido. O' meus amigos! meus caros amigos, e vós, meus filhos, continuou elle com ternura, ah! não choreis, vós me cortais o coração. Ai de mim! vós o sabeis, o momento que me reunir á minha Felicia, será cheio de encantos para o infeliz Chablis! Vede quanto me sois caros! Posso ainda lamentar a vida . pois que perdendo-a me apartarei de vós; mas ao menos expirando, terei a consolação de vos deixar felizes; e, no seio do meu Deos, junto de Felicia, nós lhe offereceremos as nossas supplicas pela vossa constante felicidade. Nossos corações ficarão sempre em deposito nos vossos, e esperaremos com confiança o instante tão desejado que a todos nos juntará na patria cele-

lial. Chablis, fallando assim, apertava seus amigos nos braços, estava regado de suas lágrimas, e só se ouvião gemidos naquella sala de dor. A' noite quando já estavam no castello, Izabel, só no seu quarto com a encantadora Cecilia, mostrou-lhe a carta da senhora de St.-Albant, que Julio lhe entregára. Cecilia ficou penetrada de ternura, lendo estas linhas traçadas pelo sentimento mais penoso. «Sim, minha cara amiga, dizia aquella mulher sensível, meus olhos não se abrirão jámais para aquelle que adorava... Ah! cruel pensamento! para sempre apartada d'elle!... A esperança, a unica consolação das almas infelizes... a esperança tambem me foi roubada! Antes da morte me levar a minha unica alegria, ainda que a sua ausencia me causava pena, ao menos, dizia comigo, eu o tornarei a ver. Mas agora, jámais... jámais... Ah! tudo na vida é illusão felizes aquelles que podem entregar-se a ella, e que suas almas não estão abatidas pela dor. Eu, a quem os desgostos

desenganarão, deixei esse mundo que St.-Albani não habita. Ai de mim! que faria eu, continuamente occupada daquelle que já o não pôde gozar! No meu sombrio retiro, a ninguém serei incommoda; aos pés dos altares, consagrarei a minha preciosa existencia, a esse Deus cheio de misericordia, que não rejeita os corações ulcerados. Rogarei em paz pelo repouso da alma do meu querido St.-Albani: e depois, minha querida Izabel, esse Deus infinitamente bom me tirará da valle de lágrimas. Ah! praza a Deus que eu possa, antes de fechar os olhos, saber que estais unida áquelle que amais! Elle é digno de vós, minha terna amiga, e o meu desejo é ver-vos feliz. Adeos, adeos, minha Izabel; não vos esqueçais que existo no convento de Santa Maria a mulher mais infeliz, e bem de pressa a melancolica religiosa, que será sempre a vossa mais terna amiga. »

Henriqueta de St.-Albani. |



Izabel, antes de se ir deitar, escreveu áquella inconsolavel e virtuosa viuva. As penas da sua amiga havião-na affligido muito, e por isso não quiz fallar demasiadamente da sua boa ventura; contou-lhe com simplicidade e em poucas palavras, o que se passára no castello depois da sua chegada, e abandonou sua penna a talo quanto lhe dictava sua amizade consoladora. Acabou por certificar-lhe que brevemente voltaria a Madrid, para correr ao santo asylo que a encerrava, e misturar suas lagrimas com as della.

Aquella carta levou uma especie de socego ao peito da senhora de St.-Alban. E' tão doce, quando qualquer é infeliz, vêr compartilhar suas penas! Comtudo dezoito dias depois da reunião dos amigos, chegarão a dispensa do Papa para o casamento de Izabel com o joven Conde seu primo, e o beneplacito da regente de Hespanha para o novo arranjo das tres familias. Foi sobre o tumulto de Felicia que seus filhos se casarão. Aquella

scena foi pathetica, e a todos deixou uma impressão de tristeza que, misturando-se á sua mutua satisfação, os impediu de se entregarem inteiramente á alegria. Depois decidiu-se que Celiza, obrigada a seguir seu marido para Madrid, viria todos os tres mezes passar um no eremiterio; que Julio, forçado pelas instancias de Luiz XIV a fixar sua residencia em França, viria tambem duas vezes no anno com sua mulher, e estaria dous mezes cada viagem. Ficavão sómente quatro mezes em que o Conde devia estar só, entregue a seus desgostos. D. Maria, Cecilia, o Duque de Valbadolid e D. João supplicáão o Conde de lhes deixar compartir suas penas, a fim de que a amizade podesse algum tempo substituir o amor filial. O Conde tocado até ao fundo d'alma de tantos sinais de ternura, abraçou seus amigos e seus filhos, e annuiu com reconhecimento a tudo quanto elles quizerão. Todavia aquelles felizes projectos não devião pôr-se em execução, um cruel

acontecimento ia destruil-os. Uma manhã que os amigos se haviam reunido no eremiterio para almoçar de baixo da verde folhagem do laranjal, ficarão admirados de não achar o Conde; perguntarão á ama por elle, corrêrão o jardim, o bosque, e o eremiterio, chamarão pelo seu caro Chablis, mas inutilmente, *ninguem apparecia, ninguém lhe fallava.* Christiano e Celiza antevendo a triste verdade partem como um raio, empurram a porta da capella, e vêem seu pae prostrado ao pé do tumulo. Tinha a cabeça caída sobre as mãos que estavam juntas, e parecia estar rezando: ambas ajoelharão a seu lado. Mas ah! não o sentem suspirar; então estes ternos filhas approximarão-se de seu pae tomão-no nos braços e o apertão contra seu peito. Ai de mim! vã esperança, elle não corresponde ás suas caricias! Certos da sua desgraça, bannirão aquelle corpo precioso com seu pranto, arrancarão os cabellos, derão gemidos lamentosos. Seus parentes, gui-

dos por aquelles gritos, acudirão todos, assustados, e forão testemunhas daquelle doloroso espectáculo. O socorro e a serenidade estavam espalhados sobre o semblante do Conde, e posto que exhalára o ultimo suspiro, parecia estar adormecido: sua morte, para a qual sua alma religiosa estava sempre preparada, foi a do justo: elle a vida chegar com tranquillidade, e não havia soffrido da sua propria destruição. O Duque de Valhadolid achou um bilhete sobre o tumulo: era escrito pelo Conde, e continha estas palavras: « Adeos, ternos amigos; adeos, meus queridos filhos, sinto minha alma prestes a deixar este corpo despedaçado pela dor... Não choreis... Daqui a um instante estarei com Felicia... Fechai minhas cinzas dentro do caixão sobre o qual... expiro... Adeos... não vos esqueçais de que me sois muito caros... A leitura daquelle bilhete cortou-lhe o coração: não ha termos para exprimir a amargura de suas penas. No tempo em que esperavão adoçar os

Tongos padecimentos do desafortunado Conde, é que a morte lho roubou; pois aquelles casiveis amigos o haviam achado só para o perder. Assim quando nós julgamos ter segura a felicidade, ella foge e se nos escapa como a sombra. No meio de mil solugos, acompanháão os ultimos desejos daquelle terno amigo, sensivel pae, e infeliz esposo: suas cianças *forão misturadas com as de Felicia.* A administração do eremiterio foi confiada á boa ama e a James, cuja vinda fôra retardada por uma doença que tivera. A ama chorou amargamente seu querido senhor; e fiel, assim como James, ás ordens de seus filhos, nada desarranjão no jardim nem na casa. Deste modo, os filhos e os amigos que nunca deixáão de se reunir todos uma vez cada anno, tinham a consolação de ver o eremiterio no mesmo estado em que o Conde o deixára. O tempo que destrôe tudo, tem respeitado esta inscripção que ainda hoje se vê sobre a porta do eremiterio: «*A's dolorosas e ternas memorias,*

quemquer que sejas, passageiro, attende e pára sobre esta terra regada de pranto; dá uma lagrima á desgraça de dous esposos tão illustres como desafortunados, e lembra-te que neste mundo não se póde ser muito tempo feliz, mas que cedo ou tarde o vicio é punido e a virtude recompensada.»

FIM DO SEGUNDO E ULTIMO TOMO.

